



7

JOÃO A ATOS

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Ralph Earle
Joseph H. Mayfield



7

JOÃO A ATOS

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Ralph Earle
Joseph H. Mayfield

1. [JOÃO](#)
2. [PRÓLOGO](#)
3. [OS TESTEMUNHOS](#)
4. [OS SINAIS](#)
 1. [João 3.12-16](#)
 1. [Por que eles voltaram? Um desenvolvimento intitula](#)
 2. [João 8.31-39](#)
 3. [João 10.1118](#)
 4. [João 11.55-12.6](#)
5. [A ÚLTIMA CEIA E OS ÚLTIMOS DISCURSOS](#)
6. [A ORAÇÃO DO SENHOR](#)
7. [A PRISÃO E O JULGAMENTO](#)
8. [A CRUCIFICAÇÃO E O SEPULTAMENTO](#)
9. [A RESSURREIÇÃO E AS APARIÇÕES](#)
 1. [G. A Conclusão, 21.24-25](#)
 2. [SEÇÃO IV](#)
 3. [SEÇÃO VII](#)

Comentário Bíblico

EACON

JOAO E ATOS

7



CB4D

0 Evangelho Segundo

JOÃO

Joseph H. Mayfield

Introdução

O quarto Evangelho é um retrato escrito do maior dos eventos históricos. Na verdade, este evento é o tema do Evangelho. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (1.14). Tudo o que o escritor registrou teve a finalidade de tornar tal evento claro e significativo para o leitor.

Os primeiros leitores do quarto Evangelho provavelmente eram cristãos da segunda e terceira gerações. O que sabiam sobre a vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus, aprenderam ou de ouvir falar, ou por meio da leitura dos primeiros relatos cristãos. Existem evidências de que entre os primeiros cristãos havia erros de concepção dos fatos e seus respectivos significados, o que fez surgir algumas heresias.

A. Autoria

Uma antiga evidência externa aponta o apóstolo João como o autor. O testemunho dos patriarcas da igreja é quase unânime em favor desta posição. A evidência interna é dupla em tipo. A evidência indireta indica que o autor era judeu, um judeu da Palestina, uma testemunha, um apóstolo, e que o apóstolo era João¹.

Uma evidência interna direta não é, em si, conclusiva, exceto pelo fato de que está claro que o próprio autor testemunhou grande parte daquilo que registrou. Ela não será conclusiva se o nome da testemunha não for citado. João escreve que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (1.14), indicando que o Deus encarnado esteve entre aqueles com quem o próprio escritor estava associado. Novamente ele declara ser testemunha da cena da crucificação. Quando o soldado perfurou o lado do Senhor, saíram sangue e água. O escritor atesta o seu testemunho: “E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro” (19.35). Sem apresentar seu nome, o autor se identifica, em sua conclusão do Evangelho, como uma testemunha: “Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu” (21.24).

B. O Autor

João era filho de Zebedeu, um pescador, e de Salomé (Mc 15.40; 16.1; cf. Mt 27.56). Pensa-se que era mais jovem do que seu irmão, Tiago. Evidentemente, eram os membros da família de Zebedeu pessoas que detinham posses. Eles haviam contratado empregados (Mc 1.20) e, de acordo com João 19.27, João cuidou de Maria após a morte de Jesus.

Embora o nome do apóstolo não seja mencionado como discípulo de João Batista, há razão para crer que ele era um dos dois discípulos citados em João 1.35-40. Se este for o caso, fica evidente que o apóstolo foi primeiro um discípulo de João Batista e, mais tarde, deixou-o para seguir a Jesus, tornando-se um discípulo que dedicou tempo integral a servir o Mestre (Mt 4.18-22; Mc 1.19-20; Lc 5.1-11; cf. Jo 1.29-46).

João fazia parte do círculo íntimo de discípulos, juntamente com seu irmão, Tiago, e também Pedro. Em várias ocasiões, durante a última metade do ministério de Jesus, os três discípulos foram atraídos para um relacionamento mais íntimo com Jesus, mais do que os outros discípulos (Mt 17.1-8; Mc 9.2-8; Lc 9.28-36,49ss.; 22.8). Pedro e João foram os únicos a seguir Jesus até o lugar do julgamento (Jo 18.15-16), e somente João foi com Ele até o Gólgota (Jo 19.26). Foram João e Pedro que correram até o sepulcro na primeira manhã de Páscoa (Jo 20.3-4).

O apóstolo é mencionado nove vezes no livro de Atos. Ali, sua presença ficou obscurecida diante do destaque da liderança de Pedro. Paulo o cita nominalmente como um dos líderes da igreja em Jerusalém (Gl 2.9).

O Apocalipse, cuja autoria é comumente atribuída a João, é a última referência das Escrituras ao apóstolo. O seu auto-retrato mostra-o na ilha de Patmos (Ap 1.9), como um profeta e homem de Deus que recebeu visões da parte do Senhor.

A antiga literatura patrística faz referências ocasionais ao apóstolo, deixando evidente que este era morador de Éfeso. Westcott cita Jerônimo, que relatou: “Permanecendo em Éfeso até uma idade avançada — podendo ser transportado para a igreja apenas nos braços de seus discípulos, e incapaz de pronunciar muitas palavras — João costumava dizer não muito mais do que: ‘Filhinhos, amai-vos uns aos outros’. Por fim, os discípulos e patriarcas que ali estavam, cansados de ouvir sempre as mesmas palavras, perguntaram: — Mestre, por que sempre dizes isto? — É o mandamento do Senhor — foi a sua digna resposta — e se apenas isto for feito, será o

suficiente”.^{1 2 3}

Uma vez que o apóstolo era da Galiléia, e de ascendência judaica, sua formação dava-lhe a amplitude de experiência necessária para entender e interpretar a vida, os ensinamentos, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus, tanto do ponto de vista judaico quanto do helenístico.

C. Data

As estimativas quanto à data da escrita têm variado entre a metade do século I até a metade do século II. Aqueles que não aceitam a autoria de João tendem a favorecer a data posterior. Alguns estudiosos recentes defendem a primeira data com base nas descobertas arqueológicas na antiga colônia grega de Pella. No entanto, tanto as evidências internas como as externas apontam de forma bastante consistente para uma data em torno de 95 d. C.

D. Propósito

O propósito do autor é claramente declarado: “Jesus, pois, operou também, em presença de seus discípulos, muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.30-31). Uma análise das idéias-chave poderá ajudar-nos a entender melhor esta declaração.

deuses, um presságio; (c) um sinal para fazer qualquer coisa; um sinal para a batalha.³ No grego Koinê, a palavra significava “milagre” ou “maravilha”, bem como “sinal”. A versão *King James*, em inglês, traduz a palavra quatro vezes como “sinal”, e treze vezes como “milagre”. Sendo utilizada na declaração do propósito de João, a palavra apresenta duas idéias distintas. Certamente refere-se aos milagres realizados por Jesus, alguns dos quais são registrados exclusivamente no quarto Evangelho. Mas ela também oferece uma pista diante da pergunta: Por que ele registrou estes milagres como sinais? Traduzida literalmente, a resposta é: “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”. João viu os milagres de Jesus como

sinais para ação, e designou o ato de fé como sendo a ação desejada.

2. A Fé

O substantivo “fé” (*pistis*) não aparece no Evangelho de João. No entanto, o verbo “crer” (*pisteuo*) é usado em várias formas 94 vezes. Ela é uma palavra-chave no Evangelho. O ato da fé é uma resposta total e pessoal àquele que Deus enviou, o Verbo encarnado. De acordo com L. H. Marshall, a fé possui três elementos claramente discerníveis: a crença, a confiança e a lealdade.⁴ Assim como a pólvora não é pólvora se um de seus três elementos — carbono, nitrato de potássio e enxofre — estiver faltando, a fé só é genuína se os seus três elementos estiverem presentes. Um exemplo excelente disto está em João 11.

3. Jesus É o Cristo

Tanto o produto quanto o objeto da fé são fundidos em uma única essência. O produto de uma fé realizadora é um entendimento correto do fato histórico do cumprimento messiânico na Encarnação. Mas a fé está em sua realização mais elevada quando o seu objeto é Jesus, o Cristo, o Filho de Deus.

João planejou intencionalmente a sua escrita selecionando e colocando em ordem os eventos e as palavras, a fim de mostrar que o *Logos* de Deus, o Verbo encarnado, é o cumprimento completo e final de tudo o que está prefigurado na lei e nos profetas. Embora João não registre a própria declaração de Jesus (Mt 5.17) a este respeito, ele demonstrou por “sinais” cuidadosamente escolhidos que Jesus veio não para destruir a lei e os profetas, mas para cumprir tudo o que fora dito.

E. Palavras-chave

Contrastes vividos fornecem boa parte da imagem de fundo e do simbolismo no Evangelho. Um destes contrastes é a luz e as trevas — “E a luz resplandece nas trevas” (1.5). A palavra “luz” (*phos*) aparece 21 vezes, e “trevas” (*skotia*) é usada seis vezes. Jesus é a Luz (8.12), e Ele veio para expulsar as trevas (1.5), que representa o mal em todas

as suas formas, tanto no sentido individual como cósmico. Há a garantia de que, em última instância no propósito e tempo de Deus, tudo o que a luz representa triunfará, e tudo o que as trevas representam será removido e derrotado (cf. Ap 20.10). É bastante claro que o autor tinha em mente escrever uma polêmica contra a crença gnóstica. Esta era uma doutrina filosófica de um dualismo metafísico de luz e trevas, bem e mal, sem a garantia do triunfo final de Deus e daquilo que é certo.

Um outro conjunto de palavras-chave é “verdade” e “testemunho”. Jesus disse diante de Pilatos: “... para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (18.37). A palavra “verdade” (*aletheia*) ou uma forma cognata é usada 49 vezes, enquanto “testemunho”, freqüentemente no mesmo contexto da palavra “verdade”, aparece 42 vezes. O próprio Senhor Jesus é a Verdade manifestada na carne, o verdadeiro Testemunho (3.33), pois Ele mesmo é a Verdade (14.6). Então, existem aqueles que dão testemunho de Jesus: o Pai (5.37), o próprio Jesus (8.14), João Batista (1.15), as próprias obras ou sinais de Jesus (10.25), as Escrituras (5.39-40), os discípulos (15.27;

21.24), e o Espírito (15.26; 16.14).

“Vida” e “juízo” (*ikripsis*) também representam idéias-chave. A palavra “vida” foi discutida acima. Da mesma maneira que é usada ao lado do adjetivo “eterna” com riqueza de significado, ela também é colocada em contraste com o juízo ou a morte. A palavra “juízo” é usada 26 vezes e retrata consistentemente a condição atual daqueles que recusaram-se a crer (3.18-19) naquele que é a Luz (9.39-41). A vinda da Luz constitui o juízo final sobre o pecado e a morte (16.8-11).

Esboço

I. Prólogo, 1.1-18

A. O Verbo: Natureza Essencial e Relações, 1.1-5

B. João Batista e a Luz, 1.6-8

C. O Verbo entre os Homens, 1.9-13

D. A Encarnação, 1.14-18

II. OS TESTEMUNHOS, 1.19-51

A. João Batista, 1.19-42

B. Filipe e Natanael, 1.43-51

III. Os sinais, 2.1—12.50

A. O Vinho Novo, 2.1-12

B. O Novo Templo, 2.13-22

C. Uma Nova Visão do Homem, 2.23—5.47

D. O Novo Pão, 6.1-71

E. O Novo Derramamento, 7.1-52

F. A Seção sobre o Adultério, 7.53—8.11

G. Uma Série de Controvérsias, 8.12-59

H. A Nova Congregação, 9:1—10.42

I. Da Morte para a Vida, 11.1-57

J. O Cristo Universal, 12.1-50

A A

IV. A Última Ceia e os Últimos Discursos, 13.1—16.33

A. A Ceia, 13.1-30

B. Os Últimos Discursos, 13.31—16.33

V. A Oração do Senhor, 17.1-26

A. Jesus Ora por Si Mesmo, 17.1-8

- B. Jesus Ora pelos seus Discípulos, 17.9-19
- C. Jesus Ora pelos Futuros Crentes, 17.20-26

VI. A Prisão e o Julgamento, 18.1—19.16

- A. A Prisão, 18.1-14
- B. O Julgamento, 18.15—19.16

VTI. A Crucificação e o Sepultamento, 19.17-42

- A. A Crucificação, 19.17-37
- B. O Sepultamento, 19.38-42

VIII. A Ressurreição e as Aparições, 20.1—21.25

- A. A Evidência da Ressurreição, 20.1-10
- B. A Aparição Pessoal a Maria Madalena, 20.11-18
- C. A Aparição Pessoal aos Dez, 20.19-23
- D. A Aparição Pessoal aos Onze, 20.24-29
- E. Um Prefácio Postergado, 20.30-31
- F. A Aparição Pessoal no Mar de Tiberíades, 21.1-23
- G. Conclusão, 21.24-25

- [PRÓLOGO](#)
- [OS TESTEMUNHOS](#)
- [OS SINAIS](#)
 - [João 3.12-16](#)
 - [Por que eles voltaram? Um desenvolvimento intitula](#)
 - [João 8.31-39](#)
 - [João 10.11-18](#)
 - [João 11.55-12.6](#)

- [A ÚLTIMA CEIA E OS ÚLTIMOS DISCURSOS](#)
- [A ORAÇÃO DO SENHOR](#)
- [A PRISÃO E O JULGAMENTO](#)
- [A CRUCIFICAÇÃO E O SEPULTAMENTO](#)
- [A RESSURREIÇÃO E AS APARIÇÕES](#)
 - [G. A Conclusão, 21.24-25](#)
 - [SEÇÃO IV](#)
 - [SEÇÃO VII](#)

[1](#)

Os Milagres (Sinais)

[2](#)

A palavra grega usada aqui é *semeion*. Em seu uso clássico, significava: (a) uma mar

[3](#)

ca, sinal ou símbolo pelo qual algo é conhecido; um traço, um rastro;
(ò) um sinal dos

[4](#)

.A Vida

PRÓLOGO

João 1.1-18

O prólogo é, simultaneamente, uma clara declaração dos grandes temas do Evangelho e uma fusão do melhor do pensamento helenista e da religião judaica. O Logos (Palavra) dos estóicos e Filo é aqui apresentado não como uma “fria abstração filosófica”,¹ mas como a Pessoa de Deus vivendo entre os homens que vieram reconhecê-lo e adorá-lo, e que deram testemunho a seu respeito. Embora a palavra *logos* apareça somente em 1.1 e 1.14, fica evidente que a idéia da revelação pessoal de Deus descrita no Verbo nunca está longe da mente do autor (cf. Ap 19.13). Estes primeiros dezoito versículos, com exceção de 6-8 e 15, são, às vezes, chamados de “Hino Logos”.

A. O Verbo: Natureza Essencial e Relações, 1.1-5

As palavras de abertura, **No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus** (1), lembram ao leitor a passagem de Gênesis 1.1. Não há maneira mais apropriada de iniciar o relato do maior acontecimento da história. Foi aqui que a religião hebraica começou — “No princípio Deus...” (cf. 1 Jo 1.1). Assim como Deus é eterno, o Verbo também o é. Ele é “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 1.8). Os verbos **ser** e **estar**, usados neste primeiro versículo, descrevem uma ação contínua, sem levar em consideração o princípio ou o fim. Como diz Westcott, “O tempo verbal imperfeito do original sugere nesta relação, até onde a linguagem humana pode ir, a noção de uma existência supratemporal absoluta”.²

O Verbo eterno é descrito como **com Deus**. A preposição **com** perde um pouco da força da palavra original, que indica “movimento voltado para” ou “face a face”. Assim, o **Verbo** está em um relacionamento mais íntimo com Deus.

A última oração, **e o Verbo era Deus**, levanta a questão: Qual é a natureza essencial do Verbo? Tem havido muitas tentativas de identificar **o Verbo** com a razão universal dos estóicos, ou com o uso

de Platão da “palavra”, ou até mesmo com o conceito hebraico, às vezes personalizado, de sabedoria. No entanto, todas mostram-se insuficientes em relação ao uso que João faz do termo. Quando João escreveu **E o Verbo era Deus**, queria que o leitor entendesse que a natureza essencial do Verbo é a Divindade, Deus falando ao homem. É uma descrição da “auto-revelação de Deus”.³ Além disso, no grego, o artigo definido não é usado com a palavra **Deus** (*theos*). A omissão do artigo definido enfatiza o tipo ou a qualidade. Assim, a natureza essencial do Verbo é descrita. O retrato que João faz do Verbo, como eterno e como Deus, deve servir para responder àqueles que insistem na idéia de que o Verbo foi apenas uma criatura primogênita divina!

O versículo 2 reitera enfaticamente a eternidade do Verbo. Quando traduzido literalmente, lê-se: “Este (o Verbo) estava no princípio face a face com Deus”.

Quatro relações do Verbo são descritas em 1.3-5.

1. *Com o Mundo*

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (3;

cf. SI 33.6,9; Cl 1.15-17; Hb 1.2). A última oração, que é enfática, foi acrescentada para se guardar contra as falsas doutrinas do século I “que atribuíam a origem de certas existências a criadores inferiores, ou consideravam a matéria como auto-existente”.¹

2. *Com a Vida e a Luz*

Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens (4). Aqui, o Verbo é visto como a Fonte da vida. A vida biológica vem dele, com certeza, mas há mais. Regularmente usada neste Evangelho, a palavra **vida** (*zoe*, 36 vezes; nunca *bios*, vida biológica) se refere à vida “do alto” (3.3), à “vida eterna” (3.15-16; 20:31), à vida abundante (10.10). Como Ele é a Fonte de toda a vida, também é Ele a Fonte de toda a luz. A primeira criação do Verbo divino foi a luz (Gn 1.3). Da mesma forma, o salmista fala da vida e da luz juntas: “porque em ti

está o manancial da vida; na tua luz veremos a luz” (SI 36.9). O Verbo encarnado descreve a si mesmo como “a luz do mundo” (Jo 8.12). A luz e a vida estão na ofensiva. A morte está destinada à derrota (11.26); as trevas do túmulo são dispersadas pela luz penetrante e resplandecente.

3. *Com o Homem*

E a vida era a luz dos homens (4). O Verbo é a Revelação pessoal de Deus aos homens. É pessoal porque procede de Deus e é direcionada aos homens. O Verbo é “a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo” (1.9).

geralmente coroados de vitória pela Luz, mas às vezes não. Jesus deu vista (luz) a um homem cego de nascença (cap. 9). Ele trouxe Lázaro do túmulo, da morte e das trevas (cap. 11). Mas um que estava próximo a Ele, Judas Iscariotes, entrou na noite de trevas eternas (13.30). A palavra traduzida como **compreenderam**, significando “entender”, também significa “vencer”. Embora João pudesse ter em mente ambos os significados, o segundo, juntamente com o tempo aoristo⁶ do verbo, é a promessa da vitória definitiva e final para a luz, e para tudo aquilo que ela representa.

B. João Batista e a Luz, 1.6-8.

Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz (6-8). João Batista é apresentado no início da história. Em seu recital do Hino Logos, na citação da Luz, o autor quer que fique claramente entendido que João Batista não é a Luz. Então, como será visto mais tarde, o escritor João foi um discípulo de João Batista, antes de deixá-lo para seguir a Jesus. Consequentemente, estando próximo a João Batista, ele conhecia bem o relacionamento mantido entre João Batista e Jesus.

O autor é cuidadoso em sua escolha de um verbo para descrever a vinda de João. **Houve um homem** significa literalmente “veio a

existir (ou apareceu na história) um homem”. A sua “vinda” não deve ser confundida com o “ser” do Verbo eterno (1.1).

João Batista representava para a antiga ordem um profeta e sacerdote (Mt 11.9-10), mas para a nova ordem, um mensageiro. O testemunho do próprio João Batista (1.33) deixa claro que ele assim concebeu o seu papel. Os homens creriam através dele. Ele deveria ser a ocasião para que os homens tivessem fé. Mas o objeto da fé dos homens deveria sempre ser o Verbo eterno, Jesus Cristo.

C. O Verbo entre os Homens, 1.9-13

Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo

(9). Isaías, o profeta, clamou, “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti” (60.1). A profecia é cumprida; veio a verdadeira Luz. Cristo é a Luz. O significado de **verdadeira** precisa de esclarecimento. Dizer que Cristo é a **Luz verdadeira** sugere que todas as outras luzes são enganadoras ou falsas. Mas isto não é o que João está dizendo. Antes, Cristo é a Luz real, perfeita e genuína. As outras, por comparação {e.g., João Batista), são imperfeitas, são sombras, ou não têm essência. Entretanto, embora não sejam a luz verdadeira, não são falsas.⁶

O Evangelho de João tem sido freqüentemente chamado de Evangelho Universal, e assim ele é. Aqui, o autor escreve que o Logos, o Cristo, é a **Luz... que alumia a todo homem que vem ao mundo.**

Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam (10-11). Em um estilo majestoso, porém usando uma linguagem mais simples, João retrata o fato, o propósito e o resultado da

Encarnação. O fato: Ele **estava no mundo**, um mundo e um povo de sua própria criação. O propósito: Ele **veio para o que era seu**. Mas o resultado, a resposta do homem à ação de Deus em relação ao próprio homem, foi o fracasso em conhecê-lo, a recusa em recebê-lo. O

propósito de Deus e a recusa do homem são colocados aqui em um vivido contraste. Uma tradução literal seria a seguinte: “Ele veio para as suas próprias coisas, e o seu próprio povo não o recebeu”. Não foi o mundo natural que recusou aceitá-lo. A recusa e a rebeldia vieram dos corações dos homens. João usa a palavra “conhecer” para abraçar mais do que um entendimento intelectual. “O fracasso em conhecer a Deus é um fracasso sobre um plano ético. É a rejeição voluntária de Deus, e o repúdio à sua justiça”.⁷ Sem dúvida, a rejeição completa — da melhor e mais elevada revelação de Deus — foi demonstrada pelos líderes de Israel, geralmente descritos por João como “os judeus”.⁸

Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus (12-13).

Embora muitos tenham rejeitado a Luz resplandecente, a revelação pessoal de Deus, muitos a receberam. A palavra traduzida como **poder** (ou, melhor, “direito”) “não descreve uma mera capacidade, mas uma autoridade legítima e por direito, derivada de uma fonte competente que inclui a idéia do poder” (cf. 5.27; 10.18; 17.2; 19.10-11).⁹ Na Encarnação, Deus fez a provisão adequada para que os homens tenham o direito — baseado na autoridade e no poder apropriados — de se tornarem “filhos” de Deus. Tal direito não é uma capacidade humana inerente, separada da graça de Deus. E dado por Deus. Somente os homens que o recebem, *i.e.*, aqueles que têm fé, são filhos de Deus. A auto-revelação de Deus é universal; é para todos os homens (9), mas a resposta do homem, não. Nem todos os homens têm fé.

Há apenas uma maneira de se tornar filho de Deus, que é ser gerado “*de Deus*”. Nem mesmo ser o ancestral humano mais ilustre e religioso é suficiente para se fazer parte da família de Deus. A mulher samaritana (4.12) recorreu a Jacó como uma certificação de sua posição religiosa, e os judeus freqüentemente falavam com Jesus a respeito de seu pai Abraão (8.33,39,53,57), como uma justificativa suficiente de sua posição diante de Deus. O ensino de Jesus a

Nicodemos, que era um mestre de Israel, centralizou-se neste fato (3.3,5). Somente Deus pode dar vida espiritual.

Um sermão intitulado “A Verdadeira Luz”, descrevendo a missão do Verbo vivo poderia ser construído em torno destes pontos: 1. O Verbo é vida (4); 2. O Verbo vence tudo (5); 3. O Verbo é Deus entre os homens (1,14).

D. A Encarnação, 1.14-18

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (14).

Westcott¹⁰ destaca as quatro partes essenciais desta grande declaração.

1. A Natureza da Encarnação

O Verbo se fez carne. O termo aqui traduzido como **se fez** na verdade significa “tornou-se” (cf. 1.6); portanto, ele descreve com exatidão a entrada de Jesus na história.

Falando ao mundo grego de seus dias, João disse nos melhores termos possíveis que “o Logos da filosofia é o Jesus da história”.¹¹ Além disso, os gnósticos docéticos daquela época afirmavam que não houve uma encarnação real — pensavam que o corpo de Jesus fosse apenas uma “semelhança”. Para eles, Cristo era, no máximo, uma teofania — uma aparição de Deus em forma humana. Alegavam que o Verbo nunca se tornou carne, realmente. Em oposição, João fez uma declaração simples, direta e poderosa: **O Verbo se fez carne** (cf. 1 Jo 4.2; 2 Jo 7). Hoskyns diz:

O Verbo se fez carne — uma linguagem perigosa quando separada de seu contexto no quarto Evangelho, pois o autor não quer dizer que o Espírito se transformou em carne e, portanto, tornou-se inútil, ou que o Espírito ou o Verbo de Deus tornou-se algo visível ao olhar histórico. Ele, porém, quer dizer que a carne de Jesus é o lugar onde os homens

creram e descreeram, e ainda o fazem; onde a divisão entre aqueles que crêem e aqueles que não crêem torna-se uma divisão definitiva entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo. Qualquer distinção relativa entre a fé e a descrença é impensável.¹²

A natureza da Encarnação, como aqui apresentada, esclarece vários pontos. De acordo com Westcott:

a. A humanidade do Senhor era completa... (O Verbo se fez *carne*, e não *um corpo* ou coisa semelhante.); b. A humanidade do Senhor era real e permanente... (O Verbo *se fez* carne, e não *se revestiu de* carne); c. As naturezas humana e divina do Senhor permaneceram sem mudanças, cada uma delas cumprindo o seu papel de acordo com as suas próprias leis... (O Verbo se fez *carne*, ambos os termos são preservados lado a lado.); d. A humanidade do Senhor era universal e não individual, incluindo tudo o que pertence à essência do homem, sem levar em consideração sexo, raça ou tempo (O Verbo se fez *carne* e não *um homem*.)-, e. As naturezas humana e divina do Senhor estavam unidas em uma única pessoa...; f. O Verbo não adquiriu personalidade através da Encarnação.¹³

A. T. Robertson argumenta que a declaração **O Verbo se fez carne** é uma alusão à concepção virginal. Ele faz a pergunta retórica: “Que significado inteligente pode-se dar à linguagem de João, aqui, separado da concepção virginal? Que mãe ou pai comum fala de um filho ‘tomando-se carne’?”¹⁴

2. *A Vida Histórica do Verbo Encarnado* (1.146)

Ele **habitou entre nós**. A temporalidade da Encarnação é mostrada na figura de uma tenda para habitação temporária. João escreveu literalmente: “O Verbo levantou um tabernáculo ou uma tenda entre nós”. Ahistoricidade da Encarnação é certificada no lugar da habitação — **entre nós** (cf. SI 85.9-10).

3. *Testemunho Pessoal da Vida Humana-Divina* (1.14c)

Vimos a sua glória. Talvez o melhor comentário sobre isto seja feito

pelo próprio João em sua primeira epístola: “O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida” (1.1). A oração “o que temos contemplado” é exatamente a mesma forma usada em 1.14 para **vimos**. Este é o aoristo histórico e se refere a um momento definido no passado. **O** que estas testemunhas apostólicas contemplaram foi a **sua glória**. João “fala por aqueles que têm fé e, portanto, visão”.¹⁶ Eles viram a manifestação da presença e do poder de Deus operando entre eles. Esta manifestação estava presente em toda a vida, obra, morte e ressurreição de Jesus. Seus discípulos viram a sua glória e creram nele (2.14; 11.4,40; 12.41; 17.5, 22,24).

4. *O Verbo Encarnado como o Revelador de Deus (1.14d-18)*

Uma palavra precisa ser dita sobre a frase **o Unigênito do Pai**. Comparada a Colossenses 1.15, onde Cristo é descrito como “o primogênito de toda a criação”, a frase apresenta a filiação de Cristo sob aspectos complementares. “A primeira marca a sua relação com Deus como absolutamente sem paralelos; a outra marca a sua relação com a criação como preexistente e soberana”.¹⁶ O significado é claro e poderoso. “A glória do Verbo encarnado era como a glória que o Filho único do Pai eterno derivaria dele, e assim a poderia exhibir aos fiéis”.¹⁷

A palavra **graça** só aparece aqui e em 1.16-17. E a graça que Ele veio dar aos homens. **E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça (16)**. A palavra que acompanha graça é **verdade (17)**, e a verdade é o caráter essencial do Verbo. Esta é a verdade no sentido filosófico da realidade, no sentido ético da santidade, e no sentido moral do amor. Jesus disse a respeito de si mesmo: “Eu sou... a verdade” (14.6).

O versículo 15 é uma reiteração a respeito de João Batista. Em 1.7 ele testemunhou da Luz; aqui, ele testifica ou faz uma afirmação que anuncia a vinda de Cristo, enquanto afirma a sua existência eterna. **João testificou dele e clamou, dizendo: Este era aquele de quem eu dizia: o que vem depois de mim é antes de mim, porque**

foi primeiro do que eu.

A idéia de abundância do rico depósito da graça infinita de Deus é proeminente em João. A linha de ação é definida aqui no prólogo. **E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça** (16). Esta idéia de abundância ocorre repetidamente nas palavras e nas obras de Jesus. Em Caná da Galiléia, havia abundância do melhor vinho (2.10). Ele deu à mulher samaritana “uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (4.14). Para a multidão faminta, havia mais do que o suficiente (6.13). Para a alma sedenta, Ele prometeu não só o suficiente para satisfazer, mas um transborda-mento de “rios de água viva” (7.38). A vida abundante para os verdadeiros crentes se tornou possível pela entrada de Jesus no mundo (10.10). João não só exhibe um evangelho que é universal no sentido explícito (*i.e.*, um evangelho para “todo aquele que quiser”), como também em um sentido implícito. Todas as áreas da vida do homem de fé são permeadas pela graça abundante de Deus.

A expressão **graça sobre graça** é literalmente “graça tomando o lugar da graça”. Robertson observa que ela é “como o maná fresco a cada manhã, a nova graça para o novo dia, e para o novo serviço”.¹⁸

Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo (17). Este contraste vivido proporciona simultaneamente: (a) um plano para a organização dos materiais no quarto Evangelho; e (b) o cenário para o conflito e a controvérsia que culminaram na cruz.

A organização dos materiais no Evangelho de João mostra que a revelação através do Verbo é superior à da lei, e que somente em Jesus Cristo a lei encontra o seu cumprimento completo (Ele veio não para destruir, mas para cumprir). Esta revelação superior é a revelação plena, pessoal e final de Deus (14.9).

Jesus não estava em conflito com a lei. Aqueles que representavam a lei, sim, estavam em conflito com Ele. Isto resultou em uma prolongada controvérsia entre Jesus e os judeus, a qual teve início com a questão relacionada às leis do sábado (5.10) e culminou na cruz

(19.18).

Não é que João pensasse na lei e na graça como antitéticas, ou que a lei não fosse verdadeira. Ela era verdadeira, porém limitada. A lei era insuficiente em relação às necessidades mais profundas do homem, ao passo que Cristo é mais do que suficiente, uma vez que Ele é a Fonte de toda a verdade e graça.

Aqui, João usa o nome histórico completo, **Jesus Cristo**. Nos Sinóticos, este nome completo só é encontrado em Mateus 1.1 e Marcos 1.1; e novamente em João, somente em 17.3.

Uma firme tradição judaica afirmava que ninguém jamais vira a Deus com olhos físicos (Ex 33.20; Dt 4.12). Conseqüentemente, João escreveu: **Deus nunca foi visto por alguém** (18). Mas isto proporciona a ocasião para que ele declare a plena verdade que está prestes a descrever em detalhes. **O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer**. Aqui estão descritos em afirmações majestosas: a preexistência de Cristo e o seu relacionamento inigualável com o Pai, **o Filho unigênito**; a sua encarnação, **este o fez conhecer**; e a sua condição como eterno e exaltado, **que está no seio do Pai**. O melhor comentário sobre a expressão **no seio do Pai** foi feito pelo próprio João, quando escreveu uma frase que pode ser literalmente traduzida assim: “O Verbo estava face a face com Deus” (1.1).

Seção II

1

Com as Trevas

E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam (5). O Verbo eterno, em figuras de luz e vida, veio aos homens que estão em trevas e morte. Por todo o quarto Evangelho, estão os retratos da conseqüente luta entre a Luz e as trevas,

OS TESTEMUNHOS

João 1.19-51

A. João Batista, 1.19-42

1. *O Testemunho de João a respeito de si mesmo* (1.19-23)

A história do evangelho na verdade começa em 1.19. No prólogo, o autor mencionou João Batista e seu testemunho de uma forma geral (1.6-7,15), mas aqui volta-se para alguns detalhes sobre ele, dentro de um cenário histórico. O tema para a seção é a declaração aberta: “Este é o testemunho de João” (19).

Ninguém estava em posição mais favorável do que João Batista para testificar a respeito do Verbo encarnado. Havia a profecia de que ele viria preparar “o caminho do Senhor” (Is 40.3). De acordo com as próprias palavras de Jesus, esta profecia cumpriu-se através da vinda de João. Jesus disse acerca dele: “E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir” (Mt 11.14).

A investigação cuidadosa dos **sacerdotes e levitas**¹ — uma delegação oficial do Templo, enviada pelos judeus de Jerusalém para descobrir, se possível, a origem e a missão de João — marca o início de uma hostilidade sempre crescente, primeiro a João, depois a Jesus. Isto culminou com o assassinato prematuro de João Batista (Mt 14.3-10) e com a crucificação de Jesus.

A primeira conversa do quarto Evangelho (há muitos diálogos no livro) inicia com a pergunta apresentada pelos sacerdotes e levitas: **Quem és tu?** (19) A primeira resposta de João, **Eu não sou o Cristo** (20), é mais explícita porque afirma o que ele não é. Os homens não deveriam, de forma alguma, pensar nele como o Messias prometido e esperado (Is 7.14; 9.6).

Os interrogadores prosseguiram no assunto, posteriormente. **Então, quem és, pois? Es tu Elias?** (21) Com base em Malaquias 4.5, os

judeus esperavam a vinda de Elias antes que viesse “o dia grande e terrível do Senhor”; portanto, sua pergunta era apropriada. A resposta de João, **não sou** (21), em nenhuma hipótese é uma contradição das palavras de Jesus em Mateus 11.14, pois embora João Batista estivesse cumprindo o ministério preliminar de que Malaquias falara, ele não era Elias de volta à terra em uma forma corpórea.

A resposta negativa de João evocou uma pergunta adicional: **Es tu o profeta?** — aquele predito em Deuteronômio 18.15. A partir de João 6.14 e 7.40, fica claro que os judeus aguardavam **o profeta**, mas a resposta de João Batista foi outro sonoro **Não!** As três respostas para essas perguntas variadas tomaram-se consistentemente curtas, menos explicativas, tendendo mais à negação. Os interrogadores, então, explicaram por que precisavam de uma resposta para a pergunta: **Quem és tu? ... para que demos resposta àqueles que nos enviaram. E persistiram, Que dizes de ti mesmo?** (22)

A resposta de João é tanto uma afirmação quanto uma negação: **Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías** (Is 23). A negativa está implícita. Ele não era o Verbo, mas uma voz para declarar o Verbo. Conseqüentemente, esta era tanto uma afirmação quanto um cumprimento.

2. O Relacionamento de João com Aquele que Viria (1.24-28)

E os que tinham sido enviados eram dos fariseus (24). Esta frase pode ser traduzida também da seguinte forma: “Eles tinham sido enviados pelos fariseus”. Desse modo, a pergunta foi colocada de uma maneira que cobrisse o assunto já revisto inteiramente, e também tinha a finalidade de introduzir um novo interrogatório a respeito do batismo. **Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?** (25) Visto que o grupo investigador se originara em Jerusalém, do meio dos fariseus, é bastante natural que este devesse ser um ponto de discussão, pois pensavam eles que eram os guardiões da ortodoxia judaica, particularmente relacionada a formas e práticas associadas ao batismo.

A resposta de João é uma pronta admissão desta prática de batismo com água, um rito simbólico de purificação (cf. Mt 3.6; Mc 1.8; Lc 3.3,12; 7.29). Evidentemente, Jesus acompanhava os que estavam presentes quando João falou sobre o batismo, visto que este acrescentou: **Mas, no meio de vós, está um a quem vós não conheceis** (26). Há uma tradução¹ de 1.27 que também é atestada através dos manuscritos gregos: "... aquele que há de vir depois de mim, e ao qual eu não sou digno de lhe desatar a correia das sandálias". João cumpriu a sua missão de arauto ao reconhecer aquele cujo valor é verdadeiro e inestimável, ainda que profundamente ciente de sua própria indignidade em tal Presença.

O autor faz menção do local onde estes eventos ocorreram. **Essas coisas aconteceram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando** (28). Tais indicações são uma característica do quarto Evangelho, e constituem evidência de que o autor era certamente uma testemunha ocular. A localização exata deste lugar não é conhecida hoje, e o problema complica-se um pouco pelo fato de que nos manuscritos mais antigos lê-se: "Betânia além do Jordão". "Orígenes, um estudioso do século III d.C., que residia na Palestina, insistia em afirmar que o nome correto era Betábara".² Provavelmente é ele o responsável pela mudança no texto grego. Visto que os primeiros manuscritos não apoiam a posição de Orígenes, pode-se concluir que o autor tinha em mente um lugar chamado Betânia. **Do outro lado do Jordão** seria a leste do Jordão, talvez na margem leste do rio (ver o mapa 1).

3. O Testemunho de João a respeito do Cordeiro de Deus (1.29-34)

No dia seguinte, João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (29). O dia seguinte foi o dia que sucedeu os eventos iniciais do relato (1.19). **Eis o Cordeiro de Deus.** Este título atribuído a Jesus rapidamente evoca a profecia do Servo sofredor em Isaías 53, particularmente as palavras em 53.7: "... como um cordeiro, foi levado ao matadouro" (cf. Jr 11.19). No Novo Testamento, há abundantes alusões a esta idéia (cf. At 8.32; 1 Co 5.7; 1 Pe 1.19; Ap 5.6,8,13; 6.16; 7.9; 12.11).

Fica evidente, a partir destas passagens, que o título aqui atribuído a Jesus sugere a idéia de sofrimento vicário e paciente resignação, bem como um sacrifício apropriado. Como poderia ser de outra forma? O homem não providenciou a redenção; esta procede de Deus. Assim, João Batista declara “ser Jesus a propriedade de Deus, por cuja completa obediência os sacrifícios normais no Templo... foram cumpridos e excedidos” (cf. Êx 29.38-46; Jo 2.18-22).³

E bem verdade que o cordeiro pascal não era um sacrifício “para tirar o pecado” em um sentido expiatório, nem tinha a função de levar o pecado para longe, como acontecia com o bode. Contudo, o pleno simbolismo da Páscoa — juntamente com o cordeiro imolado — retratava a luta entre a vida e a morte, a pureza e a impureza, a perfeição e a imperfeição.

A raiz é o pecado. Cristo veio de Deus para tirar o pecado do mundo. “O *pecado* do mundo — não *pecados*, no plural — é aqui contemplado... O *pecado do mundo* é uma mancha mais profunda do que os pecados de homens e mulheres individualmente; e o quarto evangelista, que vê a missão *sub specie aeternitatis*, percebe que o assunto da redenção é o pecado do *kosmos* (cf. v. 9), a impiedade e rebelião de todos os seres criados”.¹

João se refere ao seu testemunho proferido nos dias anteriores (cf. **1.27,30**), com uma reafirmação dos seguintes tópicos: 1. Jesus é um ser absolutamente superior e eterno: **Após mim vem um homem que foi antes de mim, porque já era primeiro do que eu (30);** 2. A sua própria limitação: **Eu não o conhecia (31,33);** 3. A sua posição favorável como uma testemunha: **Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba**

(32), E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus (34).

A expressão **Eu não o conhecia** (31,33) provavelmente significa que João não tinha a completa certeza de que Jesus era o Messias. Sendo um parente de Jesus, muito provavelmente o conhecia (cf. Mt 3.14). Mas a completa certeza de que Jesus é o Messias só veio através do sinal do Espírito, que desceu como uma pomba.

E João testemunhou, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba e repousar sobre ele (32). Esta é a primeira menção do Espírito Santo no Evangelho de João. A experiência do Espírito e o ensino a seu respeito eram temas centrais na vida da Igreja Primitiva, e são características evidentes neste Evangelho: João Batista predisse um batismo com o Espírito Santo (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33); o próprio Senhor Jesus foi ungido pelo Espírito Santo (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32); Ele prometeu aos discípulos que lhes enviaria o Espírito Santo (Jo 14.16-17; 15.26; 16.7); e a promessa foi cumprida (20.22; At 1.8).

O testemunho de João Batista a respeito da unção de Jesus apresenta a ocorrência visível e a verdade invisível lado a lado,^{1 2} marcando o início do ministério público de Jesus. “Por isto Ele recebe, como verdadeiro Homem, os dons apropriados. O Espírito por quem os homens são subjetivamente unidos a Deus desce sobre o Verbo que se fez carne, por quem Deus é objetivamente revelado aos homens”.³

E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo (33). Esta declaração apresenta um vivo contraste. Em declarações ousadas, João simultaneamente afirma a sua genuína ignorância humana, **Eu não o conhecia**, e a completa certeza da revelação certa e compreensível: **esse me disse**. Então, há o contraste dos dois batismos: um com água, o outro com o Espírito. O primeiro fala da antiga aliança — a Lei, os profetas, os ritos e cerimônias judaicas. Era esta aliança a que João pertencia em parte. Mas o seu batismo de arrependimento (Lc 3.3) e confissão (Mc 1.5) conduz à nova aliança realizadora e centralizada na pessoa e obra de Jesus Cristo, e com o clímax no batismo no Espírito Santo (cf. J12.28; At 2.17). O batismo de João é “com água apenas, e por esta razão não pode purificar o povo de Deus. Ele só pode tomar conhecida a necessidade universal de santificação. O batismo de João pode apenas direcionar os homens a Cristo”.⁴

Este contraste entre o antigo e o novo — sendo o novo sempre o

cumprimento completo e perfeito de tudo o que está encoberto pelo antigo — é um padrão recorrente de modo regular tanto no diálogo quanto nos eventos ao longo de todo o quarto Evangelho. Embora a declaração de Jesus: “não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mt 5.17) não apareça em João como uma passagem paralela, seu significado está muitas vezes ilustrado por palavras e ações.

A veracidade do testemunho de João a respeito de Jesus é certificada por seu reconhecimento da pessoa de Jesus como o Filho de Deus. **E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus** (34). Este título, **Filho de Deus**, é atribuído a Jesus por Natanael (1.49) e Marta (11.27), e é usado pelos Sinóticos (Mt 14.33; 26.63; 27.40; Mc 3.11; Lc 22.70). Era um título que possuía “um significado definido aos ouvidos judeus, aplicado com o sentido de ‘Messias’”.⁵ outra coisa. Muitos estudiosos (*e.g.*, Westcott, Hoskyns) preferem a primeira interpretação, que aponta para João e seu irmão, Tiago. 2. De acordo com o relato Sinótico, o chamado de André e Pedro está intimamente relacionado com o chamado do outro par de irmãos, Tiago e João (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.4-11). 3. O anonimato do outro discípulo está de acordo com a relutância constante do autor em usar o próprio nome (cf. Jo 13.23; 19.26; 20.2; 21.20).

Tendo estabelecido a identidade dos dois discípulos de João Batista, é apropriado agora seguir a seqüência de eventos naquele importante terceiro dia. Quando testificou a respeito de Jesus, João aparentemente não se dirigiu aos seus dois discípulos, embora leiamos: **E os dois discípulos ouviram-no [João] dizer** (37). O testemunho de João também não foi dirigido a Jesus: **vendo passar a Jesus** (36), João deu o seu testemunho, e os dois discípulos **seguiram a Jesus** (37), evidentemente afastando-se de João. Este é o último trecho que lemos a respeito de João, o precursor, até 3.23, onde há uma alusão ao seu batismo.

Quando os dois discípulos o seguiram, Jesus voltou-se e perguntou: **Que buscais?** (38) Estas primeiras palavras de Jesus no Evangelho de João constituem a pergunta para os dois discípulos. São palavras apropriadas para um diálogo significativo. Procuravam os discípulos

algo para si mesmos? Sua busca nascera do egoísmo? A mudança de João Batista para Jesus implicava uma busca de vantagens? Esperavam encontrar satisfação para os apetites físicos (cf. 6.26), ou um discipulado fácil que não envolvia arrependimento e confissão? A resposta de ambos mostrou inspiração. Eles estavam procurando *alguém* e não *alguma coisa*. **Rabi, onde moras?** Esta foi uma excelente resposta, pois ao mesmo tempo respondia a pergunta de Jesus e afirmava o seu profundo interesse. “Estes primeiros discípulos substituíram alguma coisa (o *quê?*) por uma Pessoa. Eles precisavam primeiro de Cristo, e não de qualquer dádiva especial de Cristo”.⁹ O título pelo qual dirigiram-se a Jesus, **Rabi**, é traduzido por João com o significado de “Mestre” (gr., “ensinador”). Este título ocorre frequentemente no quarto Evangelho, e é geralmente usado para introduzir “uma pergunta ou ação não inteligente, ou ao menos inadequada” (cf. 1.49; 3.2; 4.31; 6.25; 9.2; 11.8; 20.16).¹⁰

A resposta de Jesus para os discípulos é tanto um imperativo quanto um convite: **Vinde e vede**. Eles associaram o imperativo **Vinde** com a obediência: **Foram**. O convite, **vede**, foi recompensado: **Viram onde morava** (39).

Alexander Maclaren encontra, nos versículos 37-39, “Os Primeiros Discípulos”: 1. **Que buscais?** (3); 2. **Vinde e vede** (39); 3. **Foram e viram**, (39).

Os irmãos André e Pedro eram pescadores, assim como Tiago e João (Mt 4.18,21; Mc 1.16; Lc 5.3-10). Foi André que, mesmo sendo um novo discípulo de Jesus, **achou primeiro a seu irmão (41)**. Que lugar maravilhoso para testificar — em sua própria casa, aos seus entes queridos! Ali também está implícito um testemunho de busca. Alguns devem ser buscados. Os perdidos devem ser encontrados. Além disso, o testemunho de André foi claro. **Achamos o Messias**. Procurado há muito tempo, prometido por Deus através dos profetas, o Messias foi identificado; Ele foi achado! O testemunho de André não só foi pessoal e claro, mas foi poderoso. **E levou-o a Jesus (42)**. Os homens têm de ser levados a uma posição de confrontação com Jesus Cristo.

João não dá nenhuma indicação de que Pedro tenha dito alguma coisa neste primeiro encontro com Jesus. Há um tempo em que Deus fala e tudo o que o homem precisa fazer é ouvir o que Ele diz. **E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro) (42).** Jesus não viu Pedro como ele era, mas como poderia se tornar através da graça transformadora de Deus — **Tu és... tu serás.** Seu nome natural era **Simão**, porém o novo homem seria **Cefas** (aramaico) ou Pedro (grego), significando a nova natureza, uma rocha. O nome natural tinha sido dado por seus pais; o nome “Pedro” (uma nova natureza) fora dado como um dom de Deus, um dom que alcança todos aqueles que respondem ao Senhor com fé. O que Deus quer fazer, é capaz de fazer, e fará por qualquer homem que responda com uma fé submissa, está prefigurado aqui, no que aconteceu a Pedro.

B. Filipe e Natanael, 1.43-51

Jesus, então, tomou a iniciativa. Foi seu desejo ir de Betânia para a Galiléia (ver o mapa 1), onde Ele intencionalmente **achou a Filipe, e disse-lhe: Segue-me (43).**¹¹ O chamado a Filipe — a quem João descreve como sendo da mesma cidade galiléia (Betsaida) de André e Pedro — foi o resultado de sua busca pessoal. E ele testemunhou a Natanael: **Filipe achou Natanael e disse-lhe: Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na Lei e de quem escreveram os Profetas: Jesus de Nazaré, filho de José (45).** Nesta declaração, é importante observar: (a) as palavras do testemunho de Filipe e (b) a pessoa a quem ele testemunhou.

O testemunho de Filipe indica que ele mesmo vinha pesquisando as Escrituras do Antigo Testamento. Esta busca revelara que Moisés e os profetas tinham escrito semelhantemente sobre aquele que deveria vir. A esperança messiânica ardia no peito de Filipe. Também fica evidente que Filipe reconheceu a Jesus de Nazaré como o Messias. No entanto, o seu testemunho não expressou completamente a verdade a respeito da natureza de Jesus, pois ele o descreveu como **“Jesus de Nazaré, filho de José”**.¹²

Natanael significa “dom de Deus” e é comparável ao nome grego

Teodoro. Alguns o têm identificado como o Bartolomeu dos Sinóticos, particularmente tendo em vista o fato de que Bartolomeu não é mencionado em João, e Natanael só é citado no Evangelho de João.

Natanael era, evidentemente, um estudioso das Escrituras do Antigo Testamento, pois a declaração de Filipe sobre Moisés e a lei era significativa para ele. Baseando-se nas profecias, Natanael também não tinha motivos para esperar que o Messias viesse de uma aldeia tão pobre — **Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?** (46) O ceticismo de Natanael foi logo vencido pela insistência de Filipe; **Vem e vê** (46). Tal ação sempre fornece o cenário para o encontro do homem com Deus.

A pergunta de Natanael, **Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?** (46), provoca uma interrogação à mente humana: Quem é Jesus? O contexto da pergunta proporciona uma resposta esclarecedora: 1. Ele é o Sacrifício adequado para o pecado do homem (29); 2. Ele é aquele que batiza com o Espírito Santo (33); 3. Ele é o grande Mestre dos homens (38); 4. Ele é o Rei, o Único que é digno da mais elevada lealdade do homem (49).

Natanael é a imagem do filho ideal de Jacó, **um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!** (47) Ele é descrito sentado debaixo de sua figueira, um símbolo do mais elevado e do melhor que a antiga aliança da lei e dos profetas poderia produzir (cf. 1 Rs 4.25; Mq 4.4). Foi este tipo de homem que Jesus viu em Natanael, e foi este tipo de homem (um verdadeiro israelita) que ousaria fazer a grande confissão: **Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel** (49).

Jesus, então, pergunta a Natanael: **Porque te disse: vi-te debaixo da figueira, crês? Coisas maiores do que estas verás** (50). Um homem não tem uma fé verdadeira porque vê, ou porque recebe. Antes, um homem de fé é aquele que sabe; e, por saber, ele vê coisas maiores — um céu aberto, e até mesmo a plena revelação de Deus no Filho do Homem. Daí, disse Jesus a Natanael: **Na verdade, na verdade vos digo que, daqui em diante, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do Homem** (51).

A frase **Na verdade, na verdade** só é encontrada no Evangelho de João — e sempre nos lábios de Jesus. Ela significa “verdadeiramente, verdadeiramente”.

A imagem do versículo 51 lembra a visão de Jacó (Gn 28.12). Em ambos os casos, os anjos que estavam ministrando aos homens são vistos primeiro subindo ao céu e então descendo novamente para a terra.

A escada que Jacó viu, que ia da terra até o céu, tipificava Cristo Jesus, o único “mediador entre Deus e os homens” (1 Tm 2.5). Os anjos que ministravam foram representados como subindo e descendo sobre Ele. O antigo sonho de Jacó foi cumprido através do Messias de Israel.

Neste primeiro capítulo de João, há oito títulos altamente descritivos e diferentes atribuídos ao Deus encarnado. Ele é o Logos, o “Verbo” vivo (1,14); “O Cordeiro de Deus”, o Sacrifício perfeito (29); “O Filho de Deus”, o próprio Deus (34,49); “Rabi”, o Mestre por excelência (38); “O Messias”, “O Cristo”, O Ungido (41); “Jesus de Nazaré”, o Deus-homem na história (45); “O Rei de Israel”, aquele que é coroado Rei por aqueles que nele colocam a sua fé (49); e “O Filho do Homem”, completamente humano (51).

N. do T.: Esta é uma tradução de uma versão em inglês para o português.

1

O Testemunho de João aos seus Discípulos (1.35-42)

2

No dia seguinte João estava outra vez ali, na companhia de dois de seus discípulos. E, vendo passar a Jesus, disse: Eis aqui o Cordeiro de Deus! (35-36) Este, o terceiro dia destas cenas de abertura, marca o verdadeiro início do ministério de Jesus. A transição do personagem e da obra de João Batista para Jesus e sua

obra é retratada neste texto da Bíblia Sagrada. João passa gradualmente ao segundo plano; Jesus assume rapidamente o lugar de proeminência (3.30).

[3](#)

O testemunho de João a respeito de Jesus, **Eis aqui o Cordeiro de Deus!**, foi expresso na presença de dois de seus discípulos, dos quais um era André (1.41). A identi

[4](#)

dade do segundo discípulo não foi diretamente declarada, mas se presume que era o

[5](#)

apóstolo João. Apontam-se, para tanto, as seguintes razões: 1. O uso da palavra “primeiro” em 1.41, **Este [André] achou primeiro a seu irmão Simão**, sugere que André encontrou primeiro seu irmão, e depois, por dedução, o outro discípulo encontrou o seu irmão. Ou André primeiramente encontrou Simão antes de ele mesmo fazer qualquer

OS SINAIS

João 2.1—12.50

A partir do capítulo 2, uma série de milagres ou sinais está registrada. Estes sinais são dados com um propósito específico, mencionado no tema do Evangelho: para que o leitor creia “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” (20.31).

Uma vez que esta parte do Evangelho de João compreende praticamente a metade de todo o seu conteúdo (caps. 2—12), é importante observar algumas de suas características gerais. É nitidamente claro que o autor organizou o seu material em torno dos milagres e das obras de Jesus, começando com a transformação da água em vinho e terminando com a ressurreição de Lázaro. Contudo, o episódio da purificação do Templo — embora registrado anteriormente no relato de João (2.13-21) — é uma ação que Jesus clara e intencionalmente associou com o maior dos sinais e milagres: a sua ressurreição dos mortos (2.18-22).

A associação de alguns dos sinais com as festas nacionais dos judeus é proposital, e é um padrão que se repete frequentemente (5.1; 6.4; 7.14,37; 12.1). A razão para isto pode ser, em parte, o fato de que a maioria dos eventos teve lugar na Judéia, mas não poderia ser a causa do comentário que antecede à alimentação das cinco mil pessoas na Galiléia — “E a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima” (6.4). É evidente que esta parte do plano do autor era mostrar Jesus Cristo como o cumprimento perfeito de tudo o que fora prognosticado na lei, conforme retratado nas festas.

Outra característica geral do registro dos sinais de João é que, proporcionalmente, o relato do próprio evento é bastante breve quando comparado com o comentário, discurso, diálogo ou debate que a ele se segue. Na verdade, o diálogo é uma característica proemi-

nente nesta seção (caps. 3,4). Os elementos de debate (6.22-65; 8.12-59) e drama (9.1-41) são usados para intensificar o significado e a

importância dos sinais e milagres.

Será bom que o leitor desta seção do Evangelho tenha em mente que existe o tema constante do contraste entre os antigos costumes da lei e os novos, ou seja, a fé em Jesus Cristo. Os antigos são normalmente simbolizados pela água — por exemplo, “seis talhas” (2.6); “nascer da água” (3.5); “Jacó... nos deu o poço” (4.12); “em Jerusalém há... um tanque” (5.2); “Vai, lava-te no tanque de Siloé” (9.7). O novo caminho estava em evidência em cada situação, pois a vinda de Jesus sempre representava realização e perfeição — por exemplo, “tu guardaste até agora o bom vinho” (2.10); “nascer... do Espírito” (3.5); “a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (4.14); “Logo, aquele homem ficou são” (5.9); “[Ele] foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo” (9.7).

A partir da narrativa da cura do homem enfermo, no capítulo 5, os sinais se transformam em ocasiões para debate sobre o significado e o propósito da lei, e a relação de Jesus com ela. Normalmente, são as leis do sábado que estão em discussão. Além disso, este conflito sobre a cura do homem enfermo assinala o início da hostilidade dos judeus, que cresce e finalmente culmina na cruz.

A. O Vinho Novo, 2.1-12

Jesus principiou assim os seus sinais (2.11), frase que só é observada no quarto Evangelho, é uma introdução adequada para tudo o que vem a seguir.

Nenhum outro milagre contém tanta profecia; nenhum outro, portanto, poderia ter iniciado tão apropriadamente todo o futuro trabalho do Filho de Deus. Pois este trabalho poderia ser caracterizado do princípio ao fim como um enobrecer do comum e uma transformação do inferior; uma transformação da água da vida em vinho do céu.¹

E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galiléia (1). A época deste acontecimento tem um duplo significado. O primeiro, puramente cronológico, relaciona este acontecimento com a

conversa com Natanael. A tradução literal seria “depois do dia seguinte” ou “dois dias depois”. A promessa feita a Natanael de que ele veria o céu aberto não poderia demorar a ser cumprida. Foi neste **terceiro dia** que **Jesus... manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele (11).**

O milagre aconteceu em Caná, pouco mais de catorze quilômetros ao norte da cidade de Nazaré (ver mapa 1).² A designação **Caná da Galiléia** provavelmente é feita para distinguir este lugar de outra Caná, próxima de Tiro, ou possivelmente para assinalar a mudança de lugar dos acontecimentos, da Peréia para a Galiléia.

Fizeram-se umas bodas. Embora este fosse um acontecimento histórico, as bodas são uma metáfora freqüentemente usada nos ensinamentos de Jesus sobre a natureza do Reino que há de vir. O Reino é comparado a um casamento real (Mt 22.2). Jesus descreve a si mesmo como o Noivo, e os seus discípulos como convidados (Mc 2.19-20). Em outra ocasião, Jesus é o Noivo e João Batista é o amigo ou “padrinho” (3.29). Em outro exemplo do Novo Testamento, a Igreja é a noiva e Cristo é o Noivo (2 Co 11.2; Ap 21.2). Em uma metáfora ampliada, Paulo fala da Igreja como a noiva de Cristo (Ef 5.22-32).

E estava ali a mãe de Jesus. E foram também convidados Jesus e os seus discípulos para as bodas (1-2). A mãe de Jesus não é mencionada pelo nome neste Evangelho. É um fato interessante, se nos lembrarmos de que o discípulo João também não é mencionado pelo nome. A presença dela no casamento parece ter sido anterior à chegada de Jesus e os discípulos. Este fato, além da sua posterior observação a Jesus sobre a falta de vinho, indica que ela tinha algum relacionamento com a família. Por outro lado, explica por que Jesus e os seus discípulos foram convidados.

E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho (3). A primeira frase pode ser traduzida literalmente do seguinte modo: “E quando o vinho tinha acabado”. Isto seria uma catástrofe social para as famílias dos noivos. Há um provérbio judaico que diz: “Sem vinho não há alegria”, e isto seria particularmente verdadeiro em uma ocasião festiva como um casamento. Pelo fato de as

celebrações dos casamentos durarem um período de sete dias, este problema só complicava ainda mais a situação, que já era embaraçosa.

A informação que Maria traz a Jesus — **Não têm vinho** — corrobora a tradução literal, “quando o vinho tinha acabado”. A pergunta é: Por que ela disse isto a Jesus? Seria uma sugestão sutil de que deveriam ir embora? Será que ela disse isto em voz alta para que outras pessoas pudessem ouvir e comesçassem a preparar-se para partir, a fim de evitar constrangimentos para os noivos? Ou imaginava que Jesus, seu Filho, que ela conhecia tão bem, teria uma solução para o problema? De qualquer maneira, aqui está uma lição muito prática. Aprenda a contar a Ele qualquer necessidade, mesmo que a necessidade pareça ser terrena demais.

Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora (4). A resposta de Jesus a sua mãe não é, de modo algum, brusca ou indelicada. A palavra **mulher**, usada como neste tempo, era “perfeitamente respeitosa e até mesmo íntima”.³

Que tenho eu contigo? Novamente, estas palavras, como aparecem na versão KJV em inglês, parecem ser um pouco bruscas, até mesmo ásperas. Mas não é o caso. Uma tradução literal seria “O que isto tem a ver com você e comigo?” ou “O que há de comum entre o meu ponto de vista e o seu?” Jesus estava perguntando a sua mãe se ela realmente entendia a sua natureza, a sua missão e o seu sacrifício final.

Isto fica ainda mais evidente pela explicação que Ele acrescentou: **ainda não é chegada a minha hora**. O que Jesus queria dizer? Duas idéias ficam claras quando examinamos as outras ocasiões em que esta expressão aparece. Em primeiro lugar, é óbvio que nenhum homem pode alterar o plano e o objetivo da redenção de Deus (7.30; 8.20). Em segundo lugar, de alguma maneira misteriosa e também gloriosa, o “melhor momento” de Jesus seria a cruz. Aquilo que os homens maus tencionavam que fosse morte e vergonha seria transformado em vida e glória (12.23; 13.1; 17.1).

Sua mãe disse aos empregados: Fazei tudo quanto ele vos

disser (5). O que quer que se possa conjecturar sobre a compreensão de Maria da natureza e da missão de Jesus, uma coisa é certa: Ele é digno de confiança e de obediência.

E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas.

Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima (6-7). Estas talhas eram grandes jarros de pedra com capacidade entre 68 e 102 litros cada uma. Todos os convidados deveriam lavar os pés quando entrassem. Não é coincidência que João mencione este procedimento relacionado-o com **as purificações dos judeus**. Esses recipientes representam o costume da lei, o legalismo, que é exibido da seguinte maneira: 1. Inadequado para as verdadeiras necessidades do homem (**Não têm vinho**, 2.3); 2. Limitado em comparação com a completa abrangência da abundante alegria no evangelho, simbolizada pelo vinho em grande quantidade (cf; 1.16; 7.38; 16.24); 3. Inferior ao melhor que Deus tem para o homem (cf. 2.10; Hb 10.1). “À antiga religião legal ‘falta vinho’, toda a energia da vida se esvaiu dela”.⁴

Disse-lhes Jesus: **Tirai agora e levai ao mestre-sala. E levaram. E, logo que o mestre-sala provou a água feita vinho (não sabendo de onde viera, se bem que o sabiam os empregados que tinham tirado a água), chamou o mestre-sala ao esposo. E disse-lhe: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então, o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho** (8-10). A presença do Senhor da vida, que dá a verdadeira alegria, transformou toda a cena. Os recursos antes inadequados e insuficientes para suprir as necessidades do homem (3) agora se tornaram abundantes. Os recursos que tinham sido limitados e que representaram uma ameaça à verdadeira alegria do homem agora jorravam em rica profusão. Os recursos que eram menos do que o melhor, **o inferior**, agora são o melhor de Deus para o homem: **Tu guardaste até agora o bom vinho**. Na melhor hipótese, a lei era “a sombra dos bens futuros” (Hb 10.1); mas agora, em Jesus Cristo, os bens futuros chegaram, estão disponíveis a todos, e são adequados às mais profundas necessidades dos homens (cf.

1.17).

E evidente que o “Desapontamento do homem faz parte do desígnio de Deus”. 1. A insuficiência do homem é satisfeita pela suficiência e adequação divina (3,7,10). 2. A tristeza se transforma em alegria (3,10). 3. Os poucos recursos do homem são suplantados pelo que Deus tem de melhor (10).

Jesus principiou assim os seus sinais em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele (11). O propósito inicial do sinal ou milagre foi imediatamente cumprido. Era um propósito duplo. **Jesus... manifestou a sua glória.** A respeito disto, Lightfoot comenta:

...qualquer ato do Senhor, o Verbo que se fez carne, é necessariamente uma manifestação da sua glória; mas... uma revelação completa dessa glória somente se faz com a finalização da sua obra, sobre a cruz. Portanto, nos nossos pensamentos sobre a obra do Senhor, a sua vida e a sua morte não podem ser separadas.⁵

A manifestação da glória de Jesus produziu os resultados desejados: **e os seus discípulos creram nele.** Aqui está o clímax de uma seqüência típica do Evangelho de João — um sinal, a glória evidente, a fé (cf. 20.31). Este relato da reação dos discípulos poderia ser perfeitamente traduzido da seguinte forma: “E os seus discípulos depositaram nele a sua fé”. Aqui, o discipulado se transforma em fé pessoal, uma fé que é dinâmica, uma fé que é “a absoluta transferência da confiança de uma pessoa para outra”.⁶

Sob o título “O primeiro milagre em Caná”, Alexander Maclaren observa: 1. A revelação do poder criativo do nosso Senhor (8-10); 2. O objetivo do nosso Senhor de consagrar toda a vida familiar (1-2); 3. O nosso Senhor como aquele que transforma a água da alegria terrena no vinho das bênçãos celestiais (6-8); 4. A glória do nosso Senhor suprindo as deficiências dos recursos terrenos (3).

Depois disso, desceu a Cafarnaum, ele, e sua mãe, e seus irmãos, e seus discípulos, e ficaram ali não muitos dias (12).

Esta observação, de transição parece simplesmente uma observação geográfica. Deixando Caná da Galiléia, aqueles que tinham sido convidados para o casamento viajaram a Cafarnaum (ver mapa 1), à costa norte do mar da Galiléia, onde permaneceram somente durante alguns dias.

B. O Novo Templo, 2.13-22

E estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém (13). O que irá acontecer a seguir é cuidadosamente descrito, dando-nos informações importantes sobre o tempo e o lugar. O início e o final do ministério público de Jesus estão relacionados à Páscoa dos judeus em Jerusalém. É evidente que uma parte do plano de João é mostrar Jesus, o Cristo, como o completo e perfeito cumprimento da lei, o Melhor, o ponto mais alto do judaísmo. Portanto, é apropriado que este acontecimento público inaugural do ministério de Jesus seja associado com a Páscoa, a maior festa dos judeus, e que isto ocorra em Jerusalém, a única e verdadeira Sião para todos os filhos de Israel.

1. A Purificação do Antigo (2.14-17)

E [Ele] achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados. E, tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, bem como os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas, e disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas (14-16). A casa de Deus se tornara corrupta. O que deveria ser santificado, consagrado somente para uso sagrado, havia sido profanado. Foi isto o que Jesus encontrou ao entrar no lugar sagrado na Cidade Santa. A lei, com todas as suas garantias contra a profanação do sagrado e do santo, não fora capaz de lidar com os homens maus e egoístas. Assim, aqui estavam eles, mercadores e cambistas, com o seu comércio — moedas romanas e siclos de Tiro para o pagamento do imposto anual para o tesouro do Templo. Este imposto era individual, cobrado de todos os judeus adultos do sexo

masculino.

O que Jesus fez está totalmente de acordo com a sua natureza e o seu caráter. Alguns pensam que tudo o que pode ser dito acerca dele é: “Jesus é gentil, meigo e doce”. E verdade que Ele é amoroso e perdoa. Ele descreve a si mesmo como sendo “manso e humilde de coração” (Mt 11.29). Mas existe algo além disso, e neste episódio podemos ver outro aspecto da sua natureza. Ele não lida delicadamente com o mal. Ele é a Luz que resplandece nas trevas (Jo 1.5). Ele enviou um recado a Herodes: “Ide e dizei àquela raposa” (Lc 13.32). Os fariseus não achavam suas palavras suaves, nem agradáveis eram as suas designações: “sois... sepulcros caiados” (Mt 23.27); “Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23.33); “Condutores cegos!” (Mt 23.24). Então, aqui, os homens maus se confrontaram com Jesus, a Fonte da luz, do que é correto, do bem e da integridade. Ele, **tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo**. A palavra traduzida como “lançou” é uma palavra forte que transmite a seguinte mensagem: “Ele os jogou para fora do Templo”. Esta cena foi descrita como “uma cena selvagem, com pessoas encolhidas agarrando-se desesperadamente às suas mesas, sendo jogadas de um lado para o outro; ou correndo atrás das suas moedas espalhadas, rolando de um lado para o outro; ou encolhendo-se para escapar dos açoites que não tinham piedade, até que o lugar sagrado estivesse purificado”.⁷

E os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devorará (17). A citação das Escrituras é de Salmos 69.9. No original, o verbo está no futuro: “me consumirá”. E como se os discípulos vissem que a luta de Jesus contra o mal terminaria em uma cruz, embora não percebessem que a cruz era o complemento do sepulcro vazio.

2. O Sinal do Novo (2.18-22)

Responderam, pois, os judeus e disseram-lhe: Que sinal nos mostras para fazeres isso? (18). Embora seja usada aqui a palavra genérica “judeus”, a pergunta evidentemente veio do grupo do sumo sacerdote, os saduceus, que controlavam as finanças do Templo.⁸ A

pergunta era mais do que o pedido de um sinal; ela colocava em dúvida a autoridade de Jesus para fazer o que Ele acabara de fazer no Templo (cf. Mt 23; Mc 11.28; Lc 20.2). Os judeus tinham uma tendência de exigir um milagre como base para aceitar a realidade da verdade divina. Eles só acreditavam naquilo que podiam ver (Jo 6.30).

A resposta de Jesus a sua pergunta foi simples, embora a linguagem tivesse um duplo sentido. **Derribai este templo, e em três dias o levantarei** (19). A palavra usada para **templo** no relato da purificação é *hieron* (2.14), que corresponde a “todo o recinto fechado, com os pátios e pórticos [ver o quadro A], que nunca é usado metaforicamente”, ao passo que *naos* (2.19) é “o edifício sagrado propriamente dito, usado logo adiante significando o corpo de Cristo (v. 21) e dos cristãos que formam o seu corpo espiritual” (cf. 1 Co 3.16-17; 6.19; 2 Co 6.16).⁹ Fica evidente, a partir da resposta dos **judeus** (20), que eles pensaram que Jesus falava do Templo restaurado, do edifício propriamente dito. Mas Ele estava falando **do templo** (*naos*) **do seu corpo** (21).

Além disso, o que Jesus disse aqui (19) foi usado como um elemento de acusação contra Ele pelas falsas testemunhas no seu julgamento. Uma disse: “Nós ouvimos-lhe dizer: Eu derribarei este templo, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens” (Mc 14.58). Outra disse: “Este disse: Eu posso derribar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias” (Mt 26.61). Os inquisidores na cruz repetiram as acusações (Mt 27.40; Mc 15.29). Na verdade, Jesus não disse “Eu destruirei”, nem “Eu sou capaz de destruir”, nem “eu construirei outro”, nem “eu sou capaz de construir outro”. Ele disse **Derribai este templo** (*i.e.*, “Se vocês destruírem este Templo”) ... **o levantarei**. É óbvio que Jesus falava do papel dos judeus nos acontecimentos da cruz, da ressurreição, do final do antigo sistema judaico de sacrifícios e rituais, da instituição de uma nova aliança com todos os significados que pertencem ao corpo de Cristo. “A sua purificação do templo, portanto, significa dramaticamente que o próprio corpo de Jesus é o lugar onde Deus é propiciado. Sem esta expiação, todos os sacrifícios do templo são vazios; com ela, eles se tornam desnecessários”.¹⁰

Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos, foi edificado este templo, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo (2021). Em outras palavras: “Foram necessários quarenta e seis anos para construir este templo”; esta expressão reflete o verdadeiro estado de coisas. A construção do Templo de Herodes teve início em 19—20 a.C., e na época deste acontecimento ainda não estava terminada. No entanto, tinham sido necessários quarenta e seis anos para deixá-lo na sua condição em que estava. **Três dias** obviamente se refere ao período entre a crucificação e a ressurreição, embora de nenhuma maneira isto tivesse ficado evidente para os judeus que ouviam, nem mesmo para os discípulos, até depois da ressurreição de Jesus, conforme João deixa claro. **Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isso; e creram na Escritura e na palavra que Jesus tinha dito** (22). A luz de Atos 13.15, conjectura-se que a **Escritura** que João menciona aqui é Salmos 16.10. “Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”.

C. Uma Nova Visão do Homem, 2.23—5.47

Os três últimos versículos do capítulo 2 são, ao mesmo tempo, uma transição e uma introdução. Eles são uma transição no sentido de que, embora Jesus estivesse lidando até aqui com grupos de pessoas (no casamento e no Templo), Ele agora dedica a sua atenção e as suas palavras aos indivíduos e às suas necessidades básicas. E são uma introdução porque abre-se a porta para o diálogo, um estilo novo e importante no evangelho.

E, estando ele em Jerusalém pela Páscoa, durante a festa, muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome (23). É evidente que, na Páscoa, Jesus fez muitos sinais que atraíram o povo. João não nos diz quais foram esses milagres (cf. 20.30). Mas a reação demonstrou uma fé aquém do esperado. Na verdade, alguns julgaram que se tratava de uma fé falsa.¹¹ Não há dúvida de que a fé baseada somente em sinais é menos do que Jesus exige, e não há indicação de que essa fé resulte na vida (cf. 3.16; 6.29,35). O tempo de

hoje não é diferente daquela época: alguns só acreditam se virem um sinal — algo incomum ou espetacular.

Mas o mesmo Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia, e não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque ele bem sabia o que havia no homem (24-25).

Muitas das traduções mais recentes dizem que Jesus “não se confiava a eles”. A reserva com a qual Jesus protegeu a sua auto-revelação fica evidente aqui, em termos dos milagres e dos sinais que Ele realizou. Como Ele disse à sua mãe (2.4), a sua “hora” — a cruz, a revelação completa — ainda não era chegada. Ele sabia que quando se entregasse completamente aos homens, a cruz seria inevitável devido ao coração iníquo deles. Quando Deus deu o melhor de Si, a encarnação, Satanás e os homens maus deram o seu pior — a cruz.

O conhecimento divino de Jesus sobre os homens é um fato admirável. João queria que os seus leitores soubessem que, quando um homem é confrontado por Jesus de Nazaré, suas necessidades mais profundas e os seus mais terríveis pecados são expostos. Nicodemos não conseguiu esconder que a sua alma estava morta. A mulher samaritana não encontrou esconderijo para a vergonha do seu passado pecaminoso. O homem no tanque não pôde evitar a revelação do seu próprio desamparo. **Ele bem sabia o que havia no homem (25).** Em nossa época de humanismo, o homem é ensinado durante todo o tempo que é responsável somente perante si mesmo e perante os seus semelhantes. Embora isto pareça correto, é somente uma meia-verdade. A outra metade é que o homem é responsável perante Deus, e qualquer pecado é, antes de mais nada, um pecado contra Deus (SI 51.4).

1. Uma Vida Nova Para um Homem Morto — Nicodemos (3.1-21)

Uma das infelicidades ocasionais nas divisões de capítulos da Bíblia é uma aparente ruptura no pensamento onde não deveria haver ruptura. O início do capítulo 3 é um excelente exemplo disto. João escreveu que Jesus “sabia o que havia no homem” (2.25). Mas João prosseguiu dizendo, sem qualquer quebra de linha nem ruptura de pensamento, que **havia entre os fariseus um homem chamado**

Nicodemos, príncipe dos judeus (1). E como se João estivesse dizendo: “Jesus tinha o conhecimento perfeito das necessidades mais profundas dos homens. Vamos citar alguns exemplos, começando com um homem, o fariseu Nicodemos”. Assim, Nicodemos se torna a “evidência A” para ilustrar o que Jesus conhece sobre os homens.

A palavra para **homem** tanto em 2.25 quanto em 3.1 é *anthropos*, que basicamente se refere aos homens como uma classe. É uma palavra genérica. Assim, o que se diz aqui a respeito de Nicodemos, um indivíduo, é dito sobre todos os homens. Esta é uma das muitas universalizações do Evangelho de João. A salvação é para “todos” (16), mas também é verdade que todos os homens precisam do nascimento que vem do céu (cf. Rm 3.23).

O cuidado com que se descreve a situação de Nicodemos na vida religiosa judaica não é uma coincidência. Ele era **um homem** entre os **fariseus**, um **príncipe dos judeus**. Se algum homem, na ordem antiga, conheceu o significado de Deus e dos seus planos e propósitos para o homem, esse foi Nicodemos — ele era profundamente enraizado na tradição monoteísta, além dos ensinamentos da lei, da história de Israel e das proclamações dos profetas. Mas em algum lugar, de alguma maneira, ele se perdera no caminho, e de alguma maneira exemplificava o que havia acontecido com o judaísmo. Assim, uma vez mais, João estabelece um vivo contraste entre a antiga aliança, com todos os seus mal-entendidos, as suas inadequações e suas falhas, e a nova aliança, que assegura a abundância da vida, que tem o Deus vivo e verdadeiro como a sua Fonte.

Este foi ter de noite com Jesus (2). Há uma grande dose de especulação quanto ao motivo pelo qual Nicodemos veio **de noite**. Alguns dizem ter sido por medo das opiniões alheias, especialmente de seus colegas. Há algo a ser dito a este respeito, à luz de outras duas ocasiões nas quais ele aparece neste Evangelho. A sua defesa de Jesus em 7.50 parece ser um pouco impessoal, e foi José de Arimatéia quem iniciou o pedido do corpo de Jesus (19.39). Talvez Nicodemos quisesse uma reunião tranqüila, à noite. Mas uma pergunta melhor sobre esta visita seria: “Por que ele veio, afinal?” A resposta pode explicar por que ele veio **de noite**. Devido à profunda necessidade da sua alma, ele

veio até o Senhor saindo da escuridão na qual ele e os seus companheiros estavam imersos. Compare isto com o ato de Judas. Quando ele deixou Jesus para ir fazer o acordo com os judeus, ele saiu “e era já noite” (13.30). O contraste vivido entre a luz e as trevas aparece regularmente ao longo de todo o Evangelho (cf. 1.5, 9; 3.19; 8.12; 9.4-5; 12.35).

Nicodemos disse: **Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele** (2). Os milagres que Jesus realizara (2.23) indicavam o caminho para Nicodemos e para aqueles que este representava (observe a forma plural **sabemos**). Por causa desses milagres, eles pensavam que Jesus era um professor especial enviado por Deus. **Rabi... és... vindo de Deus.** Mas isto não significava que Jesus estava sendo reconhecido como o Messias.¹²

Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus (3). Com um discernimento claro, Jesus foi direto ao centro do problema de Nicodemos. Era necessário um novo tipo de vida, se alguém quisesse ver a presença de Deus, o seu plano e o seu objetivo para o homem. Westcott diz:

Sem este novo nascimento — esta apresentação a uma conexão vital com uma nova ordem de ser, com a correspondente doação de capacidades — • nenhum homem consegue ver — consegue perceber exteriormente — o Reino de Deus. Os nossos poderes naturais não conseguem perceber o que é essencialmente espiritual. E necessária uma nova visão para os assuntos da nova aliança.¹³

Mas essa nova visão é impossível, se a pessoa não tiver a nova vida. Jesus é cuidadoso ao indicar a fonte dessa nova vida. A expressão **aquele que não nascer de novo** tem, na verdade, um duplo sentido. A palavra traduzida como “de novo” é *anóthen*, que tem vários significados: “de cima”, “novamente” e “sob uma nova forma”.¹⁴ Essa palavra é usada por João com o óbvio significado de “do céu” em 3.31 e 19.11. Esta poderia ter sido a intenção de Jesus aqui. Se o homem

espera ter vida no sentido eterno e real, ela deve vir do céu. A vida biológica se recebe dos pais, mas a vida que vem de Deus somente Ele pode dar (1.13), e esta vem de cima. Acredita-se no significado **de novo** porque a resposta de Nicodemos usa a palavra **tornar**, ou seja, outra vez, uma segunda vez. Evidentemente, isto foi o que Nicodemos entendeu daquilo que Jesus disse. O significado “sob outra forma” fornece uma tradução feliz aqui, porque combina a idéia de alguma coisa nova e diferente — “de cima” — com a idéia de **de novo**.

Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? pode, porventura, entrar novamente no ventre de sua mãe e nascer? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus (4-5). As perguntas de Nicodemos refletem mais do que simplesmente uma má interpretação da declaração de Jesus. Ele pode ter entendido perfeitamente bem! Como ele poderia acreditar que um homem **sendo velho** seria transformado em uma nova criatura? As perguntas podem refletir os seus próprios sentimentos de estar perdido na noite do pecado e da morte, para onde nem mesmo a mais elevada forma de religião foi capaz de trazer luz e vida. Realmente, é inadequada e falsa a religião que não transforma um homem em alguma coisa nova, sem oferecer-lhe um novo nascimento!

A resposta de Jesus a Nicodemos fortalece de uma vez a sua declaração anterior e resume, em uma frase sugestiva, todo o plano de redenção do homem. **Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus (5).** A palavra aqui traduzida como **aquele** é o pronome indefinido *tis*, que pode significar “qualquer homem”. Aqui se faz uma universalização. O que lemos nesta passagem é verdadeiro para qualquer homem, e não apenas para Nicodemos. Mas, por que a mudança de **nascer de novo (3)** para **nascer da água e do Espírito (5)**? Um rápido exame do uso da palavra **água** nesses contextos (1.33; 2.6-7; 4.6-7; 5.2-3; 7.38-39) revela que, neste Evangelho, ela é um símbolo da ordem antiga da lei com os seus rituais de batismos, purificações e limpezas. É necessário ter em mente que: 1. Jesus declarou que Ele veio para cumprir, e não

para destruir a lei (Mt 5.17); 2. Em cada um dos exemplos mencionados acima, a ordem representada pela água não foi destruída — por exemplo, as seis talhas não foram quebradas, mas sim enchidas; 3. Em cada um deles, a água está inserida em

um contexto que trata de uma nova ordem — por exemplo, o Espírito (1.33), o vinho novo (2.10), “uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (4.14), a perfeita saúde (5.9), o Espírito (7.39); 4. Neste exemplo (3.10), Jesus está falando com o “professor de Israel”. A vista disso, é fácil entender por que Ele disse **nascer da água e do Espírito**. E como se Ele dissesse: “Nicodemos, comece onde você está. Mas a realização, a vida e a solução do seu problema mais íntimo só virão através de um nascimento de cima, o nascimento do Espírito!” Compare 3.5 com 19.34 e com 1 João 5.6-8.

O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito (6). O gerado sempre é semelhante ao que o gerou. A aliança antiga só pode produzir a vida antiga. A escuridão gera a escuridão. A lei, que é para aqueles que estão sem lei, não pode gerar uma vida boa. Se alguém quer ter vida, a fonte deve ser o Espírito. A preposição usada nesta última frase é muito clara. Uma tradução literal seria “O que é nascido *a partir do* Espírito é espírito”.

Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito (7-8). Aqui o argumento, por analogia, é particularmente potente, porque se baseia em um jogo com a palavra *pneuma*, que significa tanto “vento” quanto “espírito”. O fato do vento ninguém pode negar: o seu comportamento — de onde e para onde — nenhum humano, nem mesmo um professor, conhece em sua totalidade. Existe um elemento de mistério. Então, por que alguém deveria ser “interrompido” pelo elemento do mistério no novo nascimento? “O grande mistério da religião não é a punição, mas o perdão do pecado: não é a permanência natural de caráter, mas a regeneração espiritual”.¹⁶

Nicodemos respondeu e disse-lhe: Como pode ser isso? Jesus

respondeu e disse-lhe: Tu és mestre de Israel e não sabes isso? (9-10). A declaração três vezes repetida por Jesus sobre o tema “é necessário nascer de novo” (3,5,7), juntamente com o seu exemplo do fenômeno natural do vento, deixou Nicodemos maravilhado e surpreso. Da mesma maneira, Jesus não pareceu comovido pela falta de compreensão espiritual por parte daquele “professor de Israel”. O uso do artigo definido com “professor”, que aparece no texto grego, não é acidental. Como Nicodemos representava o melhor do judaísmo, uma falha neste ponto mostra a morte espiritual, a escuridão e a ignorância que caracterizavam a antiga aliança. Foi a esta aliança, assim como a Nicodemos, que Jesus veio para dar vida, a vida abundante (10.10).

Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos, e não aceitais o nosso testemunho. Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais? (11.12). O uso das formas no plural, como **dizemos** e **aceitais**, causa alguns problemas para o exegeta. **Sabemos... testificamos**, segundo Westcott, esta frase se refere a Jesus e àqueles que Ele reunira a sua volta.¹⁶ Bernard rejeita esta hipótese com base no fato de que esta conexão entre o testemunho de Jesus e o de seus discípulos não é característica do registro de João. Ele argumenta que este uso da forma **nós** é editorial.¹⁷ De qualquer forma, é instrutivo observar que o **nós** está em vivo contraste com o **vós**. Dar testemunho é um paralelo à rejeição do testemunho. Assim, a totalidade do testemunho (ou seja, a Encarnação e aqueles que acreditam) está contrastando com a rejeição do testemunho pelos judeus (cf. 1.10-11).

Os Sinais

Existem muitos que dividem a experiência do mundo e a espiritual. **Coisas terrestres**, para eles, significam a certeza e a realidade. As **celestiais** significam mistério, o irreal e as superstições. Mas, como Jesus tão claramente indicou para Nicodemos, tudo na vida envolve algum mistério. Até mesmo os cientistas que possuem os maiores conhecimentos se intimidam quando enfrentam a questão do significado do universo. Nenhum homem pode viver sem algum tipo de fé em alguém ou em alguma coisa.

Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem, que está no céu (13). A última parte, **que está no céu**, não aparece em vários manuscritos antigos. O versículo fala da Encarnação como a única testemunha dotada de autoridade sobre as coisas celestiais (ou seja, as coisas do Espírito). A expressão **o que desceu do céu** é peculiar a João e se refere claramente à Encarnação (6.33,38, 41-42, 50-51,58). O uso do título **Filho do Homem** simplesmente reforça esta afirmação.

E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (14-15). Como alguns dentre o povo de Israel falaram “contra Deus e contra Moisés... o Senhor mandou entre o povo serpentes ardentes” (Nm 21.5-6). Os sobreviventes arrependidos, ameaçados pela morte, apelaram a Moisés. Seguindo as instruções do Senhor, Moisés fez uma serpente de metal e a colocou sobre uma haste que ficava erguida para que os feridos a vissem. Os que olhavam para ela, permaneciam vivos. **Assim importa que o Filho do Homem seja levantado;** Jesus sabia disto. A necessidade da cruz é dupla. Aprimeira é o tipo de mundo a que Cristo veio. “A Encarnação, sob as circunstâncias da humanidade, traz consigo a necessidade da Paixão”.¹⁸ A segunda é o amor que enviou Jesus. Esse amor é a expressão da natureza divina,

um supremo esforço para alcançar e redimir os homens perdidos que estão sob o agulhão e a sentença de morte. O exemplo como um todo é um tipo de paradoxo que diz: embora a cruz seja um instrumento de morte, nela há vida.

Todo aquele que crê é uma expressão que se refere ao evangelho universal, ou seja, às Boas Novas para todos os homens. Não existem barreiras de nação, de raça ou de tempo. O sacrifício perfeito foi realizado. O homem deve reagir, deve ter fé. O texto grego usa a preposição *eis* — que significa “em”, “dentro”, “para dentro” — com o verbo *crer*. Uma tradução literal seria “todo aquele que deposita a sua fé nele”. A fé é a resposta perfeita do homem ao chamado e à reivindicação de Deus a seu respeito.

Esta é a primeira menção à **vida eterna**, a dádiva que recebem aqueles que têm fé. Que clímax tão adequado para a conversa entre Jesus e Nicodemos, que tinha vindo da escuridão e da morte para aquele que é a Luz e a Vida! A recompensa é a vida eterna.

As autoridades divergem quanto ao ponto onde termina a conversa entre Jesus e Nicodemos. Uns julgam que o fim está no versículo 13, outros no 15, e ainda há outros indicam o versículo 21. No entanto, a maioria dos estudiosos pensa que no versículo 16 têm início a reflexão e o comentário de João sobre o que Jesus disse.

A partir da história de Nicodemos (3.1-15), Alexander Maclaren levanta a questão “Professor ou Salvador?” 1. A confissão imperfeita (1-2); 2. Jesus Cristo lida com a confissão imperfeita (3-15); 3. O corajoso confessor (Jo 7.50-52; 19.38-39).

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (16). Esta é a primeira menção ao amor de Deus neste Evangelho. E um tema dominante no livro, embora pouco se fale até o capítulo 13. **Deus amou o mundo de tal maneira.** Aqui, novamente, está a idéia do alcance universal. O evangelho é para todos os homens. Nenhum deles está excluído. Isto descreve por que Deus fez o que fez. Ele amou! A palavra em grego é *egapesen*. Este

é o amor que se move pelos interesses do outro, sem pensar nos próprios interesses. E um amor que deseja arriscar tudo por alguma vantagem para outra pessoa, que não considera nenhum preço muito alto se outra pessoa puder receber algum benefício. O tempo aoristo do verbo indica que o ato de amor de Deus não é limitado pelo tempo e simultaneamente é único e completo. E o amor absoluto!

Deu o seu Filho unigênito. Embora este ato seja muito mais freqüentemente descrito pelo verbo “enviar” (*e.g.*, 3.17,34; 6.29,38-40), aqui a idéia enfatizada é a do presente de Deus para o homem (cf. 4.10). Outra vez, o tempo do verbo **dar** se refere a um ato absoluto e completo (cf. Hb 10.14). Ele deu **o seu Filho unigênito**, ou seja, a Dádiva que era mais preciosa, e “o título ‘unigênito’ é acrescentado para destacar este conceito”.¹⁹

... Todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. As alternativas estão definidas. Elas são a vida e a morte! A Dádiva de Deus tornou possível que o homem faça a escolha, a resposta da fé. Os verbos **perecer** e **ter** estão em tempos diferentes no original. O primeiro está em aoristo e significa “de uma vez por todas”, expulso para a escuridão exterior. O último está no presente, indicando uma vida eterna presente e duradoura.

Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele (17). A palavra **condenar** pode ser traduzida como “julgar”, e isto se aplica ao seu uso nos dois versículos seguintes. O propósito da Dádiva de Deus não era levar os homens a um julgamento, mas sim à salvação. Apesar disso, o julgamento é inevitável, e é o próprio homem que o causa, quando se recusa a aceitar a Dádiva mediadora e expiatória de Deus. “O homem é livre para escolher o tormento sem Deus ao invés da felicidade em Deus; é como se ele tivesse o direito de ir para o inferno”.²⁰

O julgamento e a condenação não vêm para o homem que tem fé, porque **quem crê nele não é condenado** (18). A tradução literal seria: “Aquele que põe a sua fé nele [*i.e.*, em Jesus Cristo] não está sendo julgado”. **Quem não crê já está condenado, porquanto não**

crê no nome do unigênito Filho de Deus. Esta afirmação forte por si mesma adquire um novo peso de advertência quando consideramos o tempo dos dois verbos: **está condenado** e **não crê**. No grego, ambos estão em tempo passado perfeito, apresentando um estado presente que é o resultado de uma ação passada. Assim, nesta vida, a condenação é um fato porque **quem não crê** já foi julgado. A condenação é um estado presente porque o que não crê se recusou a crer.

Existe uma “porta aberta para a vida”, a vida de Deus para os homens. Ela tem três características: 1. Éo presente de Deus que vem de cima (3,16); 2. Só vem para aqueles que têm fé (15-16); 3. A alternativa para a vida é o julgamento de Deus (18).

Com o versículo 19, o exemplo passa da vida para a luz, e da falta de fé para as trevas. A razão pela qual os homens passam pelo julgamento e pela condenação é: **Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más** (19; cf. 1.4, 9-11; 8.12; 9.4-5).

A descrença e a fé têm as suas conseqüências naturais e inevitáveis, que estão cuidadosamente descritas nos versículos 20 e 21. A falta de fé resulta em atos iníquos.

Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz e não vem para a luz para que as suas obras não sejam reprovadas (20). A seqüência está clara — falta de fé, escuridão, atos iníquos. A falta de fé e uma existência ligada à iniquidade andam de mãos dadas. O homem que afirma que não faz diferença em que ele acredita também está dizendo que as ações não têm valor ou significado moral. Por outro lado, e em vivido contraste, está o homem de fé. **Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus** (21). Observe a seqüência — fé, vida, luz, boas obras. Para ter uma vida santa é necessário ser um homem santificado (cf. Mt 7.16-20). As duas coisas são inseparáveis. Uma das palavras-chave no Evangelho de João é *verdade*. A verdade é sempre pessoal; está sempre baseada na natureza e no caráter de Deus, e é a maneira pela qual o homem deve

viver em seu relacionamento tanto com Deus quanto com os demais homens. A verdade deve ser dita e também praticada — **quem pratica a verdade.**

2. *O Novo Mestre* (3.22-36)

Os três primeiros versículos desta seção assinalam uma transição tanto de lugar quanto de pessoas. Jesus tinha estado em Jerusalém, onde realizou muitos milagres, e então conversou com Nicodemos. **Depois disso, foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judéia; e estava ali com eles e batizava** (22). A expressão **para a terra da Judéia**, no Novo Testamento, só ocorre aqui e provavelmente se refere “aos distritos do interior da Judéia... algum lugar próximo aos rios rasos nas proximidades de Jerico” (ver o mapa 1).²¹

Uma vez que toda esta seção está dedicada a uma explicação ampliada do relacionamento entre João Batista e Jesus, os dois ocupam o centro da cena, enquanto os judeus, os discípulos de João e os discípulos de Jesus só aparecem em segundo plano. **Ora, João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali e eram batizados. Porque ainda João não tinha sido lançado na prisão** (23-24). Não se sabe onde ficava este local em que João batizava, e que é mencionado aqui, mas provavelmente não estava situado no Jordão. Normalmente, julga-se que **Salim** ficava de “seis a oito quilômetros a leste de Siquém, onde hoje existe uma pequena aldeia com o mesmo nome”.²² Duas ou três possíveis localizações de **Enom** foram sugeridas, mas não há certeza sobre nenhuma delas. Talvez a palavra signifique “abundante em fontes” (cf. **“havia ali muitas águas”**).

A época da conversa que se segue fica clara pela seguinte afirmação: **João ainda não tinha sido lançado na prisão** (24; cf. Mt 4.12; Mc 1.14).

O testemunho que João Batista estava prestes a dar é contrastado com o cenário de uma questão relativa à purificação. **Houve, então, uma questão entre os discípulos de João e um judeu, acerca**

da purificação. E foram ter com João e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com ele (25-26). O velho procedimento da religião ritualista, mas vazia e sem poder, é representado aqui pelos judeus (cf. 2.6). Eles colocavam muita ênfase na **purificação** (lavagem cerimonial) do corpo. O amanhecer de um novo dia, um caminho melhor, uma proclamação profética é representada por João (cf. 1.33). A consumação é encontrada na pessoa daquele que estava com João além do Jordão.

A resposta de João aos judeus indica que ele soube imediatamente o que eles realmente queriam saber. “Qual é a sua opinião sobre este homem que está competindo com você, um Homem a quem você batizou, um Homem que está arrebatando a sua multidão?” A resposta de João teve quatro partes. Na primeira, ele lembrou-lhes que todos os homens estão, em última análise, sujeitos à soberania de Deus. **O homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu (27; cf. 3.3).** Na segunda, ele deixou claro o seu verdadeiro relacionamento com o Cristo, lembrando aos seus inquisidores uma afirmação anterior: **Eu não sou o Cristo (28; cf. 1.20).** Como veremos posteriormente (ver o comentário sobre 4.26), o autor usa as afirmações do tipo “Eu sou” como afirmações diretas da divindade de Jesus. Da mesma maneira, aqui, a forma negativa da frase de João, **eu não sou**, é uma renúncia clara e firme, mostrando que João não era o Messias. Contudo, ele reconhece e afirma o seu próprio papel como alguém que está relacionado a Cristo: **Sou enviado adiante dele (28).** Na terceira parte de sua resposta, ele usou o exemplo do noivo, da noiva e do amigo. Devido ao noivo ser quem de fato é, existe uma verdadeira alegria e deleite no coração do amigo. O completo cumprimento e a plenitude da alegria pertencem àqueles que reconhecem Jesus como quem Ele realmente é, e àqueles que encontram em sua voz a fonte de puro prazer. **O amigo... alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já essa minha alegria está cumprida (29; cf. 16.24).**

Finalmente, todo o relacionamento é resumido na declaração de auto-anulação de João, feita no verdadeiro espírito de uma vida

santificada: **E necessário que ele cresça e que eu diminua (30).**

Alguns estudiosos concordam que o versículo 31 dá início aos comentários do autor sobre aquilo que havia acabado de ocorrer, ao passo que outros argumentam que esta seção (31-36) está fora de lugar e deveria ser colocada imediatamente depois do versículo 21. Lightfoot defende a atual localização desta passagem. Ele declara que ela é “um apêndice adequado para 3.22-30”.²³ Um bom exame do conteúdo desta seção dá sustentação a este ponto de vista. **Aquele que vem de cima é sobre todos, e Aquele que vem do céu é sobre todos (31).** Estas são frases que obviamente se referem a Jesus, ao passo que **aquele que vem da terra é da terra e fala da terra** claramente se refere a João. Então se segue uma descrição daquele **do céu que é sobre todos.**

Ele é, em primeiro lugar, uma Testemunha **daquilo que ele viu e ouviu (32).** “A mudança do tempo do verbo parece marcar um contraste entre aquilo que pertence à existência {*viu*, -H-raken) e a missão {*ouveiu*, -i-kousen, e não *tinha ouvido*) do Filho”.²⁴

O testemunho, rejeitado por alguns (32), foi recebido por outros (33). Qualquer pessoa que receba o “testemunho o sela, declarando que Deus é verdadeiro” (33, na versão NASB em inglês), “sentindo que aquele cuja Palavra é a verdade é completamente confiável e irá manter as suas promessas, por mais impossíveis que elas pareçam; testemunhando posteriormente que as experimentam, e que elas se mostraram verdadeiras na prática, declaram que Deus realmente expressa os seus planos e cumpre o que diz”.²⁵

Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus (34). Este é a Palavra viva (1.14), trazendo uma completa revelação de Deus (1.18). Existe uma tríplice razão para isto. 1. Quando Deus dá, Ele o faz espontaneamente e sem limites. “Pois não lhe dá Deus o Espírito por medida” (34; cf. 1.16; 4.10; 7.38-39). 2. **O Pai ama o Filho (35).** O dom espontâneo e completo daquele que encarnou é dado por amor (cf.

3.16). 3. A missão completa de redimir o homem tornou-se responsabilidade do Filho. Não foi estabelecido nenhum outro modo

de salvação. **O Pai... todas as coisas entregou nas suas mãos (35).**

Finalmente, o autor deixa a alternativa clara ao comparar a fé e a incredulidade com as suas conseqüências inevitáveis: a vida eterna e a ira de Deus. **Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida,**

mas a ira de Deus sobre ele permanece (36). A fé resulta na vida eterna, que é a posse atual daquele que acredita, pois o verbo **tem** está no presente (cf. 5.24; 6.47, 54; Rm 8.2-4). A expressão **aquele que não crê** pode ser traduzida como “aquele que não obedece”, ou ainda “quem desobedece”. O oposto da fé é, na verdade, a recusa a obedecer. Quando a fé é fraca ou defeituosa, é bom que se dê atenção à obediência. Quando uma pessoa obedece, a fé se torna uma conseqüência natural. Para aqueles que se recusam a obedecer, ou o fazem de forma negligente, existe a inevitável **ira de Deus**. Esta linguagem é um tanto surpreendente depois das elevadas expressões do amor de Deus pelo homem. Mas ela ressalta o fato de que o pecado mais grave do homem é a falta de fé, que é uma desobediência. O amor de Deus não seria mais do que uma fraca indulgência se Ele não fosse fiel à sua palavra e à sua santa natureza. Gossip se expressa bem, ao dizer:

... Cristo nunca é mais bondoso do que quando os seus olhos — quando Ele olha para nós — se mostram como chamas de fogo e Ele nos fala palavras terríveis; quando Ele não se mostra disposto a ser transigente para conosco, mas exige a obediência instantânea, aqui e agora, sob a pena de nos separarmos dele. Se não nos tivesse amado o suficiente para ser severo conosco, Ele teria perdido a nossa alma. Com temor e humildade precisamos agradecer a Deus, tanto pela sua ira quanto pela sua misericórdia.²⁶

3. A Nova Adoração (4.1-30)

Os versículos iniciais desta seção são uma transição cuidadosamente escrita, dando explicações sobre o trabalho e o caminho de Jesus. A seqüência é simples. **Os fariseus** tinham ouvido o que Jesus fazia e que batizava **mais discípulos do que João**. Quando o Senhor veio a saber disto, Ele deixou a Judéia e foi para a Galiléia (1,3; ver o mapa 1). Aqui há três pontos de interesse. Em primeiro lugar, são os fariseus que representam os judeus hostis; os saduceus ou herodianos

não são mencionados pelo nome no Evangelho de João. Em segundo lugar, não há indicação de que o autor desejasse descrever nenhum conhecimento sobrenatural por parte de Jesus. **O Senhor veio a saber** (1) indica simplesmente que os relatos da sua obra eram amplamente conhecidos. Em terceiro lugar, a observação entre parêntesis **ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos** (2) tinha a finalidade de corrigir os rumores (3.26; 4.1).

E era-lhe necessário passar por Samaria (4). O termo **necessário** expressa uma obrigação que pode ter uma dupla natureza. A rota mais curta entre a Judéia e a Galiléia era através de Samaria. Entretanto, devido à profunda animosidade entre os judeus e os samaritanos, muitos judeus que iam da Judéia para a Galiléia se encaminhavam pelo lado leste passando pelo Jordão, pelo norte através da Peréia, e novamente pelo Jordão até a Galiléia. Pode ter ocorrido que, para ganhar tempo, o Senhor Jesus tenha passado por dentro de Samaria. Entretanto, é mais provável que a necessidade expressa aqui esteja relacionada ao propósito e à missão do Senhor. Samaria, e especialmente a mulher samaritana, precisavam dEle.

Foi, pois, a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José. E estava ali a fonte de Jacó (5-6). Séculos de história são trazidos ao cenário (cf. Gn 33.19; 48.22; Js 24.32). O objetivo evidente é mostrar que os procedimentos antigos, identificados com Jacó e José, e até mesmo a fonte de Jacó, só adquirem significado e só se cumprem em Cristo Jesus. A maioria das autoridades concorda que **Sicar** é identificada como a atual aldeia de Askar, ao pé do monte Ebal. Ela está situada cerca de 800 metros ao norte da fonte de Jacó (ver o mapa 1).

Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isso quase à hora sexta (6). Da mesma maneira como é cuidadoso para mostrar a divindade de Jesus, João toma cuidado para destacar a sua perfeita humanidade. Jesus estava cansado da viagem e sentou-se (cf. 1.14; 19.28; Hb 4.15). A expressão **assentou-se** contém um advérbio que significa “desta maneira”, o que já provocou

várias interpretações. Uma é que esta história de Jesus e da samaritana foi contada muitas vezes. Quem a conta poderia demonstrar, ao chegar neste ponto, a postura de Jesus. **Jesus... assentou-se assim** — *i.e.*, desta maneira — **junto da fonte. Era isso quase à hora sexta** — *i.e.*, era quase meio-dia, sob o calor do dia e à hora do almoço (cf. 4.8).

a. A Água Velha e a Nova (4.7-15). A hora e o lugar estão claros. No palco, por assim dizer, está a Figura central, completamente Deus e completamente homem, aquele que conhece todos os homens (2.25). Para a fonte, vem **uma mulher de Samaria tirar água** (7). A mulher mal suspeitava que neste dia, enquanto estivesse envolvida com a cansativa rotina de carregar água, chegaria o maior tesouro da sua vida (cf. Mt 13.44). Ela nem sequer poderia imaginar que se tornaria a “evidência *B*” no Evangelho de João, exemplificando que Jesus realmente “sabia o que havia no homem” (2.25).

A palavra **água** introduz o tema do diálogo que vem a seguir, e no final se eleva para “significar a água da vida eterna” (cf. 1.33; 2.6-7; 3.5).²⁷ **Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber** (7). Neste supremo exemplo de testemunho pessoal, Jesus inicia a conversa em um ponto em que a mulher poderia entender, em alguma coisa em que ela já estivesse pensando.

Como para explicar por que Jesus pediu água somente para si mesmo, o autor inseriu uma observação explanatória sobre os discípulos que tinham ido à cidade comprar comida (8).

Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos)? (9). A resposta da mulher a Jesus foi natural, por causa da hostilidade histórica entre os judeus e os samaritanos, e também por causa de um choque contra a moralidade de costumes: o fato de Ele, um homem, pedir alguma gentileza a uma mulher estranha. A palavra original para **comunicar** “sugere as relações familiares, e não as de negócios”.²⁸

A resposta de Jesus à mulher afirmou a ignorância dela sobre a sua verdadeira natureza e, ao mesmo tempo, despertou nela uma profunda curiosidade. **Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva** (10). A palavra para **dom**, *dorea*, transmite a idéia de “presente gratuito”, ou seja, um presente incondicional (cf. 3.16). “*Dom* aqui é uma palavra régia, usada como uma referência aos favores de um rei ou de um homem rico. Ela é sempre aplicada ao dom do Espírito no livro de Atos”.²⁹ O próprio Senhor é como esse Dom! Mas a mulher não sabia disto. Se o soubesse, teria feito o pedido e Ele a atenderia. O que ela e todos os que pedem com fé poderiam receber é a **água viva**. Com que cuidado Jesus a levou de onde estava — pensando na água da fonte de Jacó — a um conceito mais elevado e satisfatório! A **Água viva** é aquela que é “perene, que jorra de uma fonte inesgotável, sempre fresca”.³⁰ Isto **ele... daria** a ela. Assim, a atenção dela é levada da água até Ele — o que o coloca em um contraste imediato com Jacó e com tudo o que está associado a ele. Como conseqüência, ocorre a pergunta dela: **Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? Es tu maior do que Jacó, o nosso pai? (11-12)**

O contraste entre a moda antiga, representada pela fonte de Jacó, e a nova, **a água que eu lhe der (14)**, é vivido e claro nas palavras de Jesus à mulher. A moda antiga, da lei, dos profetas e especificamente a ênfase da samaritana no Pentateuco não eram suficientes para satisfazer as necessidades mais profundas dos homens. **Qualquer que beber desta água tornará a ter sede** (13). A mulher samaritana sabia muito bem que Jesus estava falando a verdade a respeito dela. Não era apenas que ela vinha diariamente, durante anos, até a fonte de Jacó para buscar água; o verdadeiro problema era que durante toda a sua vida a sua religião não tinha matado a sede da sua alma enfraquecida. Muitas pessoas fazem tudo o que a sua religião exige, mas, não tendo nunca bebido daquele que é a Água Viva, sua vida não se modifica, e assim continuam secas e infrutíferas. A promessa que Jesus faz à mulher é universal: **Aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar**

para a vida eterna (14). Aqui está! O superlativo da vida oferecido a uma criatura pecadora, necessitada, ignorante. A forma exterior é substituída por uma nova fonte interior. Os tanques estagnados da alma são transformados em um poço que jorra água. A alma enfraquecida e morta do homem passa a participar da “vida eterna”. A mulher pouco entendeu sobre a importância dessa promessa. Ainda pensando em termos do seu monótono e morto mundo materialista, ela respondeu: **Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede e não venha aqui tirá-la (15).** Ela teve um vislumbre de luz. A expressão **para que não tenha mais sede** pode ter sido mais do que uma descrição de uma necessidade física de água.

b. A Vida Antiga e a Nova (4.16-30). De uma forma repentina e abrupta, Jesus muda o rumo da conversa. Ele passa do apelo e da promessa para a inquisição e para a ordem. Não se pode reivindicar os benefícios do evangelho, uma fonte de água e de vida eterna — sem satisfazer as exigências do evangelho, que são a confissão e o arrependimento. **Vai, chama o teu marido e vem cá (16).** A pergunta era aguda, atingindo o ponto mais profundo do seu ser, investigando a história do seu triste passado. A sua confissão foi simples e mesmo assim evasiva. Senhor, **Não tenho marido (17).** Refletindo perfeita-mente o conhecimento que Jesus tinha dos homens (2.25), esta solicitação penetrou nela de forma profunda. **Disseste bem: Não tenho marido, porque tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; isso disseste com verdade (17-18).**

Aparentemente, a mulher agora estava vivendo com um amante sem o benefício do rito do casamento, possivelmente sem ter se divorciado do último dos seus cinco maridos. Todas as evidências apontam para uma mulher de pouca moral cuja forma de religião não tinha sido capaz de libertá-la das cadeias dos maus costumes. Jesus reconheceu a sua admissão não como uma evasão, mas sim como uma confissão. Ele disse literalmente: “O que você disse é verdade”. Existe um antigo clichê que afirma que a verdade machuca. Seria melhor dizer “A verdade ajuda!” Nenhum homem jamais perdeu ao enfrentar as completas evidências da verdade (cf. 1.14, 19; 3.21; 4.24; 14.6).

Ela agora aclamava aquele que primeiro considerou ser apenas um

judeu (4.9). **Senhor, vejo que és profeta (19)**. “Esse tipo de conhecimento, e não meramente uma previsão, é a principal característica dos profetas”.³¹ Neste diálogo existe um excelente exemplo da progressão dos ensinamentos em estágios — a água (4.7), a água viva (4.10), uma fonte de água (4.14). Eles acompanham uma progressão na compreensão da natureza de Jesus — um judeu (4.9), um profeta (4.19), o Cristo (4.29) (cf. 9.11,17, 38).

Tendo admitido o conhecimento de Jesus a seu respeito, a mulher rapidamente mudou o assunto da conversa para um tema que seria mais seguro para ela, e ao mesmo tempo estaria no âmbito de um profeta. **Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar (20)**. Esta afirmação reflete um apelo à própria religião que ela professava. **Nossos pais adoraram neste monte**. Isto reflete também uma tentativa de usar as diversidades e as divisões dentro da religião. A expressão **e vós dizeis** funciona como uma desculpa para os seus próprios fracassos na vida. Este é um antigo padrão que é utilizado até mesmo em tempos modernos.

Neste monte. O Monte Gerizim tinha um papel significativo na tradição dos samaritanos. Aqui “Abraão preparou o sacrifício de Isaque, e aqui também... ele encontrou Melquisedeque... e no Pentateuco samaritano, Gerizim, e não Ebal, é a montanha onde se erigiu o altar (Dt 28.4)”.³²

A questão sobre onde adorar foi respondida pela clássica frase de Jesus sobre a natureza da verdadeira adoração, relacionada com a sua missão. A expressão **a hora vem (21,23)** deve ser interpretada em termos do seu completo sacrifício, que tornaria possível a verdadeira adoração (cf. 2.4; 7.30; 8.20; 12.23; 13.1; 17.1). **A hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai (21)**. Esta afirmação também está relacionada com a destruição dos próprios templos dedicados à adoração. O Templo de Jerusalém foi destruído em 70 d.C., e Hircano tinha destruído o templo dos samaritanos em Gerizim em 129 a.C.

Vós adorais o que não sabeis (22). Os samaritanos rejeitavam todo

o Antigo Testamento, exceto o Pentateuco. A avaliação de Jesus da inferioridade dos seus ritos e adoração se reflete no uso do termo neutro **o que**. O objeto da sua adoração era impessoal, pouco compreendido e vago, não apenas para a mulher, mas também para todos os da sua nação. Não existe uma adoração genuína baseada na ignorância ou no que não se conhece. Tais práticas levam ao fanatismo ou ao legalismo humanístico. Por outro lado, os judeus, com quem Jesus se identificava, são reconhecidos como o instrumento da revelação de Deus: **Nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus** (22).

Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem (23). Agora é o momento para que as antigas formas, limitadas em termos de lugar e de nação, sejam transformadas em uma adoração que é ao mesmo tempo pessoal, **em espírito**, e inteligente, **em verdade**. “Adorar *em espírito* significa que nós entregamos as nossas vontades à vontade de Deus, os nossos pensamentos e planos aos que Deus tem para nós e para o mundo... *Em verdade* significa que não estamos adorando uma “imagem” de Deus, feita segundo as nossas próprias idéias... somente Cristo nos apresentou ao Deus ‘verdadeiro’ ou real”.³³ A palavra-chave em toda esta idéia é **Pai**. Ele é o Objeto de adoração e aquele que procura os que o adoram em espírito e em verdade. “Quando Deus se revelar como o Pai universal... as limitações de espaço estarão acabadas e tanto o conhecimento quanto a adoração a Deus serão mediados por meios puramente espirituais”.³⁴ A natureza do objeto de adoração, **Deus é Espírito** (24; cf. 1 Jo 1.5; 4.8), determina as condições necessárias para a adoração. **Importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade** (24).

A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo (25). A expectativa messiânica samaritana não se baseava na grande riqueza de predições dos profetas, porque eles só aceitavam o Pentateuco. As esperanças deles provavelmente se baseavam em Escrituras como Gênesis 3.15 e Deuteronômio 18.15. A menção que a mulher faz do

Messias, “O Ungido”, abriu a porta para a grande auto-revelação de Jesus. **Eu o sou, eu que falo contigo** (26), ou, literalmente, “Eu sou, este que está falando com você”. Esta é a primeira ocorrência da expressão “Eu sou”, que Jesus usa muitas vezes no Evangelho de João para revelar a sua verdadeira natureza. Algumas delas são afirmações diretas como esta (*e.g.*, 6.20; 8.24, 58). Outras aparecem metaforicamente (*e.g.*, 6.35; 8.12; 14.6). A expressão, em uma ou outra forma, aparece 27 vezes no Evangelho de João. A forma em grego é *ego eimi*, e é a primeira pessoa do singular, no presente do indicativo do verbo *eimi*, que transmite a idéia da existência essencial ou do ser. A existência pessoal é intensificada pelo uso do pronome pessoal da primeira pessoa do singular, *ego*. Isto assume um tremendo significado quando comparado com a auto-revelação de Deus para Moisés como “Eu sou” (Êx 3.14). Jesus estava dizendo para aquela samaritana: “Este que está falando com você é o ‘Eu sou’, o próprio Deus!” Assim terminou a conversa, e adequadamente, porque já não havia nada mais a dizer. O próprio Deus havia falado.

E nisso vieram os seus discípulos e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela? (27) A surpresa dos discípulos não teve como causa a nacionalidade da mulher nem o seu caráter, porque eles nada sabiam sobre o seu passado. Eles se surpreenderam porque Jesus estava falando com uma mulher. “Um homem não deveria ter uma conversa com uma mulher na rua, nem mesmo com a sua própria esposa, menos ainda com qualquer outra mulher, para que os homens não o caluniassem”.³⁵ Os discípulos não fizeram perguntas. Não há necessidade de fazer perguntas a alguém em quem se confia.

A conversa terminara, mas para esta mulher uma nova vida havia começado. A nova vida era marcada por três coisas. A primeira era o abandono da vida antiga, uma religião sem significado, uma sede nunca satisfeita — ela **deixou... o seu cântaro** (28). Ela já não precisava mais dele, porque agora tinha dentro de si uma inesgotável fonte de água (4.14). A segunda, o seu testemunho era pessoal e produtivo. Ela disse aos homens da cidade: **Vinde e vede um**

homem que me disse tudo quanto tenho feito... Saíram, pois, da cidade e foram ter com ele (29-30; cf. 39,42). Finalmente, a pergunta que ela fez aos seus ouvintes era uma mostra da sua própria surpresa e de sua ligeira dúvida — “Não é este o Cristo?” (4.29). A pergunta também serviu para levantar uma importante questão na mente dos homens da aldeia.

O fato de a mulher ter deixado o seu cântaro na fonte sugere que ela deixou todo o seu antigo modo de vida. Uma mensagem intitulada “Abandonando a vida antiga” pode-ria ser estruturada sobre três idéias: 1. Uma nova fonte de alegria e de vida (14); 2. Uma nova testemunha (29-31); 3. Da desgraça moral à vida produtiva (18,39-42).

4. Os Novos Campos de Colheita (4.31-42)

A conversa entre Jesus e a samaritana começou com a sede física e terminou com a dádiva da água da vida. Então, aqui o apetite físico — **Rabi, come** (31) — fornece a oportunidade para ensinar os discípulos sobre a verdadeira satisfação das necessidades mais profundas da vida. **Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.... A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra** (32, 34). Para que o Filho cumpra a sua missão, Ele precisa obter força do Pai, que o enviou (cf. 5.19,26; 6.57; 8.29). Esta comida divina, com a qual o Filho vive, tem uma dupla natureza. Primeiramente, é **fazer a vontade daquele que... enviou** o Filho (cf. SI 40.8; Hb 10.7-10). É evidente que a vontade de Deus é prover e convocar os homens para uma vida santificada (1 Ts 4.3). Em segundo lugar, é a vontade de Deus que o Filho “realize a sua obra” (34, tradução literal; cf. 17;4). “A sua missão é não somente a de ensinar ou de ‘anunciar’, mas a de realizar a obra da salvação do homem; i.e.,... de realizar a transformação de água em vinho, de erigir o novo templo, de trazer (por meio da sua vinda e ascensão) a possibilidade do nascimento +k pne+matoò, de dar a água viva que jorra para a vida eterna — em uma palavra, de abrir para a humanidade uma vida verdadeiramente espiritual ou divina”.³⁶

Realizar a sua obra necessariamente envolve olhar a tarefa de uma forma atenciosa e realista. Uma mulher samaritana tinha vindo, mas

lá fora estão as **terras que já estão brancas para a ceifa** (35). A nação como um todo estava necessitando da dádiva da vida eterna, e já estava pronta para ela. Postergá-la ou atrasá-la intencionalmente é algo fora da realidade. **“Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa?”** A hora é agora! Se esta geração deve receber o evangelho, esta geração deve levá-lo até o povo.

Se deve haver uma colheita, também deve haver a sementeira, assim como a ceifa, e ambas envolvem um trabalho árduo. Aquele que semeia vê a promessa do final no começo; aquele que ceifa percebe os resultados do começo no final. Então ambos **se regozijam** (36), pois o fruto do seu trabalho mútuo é **a vida eterna** (36). “Não há necessidade de falar, neste contexto, de um antes e um depois, deste homem ou daquele, pois todo o trabalho parecerá um só” (cf. 17.20-23).³⁷ Embora exista uma divisão de trabalho — **um é o que semeia, e outro, o que ceifa** (37) — há uma unidade, pois o produto final é um só. **Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho** (38). “Todos, sendo ceifeiros, merecem a recompensa que estão recebendo, a partir do trabalho de outros”.³⁸

O perfeito exemplo da seara é encontrado naquilo que aconteceu em Samaria. A mulher testemunhou: **Disse-me tudo quanto tenho feito** (39), com o resultado de que **muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele pela** (lit., “por causa da”) **palavra da mulher** (39). A sementeira, um testemunho pessoal, produziu frutos, a fé nele. Tal foi o impacto do testemunho da mulher que os samaritanos vieram ver Jesus, e **rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias** (40).

Por mais importante que o testemunho seja quando procuramos trazer as pessoas a Cristo, ele é, em última análise, apenas um meio de se atingir este objetivo. Cada homem tem de chegar a sua própria confrontação final sobre onde se baseia a sua fé, não no que outra pessoa disse, mas em Cristo e na sua Palavra eterna. Assim foi com estes homens. **E muitos mais creram nele, por causa da sua palavra. E diziam à mulher: Já não é pelo que disseste que nós**

cremos, porque nós mesmos o temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo (41-42). O que aconteceu aqui foi, ao mesmo tempo, intensamente pessoal — **nós cremos... nós mesmos o temos ouvido... sabemos** — e caracterizado pela destruição das barreiras do nacionalismo e do sectarismo religioso. Eles reconheceram a este em quem creram como sendo **o Salvador do mundo** (42), não apenas um Messias para os samaritanos. O primeiro e o último pensamento daquele que crê em Cristo é a missão com alcance mundial.

5. Um Novo Nível de Fé (4.43-54)

Dois dias depois, partiu dali e foi para a Galiléia (43). Os **dois dias** se referem a sua estada em Samaria (40), e **dali** a sua saída de Samaria. **Porque Jesus mesmo testificou que um profeta não tem honra na sua própria pátria** (44). A **sua própria pátria** foi interpretada com o seguinte significado: 1. A Galiléia em geral; 2. Nazaré; 3. Abaixa Galiléia, não incluindo Cafarnaum; 4. A Judéia. Os três primeiros parecem significados improváveis em João, à luz de 1.11 e 7.41-42. A Judéia parece ser o significado mais provável. Westcott escreve: “O Senhor não tinha sido recebido com a devida honra em Jerusalém. A sua reivindicação messiânica não tinha sido bem-vinda. Ele não confiava a si mesmo os judeus dali, e foi forçado a partir. Se muitos o seguiram, podemos estar certos de que não eram os representantes do povo, e a sua fé repousava nos milagres”.⁸⁹

Em contraste com esta resposta artificial e a rejeição final na Judéia, estava a recepção de braços abertos no Norte. **Os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que fizera em Jerusalém no dia da festa; porque também eles tinham ido à festa** (45).

Ao apresentar o cenário do acontecimento que será descrito, o autor faz menção do primeiro milagre que Jesus realizou em **Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho** (46). Isto parece ser um convite para comparar os dois milagres, e eles realmente têm semelhanças intrigantes. Ali (2.1-11), o relato está centrado na água que se torna vinho; aqui (49) o quase morto volta à vida. Ali é a fé da

mãe de Jesus que consegue o milagre; aqui, é a fé do oficial. Os dois acontecimentos passam da tristeza para a alegria, e se tornam a razão para que os outros creiam — ali, os discípulos (2.11), aqui o oficial **e toda a sua casa (53)**.

E havia ali um oficial do rei, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum (46). Segundo Arndt e Gingrich, a palavra traduzida como **oficial** poderia se referir a “um parente da família real (de Herodes)”, mas provavelmente se refere a “um oficial real”.⁴⁰

As narrativas dos milagres de Jesus em Jerusalém (2.23) tinham evidentemente chegado antes dele à Galiléia, e o primeiro milagre em Caná sem dúvida fora o assunto de muitas conversas em Cafarnaum, que ficava a somente 24 quilômetros (ver o mapa 1). Assim, este oficial, **ouvindo... que Jesus vinha da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e rogou-lhe que descesse e curasse o seu filho, porque já estava à morte (47)**. A palavra traduzida como **foi** significa literalmente “ele se foi”, indicando que o pai deixou o filho, doente como estava, para ir fazer o seu pedido a Jesus. O verbo **rogou** está no imperfeito no texto grego, indicando um pedido repetido e continuado.

A resposta de Jesus, embora aparentemente uma recusa, na realidade era um teste para a fé do oficial. **Se não virdes sinais e milagres, não creereis (48)**. Esta é uma questão inquisitiva. Os sinais e milagres são o motivo ou o resultado da fé? Este acontecimento espetacular, o milagre, é a experiência estática de uma coisa a ser buscada por si mesma? E o produto de uma fé dinâmica e devidamente embasada, ou é a porta aberta para ela? Ou seja, a fé nele e na sua Palavra? Em João, a palavra **milagres** aparece somente aqui. As duas palavras, **sinais e milagres**, combinadas “assinalam os dois principais aspectos do milagre: o aspecto espiritual, pois sugerem alguma verdade mais profunda do que aquela que o olho vê, para o qual eles são, de alguma maneira, símbolos e garantias; e o aspecto externo, pois a sua estranheza arrebatava a atenção”.⁴¹

O apelo renovado do oficial baseou-se na questão da vida e da morte. Ele não estava preparado para entrar em uma discussão teológica

quando a sua necessidade imediata parecia tão grande. **Senhor, desce, antes que meu filho morra** (49). A resposta de Jesus foi um teste ainda maior à fé do homem. **Vai, o teu filho vive** (50). O oficial viera buscar Jesus (47,49); agora tudo o que ele obtinha era a promessa de vida para o seu filho. Ele poderia crer, não tendo visto? (cf. 20.29). E possível confiar na Palavra de Deus sem hesitação? Este homem fez isso! **E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse e foi-se** (50). A sua fé sem hesitação é enfatizada pelo tempo do verbo ser, **foi-se**, que poderia ser traduzido literalmente como “ele tomou o seu caminho”.

Os versículos 51-53 são uma espécie de epílogo para certificar o que já havia sido realizado. O relato dos servos para o oficial: **O teu filho vive** (51) aparece nos melhores manuscritos como um discurso indireto — literalmente “que o seu filho estava vivo”. O que Jesus havia prometido se cumprira com exatidão! Assim como o teste para a fé do oficial foi feito uma segunda vez, assim também a certificação foi assegurada, sem quaisquer dúvidas. A pergunta do pai sobre a **hora** em que o filho **se achara melhor** (52) revela o fato de que **era aquela hora a mesma em que Jesus lhe disse: O teu filho vive** (53). O que tinha sido a crença na promessa específica de Jesus (50) agora adquire um aspecto mais profundo e amplo da fé pessoal. **E creu ele, e toda a sua casa** (53).

Jesus fez este segundo milagre [sinal] quando ia da Judéia para a Galiléia

(54). A observação da série de sinais em Caná da Galiléia serve para marcar as visitas de Jesus ali, que estão relacionadas e intercaladas com viagens a Jerusalém (cf. 2.11,13; 4.3).

Em 4.46-54, encontramos: 1. O nosso Senhor lamentando uma fé inadequada (46-48); 2. O nosso Senhor testando, e conseqüentemente fortalecendo, uma fé crescente (49-50); 3. Cristo ausente recompensando uma fé que fora testada (51-53). (Alexander Maclaren)

6. O Novo Caminhar (5.1-47)

a. O Sinal e sua Consequência (5.1-18). Em sua visita anterior a Jerusalém (2.13-22), Jesus encontrara a oposição e hostilidade dos judeus. Agora, a sua segunda visita fornece a oportunidade para o começo da controvérsia sobre o sábado, que resulta em uma discussão, na hostilidade dos judeus e na rejeição final, tendo como auge o calvário. “Em todo este Evangelho, quanto maior a sua obra pelos homens, maior é o preço que Ele tem de pagar, e maior é a manifestação da sua glória”.⁴² A sua visita anterior tinha sido na época da Páscoa (2.13); agora, a viagem de Jesus a Jerusalém deveu-se a uma festa não identificada pelo nome. **Depois disso, havia uma festa entre os judeus, e Jesus subiu a Jerusalém** (1; cf. 6.4; 7.37; 13.1).

O cenário do episódio está descrito nos seguintes aspectos: lugar, época, nome, pessoas e tradição. O lugar é Jerusalém, em um tanque **próximo à Porta das Ovelhas** (“Portão”, em algumas versões, no v. 2). A época é **uma festa entre os judeus** (1). Estes dois fatos fornecem um cenário de simbolismo que está de acordo com outros cenários de milagres de Jesus (cf. 2.6,13; 3.5; 4.13-14; 6.4; 9.7). O nome do lugar aparece nos textos com grafias variadas, e com conseqüentes significados diferentes. Algumas das grafias são: **Betesda**, “casa de misericórdia”; Betezata (em algumas versões), “casa da oliveira”, confirmada por bons manuscritos e aceita de maneira geral; e Betsaida, “casa da pesca”, um nome aparentemente inadequado para um lugar em Jerusalém.⁴³ O tanque é descrito tendo **cinco alpendres onde jazia grande multidão de enfermos: cegos, coxos e paralíticos** (2-3). Os melhores manuscritos não incluem a última parte do versículo 3, e nenhuma parte do versículo 4; por isso, essas partes não são encontradas em algumas traduções modernas. A maioria dos estudiosos concorda que elas possam representar uma adição posterior, provavelmente de acordo com a tradição judaica. Alguns copistas acrescentaram estas explicações para deixar claro o motivo por que os doentes ali estavam, e para explicar o significado do versículo 7. Toda a cena — o tanque, a multidão de enfermos — é de miséria, desapontamento e fracasso.

E estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, se achava

enfermo (5). A maneira de apresentar o personagem central no episódio é característica de João (cf. 3.1; 4.7). Adicionalmente, este homem é apresentado como um representante de todos os homens. **Um homem**, sem nome, certamente, mas ainda assim descrevendo algo sobre todos os homens — a total incapacidade de ajudar a si mesmo. Assim, este relato se toma a “evidência C” daquilo que Jesus conhece sobre os homens (cf. 2.25, Nicodemos; 4.7, a mulher samaritana). O homem é descrito como alguém que **havia trinta e oito anos se achava enfermo**. A menção a este período foi interpretada por alguns como uma referência ao período do castigo dos israelitas no deserto (Dt 2.14). Porém é mais provável que tenha sido adicionado “simplesmente para assinalar a longa permanência da doença” (cf. 9.1) [44],

Jesus, vendo este deitado e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? (6) A compaixão de Jesus e o seu conhecimento das necessidades mais profundas do homem (cf. 5.14) uniram-se para produzir esta pergunta. A primeira vista, isto parece um pouco tolo. Claro que o homem queria ficar bem, caso contrário não estaria no tanque, uma fonte de cura. Mas Jesus sabia que as pessoas acabavam se acostumando a uma vida de desgraça e infelicidade, perdendo a vontade de responder a uma adequada fonte de ajuda. Assim, esta era sem dúvida uma boa pergunta!

O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me eoloque no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes

de mim (7). Que situação! Ele não tinha amigos — **não tenho homem**. Ele estava **enfermo**, incapaz de ajudar a si mesmo, embora lutasse — **enquanto eu vou**. Não é que ele tivesse perdido a vontade; ele ainda não tinha chegado à fonte correta, ou melhor, a fonte correta de ajuda ainda não tinha chegado até ele. Aqui está retratada, na imagem do tanque, a inadequação da lei (judaísmo) para satisfazer as verdadeiras necessidades do homem. As lutas mais intensas do homem não podem salvá-lo da paralisia do pecado.

Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma tua cama e anda (8). Toma a tua cama significa “apanhe a sua esteira” (Berk). Três imperativos em seqüência! E cada um deles é uma ordem absurda para um parálítico. É fácil imaginar como o enfermo deve ter se sentido. Durante 38 anos, como vítima desta doença, ele só tinha sido capaz de mover-se com grande dificuldade. E agora deve levantar-se, apanhar a sua cama e andar. Impossível? Sim, era impossível a partir de um ponto de vista puramente humano. Mas para Jesus este homem era o objeto da sua compaixão, e a sua ordem significa que o Senhor lhe concedia a capacitação. Lutando pela libertação, o homem viu um brilho de esperança e acreditou em Jesus e na sua Palavra.

Logo, aquele homem ficou são, e tomou a sua cama, e partiu (9). A cura foi imediata e completa, como indica o tempo aoristo do verbo (**ficou**). A resposta obediente do homem à ordem de Jesus foi a oportunidade para a sua cura. Tudo o que Jesus pediu, o homem obedientemente realizou: **Levanta-te**, ele se levantou (por implicação); **toma tua cama** (aoristo), ele **tomou a sua cama** (aoristo); **anda** (presente); ele **partiu** (imperfeito, melhor traduzido como “estava andando”). O uso do aoristo indica que a vida antiga, que o tinha afligido durante 38 anos, já não tinha mais nenhum domínio sobre ele (cf. Rm 6.14). O caminhar, retratado pelo imperativo presente (8) e pelo imperfeito do indicativo (9) seria a nova maneira de uma vida contínua e habitual. •

E aquele dia era sábado (9). Esta observação é importante, porque assinala o começo de uma controvérsia longa, firme e cada vez mais aguda sobre o relacionamento de Jesus com a lei e com os judeus (cf. 5.16; 7.23; 8.5; 9.14).

Então, os judeus disseram àquele que tinha sido curado: E sábado, não te é lícito levar a cama (10). A **cama** (esteira) era um tipo de esteira leve e flexível usada pelas pessoas pobres. Podia ser enrolada e facilmente carregada, mas mesmo assim não deveria ser carregada em um sábado (cf. Ne 13.19; Jr 17.21). De acordo com o Mishnah, trinta e nove tipos de trabalho eram proibidos no sábado.⁴⁶

A tendência humana de atribuir a culpa a outra pessoa se reflete na

resposta do homem aos judeus: **Aquele que me curou, ele próprio disse: Toma a tua cama e anda** (11). Mas mesmo que o homem curado tivesse a tendência de transferir a culpa por uma transgressão à lei do sábado, ele também deu um testemunho claro sobre o que sabia — ele fora curado. A experiência do homem com Jesus foi inequívoca — Ele **me curou**. Os judeus continuaram com a sua inquisição. **Quem é o homem que te disse: Toma a tua cama e anda?** (12) Eles não podiam ter certeza de que este responsável pelo desrespeito ao sábado podia ser o Senhor do sábado; assim, perguntaram, **Quem é o homem?** (cf. 9.11,24)

Aqui o autor acrescenta uma observação explanatória. **E o que fora curado não sabia quem era, porque Jesus se havia retirado** (literalmente “mover a cabeça para o lado, para evitar um golpe”)⁴⁶ **em razão de naquele lugar haver grande multidão**

(13). Jesus simplesmente misturou-se com a multidão e se retirou. Ainda não era chegada a sua hora, quando Ele traria às últimas conseqüências o conflito entre o velho e o novo. Mas havia um ponto de conflito, um assunto importante que tinha de ser trazido à tona. Era o relacionamento entre o homem curado e Jesus. Assim, **depois, Jesus encontrou-o no templo e disse-lhe: Eis que já estás são; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior** (14). O Senhor que sempre procura (cf. Lc 15.3-10) **encontrou-o**. Pelo menos, o homem não tinha voltado ao seu antigo lugar, o tanque. Ao invés disso, ele estava **no templo**, possivelmente dando graças pela sua restauração. Jesus primeiramente lembrou-o daquilo que ele agora sabia tão bem: **já estás são**, e então passou para o grande imperativo: **não peques mais** (no tempo presente, literalmente “não continue a pecar”). Precisamos recordar: 1. Foi Jesus quem deu a ordem; 2. Ele capacita as pessoas a fazerem aquilo que Ele ordena; 3. Ele não pediria a uma pessoa algo que não pedisse a todas; 4. Viver acima do pecado é o plano de Deus para os homens. A última parte da frase de Jesus reflete duas coisas. A primeira é que parece que os 38 anos da enfermidade tinham sido o resultado da própria tolice e do pecado do homem, sem implicar que este seja o caso em todas as doenças (cf. 9.3). A segunda é que há uma indicação de um elemento

de juízo (cf. 3.18-19; 5.22-29).

Um estudo sob o título “O Poder de Deus Encontra a Impotência do Homem” poderia ter três partes: 1. A impotência do homem (8); 2. A ordem de Deus é a capacitação do homem (8-9,14); 3. A fé obediente é a chave (9,14).

Depois disso, o homem tomou a iniciativa, voltou aos judeus e contou-lhes **que Jesus era o que o curara** (15; cf. 9.35-38; Rm 10.9). A confissão do homem aos judeus precipitou uma crise contínua. **E, por essa causa, os judeus perseguiram Jesus e procuravam matá-lo, porque fazia essas coisas no sábado** (16). A primeira frase poderia ser traduzida como “Os judeus costumavam perseguir, ou estavam perseguindo Jesus”, indicando que este era um padrão de comportamento contínuo. Isto está de acordo com o tempo do verbo na última frase, que poderia ser lido como “Ele [Jesus] costumava fazer, ou continuamente fazia, estas coisas no sábado”. Evidentemente houve muitos outros “desrespeitos ao sábado” nos milagres de Jesus, os quais não estão registrados (cf. 20.30).

A resposta de Jesus aos judeus foi como um combustível para as chamadas. Ele disse: **Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também** (17). Todo o problema da discussão anterior tinha sido o trabalho no sábado. Agora, deixava Jesus implícito que não era somente uma questão da sua própria atividade no sábado, mas também da atividade do seu Pai? O trabalho deles é único (19); portanto, o que é atributo de um pertence também ao outro. “O descanso do Pai no sábado, corretamente entendido, é a atividade desimpedida do amor, para que nas obras de misericórdia realizadas no sábado o trabalho do Pai e do Filho seja um só”.⁴⁷

Uma afirmação desse tipo, vinda de Jesus, forneceu o terreno para que acusação mais grave lhe fosse feita. **Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus** (18). “Colocando os seus atos no mesmo nível dos atos de Deus”, Ele estava **fazendo-se igual a Deus**.⁴⁸ Tal reivindicação levantou sérias questões na mente dos judeus, que se

dedicavam à crença e à defesa de um rigoroso monoteísmo. Assim, em um sentido bastante profundo, o ensino de Jesus que se segue (5.19-47) é uma defesa completa do monoteísmo cristão, em que o Pai e o Filho são um só.

b. A Relação do Pai com o Filho (5.19-24). Este parágrafo cuidadosamente explicado provavelmente foi endereçado a um público pequeno e educado, talvez até mesmo ao Sinédrio.⁴⁹ O centro da questão é **que todos honrem o Filho, como honram o Pai (23)**. Para chegar a esta conclusão, Jesus apresentou quatro etapas, cada uma iniciada pela palavra **porque**. Primeiramente, o Filho, em toda a sua atividade e obra é completamente dependente do Pai, **porque tudo quanto ele [o Pai] faz, o Filho o faz igualmente (19)**. Em segundo lugar, a união deve-se ao amor e à perfeita confiança; o fruto da união é **maiores obras. Porque o Pai ama ao Filho e mostra-lhe tudo o que faz; e ele lhe mostrará maiores obras do que estas, para que vos maravilheis (20)**. Ou seja, Deus mostraria obras ainda maiores por meio de Cristo, para que os descrentes pudessem se maravilhar. Em terceiro lugar, a unidade é evidente na grande questão da vida e da morte. **Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer (21)**. Evidências deste tipo de avivamento são vistas no ensino de Jesus a Nicodemos (3.3), aqui, nos versículos 24,26, na figura do pão (6.27), e mais especificamente na cena da morte e ressurreição no túmulo de Lázaro (11.25-26; cf. 1.4; 3.36). E, finalmente, por ser **o Filho do Homem (27)**, a prerrogativa do juízo lhe foi dada pelo Pai. **E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo (22; cf. 5.30; 8.16)**. E Ele fez isto **para que todos honrem o Filho, como honram o Pai (23)**. “Positivamente, o trabalho de Cristo é trazer a vida e a luz; negativamente, ele resulta no juízo sobre aqueles que recusam a vida e se afastam da luz”.⁵⁰

O Filho é totalmente dependente do Pai, e assim está unido a Ele pelo laço perfeito do amor e da confiança, para que as questões da vida, da morte e do juízo tenham uma solução perfeita. O Filho merece a mesma honra que o Pai. Na verdade, a unidade é tão perfeita que

quem não honra o Filho não honra o Pai, que o enviou (23).

Estas profundas ponderações teológicas são seguidas por um apelo caloroso e pessoal: **Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna (24).** Os três verbos estão no presente: ouve, crê, tem, todos apresentam uma realidade presente. A vida eterna começa quando se ouve e se crê (cf. 20.31). Além disso, devido à união descrita acima, crer no Pai, que enviou o Filho, é equivalente a crer no Filho (cf. 3.16; 6.29).

c. *A Relação do Filho do Homem (5.25-29).* A afirmação **Em verdade, em verdade vos digo (25)**, “citada neste Evangelho, sempre introduz uma afirmação majestosa” (cf. 1.51).⁵¹ Realmente, é uma afirmação majestosa, pois **vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão (25).** “A nova aliança está penetrando na antiga” (cf. 4.23).⁵² Aqueles que estão espiritualmente mortos ouvirão, e aqueles que responderem com fé viverão (cf. 5.21,24). O que eles ouvem, **a voz do Filho de Deus**, é a Palavra falada, a completa revelação e consumação do resgate de Deus dos homens que estão mortos nas transgressões e no pecado.

Este resgate do homem só é possível por causa da unidade de ação entre o Pai e o Filho. **Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo (26).** E por causa desta unidade tão evidente nas obras do

Filho encarnado que o Pai **deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do**

Homem (27). Em vista de o artigo definido no original não acompanhar os dois substantivos em **Filho do Homem** (na tradução literal), é evidente que “a prerrogativa do juízo está ligada à verdadeira humanidade de Cristo *{Filho do Homem}* e não ao fato de Ele ser o representante da humanidade (*O Filho de Homem*)”.⁵³

As idéias de vida e de juízo na nova aliança (25) agora são levadas um

pouco mais adiante. **Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação** (ou “juízo”; 28-29). **Vem a hora**, *i.e.*, não a época atual com a promessa e a realização da vida espiritual (cf. 5.25), mas a época em que **todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz**. Aqui, o homem responde, **sairão** — não porque ele queira ou porque creia, mas porque Deus o chamou para um balanço, “segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal” (2 Co 5.10). “A concepção cristã é que os homens são responsáveis pelas obras feitas na carne. A exclusão da carne na morte não significa o abandono do lado mau da natureza humana, enquanto a alma é salva”.⁶⁴

d. O Testemunho do Filho (5.30-47). Até aqui (5.19-29), a discussão nos mostrou: 1. que o Filho é dependente do Pai em uma unidade dinâmica; e 2. que o homem precisa encontrar a vida no Filho se deseja viver agora (5.24) e no futuro (5.29). Isto foi descrito por alguns como o testemunho do Pai em relação ao Filho. Assim, o Filho não procura a sua própria vontade, **mas a vontade do Pai**, que o enviou (30). E é por causa disto que o seu **juízo é justo**. Se somente Ele fosse dar testemunho de si mesmo, seu testemunho não seria verdadeiro (31)⁵⁶ — *i.e.*, “admissível como uma evidência legal” (versão NASB em inglês, marg.).

Outro testemunho para o Filho é aquele dado por João Batista. **E sei que o testemunho que ele dá de mim é verdadeiro** (32). Jesus lembra os seus ouvintes do questionamento anterior de João, e de sua resposta. **Vós mandastes a João, e ele deu testemunho da verdade** (33; cf. 1.15,19,27,32). Mas, por mais claro e certo que fosse o testemunho de João, não foi o seu testemunho para o Filho o que certificou o relacionamento do Filho com o Pai. **Eu, porém, não recebo testemunho de homem** (34). Antes, Jesus estava fazendo aos seus ouvintes todos os apelos possíveis, para lhes trazer a salvação — **mas digo isso** (cf. 24), **para que vos salveis** (34). **Ele [João] era a candeia que ardia e alumia; e vós quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz** (35). A

palavra **era** reflete a admissão de Jesus da prisão ou da morte de João. A última frase lembra os seus ouvintes da atitude hesitante deles em relação a João, primeiro aceitando-o e depois voltando-se contra ele, quando a sua solicitação de arrependimento tornou-se altamente inconveniente para eles.

Outro testemunho, **maior... do que o de João**, é o testemunho das obras: **porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço testificam de mim, de que o Pai me enviou** (36; cf. 10.25). Por **obras** se entende “toda a manifestação externa da atividade de Cristo, tanto aqueles atos que chamamos de sobrenaturais quanto aqueles ditos naturais. Todos são realizados para o cumprimento de um plano e por um único poder”.⁶⁶ A rejeição das obras de Jesus, que no plano incluíam a cruz, era uma rejeição não apenas do testemunho do Pai (37), mas também do Filho, **porque naquele que ele [o Pai] enviou não credes vós** (38).

O testemunho final do Filho, para o qual Jesus chama a atenção dos seus ouvintes, é o testemunho das Escrituras. **Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna** (39). O verbo inicial pode ser tanto imperativo quando indicativo, mas o indicativo parece fazer um sentido melhor neste contexto. Seria, literalmente, “Vocês estão examinando as Escrituras, porque nelas acham que terão a vida eterna”.

Nesta seção (39-47), as Escrituras são descritas: 1. Como um testemunho do Filho — **são elas que de mim testificam** (39); 2. Como o que acusa os ouvintes sem fé — **Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais. Porque, se vós crésseis em Moisés, crerieis em mim, porque de mim escreveu ele** (45-46). O Filho, de quem as Escrituras dão testemunho (39), é visto como: 1. A fonte da vida (40); 2. Aquele que vem em nome do Pai (43) e não recebe glória dos homens (41). Contra este cenário, os ouvintes, os judeus (ver o comentário sobre 5.19-24), são descritos em uma linguagem vivida. Apesar de lerem muito as Escrituras, eles se recusam a vir a Jesus, a verdadeira Fonte de vida (40); não amam a Deus (42); são capazes de aceitar impostores (43); têm uma escala de

valores errada (44); e, ironicamente, nem mesmo acreditam nas Escrituras que estão continuamente analisando (38,46).

O versículo 41 parece significar que Cristo não procurava a glória (grego) dos homens. Mas Ele sabia que se eles tivessem **o amor de Deus** (42), eles lhe dariam a glória.

D. O Novo Pão, 6.1-71

1. O *Sinal dos Pães* (6.1-14)

Depois disso, partiu Jesus para o outro lado do mar da Galiléia, que é o de Tiberíades (1, ver o mapa 1). Novamente a cena passa de Jerusalém (5.1-2) para a Galiléia, onde Ele foi agora, pela terceira vez (2.1; 4.3). A expressão **depois disso** é característica de João, e aqui ela resume o que havia acontecido recentemente em Jerusalém. A estada de Jesus na Galiléia desta vez fora mais longa, evidentemente por causa da oposição que Ele havia encontrado em Jerusalém (5.16; 7.1). O uso de [mar de] **Tiberíades** é peculiar de João (6.23; 21.1). Este foi um nome posterior que começou a ser usado depois da fundação da cidade de Tiberíades, na costa oeste do mar da Galiléia, por Herodes Antipas (aprox. 25 d.C.).

E grande multidão o seguia, porque via os sinais que operava sobre os enfermos (2). Os verbos **seguia** e **operava** estão no tempo imperfeito em grego. Eles poderiam ser assim traduzidos, respectivamente: “estava continuamente seguindo” e “estava continuamente operando”. A atividade de cura de Jesus regularmente atraía as multidões da Galiléia.

E Jesus subiu ao monte e assentou-se ali com os seus discípulos (3). Esta frase, junto com a afirmação no versículo 1, e comparada com Lucas 9.10, indica que o lugar estava próximo a Betsaida Júlia, na costa nordeste do mar da Galiléia. Por **monte** “se entende um planalto mais alto que o lago, e não um cume em particular”.⁵⁷

E a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima (4). Esta é uma

afirmação surpreendente, porque a Galiléia está longe de Jerusalém, onde a Páscoa era tradicionalmente celebrada. A melhor explicação parece ser que o autor chama a atenção para esta principal festa dos judeus, com a finalidade de colocar o judaísmo em um nítido contraste com o que Jesus diz à mesma multidão em Cafarnaum (6.24,59). Muito do que o nosso Senhor disse ali tinha uma natureza altamente sacramental (*e.g.*, 53). O velho pão (o maná, 31) e tudo o que ele representa (o judaísmo, a lei) são inadequados para a verdadeira necessidade de vida eterna do homem, enquanto Jesus proclama que Ele mesmo é “o pão que desceu do céu” (41), o “pão da vida” (48).

Este é o único milagre de Jesus que está registrado nos quatro Evangelhos (cf. Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Lc 9.10-17). **Então, Jesus, levantando os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão, para estes comerem?** (5) O registro aqui não menciona o fato de que Jesus tivesse compaixão da multidão (cf. Mt 14.14; Mc 6.34). Ao contrário, a sua vinda é a oportunidade para que Filipe seja posto à prova. **Mas dizia isso para o experimentar** (6). A observação de João — **porque ele bem sabia o que havia de fazer** — é típica. “Em todo o seu Evangelho, o evangelista fala como alguém que tem um íntimo conhecimento da mente do Senhor”.⁵⁸

A resposta de Filipe, **Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão, para que cada um deles tome um pouco** (7) lida com o problema “a nível do mercado”.⁵⁹ **Dinheiros** significa literalmente “denários”, que eram as moedas de prata romanas, com valor aproximado de dezoito a vinte centavos de dólar americano, “um salário médio de um dia de trabalho de um operário”.⁶⁰ Então ainda permanece a pergunta: “De onde sairá o pão para a multidão?” Filipe, e cada cristão, “deve ser levado a perceber que toda obra missionária se origina de uma interpretação humana adequada dos objetivos divinos, e não é um mero desejo humano de divulgar as nossas próprias convicções religiosas limitadas pelos nossos recursos materiais”.⁶¹

A resposta de Filipe foi calculista e hesitante. A sugestão de André foi otimista, e indicava a possibilidade de aproveitar completamente a oportunidade (cf. 1.41-42), por menos promissora que ela pudesse parecer à primeira vista. **Está aqui, disse ele, um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tantos?** (9) A quantidade de comida era muito pequena e a qualidade não era das melhores. **Pães de cevada** eram o alimento das pessoas pobres, e os **dois peixinhos** eram peixes do tipo da sardinha.

Então Jesus deu a ordem: **Mandai assentar os homens** (10). O fato de que **havia muita relva naquele lugar** sugere que era primavera (cf. 6.4), o que está em harmonia com a referência à Páscoa (4). A palavra usada para **homens** indica que os **cinco mil** não incluíam as mulheres nem as crianças (cf. Mt 14.21). **E Jesus tomou os pães e, havendo dado graças, repartiu-os... pelos que estavam assentados; e igualmente também os peixes, quanto eles queriam** (11). As palavras **pelos discípulos** e **os discípulos** não estão nos melhores manuscritos e, portanto, são omitidas nas versões mais recentes. Mas os relatos Sinóticos indicam que Jesus usou os discípulos para alimentar a multidão. A palavra traduzida como **havendo dado graças**, *eucharistesas*, é ao mesmo tempo bonita e altamente significativa. Daí se origina a palavra “eucaristia”, que significa a Ceia do Senhor. Muito do que vem a seguir (6.51-58) é eucarístico, no seu tom e significado (cf. Mt 26.27; Mc 14.23; Lc 22.19).

O recorrente tema da abundância da dádiva da graça de Deus e do seu Espírito no homem começa a brilhar aqui — eles **estavam saciados** (12; cf. 1.16; 2.7; 4.14; 7.38-39).

Depois que todos tinham comido, mediante uma ordem de Jesus, os discípulos **encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram aos que haviam comido** (13).

Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo (14, cf. Dt 18.15). Esta reação ao sinal é típica e semelhante a outras reações neste Evangelho (cf; 4.19; 7.40; 9.17). Também era a força motivadora que os fazia tentar **arrebata-lo, para o**

fazerem rei (15); e tendo fracassado nesse intento, esta motivação os levava a procurá-lo no outro lado do lago **(6.24-25)**. Para evitar um possível levante que o colocaria em uma posição de Messias-Rei — porque estas eram as conotações das palavras **profeta** e **rei** — Jesus **tornou a retirar-se, ele só, para o monte (15)**.

2. O Sinal do Mar Acalmado (6.15-24)

Esta seção é uma espécie de interlúdio de transição para o tema principal — o Pão da Vida. Ela tem pelo menos três objetivos principais. Primeiramente, fornece o relato da mudança de cenário de Betsaida Júlia, o lugar do milagre dos pães e peixes, para Cafarnaum (ver o mapa 1), o cenário do discurso a respeito do Pão da Vida. Isto é de particular interesse, uma vez que os discípulos primeiro **passaram o mar** (17) na direção oeste, em um barco açoitado por um mar tempestuoso (16-19). Mais tarde, Jesus atravessou, **andando sobre o mar** (19) e subindo no barco com os discípulos (21). Mais tarde ainda (no dia seguinte), a multidão entrou **também nos barcos** e foi a **Cafarnaum** (24).

Um segundo objetivo é o de mostrar a completa inadequação do homem diante da adversidade, quando deixado sozinho com os seus próprios recursos. A imagem é clara. **Era já escuro** (17), e conseqüentemente os discípulos não eram capazes de manter um curso exato. Eles estavam sozinhos, separados da Fonte da ajuda adequada — **ainda Jesus não tinha chegado perto deles** (17). A adversidade natural da vida os superou — **e o mar se levantou, porque um grande vento assoprava** (18). Os seus medos multiplicaram-se com a aparição da Presença não reconhecida — **e temeram** (19). **Vinte e cinco ou trinta estádios** seriam cerca de 5 a 6,5 quilômetros.

Finalmente, este foi o cenário em que os discípulos aprenderam que a Presença divina vem ao homem não somente na hora da adoração no lugar sagrado, mas nos momentos inesperados e de maior necessidade (cf. Hb 4.16). Jesus chegou dizendo **Sou eu** (literalmente, “Eu sou”); a divina Presença está aqui; não tenham medo (20).

Então, eles, de boa mente, o receberam no barco; e logo o barco chegou à terra para onde iam (21). Aqui está um bonito epílogo para todo o drama. **Logo** provavelmente significa “rapidamente”.

3. *O Pão Eterno* (6.25-65)

a. O Verdadeiro Trabalho (6.25-34). As multidões que comeram os pães e os peixes do milagre não se desanimavam facilmente. Eles não podiam perder o contato com aquele que lhes providenciara uma refeição sem que houvessem tido nenhum custo ou trabalho. Julgando que Ele tinha partido de Betsaida Júlia rumo a Cafarnaum, eles foram para lá, à sua procura (24). **E, achando-o no outro lado do mar, disseram-lhe: Rabi, quando chegaste aqui? (25)**

Encontrando-o no dia seguinte, essas pessoas tinham fome novamente. Elas tentaram dar a impressão de que tinham atravessado o lago por causa de quem Ele era, mas a verdadeira razão é que esperavam conseguir alguma coisa para si mesmos. E Jesus, sabendo disso (cf. 2.25), disse: **Na verdade, na verdade vos digo que me buscais não pelos sinais que visteis, mas porque comestes do pão e vos saciastes (26).** Então, Jesus lhes deu uma ordem e ao mesmo tempo uma promessa. A ordem tem um aspecto positivo, e outro negativo. **Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna (27).** A promessa é que crer no Filho (27) provê mais do que a comida perecível; esta atitude traz uma dádiva que **permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará (27).** O contraste das duas palavras **trabalhai** e **dará** “é essencial para o sentido da passagem. O trabalho do crente, no final, não traz uma recompensa como se fosse a título de salário, mas garante uma dádiva, uma bênção”.⁶² Aquele que dá a dádiva é a própria Dádiva (cf. 6.51), **porque a este o Pai, Deus, o selou (27), i.e., “o comissionou para este exato propósito”**.⁶³

A próxima pergunta feita pelo povo é uma pergunta deliberativa — do tipo que espera uma resposta imperativa. Poderia ser traduzida literalmente como: “Que devemos fazer para executar as obras de

Deus?” (28) Embora pareça enigmática, a resposta de Jesus foi simples: “A obra que realmente importa é ter fé em Cristo” (cf. At 16.30-31). **A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou** (29). O tempo presente do verbo **crer** é importante aqui, e significa “que vocês possam ter fé continuamente, que vocês possam viver uma vida de fé”.⁶⁴

O pedido de Jesus para que eles tivessem fé **naquele que Deus enviou** fez com que desafiassem a sua autoridade (cf. 2.18; 4.11). Por que deveriam crer **nele**? **Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu?** (30) A volta deles para a religião tradicional, embora vazia, é típica na narrativa de João. **Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu** (31; cf. 4.12,20; 5.10; 9.16). E como se essas pessoas estivessem dizendo a Jesus: “Ontem, você nos alimentou. Hoje o procuramos para ter outra refeição e tudo o que você nos dá é essa conversa sobre ter fé. Moisés fez melhor do que isto. O maná estava fresco todas as manhãs. Então, ou você nos dá comida, ou não o seguiremos mais!”

Aqui Jesus corrige a impressão deles. Até mesmo as dádivas, como por exemplo **o maná** da antiga aliança, não vieram de Moisés, mas sim de Deus — **Moisés não vos deu o pão do céu** (32). E mesmo as dádivas de Deus da antiga aliança, como o maná, não tinham outra intenção senão a de anunciar o **verdadeiro pão** (cf. Hb 10.1). **Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo** (33; cf. 4.14).⁶⁵ Assim como a samaritana havia pedido, “Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede e não venha aqui tirá-la” (4.15), estas pessoas disseram: **Senhor, dá-nos sempre desse pão** (34) [66].

b. “O Verdadeiro Pão” (6.35-40). Jesus agora lhes declarou abertamente aquilo que ficara oculto no sinal e no simbolismo. Se realmente quisessem o pão que Ele lhes daria, precisariam saber que Ele era aquele pão. **Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede** (35; cf. 4.14; 6.48,58; 7.37,38). Até agora, no Evangelho de João, a expressão **Eu**

sou já ocorreu duas vezes em declarações diretas de Jesus sobre a sua divindade (4.26; 6.20). Aqui começa o uso de metáforas fortes e expressivas. Elas aparecem dezessete vezes e os exemplos mudam: por exemplo, **Eu sou o pão da vida**; “Eu sou a luz do mundo” (8.12); “Eu sou a porta” (10.9). Westcott escreve: “Os exemplos com que se conecta [Eu Sou] fornecem um estudo completo da obra do Senhor”.⁶⁷

Os verbos **vem** e **crê** no presente retratam uma ação continuada e persistente, e são importantes nesta seção. A implicação é que deixar de vir ou de ter fé também significa a descontinuidade da satisfação da fome e da sede.

O povo tinha pedido um sinal (6.30) e agora Jesus lhes diz que eles têm um sinal — a Encarnação — embora não acreditem. **Já vos disse que também vós me visteis e, contudo, não credes** (36).

Nos versículos 37-40, há dois temas principais. Primeiro, a vontade de Deus se torna efetiva para o homem por meio do Filho, e tem como resultado a vida eterna. O Filho realiza a vontade do Pai — **porque eu descí do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou** (38; cf. Mt 26.39, 42). Graças ao perfeito desempenho do Filho em realizar a vontade do Pai, o plano de Deus para o homem é: 1. uma completa comunhão com Cristo (37); 2. orientação e graça para aqueles que vêm (37) e assim “continuam tendo fé nEle” (lit., 40); 3. a vida eterna, *i.e.*, a vida no seu nível mais elevado, aqui e agora — a vida santificada (cf. 1 Ts 4.3).

Posteriormente, haverá a transformação completa (cf. 2 Co 3.18) com a participação na sua ressurreição. A frase **eu o ressuscitarei no último Dia** (40) aparece como um tipo de refrão por toda esta seção (39-40, 44, 54).

O segundo tema é que a vida eterna, tanto no seu significado presente quanto no escatológico, está aberta para o homem. Isto não se deve ao mérito do homem, mas somente à graça de Deus. A interpretação negativa da frase **Tudo o que o Pai me dá virá a mim** (37), como base para uma doutrina de reprobção, significa o retorno à lógica inflexível. Gossip comenta: “Existem coisas mais verdadeiras do

que isso na vida... tudo o que ela diz é que se somos cristãos, então somos dele não por causa de alguma coisa que tenhamos feito... mas unicamente porque Deus se propôs a nos ganhar”.⁶⁸

c. *As Objeções São Anuladas* (6.41-51). Os judeus objetaram a afirmação de Jesus de que Ele era **o pão que desceu do céu** (41), com base no fato de que eles conheciam os seus pais humanos (42). Como, pois, Ele pode ser o Pão do céu? Jesus anulou as suas objeções ressaltando que foi o Pai quem tomou a iniciativa de redimir os homens (44), e que tudo o que eles vêem ou deveriam ver é a completa revelação daquele que Deus enviou (44,46). Isto, Ele disse, deveriam saber por terem lido as palavras dos profetas (Is 54.13; Jr 31.34). Se tivessem seguido os ensinamentos dos profetas, teriam sido **todos ensinados por Deus** e viriam até o filho (45). Tão perfeita e adequada é a revelação de Deus no Filho, que Ele podia dizer: **Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna** (47).

Os judeus haviam apelado para a sua religião tradicional como se esta fosse mais adequada do que a promessa de Jesus (6.31). Agora Jesus, declarando-se como o **pão da vida** (48), com sutil humor acrescentou: **Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram** (49). A antiga aliança não satisfaz a mais profunda necessidade do homem. Mas quanto ao Pão novo e eterno, **o que dele comer não morre** (50). Além disso, o novo Pão está aqui, disponível para todos os homens por meio da cruz. **O pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo** (51).

d. *A Comida e a Bebida Verdadeiras* (6.52-59). A promessa de Jesus de que Ele daria a sua **carne... pela vida do mundo** (6.51) causou uma discussão (“um violento debate”, segundo a versão NEB em inglês) entre os judeus, e eles perguntaram: **Como nos pode dar este a sua carne a comer?** (52) Naturalmente, Jesus falava figuradamente da sua conciliação, mas eles vacilaram, e os homens ainda vacilam, com respeito à idéia da cruz, e da sua elevada provisão. Eles não perguntaram: “Como podemos comer?” E sim: “Deus consegue fazer isso?”.⁶⁹ Os homens ainda fazem a mesma

pergunta, de uma forma ligeiramente diferente: “Deus é capaz de santificar completamente um homem?”

A resposta de Jesus descreve a maneira exclusiva da santidade cristã e ao mesmo tempo proclama a grande promessa da possibilidade da vida eterna, da vida de santidade. **Se não comerdes** (ou seja, não existe alternativa) **a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem** [no presente] **a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último Dia** (53-54). Aquele que participa, pela fé, da sua natureza, da vida de santidade, *tem* a vida eterna. A santidade de coração é a essência do significado da Ceia do Senhor.

Dois temas para posterior desenvolvimento aparecem na resposta de Jesus. **Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu, nele** (56). A mesma palavra aqui traduzida como **permanecer** aparece como “estar em” no exemplo da videira e das varas no capítulo 15. O tema da unidade do Pai, do Filho e do crente é evidente no versículo 57. **Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim quem de mim se alimenta também viverá por mim** (cf. 17.21).

O resumo final da resposta de Jesus mostra a completa inadequação da antiga aliança e a satisfação duradoura que há no novo Pão. **Vossos pais... comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre** (58).

e. *Um Discurso Severo* (6.60-65). **Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isso, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?** (60) O discurso era duro, não por ser ininteligível, mas porque transmitia as exigências completas e elevadas da cruz. “Ele reivindicava a completa submissão, a autodevoção, e a auto-entrega dos discípulos. Ele significativamente apontava para a morte”.⁷⁰ **Quem o pode ouvir?** significa “Quem pode aceitar isso?” (Phillips)

A resposta de Jesus (61-64) à sua reclamação foi realmente uma volta a sua pergunta. Se eles hesitavam em relação às completas

implicações da Encarnação, o que fariam se vissem **subir o Filho do Homem para onde primeiro estava? (62)** Se é difícil acreditar que Deus veio em carne (cf. 1.14), como alguém poderia acreditar que **o espírito é o que vivifica (63)** e que até mesmo na morte na cruz existe glória (cf. Fp 2.8-9)? **A carne para nada aproveita (63)**, *i.e.*, “A nova era que Jesus inaugura... não deve ser definida em termos de milagres chocantes no plano dos fenômenos, no plano st/rx... mas em termos daquela ordem de ser, que é real e eterna”.⁷¹

Apesar de as palavras de Jesus serem **espírito e vida (63)**, Ele sabia que alguns não estavam reagindo com fé: **Bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam e quem [Judas Iscariotes] era o que o havia de entregar (64; cf. 2.25)**. No versículo 65, Jesus repete o que já havia dito no versículo 44. Outra vez encontramos aqui a realidade da soberania divina em ação com a liberdade humana.

4. Os *Discípulos nas Encruzilhadas* (6.66-71)

Não há palavras mais surpreendentes no Evangelho de João do que as seguintes: **Desde então, muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam**

com ele (66). Alguns o haviam seguido por razões erradas (6.26); outros tinham muita vontade de refugiar-se na religião tradicional (6.31); outros acharam o chamado da santidade de coração e vida excessivamente exigente (6.53) — então **tornaram para trás!**

Por que eles voltaram? Um desenvolvimento intitulado “Discípulos nas Encruzilhadas” poderia ser estruturado em torno de três idéias básicas: 1. Alguns estavam mais interessados em ganhos materiais (pães) do que em permitir que Jesus dirigisse as suas vidas (26-27); 2. Alguns estavam completamente satisfeitos com uma forma de religião isenta de comprometimento (30-31); 3. Alguns, particularmente Judas, enxergaram o custo do verdadeiro discipulado, da santidade de coração (53,70-71).

Então Jesus voltou-se para os doze e disse: **Quereis vós também retirar-vos?** (67) Pedro tivera uma visão de primeira mão das “possibilidades da graça” — a promessa de tornar-se um participante da natureza de Jesus (6.54) e a garantia de compartilhar a sua ressurreição (6.39-40,44,54). Neste cenário, Pedro pronunciou estas palavras memoráveis: **Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus** (ou “O Santo de Deus”; 68-69).

Judas e a sua traição a Jesus são mencionados duas vezes nesta seção (64,70-71). Será possível que, assim como Pedro viu as “possibilidades da graça” conduzindo à santidade de coração, Judas tenha visto uma cruz, e não um Reino celestial logo à frente? Será que ele enxergou que não há maneira de servir a Deus exceto tornando-se um participante da sua natureza (6.53)? Será possível que, a partir deste dia em que Judas compreendeu o tema da santidade de coração, ele tenha definido como a sua direção a rejeição da luz, culminando em uma separação final? “Ele... saiu logo: e era já noite” (13.30).

E. O Novo Derramamento, 7.1-52

1. *Jesus e os seus Irmãos* (7.1-9)

E, **depois disso** [os eventos do cap. 6], **Jesus andava** [lit., “estava andando”] **pela Galiléia e já não queria andar pela Judéia, pois os judeus procuravam matá-lo**

(1). Isto leva o leitor de volta aos eventos de 5.10-47, quando Jesus

estava na Judéia. Como Ele tinha curado o homem enfermo no sábado, e declarara que Deus era o seu Pai, “os judeus ainda mais procuravam matá-lo” (5.18). Esta rejeição na Judéia explica o motivo por que Jesus foi para a Galiléia. A época da sua partida foi a primavera, antes da Páscoa (6.4), e Ele evidentemente ficou na Galiléia até o outono daquele mesmo ano. **E estava próxima a festa dos judeus chamada de Festa dos Tabernáculos (2).** Uma vez mais, o autor associa a atividade de Jesus em Jerusalém a uma das festas nacionais (cf. 2.13,23; 5.1; 13.1). A Festa dos Tabernáculos era celebrada durante sete dias, no outono, e comemorava a peregrinação no deserto (Lv 23.33-43; Nm 29.12-39; Dt 16.13-17). Esta era uma das grandes festas dos judeus, superada apenas pela Páscoa. Josefo descreve-a como “uma festa extremamente santa e importante”.⁷²

Disseram-lhe, pois, seus irmãos: Sai daqui e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque não há ninguém que procure ser conhecido que faça coisa alguma em oculto. Se fazes essas coisas, manifesta-te ao mundo (3-4). Alguns pensam que **Seus irmãos** pode ser uma referência aos “filhos das irmãs da sua mãe, Maria”⁷³ ou podem ser os filhos de José com uma esposa anterior.⁷⁴ Mas a melhor interpretação, e a mais simples, é assumir que eram filhos de José e Maria. A sugestão de partir pelas razões dadas era uma sutil tentação para que o Senhor substituísse a vontade divina pelo aplauso e pelas exigências dos homens; para que Ele seguisse o calendário dos homens, e não os tempos indicados por Deus; “e que fizesse as coisas certas pelas razões erradas”.⁷⁵ Neste Evangelho, o objetivo dos sinais, ou **obras**, é que as pessoas possam ver e crer. O pedido deles foi apenas: ...que **os teus discípulos vejam as obras que fazes**. Não é feita nenhuma menção à fé. Eles tinham entendido de forma completamente errada os motivos pelos quais Jesus realizava milagres. “Porque”, disseram, “não há ninguém que procure ser conhecido [manifestamente] que faça coisa alguma em oculto” (4). A palavra aqui traduzida como “manifestamente” em algumas versões significa, literalmente, “com coragem”. Que pensamento oposto ao espírito do Cristo na cruz!

Tanto naquela época quanto hoje, as coisas do Espírito devem ser percebidas espiritualmente. Assim, estes irmãos de Jesus não eram capazes de entender, “porque nem mesmo seus irmãos criam nele” (5).

A resposta de Jesus aos pedidos dos seus irmãos lhes declara a razão da sua falta de compreensão, e também a ordem divina da sua própria vida. O fracasso deles em entender devia-se a sua afinidade com o mundo, e a sua falta de sensibilidade em relação ao plano de Deus. Jesus lhes disse: “O vosso tempo sempre está pronto” (6) e **O mundo não vos pode odiar (7).**

Em um vivido contraste com esta atitude dos irmãos, está a própria consciência que Jesus tinha da vontade de Deus, e a sua submissão a ela. Ao pedido de que fosse à festa, Ele respondeu: **Ainda não é chegado o meu tempo** (6, cf. 8; 2.4; 7.30; 8.20; 12.23; 17.1). “A Festa dos Tabernáculos era uma festa de peculiar alegria pelos trabalhos realizados. Em uma festa como esta, Cristo não tinha lugar naquele momento”.⁷⁶ Ao invés disso, era para a cruz que toda a vida de Cristo apontava. Hoskyns diz muito bem: “A época da sua Jerusalém é a época da sua morte, o Tempo que lhe foi dado pelo Pai”.⁷⁷ Os seus irmãos incrédulos tentaram persuadi-lo a procurar a aclamação dos homens, mas não conseguiam penetrar na verdade de que a Encarnação deve inevitavelmente ter a sua cruz. Estas diferenças entre o ponto de vista de Jesus e o dos seus irmãos evocavam diferentes reações por parte do mundo. **O mundo não vos pode odiar, mas ele me odeia a mim, porquanto dele testifico que as suas obras são más (7).**

De maneira similar, tais diferenças devem resultar em ações diferentes por parte de Jesus e de seus irmãos. **Subi vós a esta festa; eu não subo ainda a esta festa, porque ainda o meu tempo não está cumprido** (8). O significado deste versículo depende muito da negativa de Jesus, usada na sua declaração de propósito. A versão RSV em inglês, diz: “Eu não vou à festa”. Isto, com base em boas evidências de manuscritos, ocasiona um problema, tendo em vista o fato de que Jesus mais tarde foi à festa (10).

Entretanto, também existem boas evidências de manuscritos

(incluindo os primeiros testemunhos, Papiro 66) de que a negativa é “ainda não” (*ouro*). Como colabora para a coerência, esta leitura é provavelmente a que deve ser adotada.

2. *Jesus Sai da Galiléia* (7.10-13)

Mas, quando seus irmãos já tinham subido à festa, então, subiu ele também não manifestamente, mas como em oculto (10). Este é o “adeus” de Jesus à Galiléia, o cenário de grande parte do seu ministério público. Ele foi **em oculto**, não com o grande grupo de peregrinos que viajavam para a festa. A sua chegada à festa fez com que os judeus o procurassem (provavelmente os líderes hostis); também **havia grande murmuração** (“discussão dissimulada”, Phillips) **entre a multidão a respeito dele. Diziam alguns: Ele é bom. E outros diziam: Não; antes, engana o povo** (12). Nem mesmo a melhor avaliação do povo era suficientemente boa nem completamente precisa. Jesus é mais do que um homem bom, e aqueles que o aclamam somente como tal deixaram de compreender o significado da sua encarnação, vida, crucificação, morte e ressurreição (cf. Mc 10.18). A acusação de que Ele estava “enganando o povo” foi feita muito provavelmente porque Ele curara o homem enfermo no sábado (5.10), e também por Ele ter afirmado que Deus era o seu Pai (5.17-18). Embora tivessem divergências nas avaliações que faziam acerca de Jesus, as pessoas estavam de acordo em sufocar os seus comentários a respeito dele: **ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus** (13).

3. *Conversas durante a Festa* (7.14-36).

a. Jesus Ensina o Povo (7.14-24). A festa propriamente dita durava sete dias; um oitavo dia era adicionado como uma convocação sagrada (Lv 23.36) e era chamado de “o grande dia da festa” (cf. Jo 7.37). A aparição de Jesus na festa provavelmente se deu no quarto dia, **no meio da festa** (14). Ele **subiu... ao templo e ensinava** (literalmente, “e Ele estava ensinando”). Esta é a primeira referência do Evangelho de João ao ensino de Jesus em Jerusalém.

E os judeus maravilhavam-se, dizendo: Como sabe este letras,

não as tendo aprendido? (15) Aqueles que fizeram esta pergunta, os judeus, eram da oposição a Jesus (cf. 5.16,18; 7.1,13; 9.22; 10.31). A implicação da pergunta não é que Jesus não fosse instruído, mas sim que, em comparação com o que eles aprendiam nas escolas rabínicas, Ele era alguém sem instrução, ignorante em relação à lei e aos seus significados. A presunção do homem, baseada na sabedoria humana, é algo chocante!

A resposta de Jesus identifica a fonte do seu ensino e ao mesmo tempo declara o seu relacionamento com o Pai. **A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou** (16). O seu aprendizado e o seu ensino, em contraste com os dos judeus, têm origem e alicerces em Deus. Se algum homem questionar a veracidade da afirmação de Jesus poderá ser posto à prova. **Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina [ensino], conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo** (17). O teste absoluto e final da veracidade e autoridade é a vontade de Deus. O conhecimento da vontade de Deus e o cumprimento da sua vontade são coisas inseparáveis. A ação e a fé andam juntas.

Aquele que fala e age com a autoridade de outra pessoa reflete o caráter daquele que ele representa, e simultaneamente dá crédito a sua própria veracidade e integridade. Assim, Jesus, enviado por Deus (16,28-29), não é como um professor que **fala de si mesmo e busca a sua própria glória** (18). Antes, **o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça** (lit., “falsidade”; 18).⁷⁸

Momentaneamente, Jesus abandonou o assunto — a defesa do seu direito e da sua capacidade para falar — e voltou-se para os seus oponentes. Foi um ataque em duas partes. Primeiramente, Ele fez a pergunta retórica: **Não vos deu Moisés a lei?**, seguida pela devastadora acusação contra eles: **E nenhum de vós observa a lei** (19). Como evidência de que eles falhavam em respeitar a lei perfeitamente, Jesus citou a prática de circuncidar os meninos no oitavo dia, mesmo que fosse um sábado: **no sábado circuncidais um homem** (22). Em seguida, embora pudessem fazer julgamentos

acertados onde estivessem envolvidas leis conflitantes, eles tinham feito julgamentos errados quando havia valores reais em jogo. **Se o homem recebe a circuncisão no sábado, para que a lei de Moisés não seja quebrantada, indignais-vos contra mim, porque, no sábado, curei de todo um homem? (23)** Os judeus, para observar a lei, reprimem um homem; Jesus, ao realizar **uma obra (21)**,⁷⁹ satisfaz a lei mais elevada, libertando um homem. Uma ênfase na moralidade legalista pode levar facilmente a julgamentos errados que resultam na destruição dos verdadeiros valores. Como consequência, aqui está o resumo de Jesus sobre o assunto: **Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça (24).**

No decorrer do debate, Jesus perguntou: **Por que procurais matar-me? (19)** Embora o povo negasse esta acusação (29), provavelmente em razão da falta de informações sobre os desígnios dos líderes religiosos, é evidente, como foi visto acima, que o plano para matar Jesus já estava sendo executado (1,25). Mas “o povo nada sabia disso”,⁸⁰ *i.e.*, os peregrinos da Galiléia ignoravam o fato.

b. O Povo Reage (7.25-31). Então, alguns dos de Jerusalém diziam: **Não é este o que procuram matar? E ei-lo aí está falando abertamente, e nada lhe dizem**

(25-26). Evidentemente, alguns dos líderes judeus em Jerusalém estavam entre o grupo de pessoas com quem Jesus falava. De qualquer forma, eles conheciam o plano para matá-lo e estavam surpreendidos por verem que Ele era corajoso e aberto em suas palavras. Ainda mais surpreendente para o povo era o fato de que **nada lhe diziam**. Esta situação paradoxal levou o povo a fazer muitas perguntas. A primeira procurava estabelecer a identidade de Jesus como aquele que procuravam **matar**. A segunda levantou um problema: se Ele podia ou não falar aberta e corajosamente porque os governantes o reconheciam como o Messias. **Sabem, verdadeiramente, os príncipes, que este é o Cristo? (26)** A forma da pergunta no texto grego indica que o povo esperava uma resposta negativa. Era mais uma questão de dúvida e de interesse casual do

que uma busca séria pela verdade. Para apoiar a sua dúvida, eles afirmaram conhecer a origem de Jesus — Nazaré. **Todavia, bem sabemos de onde este é** (27). Mas, sabiam eles realmente de onde Jesus tinha vindo? O seu conhecimento parcial levou-os a uma conclusão completamente equivocada sobre a verdadeira natureza de Jesus — sobre o fato de que Ele é o Messias, Jesus Cristo, o Filho de Deus (cf. 8.14; 9.29-30; 19.9; Hb 4.14).⁸¹ Eles também argumentaram que a vinda do Messias seria algo misterioso. **Mas, quando vier o Cristo, ninguém saberá de onde ele é** (27). Existe um provérbio judeu que diz: “Três coisas vêm de forma completamente inesperada: O Messias, um enviado de Deus, e um escorpião”.⁸²

Em resposta à afirmação sobre a vinda do Messias, Jesus confirmou o conhecimento parcial que tinham a seu respeito, e declarou a sua origem: **Clamava, pois** (cf. 7.37; 12.44), **Jesus no templo, ensinando e dizendo: Vós me conheceis e sabeis de onde sou; e eu não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou é verdadeiro, o qual vós não conheceis. Mas eu conheço-o, porque dele sou, e ele me enviou** (28-29). Eles conseguiam ver a Encarnação; conheciam a origem humana de Jesus. Mas não conheciam o seu relacionamento com aquele que **é verdadeiro** (genuíno, real) e de quem Ele tinha vindo. Assim, eles não conheciam nem Jesus, o Cristo, nem aquele que o enviara, como qualquer judeu verdadeiro deveria ter conhecido (cf. 14.9). Aqui, “Deus é descrito como... um Pai real, enviando um Filho real”.⁸³ A expressão **Dele {para} sou** (29) implica “uma comunhão de ser entre o Pai e o Filho”.⁸⁴

A reação do povo foi dividida. Alguns **procuravam... prendê-lo** (30) enquanto outros **creram nele** (31). O primeiro grupo foi detido na sua ação porque **ainda não era chegada a sua hora** (30; cf. 2.4; 8.20; 12.23; 13.1; 17.1). Neste Evangelho, a **hora** de Jesus é a sua morte, que resultaria “na hora da sua exaltação e glorificação, e no poder da luz sobre o poder das trevas”.⁸⁵

Aqueles que creram nele o fizeram porque pensaram: **Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem**

feito? (31) “A razão dada... para a fé no Senhor pode ser considerada como tipicamente inadequada... mas a fé com base no número de sinais que Ele realizou é particularmente imperfeita”.⁸⁶

c. A Tentativa de Prender Jesus (7.32-36). Ao ouvirem **que a multidão murmurava dele essas coisas** [lit., eles “ouviram a multidão balbuciando essas coisas a respeito de Jesus”, 31] **os fariseus e os principais dos sacerdotes mandaram servidores para o prenderem** (32). Esta é a primeira referência a uma tentativa organizada, provavelmente instigada pelo Sinédrio, para levar Jesus à força.⁸⁷ Jesus enfrentou esta situação extremamente tensa com “uma frase suficientemente enigmática para perturbar os seus inimigos, mas transparente, clara e significativa para apaziguar os leitores do Evangelho”.⁸⁸ A sua resposta foi: **Ainda um pouco de tempo estou convosco e, depois, vou para aquele que me enviou. Vós me buscareis e não me achareis** (33-34). A frase **um pouco de tempo**, que aparece freqüentemente neste Evangelho (12.35; 13.33; 14.19; 16.16), é histórica, pois se refere à brevidade da Encarnação, e é profética, visto que é uma advertência aos judeus de que o tempo que têm para reagir é curto. Embora Jesus tenha dito “buscai e encontrareis” (Mt 7.7), aqui avisava Ele que, mesmo na hora da aflição, a busca deles seria fútil, porque “a busca pode ser retardada por um período tão longo que a promessa já não possa mais ser reivindicada. Assim, a advertência aqui trata do perigo da demora”.⁸⁹

E aonde eu estou vós não podeis vir (34). Muitos interpretaram esta frase como uma referência à ida de Jesus para o céu, o que provavelmente está correto. No entanto, uma cuidadosa comparação desta passagem com outras do texto de João, onde se expressa a mesma idéia (**8.21; 13.33, 36-37**), indica que a intenção era um significado muito mais amplo. O verbo (com a negativa) **não podeis** significa literalmente “falta de poder” ou “falta de capacidade”. Se o problema é estar onde Ele está, ou ser como Ele (cf. 6.53), então a exigência é a santidade de coração, e isto só se consegue pelo Espírito de Deus, através de Cristo. Então aqui, “quando o Senhor está perante os seus oponentes, eles não podem ir até onde Ele está,

porque não compartilham os seus pensamentos... a separação dele é causada não pela distância no espaço, mas sim pela falta de similaridade de coração, de pensamento e de espírito”.⁹⁰

As questões levantadas pelos judeus nos versículos 35 e 36 indicam que eles não entenderam o verdadeiro âmago da afirmação de Jesus. Apesar disso, a pergunta **Irá, porventura, para os dispersos entre os gregos** [os judeus espalhados pelos países gentios] **e ensinará os gregos?** (35) era altamente profética (cf. 11.49-52). Este foi precisamente o curso tomado pelo cristianismo primitivo.

4. O *Último Dia da Festa* (7.37-52)

a. *Rios de Água Viva* (7.37-39). O clímax do significado da vida, dos ensinamentos e da morte de Cristo, como relatado na Festa dos Tabernáculos, veio **no último dia, o grande dia da festa** (37). O fato de Jesus ter vindo a esta festa onde o povo estava agitado, erigindo tendas em memória da presença protetora e orientadora de Deus no deserto, recorda-nos que “o Verbo se fez carne” (1.14) e “verdadeiramente *tabernaculou* em meio ao seu povo”.⁹¹

O ritual do último dia da festa, que simbolizava a entrada dos israelitas em Canaã, era caracterizado por um plano cuidadosamente trabalhado. As multidões de peregrinos estavam em uma disposição festiva. Cada peregrino levava, na sua mão direita, o *lulabh*, um ramo de murta e um de salgueiro atados de cada lado de uma palmeira. Na sua mão esquerda estava o *ethrog*, ramos de árvores sagradas, a chamada árvore do paraíso, uma espécie de limoeiro (Lv 23.40). Os peregrinos dividiam-se em três grupos. Um preparava-se para o sacrifício matinal no Templo. Outro juntava os ramos de salgueiro para adornar o altar. O terceiro grupo, o mais importante, ia até o tanque de Silóé (cf. 9.7), de onde o sacerdote trazia água em um jarro dourado até o Templo, despejando-a na base do altar, como uma oferta líquida ou libação. Enquanto a água era derramada, o grande Hallel (SI 113—118) era entoado em duas vozes.⁹² Alguns pensam que foi imediatamente depois do rito simbólico de derramar a água, com a resposta em duas vozes, que **Jesus pôs-se em pé e clamou,**

dizendo: Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre (ou coração; 37-38).

Este acontecimento no **último dia, o grande dia da festa** (37) ressaltava diversas idéias de grande importância. Em primeiro lugar, temos Siloé (enviado), lembrando-nos que, na nova ordem, Jesus é o Enviado do Pai e pelo Pai (cf. 3.17,34; 5.38; 6.29,57; 7.29; 8.24; 10.36; 11.42; 17.3,8,18,21,23,25), e Ele cumpre tudo o que já foi representado pelo tanque e pela cerimônia de derramamento da água. Em segundo lugar, pode-se ver que o que era externo e limitado, trazido do exterior para o Templo, agora se torna interno, dinâmico, fluente e abundante. Em seguida, a vida cheia do Espírito é caracterizada pela abundância, tanto com relação à sua Fonte, Jesus, a Rocha que foi golpeada e da qual fluiu a corrente da vida (Nm 20.8; 1 Co 10.4), como em relação ao seu fluxo, que deve alcançar todos os homens em todas as nações (Lc 24.47-49; At 1.8). Finalmente, o relato anuncia o fato de que Jesus tornou o Pentecostes possível. “Todo o simbolismo da festa, começando com a colheita concluída, da qual era uma festa de ação de graças, apontando para o futuro... a cerimônia do derramamento de água era considerada de vital importância, a ponto de dar à festa o nome de ‘Casa do Derramamento de Água’ e simbolizava o derramamento do Espírito Santo”.⁹³ Esta é a intenção óbvia do escritor do Evangelho, que comentou: **E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado (39).**

Um sermão para o Domingo de Pentecostes, intitulado “O Pentecostes Profetizado”, pode ser claramente visualizado aqui. 1. O Pentecostes simbolizado (37); 2. Pentecostes significa ter o Espírito de Deus dentro de si (37-38); 3. Pentecostes é vida, a vida de Deus, abundante (38).

b. Reações Divididas (7.40-52). A afirmação de Jesus de ser a completa Fonte da satisfação dos mais profundos anseios do ser humano encontrou reações variadas entre o povo. Alguns diziam: **Verdadeiramente, este é o Profeta. Outros diziam: Este é**

o Cristo (40-41). Devido a estas avaliações conflitantes a respeito da Pessoa e da natureza de Jesus, alguns tentaram resolver o problema através da aplicação das profecias messiânicas: **Vem, pois, o Cristo da Galiléia? Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e de Belém, da aldeia de onde era Davi?** (41-42; cf. SI 132.11; Jr 23.5; Mq 5.2). As Escrituras citadas estavam corretas e eram verdadeiras; mas, como é freqüente, o povo deixou de investigar os fatos relativos à origem de Jesus, e só baseou as suas conclusões em rumores. Portanto, considerando somente a metade da verdade, eles chegaram a conclusões erradas, e **entre o povo havia dissensão por causa dele** (43). Os ânimos se elevaram tanto que **alguns deles queriam prendê-lo** [lit., “pegá-lo com intenções hostis”], **mas ninguém lançou mão dele** (44).

Entre aqueles que tinham ouvido Jesus no Templo, estavam os oficiais comissionados pelos principais dos sacerdotes e fariseus, para prendê-lo (32). Quando estes homens foram se reportar aos superiores, os principais dos sacerdotes e fariseus perguntaram: **Por que o não trouxestes? Responderam os servidores: Nunca homem algum falou assim como este homem** (45-46). Tendo ouvido as palavras de Jesus, eles ficaram impotentes em sua presença (cf. 18.1-9).⁹⁴ Os homens maus, com más intenções, estão sujeitos aos planos e propósitos de Deus, e até mesmo as suas mais poderosas realizações ocorrem sempre e somente dentro da vontade permissiva de Deus. A resposta simples e positiva dos oficiais não conseguiu, de maneira alguma, suavizar a malícia destes iníquos. As perguntas retóricas feitas aos oficiais poderiam ser traduzidas literalmente como: “Não é possível que vocês também tenham sido enganados, não é mesmo? Nenhum dos superiores [provavelmente o Sinédrio] ou dos fariseus acreditou nele, não é verdade?” (47-48) Até mesmo os oficiais cujas vidas são altamente regradas precisam tomar uma decisão pessoal quando estão diante da pergunta: O que farei com Cristo? Nenhum ser moral pode fugir a esta questão. A afirmação, **Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita** (49) reflete a confiança que os judeus têm na lei para a salvação. As pessoas que não conheciam a Lei (Torá, Mishnah) estavam sujeitas ao julgamento de Deus.

Mas entre os superiores havia alguém que estava interessado na justiça e que também conhecia pessoalmente a Jesus. **Nicodemos, que era um deles (o que de noite [ou, “antes”] fora ter com Jesus), disse-lhes: Porventura, condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir e ter conhecimento do que faz?** (50-51; cf. Dt 1.16; Ex 23.1). Isto representava um desafio à afirmação dos fariseus em 48-49. Aqui estava um superior que conhecia a lei e que, embora um pouco debilmente, posicionou-se em defesa de Jesus. A reação dos fariseus: **Es tu também da Galiléia?** (52) era uma zombaria, porque sabiam perfeitamente bem que Nicodemos não era da Galiléia. E a autodefesa posterior que aqueles homens expressaram, evidentemente causada pela ira, não era a verdade. **Examina e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu** (52). Como aqueles homens foram capazes de ignorar Jonas, Oséias, Naum e outros profetas do norte? As explosões de emoção não trazem a expressão da verdade!

F. A Seção sobre o Adultério, 7.53—8.11

Os doze versículos desta seção não são encontrados em nenhum dos mais antigos manuscritos unciais, exceto Bezae (*D*), um manuscrito do século VI. Dois manuscritos (L e Delta) dos séculos VIII e IX os omitem, mas deixam um espaço em branco. Eles aparecem na Vulgata de Jerônimo (do final do século IV) e em algumas versões posteriores siríacas e cópticas. No entanto, nenhum dos comentaristas gregos, durante mil anos depois de Cristo, faz menção a eles. Entre eles estão Orígenes e Crisóstomo. Uma análise cuidadosa do vocabulário e do estilo parece mostrar que eles não são de João. Parece também evidente que o texto foi mal transmitido no processo de cópia; nos textos onde esses versículos aparecem, “as várias leituras são mais numerosas do que em qualquer outra parte do Novo Testamento”.⁹⁵ Em diferentes manuscritos, eles se encontram depois de 7.36; 21.24 e Lucas 21.38. No texto grego de Nestle, eles estão em uma nota de rodapé, como também na versão RSV em inglês.

Entretanto, não há nada na narrativa que coloque em dúvida a autenticidade ou a historicidade desta seção. Como diz Bernard, “se

parece com as histórias dos Sinóticos sobre Jesus; a sua ternura e seriedade indicam que representa fielmente o que Jesus disse e fez quando uma mulher, que havia pecado contra a castidade, foi trazida à sua presença”.⁹⁶ Assim, o evento pode muito bem ser usado com propósitos homiléticos.

Vamos ao episódio. **E cada um foi para sua casa (53)**. As divisões e as diferenças tinham sido tão profundas que agora, em um sentido muito literal, cada um tomou o seu caminho. Isto fica evidente pelo fato de que **Jesus foi para o monte das Oliveiras (1)**. Aqui é feita a única referência a este monte no quarto Evangelho.

E, pela manhã cedo, voltou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava (2). A palavra usada aqui para **cedo** (*orthrou*) não é característica de João. Além disso, este é o único ponto no Evangelho de João onde Jesus é visto sentado enquanto ensina o povo. O verbo **ensinava** está no imperfeito, e poderia ser melhor traduzido como “estava ensinando”, indicando que esta era uma ação habitual e costumeira para Jesus.

E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato (3-4). Somente aqui João menciona os escribas, embora a expressão **escribas e fariseus** apareça com frequência nos Sinóticos. O quadro é ilustrativo. Jesus e muitas

pessoas estavam sentados enquanto Ele ensinava no Templo; no meio deles, estes pomposos personagens chegaram com uma criatura desprezível e a puseram **no meio**. A sua ação não tinha interesse na justiça, nem há um fio de evidência de que tivesse nascido da compaixão. Eles não estavam preocupados se esta demonstração pública traria embaraço tanto à mulher pecadora quanto ao Jesus sem pecado. Os acusadores prosseguiram: **Na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? (5)** “A mulher não foi trazida perante Jesus para um julgamento formal, mas para fazer com que Ele expressasse a sua opinião sobre um aspecto da Lei Mosaica, que poderia posteriormente ser usada contra

Ele...”⁹⁷ Um exame do código mosaico indica que o apedrejamento como punição para o adultério era exigido somente nos casos em que uma virgem noiva ou uma mulher casada fosse considerada culpada (Dt 22.21-24).

João deixa claro que o único objetivo dos escribas e fariseus que trouxeram a mulher era o de fazer Jesus cair em uma armadilha: **Isso diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar** (6, “alguma base de acusação”). A armadilha foi armada sob a forma de um dilema. Se Jesus tivesse dito que ela era culpada e eles tivessem executado o castigo, eles o teriam levado perante os romanos por incitar um assassinato. Mas se Ele tivesse se inclinado a um tratamento misericordioso “os seus críticos o teriam declarado um blasfemador que não aceitava os decretos da lei sagrada”.⁹⁸

Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra [como se não os tivesse ouvido] (6). O fato de que Jesus se inclina não é estranho aqui, pois Ele estava sentado para ensinar (2); Ele simplesmente se inclinou para frente para escrever no chão. Este é o único registro feito de alguma ocasião em que Jesus escreveu, e o que Ele escreveu foi logo apagado pelos passos, ou pelo vento. Assim é inútil tentar determinar com segurança o que Ele escreveu, embora tenham surgido muitas hipóteses interessantes. Alguns dizem que Ele não escreveu nenhuma mensagem, mas somente estava tirando a atenção da mulher para si mesmo; daí se justificam as palavras, **como se não os tivesse ouvido**. Outros dizem que Ele se inclinou para escrever por causa do seu constrangimento tanto pela mulher quanto por si mesmo. Outros ainda dizem que a palavra traduzida como **escrevia** (*kategraphen*) também pode significar “registrar”, e com base nisto opinam que: a) Ele estava registrando a queixa contra a mulher, que não seria mais permanente (perante Ele) do que escrever na areia; ou b) Ele estava registrando os pecados daqueles que tinham feito a acusação. A última hipótese se reflete em um comentário do manuscrito *U* e algumas observações em itálico que dizem “o pecado de cada um deles”. Outros, ainda, argumentam que esta era a maneira de Jesus declarar que não seria dada nenhuma resposta. Diz-

se que T. W. Manson afirmou: “O Senhor, pelo seu ato, diz na verdade: ‘Vocês estão me convidando para usurpar as funções do procurador. Muito bem, eu vou fazer isso; e foi fazer isso da maneira normal romana’. Então, Ele se inclina e parece escrever no chão a sentença, e em seguida Ele diz: ‘Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela’. O Senhor derrota os seus adversários adotando a forma de pronunciar a sentença à maneira romana, mas por atos e palavras Ele assegura que ela não pode ser executada”.⁹⁹

E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: **Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra** (7-8). A insistência persistente dos escribas e fariseus evocou de Jesus as suas únicas palavras para eles nessa ocasião. A sua resposta foi o *coup de grace* (golpe de misericórdia)-para o cuidadoso plano e para a sutil armadilha daqueles homens. A resposta do Senhor é um excelente exemplo de argumentação *ad hominem* (i.e., Ele atacou os seus oponentes ao invés de lidar com a questão do que fazer com a mulher). As palavras-chave na resposta são **sem pecado** (*anamartetos*).

Esta é uma referência à absoluta falta de pecado, ou a pecados de algum tipo especial? Não é provável a segunda possibilidade, adotada por muitos, a qual implica que todos os homens eram culpados do pecado do adultério em pensamentos ou em ações. É mais provável uma alusão ao fato de que somente aquele que era sem pecado naquele grupo poderia pronunciar uma sentença. “A única questão levantada pela resposta de Jesus é a capacidade dos homens pecadores de agir como os agentes de Deus, lidando com os homens e as mulheres”.¹⁰⁰ Estes homens não serviam para ser agentes de Deus, porque eles mesmos morreriam pelos pecados que praticaram (cf. 8.15, 21,24). E para separar-se da arrogância hipócrita deles, **tornando a inclinar-se [Jesus] escrevia na terra** (8).

Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos... ficaram só Jesus e a mulher, que estava no meio (9).

As duas frases, “acusados pela própria consciência” (que só consta em algumas versões) e **até os últimos**, são claramente intercalações, indicadas em parte pelo itálico na versão KJV em inglês. A ordem de saída, começando pelos mais velhos, provavelmente nada mais era do que uma questão de respeito por parte dos mais jovens.

E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? [lit. “onde estão eles?”] Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais (10-11; cf. 5.14). Aqui não há indicação de que a misericórdia é a permissão para o pecado! A graça nunca é aumentada ou exaltada pela multiplicação do pecado. Ao contrário, o Cristo da cruz possibilita que o homem se abstenha dos pecados que Ele ordena que o homem abandone. Para esta mulher, havia agora uma porta aberta. “A sua palavra final não é de condenação nem de perdão, mas uma ordem de abandonar o seu antigo modo de vida”.¹⁰¹ Na análise final deste relato, fica claro que a lei é inadequada para as necessidades tanto do homem quanto dos seus acusadores.

G. Uma Série de Controvérsias, 8.12-59

1. “*Eu Sou a Luz do Mundo*” (8.12-20)

Os escribas e os fariseus saíram rapidamente do Templo, enquanto Jesus continuou a ensinar ali. Ele disse: **Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar** **em trevas, mas terá a luz da vida** (12). Nesta ocasião, a sua afirmação de ser a **luz do mundo** é melhor compreendida quando lembramos que os grandes candelabros eram acesos no Templo durante a Festa dos Tabernáculos. Isto era feito para lembrar a coluna de fogo que orientou os filhos de Israel durante a noite nas suas peregrinações no deserto (Ex 13.21). Da mesma maneira como Jeová era o seu Guia e Iluminador naquela ocasião, assim também Jesus é o **Eu sou**, sempre presente, sempre iluminando, dispersando a escuridão (cf. 1.5,9; 3.19; 9.5; 12.46; também 4.26; 6.35,48; 10.7-9; 11.25; 13.19; 14.6; 15.1; 18.5-6,8). C. H. Dodd diz: “O fato determinante do Evangelho... é que o arquétipo

da luz se manifestou na pessoa de Jesus Cristo. Ele é a Luz na qual vemos a luz... Assim, quando João fala da luz vinda ao mundo, ele está sempre pensando na aparição de Jesus Cristo na história”.¹⁰²

Quem me segue não andará em trevas [*i.e.*, na ignorância, no pecado, na limitação, e na morte], **mas terá a luz da vida**. A luz e a vida andam juntas (cf. 1.4) e é a vida eterna o que Ele veio trazer aos homens (3.16; 20.31).

A afirmação de Jesus a respeito de si mesmo define o cenário para a controvérsia. **Disseram-lhe, pois, os fariseus: Tu testificas de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro** (13). Em determinado sentido, o que eles diziam era certo, pois a certificação do caráter, em uma maneira legal ou formal, não se busca da pessoa em questão, mas sim de outra; e foi neste ponto que Jesus deu a sua resposta em duas partes. Primeiramente, o julgamento que fizeram dele estava errado, porque não conheciam a sua verdadeira natureza. **Vós não sabeis de onde vim, nem para onde vou** (14). Além disso, o julgamento deles só se baseava na aparência. **Vós julgais segundo a carne** (15). Jesus disse: **Eu a ninguém julgo, i.e., segundo a carne**, como vocês fazem. Em segundo lugar, em contraste com a ignorância dos fariseus sobre a sua verdadeira natureza, Jesus tinha perfeito conhecimento de si mesmo. **Sei de onde vim e para onde vou** (14). O julgamento rápido deles, baseado somente nas aparências, também interpretou mal a verdadeira missão de Jesus, que era “não de condenação, mas de salvação (3.17; 12.47; 20.31). E, ainda assim, uma vez que a rejeição dos judeus envolve a atual (3.18) e definitiva (12.48) condenação, a obra da salvação é também inevitavelmente uma obra de condenação; e se Ele condena, a sua condenação é também verdadeira e genuína; não há como escapar dela”.¹⁰³ Finalmente, o Senhor respondeu a objeção a sua autocertificação mostrando que, na verdade, Ele tem outro Testemunho adequado. **E, se, na verdade, julgo, o meu juízo é verdadeiro, porque não sou eu só, mas eu e o Pai, que me enviou. E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai, que me enviou** (16-18).

Quando Jesus reivindicou o seu Pai como Testemunha, os fariseus levantaram a questão: **Onde está teu Pai?** (19) Como não conheciam a verdadeira natureza de Jesus, os inquisidores também não começaram a compreender a sua inseparável união com o Pai. **Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecésseis a mim, também conheceríeis a meu Pai** (19; cf. 14.7-9).

Neste ponto, João deixa claro que a reivindicação de Jesus de união com o Pai foi feita **no lugar do tesouro**, quando o Senhor estava **ensinando no templo** (20). Embora a afirmação de Jesus fosse uma grande ofensa para os judeus, **ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora** (20; cf. 2.4; 7.30; 12.23; 13.1). É bom lembrar que nenhum homem pode frustrar definitivamente o plano divino!

2. “*Para Onde Eu Vou Não Podeis Ir*” (8.21-30)

Esta seção apresenta, ao mesmo tempo, uma declaração da divindade de Jesus (24,28) e do maior pecado do homem — o pecado da falta de fé, que resulta na morte (21,24). O abismo entre Deus e o homem pecador não pode ser transposto pelo homem. **Eu retiro-me** [“eu vou embora”], e **buscar-me-eis e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou não podeis vós ir** (21; cf. 7.34,36; 13.33,36-37; 14.6). Westcott diz: “Abusca era a busca do desespero sob a pressão da calamidade opressora; e o resultado não era somente o fracasso, mas a morte, e a morte em pecado, pois a busca sob falsos motivos, com falsos resultados, era por si mesma um pecado, um abandono declarado da vontade divina”.¹⁰⁴ A pergunta dos judeus, **quererá matar-se a si mesmo?** (22), era uma profecia involuntária da morte sacrificial voluntária de Jesus (10.18; cf. 11.51; 12.24-25).

Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo (23), Contrastes vividos — de **baixo** e de **cima**, **deste mundo** e **não... deste mundo** — são características do Evangelho de João (cf. luz, trevas; verdade, falsidade; vida, morte; visão, cegueira; dia, noite). Eles sempre ilustram — como aqui — que o homem separado de Deus está desesperadamente perdido: **vos disse que morrereis em vossos pecados** (24). No versículo 21, a

palavra **pecado** está no singular, mostrando o pecado como único na sua essência; aqui, o termo está no plural, **pecados**, e é desdobrado nas suas manifestações.¹⁰⁶ O que separou o homem de Deus e o mantém separado de Deus tem somente um antídoto. Jesus disse literalmente: “se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados” (24). “A afirmação absoluta de Jesus se caracteriza pelo majestoso *Eu sou*: majestoso e espantoso por causa do seu contexto, o Antigo Testamento”.¹⁰⁶ O único caminho da morte para a vida é através da fé em Cristo, que é completamente Deus, e completamente homem.

A persistência dos judeus em perguntar **Quem és tu? (25)** indicava a contínua ignorância daqueles homens em relação a sua verdadeira natureza. A resposta de Jesus é uma daquelas passagens que, por alguma mudança de pontuação nos manuscritos ou nas versões posteriores, podem ser lidas com diferentes significados. Ela pode ser interpretada corretamente como **Isso mesmo que já desde o princípio vos disse (25)**, ou “Por que afinal estou falando com vocês?” (RSV, nota de rodapé), ou “Basicamente, Eu Sou o que estou dizendo a vocês”.¹⁰⁷ **Muito tenho que dizer e julgar de vós (26)** significa: “Há muita coisa em vocês sobre o que eu poderia falar e que eu poderia condenar” (Phillips). **O** que Jesus tinha a dizer era verdade porque Ele falou **ao mundo** as coisas que ouvira do Pai, que o enviou, e que **é verdadeiro**. Mas **não entenderam que ele lhes falava do Pai (27)**.

Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, conhecereis quem eu sou e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou (28). Esta é a exaltação por meio da cruz, uma cruz preparada pelos judeus. Mas esta veio a ser a ocasião para que todos os homens conhecessem a verdadeira natureza de Cristo. Embora sendo **Filho do Homem**, Ele é o eterno **Eu sou**. Oh, o glorioso mistério e significado da Encarnação, com a sua inevitável cruz!

Embora a encarnação significasse, sob certo sentido, uma separação entre o Pai — **aquele que me enviou (29)** — e o Filho, ainda assim

o Filho tem a certeza da presença do pai: [Ele]... **está comigo; o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que lhe agrada.** “O Pai estava pessoalmente presente com o Filho... permanecia uma comunhão perfeitamente intacta”.¹⁰⁸ **Dizendo ele essas coisas, muitos creram nele** (lit. “muitos puseram a sua fé nele”, 30). “A fé em Cristo se deve mais ao que Ele disse, do que aos ‘sinais’ que Ele operou”.¹⁰⁹

3. “*A Verdade Vos Libertará*” (8.31-38)

Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos (31). Não é acidental que

João 8.31-39

Os Sinais

João aqui descreve a reação dos **judeus que criam nele** de modo diferente da reação mencionada no versículo 30 (veja as versões NASB, NEB em inglês). Esta distinção aponta para os níveis da fé. Crer nele (31) implica uma impressão favorável, uma concordância com o que Jesus dizia, mas não necessariamente uma decisão de comprometimento com o discipulado. Crer nele (30) significa depositar a fé nele pelo que Ele é, mais do que pelo que Ele faz, e este é o caminho para o verdadeiro discipulado. Assim, enquanto uma pessoa permanecer na Palavra de Jesus, será verdadeiramente seu discípulo. Este relacionamento é de verdade e de liberdade. **E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará** (32). O que é que torna um homem verdadeiramente livre? Uma interessante combinação de fatores importantes é dada aqui, em 30-32. Crer nele (30), permanecer na sua palavra (32), o verdadeiro discipulado (31), e o conhecimento da verdade (32) — tudo isto torna um homem livre. A verdade que gera a liberdade é viva e pessoal e não pode ser outra, senão a verdade encarnada, o Filho (36).

A menção de Jesus à liberdade evocou nos judeus uma pergunta. **Responderam-lhe** [os que criam nele (31)]: **Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?** (33) Sem saber, os judeus estavam em uma escravidão, que era do pior tipo. O que é que faz um homem escravo? Três coisas são evidentes: 1. Pecado — **todo aquele que comete pecado é servo do pecado** (lit., “é um escravo do pecado”; o artigo definido em grego sugere a personificação do pecado como um senhor, 34); 2. A separação da única fonte verdadeira de liberdade — **o servo não fica para sempre em casa** (35);¹¹⁰ *i.e.*, **o servo do pecado** (34), pela sua própria situação de servo, não tem direito a nenhum dos privilégios que pertencem a um filho, por exemplo, a herança, a permanência na residência, a liberdade; 3. Uma motivação completamente errada — **contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não**

entra em vós (lit., “Aminha palavra não obtém progresso em vocês”, 37). Aqui está a “Imagem dos homens que crêem nele, que reconhecem o poder da personalidade e da mensagem, mas se ressentem enormemente quando descobrem que a defesa da moralidade convencional e tradicional que apresentam é inspirada por motivos pecaminosos. Eles são levados a pensar, de forma equivocada, que uma profunda preocupação pela elevada moralidade traz consigo a libertação do pecado”.¹¹¹

A última e definitiva diferença entre a liberdade e a escravidão pode ser rastreada até a fonte de cada uma delas. **Eu falo do que vi junto de meu Pai, e vós fazeis o que também vistes** [ou “o que ouvistes”, conforme algumas versões] **junto de vosso pai** (38). “A revelação perfeita, por meio do Filho, se baseia no conhecimento perfeito e direto”.¹¹² Sem dúvida, a alusão a **vosso pai** não é a Abraão, mas sim ao “pai deles, o diabo”, explicitada no versículo 44.

Nunca servimos a ninguém era a falsa afirmação dos judeus e de muitos outros espíritos orgulhosos e pecadores. Nesta seção (29-36), Alexander Maclaren destaca: 1. A nossa escravidão (34); 2. A nossa ignorância em relação à escravidão (33); 3. A conse-qüente indiferença à oferta de Cristo de liberdade (33).

4. “*Antes Que Abraão Existisse, Eu Sou*” (8.39-59)

a. A Verdadeira Paternidade (8.39-47). Os judeus não tinham dúvida sobre a sua filiação.¹¹³ **Nosso pai é Abraão** (39). Isto era verdade, no que se refere à sua descendên-

cia física. Mas, como filhos de Abraão, a vida deles deveria ter sido caracterizada pela obediência à verdade, à fé em Deus e à verdade absoluta. **Jesus disse-lhes: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão** (39). Uma boa tradução, também baseada em firmes evidências de manuscritos, seria: “Se vocês fossem filhos de Abraão estariam fazendo as obras de Abraão”. **Mas, agora, procurais matar-me a mim, homem que vos tem dito a verdade que de Deus tem ouvido** (40). Este é o único ponto em que Jesus aplica o título **homem** em relação a si mesmo. A expressão é de

particular interesse aqui, porque nesta seção o argumento básico é que Jesus é o Enviado de Deus (42), Deus é o seu Pai (49), e Ele próprio é a Divindade (58). Assim, de uma maneira dramática, o leitor vê o Verbo que tornou-se carne (1.14) enfrentando os iníquos no terreno deles (41,44), e também tendo um completo confronto com a iniquidade cósmica que se manifesta na pessoa do Diabo (44). A bendita verdade — Ele é completamente Deus e completamente homem! A última afirmação, **Abraão não fez isso** (40), significa que Abraão dava as boas-vindas aos mensageiros celestiais que vinham com a verdade na qual se devia acreditar (Gn 18.1-8). Mas estes homens, pretendendo ser filhos de Abraão, procuravam matar aquele que Deus tinha enviado (42). Na realidade, faziam as obras do pai deles (41), que era o Diabo (44).

Os judeus, agora começando a entender que Jesus estava falando da paternidade espiritual, disseram: **Nós não somos nascidos de prostituição; temos um Pai, que é Deus (41)**. Eles estavam dizendo, usando uma metáfora do Antigo Testamento: “Nós não devemos a nossa posição à deserção idólatra em relação a Jeová”.¹¹⁴ Jesus respondeu: **Se Deus fosse o vosso Pai, certamente, me amarieis** (42). Tal seria o caso por causa da inseparável unidade entre o Pai e o Filho. **Eu saí e vim de Deus** [lit., “Eu estou aqui”]; **não vim de mim mesmo, mas ele me enviou** (42). A rejeição ao Filho é a rejeição ao Pai (cf. 15.23).

Jesus, vendo a falta de compreensão daqueles homens, fez a pergunta: **Por que não entendeis a minha linguagem?** (43) Então passou a respondê-la sistematicamente. Existem cinco razões. 1. “Por não poderdes ouvir a minha palavra” (43). “A incapacidade deles era... uma surdez espiritual, e não uma mera estupidez intelectual”.¹¹⁵ 2. Sem dúvida, era um problema de linhagem espiritual. **Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai** (44). Para reforçar isto, Jesus deu uma nítida descrição do pai deles. **Ele foi homicida desde o princípio** — sem dúvida uma alusão à morte espiritual de Adão e Eva (Gn 2.17); ele é incapaz de dizer a verdade porque ele não **se firmou na verdade** (44); e ele fala “do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (44). 3. Eles eram

incapazes de encarar a verdade. **Mas porque vos digo a verdade, não me credes** (45). 4. Devido à perversa natureza que tinham, eles só podiam estar cegos pelo puro brilho da revelação da santidade de Jesus. **Quem dentre vós me convence** [ou, pode provar que eu sou culpado] **de pecado?** (46; cf. Hb 4.15). 5. Finalmente, como um tipo de resumo, Jesus encerrou todo o assunto com uma pergunta que Ele mesmo respondeu. **E, se vos digo a verdade, por que não credes? Quem é de Deus escuta as palavras de Deus; por isso, vós não as escutais, porque não sois de Deus** (46-47).

b. Vida Verdadeira (8.48-59). Como Jesus declarou o seu verdadeiro relacionamento com o Pai (38), Ele agora faz saber aos judeus a sua verdadeira natureza (58) e o que

Ele veio dar aos homens (51). Os judeus não aceitaram o julgamento de Jesus de que eles não eram de Deus (47), e retrucaram: **Não dizemos nós bem que és samaritano e que tens demônio?** (48) Evidentemente, Jesus era com freqüência chamado de samaritano como um epíteto depreciativo. Como se isso não fosse suficientemente severo, eles também o acusaram de estar possuído por um espírito mau. **Eu não tenho demônio** (49). Mas Ele não respondeu à acusação de ser um samaritano. As vezes é melhor ignorar algumas coisas. “Ele não reconhecia o significado que eles atribuíam a uma diferença de raça”.¹¹⁶ **Antes, honro a meu Pai, e vós me desonrais. Eu não busco a minha glória; há quem a busque e julgue** (49-50). Pai e Filho são um só. Desonrar um deles é desonrar o outro. Jesus não tomou o insulto como dirigido a Ele, porque não estava procurando a sua própria glória. Em última análise, o julgamento equivocado daqueles homens não resultou em nada, porque Deus é aquele que pode buscar e julgar (50). O ódio e a desonra dos homens não valem nada quando algo ou alguém é aprovado por Deus.

A expressão **em verdade, em verdade** do versículo 51 é usada no texto de João sempre que uma nova e importante idéia vai ser proferida. Aqui está a promessa da vitória sobre a morte: **vos digo que, se alguém** [lit. “qualquer homem”] **guardar a minha palavra,**

nunca verá a morte (51). O oposto disso foi estabelecido em 8.24, pois a falta de fé em Jesus significa morrer nos próprios pecados. Esta falta de fé era a posição constante dos judeus durante a conversa. Eles até podiam confiar em Abraão... mas aceitar a Jesus, jamais! Apesar disso, a promessa é para todos os homens, judeus ou gentios, que guardarem a Palavra de Jesus. **Guardar** aqui transmite a idéia de uma vigilância intencional, “a observância de toda a revelação na sua plenitude orgânica”.¹¹⁷ A “palavra” (observe o singular) a ser guardada é o próprio Cristo (cf. 1.1,18; 14.23). “As palavras e a personalidade devem ser tomadas como um todo que tem vida”.¹¹⁸ Obviamente, a frase **nunca verá a morte** (51) não se refere à continuação da existência biológica, mas sim à vida eterna, que tem início quando a pessoa crê.

Eles agora declaravam como um fato garantido aquilo que anteriormente fora apenas uma opinião equivocada dos judeus a respeito de Jesus (48). **Agora, conhecemos que tens demônio** (52). Eles baseavam o seu julgamento na declaração de Jesus de que aquele que guarda a sua Palavra nunca verá a morte. Disseram: **Morreu Abraão e os profetas; e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, nunca provará a morte** (52). Na verdade, Jesus tinha dito “nunca verá a morte” (51). Ou eles não entenderam Jesus ou o citaram mal. Ou ainda, como uma simples provocação, usaram a expressão que é quase equivalente em significado. Eles já tinham pronunciado o seu julgamento final a respeito de Jesus — **Tens demônio** (52), mas ainda fizeram outra pergunta. Era mais uma zombaria do que uma inquisição sincera, pois a forma da pergunta implicava que só poderia haver uma resposta negativa. “Es tu maior do que Abraão, o nosso pai, que morreu? [cf. 4.12] E também os profetas morreram; quem te fazes tu ser?” (53, trad. lit.). A resposta de Jesus para a sua pergunta final está centrada na idéia de que o seu **Pai** que o **glorifica** é precisamente aquele que os judeus dizem ser o seu **Deus** (54). Mas ambos não podem ser a verdade. Então Jesus disse: **E vós não o conheceis, mas eu conheço-o; e, se disser que não o conheço, serei mentiroso como vós; mas conheço-o e guardo a sua palavra** (55). A veracidade da afirmação de Jesus baseia-se na sua natureza, e é expressa na sua própria

atividade pessoal. **Conheço-o e guardo.**

Estas são as mesmas exigências para que o crente tenha a vida eterna (cf. 51; 17.3). Se Jesus tivesse negado o seu conhecimento do Pai, Ele teria traído a sua própria natureza. Ele não poderia fazer outra coisa; deveria falar daquilo que conhecia.

Se os judeus tivessem realmente sido como o seu pai Abraão, teriam conhecido o Pai (55) e teriam honrado o Filho (49,54). Jesus disse: **Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se** (56). Que grande contraste existe entre a blasfêmia dos judeus e o reconhecimento de Jesus por Abraão! Existem dois pontos de vista sobre **Abraão... exultou... viu... alegrou-se**. Alguns dizem que, tendo em vista os três passados (aoristos), este é um fato histórico e se refere ao ato de fé de Abraão pelo qual ele viu o cumprimento das promessas que o Senhor Deus lhe fizera. Outros argumentam que esta é a rejeição de Jesus à afirmação dos judeus de que Abraão estava morto (52-53); ao contrário, Abraão está vivo, como Moisés e Elias (cf. Mt 17.3; Mc 9.4; Lc 9.30) e é uma alegre testemunha do cumprimento das promessas que o Senhor Deus lhe fez.

Os judeus, literais até um final amargo, disseram: **Ainda não tens cinqüenta anos e viste Abraão?** (57) A última frase, com base em variadas leituras textuais, poderia ser traduzida da seguinte forma: “Abraão viu você?” (RSV, nota de rodapé). Esta leitura poderia tender a substanciar a segunda interpretação do versículo 56 expressa acima. Os judeus tinham entendido que Jesus se referiu a Abraão como se o patriarca ainda estivesse vivo.

A resposta de Jesus também foi a sua suprema auto-revelação. **Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou** (58). Os dois verbos, **existir** e **ser**, são palavras diferentes em grego. A palavra traduzida aqui como **existisse** significa literalmente “entrasse na história” e tem uma conotação temporal. O verbo **ser** não transmite uma idéia temporal, mas se refere a um sentido definitivo. Daí o vivido contraste entre Abraão e Jesus (cf. 1.1 e 1.6, onde existe o mesmo contraste entre a Palavra e João Batista).

Então, pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou (59). O comentário de Strachan é muito adequado: “E como se as ondas iradas se afastassem para lançar as estrelas”.¹¹⁹

H. A Nova Congregação, 9.1—10.42

Os capítulos 9 e 10 são uma unidade, e é melhor considerá-los juntos. O ato de devolver a visão ao cego de nascença não só ilustra o brilho da Luz nas trevas (1.5), mas também torna-se a oportunidade para o início de uma nova comunidade (9.34). Esta comunidade é composta por aqueles que creem em Jesus como o Senhor (9.38), e cujo Senhor é o Pastor das ovelhas (10.2).

1. *Da Cegueira à Visão* (9.1-7)

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença (1). Alguns assumem que este fato ocorreu imediatamente após a Festa dos Tabernáculos e os acontecimentos registrados no capítulo 8,¹²⁰ ao passo que outros pensam que é mais provável que ele esteja relacionado com a festa da Dedicção (10.22), que ocorreu algumas semanas mais tarde, no inverno.¹²¹ Quando se considera o relacionamento íntimo dos capítulos 9 e 10, a última opinião parece ser a mais plausível. De qualquer maneira, este versículo introdutório define o cenário para o que vai acontecer. Os dois personagens principais atraem toda a atenção — um mendigo, cego de nascença, e Jesus, que passava pela estrada.

E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? (2) Isto nos diz que os discípulos estavam presentes, embora a pergunta que fizeram seja a sua única participação nos eventos, além de serem expectadores. A pergunta reflete a crença dos judeus da época de que os pecados dos pais são castigados nos filhos (cf. Êx 20.5; 34.7; Nm 14.18; Dt 5.9). Ela também sugere o ponto de vista mantido por alguns de que era possível que o homem tivesse pecado “ainda no útero da sua mãe, ou em alguma existência anterior... As duas especulações são encontradas na literatura judaica”.¹²²

Jesus respondeu: Nem ele pecou, nem seus pais (3). Aqui o caso é diferente daquele do homem enfermo, cuja enfermidade estava evidentemente relacionada com o seu próprio pecado (5.14). Este homem e os seus pais eram todos vítimas de uma sociedade pecadora em que o inocente freqüentemente sofre com a culpa. Nesses casos, não existe necessariamente uma conexão entre as enfermidades e as desgraças com o indivíduo e o seu pecado pessoal. Os homens de elevada moral são freqüentemente as vítimas de uma sociedade imoral. A frase: **Mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus (3)** poderia ser traduzida do seguinte modo: “Mas isto veio a acontecer para que as obras de Deus possam se manifestar nele”. Deus não deve ser considerado culpado de causar as desgraças, os pecados e os sofrimentos do homem. Antes, o homem pecador, orgulhoso, em terríveis dificuldades, só pode ser resgatado por Deus, e isto glorifica a Deus.

Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo (4-5). Em alguns textos, a primeira frase é: “Nós devemos trabalhar” (NASB), o que indica que Jesus incluía os discípulos e talvez até o homem cego (7) no imperativo divino de fazer as obras de Deus. A frase **aquele que me enviou**, referindo-se a Deus, que freqüentemente aparece neste Evangelho,¹²³ é de particular importância aqui, tendo em vista o significado de Siloé (“enviado”, ver o comentário sobre o v. 7).

Existem, aqui, contrastes que representam de forma ilustrativa a luta cósmica entre o bem e o mal — trabalhar, não trabalhar; dia, noite; trevas, luz; cegueira, visão; cegueira espiritual, visão espiritual (9.39-41). A obra de Deus e a obra do homem são para a luz e todos os seus corolários. Os apóstolos “... pelo poder do Espírito e como testemunhas do que eles tinham visto, se tornaram filhos da luz pela iluminação do mundo”.¹²⁴ Era o hábito de Phineas Bresee, independentemente da hora do dia, usar a saudação “Bom dia”. Também é bom recordar que “para o crente sempre é dia”.¹²⁵

A expressão **Enquanto estou no mundo (5)** pode ser traduzida como

“Em qualquer momento em que Eu estiver no mundo”. Esta é a idéia da universalidade da missão de Jesus, e é remanescente da afirmação do prólogo, a respeito da Luz (1.5,7-9).

Tendo dito isso, cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego (6). Durante todo este primeiro episódio, o homem cego não disse absolutamente nada. Jesus, a Luz, está comandando tudo! (cf. Ap 1.13-18). “Aluz só pode brilhar”.¹²⁶

Foram dadas várias sugestões sobre a razão para o uso da argila e da saliva. Uma delas é que se supunha que o cuspe tivesse poder de cura; assim Jesus usou o meio de que dispunha. Irineu sugere que o primeiro homem foi feito de argila; assim, “aquilo que o Criador — a Palavra — tinha deixado de formar no útero (*i.e.*, os olhos do homem), Ele então forneceu em público”.¹²⁷ Outra explicação é que a argila e o cuspe na verdade foram usados para selar os olhos do homem, fornecendo assim a oportunidade para que o homem fosse mandado ao tanque de Siloé. Isto foi feito, em primeiro lugar, para testar a fé e a obediência do homem; em segundo lugar, para dizer a todos que “o verdadeiro Enviado” cumpriu tudo o que fora representado por Siloé. Assim, Jesus lhe disse: **Vai, lava-te no tanque de Siloé** (que significa “o Enviado”) (7).

O tanque ficava situado a sudeste de Jerusalém (fora do muro atual; ver o mapa 2) e era alimentado por uma fonte. Um túnel de cerca de 500 m de comprimento os unia. O uso do símbolo da água ocorreu regularmente no Evangelho, sempre representando a imperfeição e a inadequação do judaísmo, e encontrando a completa perfeição na pessoa de Cristo (cf. 1.33; 2.6-7; 3.5; 4.13; 5.3-4,7; 7.38-39). “A corrente que saía do coração da rocha era uma imagem de Cristo... portanto, aqui Cristo trabalha através ‘do tanque’, o ‘Enviado’, aquele que foi diretamente enviado por Deus, para poder liderar os discípulos e uma vez mais ligar tanto Ele quanto a sua obra às promessas dos profetas”.¹²⁸

Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo (7). Assim como Naamã foi lavar-se sob a ordem de Eliseu, este homem também obedeceu e

recebeu a visão. Não foi um caso de recuperar alguma coisa que havia sido perdida, porque ele tinha nascido cego. “Tornar-se um cristão não é recuperar... mas sim receber uma iluminação nova e completa”.¹²⁹

E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé.... Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo (7). Neste texto, Norman R. Oke encontra o tema: “A desgraça pode se transformar em graça”. 1. O homem que nasceu cego enfrentava problemas que foram herdados (9.1); 2. O homem também passava por circunstâncias difíceis (8.59; 9.2); 3. Ele descobriu que olhos abertos levam a um coração aberto (9.34-38).

2. Das Trevas para a Luz (9.8-41)

Evidentemente, ao receber a visão, o homem foi a sua casa, onde a próxima cena ocorre. Curado, agora ele se torna o personagem central no drama, enquanto os vizinhos, parentes, fariseus, judeus, principais da sinagoga vêm e vão. É somente no final que Jesus e ele se encontram novamente. Durante estas rápidas mudanças de cena, existem duas tendências que são evidentes. Uma é a crescente consciência por parte do homem curado sobre quem é Jesus. A consciência crescente avança do **homem (11)**, para o **profeta (17)**, e para o **Senhor (38)**. A outra tendência é a crescente descrença e o julgamento preconceituoso por parte dos judeus. A descrença, começando no mesmo ponto, no **homem (16)** move-se chamando Jesus de **pecador (24)**, e finalmente acusando-o de estar possuído por um “demônio” (**10.20**). Quando os homens são confrontados por Jesus, alguma coisa inevitavelmente acontece. Eles podem ser melhores ou piores. Eles acreditam, ou se recusam a acreditar. Eles saem para encontrar a luz, ou refugiam-se nas trevas exteriores (**13.30**). Não existe uma base neutra quando alguém está perante aquele que é a Luz (5).

a. Ele é um Homem (9.8-12). Então, os vizinhos e aqueles que dantes tinham visto que era cego diziam: Não é este aquele que estava assentado e mendigava? (8) Isto identifica o homem que havia sido cego como um mendigo, e conhecido dos vizinhos. Mas o fato de que ele agora podia ver causou algumas divisões especulativas entre aqueles que o conheciam. **Uns diziam: E este. E**

outros: Parece-se com ele (9). No entanto, não havia dúvida na mente do homem. Embora o mundo que ele conhecia tivesse se modificado rapidamente, ele ainda conhecia a sua própria identidade, e assim fez o registro dizendo diretamente: **Sou eu (9).** Tendo este fato sido estabelecido plenamente, os seus vizinhos, com natural curiosidade, perguntaram: **Como se te abriram os olhos? (10)** Ele imediatamente identificou o seu benfeitor como **o homem chamado Jesus (11)**, e continuou contando os acontecimentos em ordem — argila, olhos ungidos, lavagem em Siloé, visão. Parece que o relato da fabricação do lodo, que constituía uma transgressão à lei do sábado, tornou-se a razão para outras perguntas: **Onde está ele? (12)**, ao que o homem respondeu **Não sei (12)**, e então foi levado aos **fariseus (13).**

b. Ele é um Profeta (9.13-17). Os fariseus perguntavam agora o que os vizinhos tinham perguntado antes — **como vira (15).** A resposta — que era a verdade — era a mesma: lodo, olhos ungidos, lavagem, visão. Quando os fariseus ouviram isto, o seu julgamento foi imediato. **Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado (16).** Mal sabiam eles que estavam julgando o Senhor do sábado! Outros espectadores, que não eram os fariseus, com algum bom raciocínio diziam: **Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles (16).**

A primeira pergunta dos fariseus se relacionava diretamente ao acontecimento. Agora as perguntas se relacionavam com a pessoa de Jesus. **Tu que dizes daquele que te abriu os olhos? (17)** Não pode haver uma verdadeira separação entre o que Jesus faz e quem Ele é, se alguém desejar verdadeiramente avaliar a sua obra ou a sua pessoa. O homem curado tinha tido um conhecimento experimental da obra de Jesus, e estava se movendo em direção ao verdadeiro entendimento da natureza de Jesus quando respondeu: **É profeta (17).**

c. Ele é Senhor (9.18-41). Quando confrontado com evidências contrárias aos seus preconceitos, a primeira inclinação das pessoas é questionar as evidências. Assim, **Os judeus não creram que ele tivesse sido cego e que agora visse, enquanto não chamaram**

os pais do que agora via. E perguntaram-lhes, dizendo: **E este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora? (18-19).** As duas perguntas provocavam respostas muito diferentes. A primeira não podia ser negada pelos pais. **Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego.** Mas eles lidaram cuidadosamente com a segunda pergunta. Diante da ameaça — **os judeus tinham resolvido que, se alguém confessasse ser ele (Jesus) o Cristo, fosse expulso da sinagoga (22)** — eles deram uma resposta cuidadosa: **Mas como agora vê não sabemos; ou quem lhe tenha aberto os olhos não sabemos; tem idade; perguntai-lho a ele mesmo, e ele falará por si mesmo (21).** Aqueles “que apelaram para a Quinta Emenda” foram motivados pelo medo da excomunhão, que não era pouca coisa. Ser **expulso da sinagoga** significava o ostracismo social, econômico e familiar, assim como o anátema dos principais da sinagoga. Mas o homem curado estava sujeito à mesma ameaça e ao mesmo medo, e como os seus pais se esquivaram de assumir a sua responsabilidade, todo o peso da decisão recaiu sobre ele.

Uma vez que os fariseus eram incapazes de abalar as evidências com base no questionamento da identidade do homem, agora se voltaram a ele e disseram: **Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador (24).** A frase **Dá glória a Deus** foi usada como “um termo técnico, um apelo à verdade”,¹³⁰ e significa simplesmente “Agora diga a verdade!” Mas o próprio conceito de verdade daqueles homens estava tão deturpado que chamavam aquele que é a Verdade de pecador. A verdade é um caminho, e o homem curado estava naquele caminho. Com grande discernimento e inspiração, ele respondeu: **Se é pecador, não sei; uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo**

(25) . Existe alguma coisa que é absolutamente inequívoca sobre a genuína experiência religiosa. E se alguém já teve uma experiência que transforma a cegueira espiritual em visão espiritual, deve-se seguir uma teologia sadia. O cético, ou aquele que duvida, dificilmente encontra uma resposta para o testemunho de uma vida transformada.

O questionamento insistente dos fariseus: **Que te fez ele? Como te abriu os olhos?**

(26) produziu um comprometimento e uma zombaria por parte daquela vítima potencial. Phillips traduz este trecho da seguinte forma: “Vocês não estavam ouvindo? Por que querem ouvir tudo outra vez?” **Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?** (ou, traduzido literalmente, “Vocês não estão querendo ser seus discípulos também, estão?” 27). A forma da pergunta indica que ele esperava uma resposta negativa por parte deles. Ele sabia muito bem que eles não iriam se tornar discípulos. No entanto, o uso da palavra **também** indica que ele mesmo estava determinado a ser um discípulo de Jesus.

Então, o injuriaram e disseram: Discípulo dele sejas tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés. Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é (28-29). O verbo traduzido como **injuriaram** (cf. 1 Pe 2.23) é uma palavra forte que significa “maltratar” ou “abusar”. Estes homens estavam discutindo forçosamente pela sua forma de religião, e ao mesmo tempo se afastavam tanto de Jesus quanto do seu novo discípulo. Os discípulos de Moisés é que deveriam saber de onde vinha Jesus. Mas todo o problema estava no fato de que eles nem mesmo eram verdadeiros seguidores de Moisés (cf. 8.39). A reivindicação que faziam de uma experiência religiosa válida, em termos de uma origem antiga e autêntica, era falsa.

A rejeição a Jesus por parte dos judeus e a ignorância confessa destes homens em relação à origem do Senhor (29) pareceram, para o novo discípulo, uma posição ilógica à luz daquilo que lhe havia acontecido. Usando um pouco de lógica baseada na experiência, ele atacou a posição deles. **Nisto, pois, está a maravilha: que vós não saibais de onde ele é e me abraze os olhos** (30). Começando com o que ele conhecia como um fato (a visão em lugar da cegueira), ele argumentou que tal conse-qüência deveria ter uma causa adequada. Jesus não poderia ser um pecador como eles tinham afirmado (24), porque **Deus não ouve a pecadores** (31). Esta observação era mais do que casual, ou o resultado de considerações pragmáticas. Ela

estava bem fundamentada nos ensinamentos do Antigo Testamento (veja Jó 27.9; Sl 66.18; Is 1.15; 59.2; Mq 3.4; Zc 7.13). Por outro lado, Deus ouviu a **alguém** que é **temente a Deus e faz a sua vontade** (31). Aliado a isto está o fato do acontecimento sem precedentes — a abertura dos **olhos a um cego de nascença** (32). Somente Deus, ou alguém que tenha um íntimo relacionamento com Ele, poderia ser a causa adequada daquilo que havia acontecido. **Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer** (33).

Evidentemente isto estava certo. A evidência da sua experiência, a força da sua lógica, e o humor nada sutil nos seus ataques (27) constituíam uma ameaça ao prestígio e à posição dos judeus. Eles precisavam degradá-lo porque não podiam responder nem ao seu testemunho nem à sua lógica. **Tu és nascido todo em pecados e nos ensinas a nós?** (34) Eles tomaram a sua cegueira de nascença, que eles mesmos tinham questionado previamente, como sendo prova segura de que a sua origem era um “completo pecado” (RSV). Assim tentavam desesperadamente desacreditar a veracidade do seu testemunho e a validade da sua lógica. Talvez soubessem muito bem que a verdade vence, e isso não podiam tolerar; então **expulsaram-no** (lit. “o lançaram fora”, 34). “Os ‘fariseus’ expulsaram do rebanho de Deus o homem que o próprio Cristo iluminou”.¹³¹

Para o homem cego de nascença, isto marcou o começo de um novo relacionamento pessoal, e envolveu uma separação deliberada da antiga vida de escuridão; significou o comprometimento com Jesus como Senhor (38). Também foi “o começo de uma nova Sociedade, distinta do judaísmo dominante”,¹³² exemplificando uma vez mais o contraste entre o antigo e o novo (cf. 1.33; 2.10,18,22; 3.5; 4.13-14; 5.8-9; 6.49-50). Esta nova sociedade torna-se o tema do capítulo 10, com a imagem do rebanho, do aprisco e do pastor.

Quando um homem toma deliberadamente uma decisão pelo que ele sabe que é certo, e especialmente quando faz isso sob grave coerção e contra grande oposição, todas as forças da verdade e da justiça estão ao seu lado e vêm ao seu auxílio. **Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de**

Deus? (35) Jesus o encontrou! Oh, que pensamento abençoado! O “caçador” do céu não vai abandonar a alma honesta e que procura a verdade. A pergunta de Jesus literalmente traduzida seria: “Você está colocando a sua fé no Filho do Homem?” A leitura “Filho do Homem” ou “Filho de Deus” recebe um forte apoio textual, e se encaixa particularmente bem no contexto que vem a seguir, onde o tema dominante é o do julgamento. “Pela primeira vez, o Senhor se oferece como o objeto da fé, e como ‘o Filho do Homem’ no seu caráter universal em relação à humanidade. Anteriormente, Ele tinha convocado os homens a segui-lo: Ele se revelara e aceitara a humilde homenagem dos crentes: mas agora Ele propõe um teste de comunhão. A sociedade universal se baseia na confissão de uma nova verdade”.¹³³

O homem respondeu a pergunta de Jesus com uma outra pergunta: **Quem é ele, Senhor, para que nele creia?** (36). **E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo** (37). “Jesus se revela como o Cristo. Vê-lo e reconhecê-lo é a visão perfeita e o esclarecimento; é, na verdade, a visão de Deus” (cf. 14.9).¹³⁴ O clímax de toda a narrativa é a afirmação firme e dinâmica do homem: **Creio, Senhor** (lit., “estou tendo fé, Senhor”). **E o adorou** (38). A fé religiosa prática freqüentemente excede o conhecimento teológico técnico. Aqui o homem aclama Jesus como o Senhor. Ele afirma a sua fé em Jesus pelo que Jesus é, e não simplesmente pelo que Ele fez. O reconhecimento levou à fé, e a fé resultou na adoração. O tempo do verbo (aoristo) **adorou** indica uma atitude e postura de vida definitivas. Com isso, o homem curado já não é mais mencionado. Mas o que aconteceu com ele mostrou o caminho que vai das trevas até aquele que é a Luz, e o caminho de uma instituição legalista, morta e sem sentido (o judaísmo) até uma sociedade e comunhão dos redimidos, onde Cristo é o Pastor (cap. 10). Aqui os estranhos (10.5) e os mercenários (10.12-13) não encontram lugar.

Uma breve revisão dos versículos 8-41 mostra a progressão da fé do homem curado. Começando pela sua própria experiência, ele respondeu a pergunta: “O que você acha de Cristo?” em três etapas: 1. Ele é um homem (8-12); 2. Ele é um profeta (13-17); 3. Ele é o Senhor (18-41).

Adicionalmente, o que aconteceu nesse episódio mostrou que o julgamento é o resultado inevitável da vinda daquele que é a Luz. **E disse-lhe Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem sejam cegos**

(39). Os fariseus suspeitavam que estivessem sob esse julgamento e perguntaram: **Também nós somos cegos?** (lit., “Nós não somos cegos também, somos?”, 40). A pergunta implicava a esperança de uma resposta negativa. Mas Jesus disse: **Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas como agora dizeis: Vemos, por isso, o vosso pecado permanece** (41). Lightfoot comenta: “Quando o Senhor enuncia a verdade primordial de que o seu evangelho envolve uma discriminação que confunde todos os julgamentos e padrões aceitos pelo mundo, os fariseus, que percebiam que as Palavras dele envolviam o desafio — se eles se colocavam na Luz ou nas trevas — notam, ao fazer a pergunta ao Senhor, que a sua reivindicação de visão, a sua crença de que conseguem enxergar, é, na verdade, a sua própria condenação”.¹³⁵

3. O *Pastor das Ovelhas* (10.1-42)

A abertura, **Na verdade, na verdade** (1), é caracteristicamente usada por João para apresentar uma mudança de assunto, mais do que um novo episódio. Aqui, as palavras de Jesus estão intimamente ligadas ao que aconteceu anteriormente. O **vos digo** (1) dedica o discurso a seguir tanto ao homem curado (9.35) quanto aos fariseus que estavam com ele (9.40). Para o homem Ele teve palavras de conforto e força (3-4,7,9-10); para os fariseus, palavras de condenação e de julgamento (1,5,10-13).

a.A Nova Sociedade (10.1-18). Aparábola ou ilustração (1-5) que Jesus usou não era de todo nova para os seus ouvintes. Em Ezequiel 34, aparece o mesmo exemplo do pastor e das ovelhas. Ali os governantes são condenados como negligentes, tirânicos, não se importando com as suas responsabilidades (4). Eles abusam da sua função (3) e se alimentam, ao invés de alimentar as ovelhas (2-3,8). Como resultado, as ovelhas se espalham (5) e tornam-se presas fáceis para todas as feras do campo (8). Conseqüentemente, Deus irá julgar os pastores

indignos (10), e Ele mesmo irá reunir o rebanho desgarrado (12), alimentá-lo (14) e dar-lhe abrigo (15). Deus irá indicar um Pastor, da raiz de Davi (o Messias), e Ele mesmo alimentará o rebanho e será o seu Pastor (23). Então o rebanho terá paz, segurança (25), e possuirá todas as bênçãos da terra bem regada (26). O rebanho é Israel (30) e pertence ao Senhor Deus (31).

Outros usos do mesmo exemplo no Antigo Testamento são encontrados em Salmos 23; 74.1; 78.52, 71; 79.13; 80.1; 95.7; 100.3; Isaías 40.11; Jeremias 23.1-4. Falsos pastores aparecem em alguns casos; por exemplo, em Jeremias 2.8; 10.21; 12.10; Zacarias 11.3-9, 15-17. A mesma linguagem metafórica também aparece em outras partes do Novo Testamento; por exemplo, em Marcos 6.34; 14.27; Lucas 12.32; 15.3-7; Mateus 9.36; 15.24; 18.11-13; 26.31; Hebreus 13.20; 1 Pedro 2.25; 5.4.

A razão para o uso freqüente do exemplo pastor-rebanho é, sem dúvida, o fato de que os judeus tinham sido um povo pastoril durante muitas gerações. Este tipo de linguagem era fácil de ser entendido por todos. À medida que Jesus utiliza o exemplo aqui, todos os elementos essenciais aparecem: o rebanho, o aprisco, a porta, o pastor, os ladrões, os mercenários e os estranhos. Seria uma violência para a parábola tentar encontrar um equivalente exato e constante para cada um dos elementos, embora algumas coisas sejam evidentes.

Primeiramente, só existe uma entrada verdadeira para o curral. **Aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador** (1). O motivo e o método de abordagem do rebanho marcam as diferenças entre o ladrão e o pastor. O pecado e os seus agentes querem enganar e destruir, ao passo que o Bom Pastor (14) dá a sua vida pelas ovelhas (15).

Em segundo lugar, existe o Bom Pastor (11), que entra no aprisco pela porta — **Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas** (2). A palavra **pastor** é *anarthrous* em grego, e conseqüentemente “fixa a atenção no caráter, como algo distinto da pessoa”.¹³⁶ “O pastor não é *um* exemplo na parábola, ele é o exemplo;

e é sobre a descrição do seu comportamento que se apóia a narrativa, para que a atenção dos leitores possa se concentrar ali. Não somente as ovelhas são as suas próprias ovelhas; não apenas ele tem toda a autoridade para aproximar-se delas; não apenas ele chama as suas ovelhas pelo nome; não apenas elas ouvem a sua voz, mas ele as traz para fora e, quando faz sair todas as suas ovelhas, vai diante delas, e elas o seguem”.¹³⁷

Em terceiro lugar, Ele é o Criador da nova sociedade de crentes, *i.e.*, daqueles que crêem nele. **A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz** (3-4). A menção do **porteiro** ou guarda do portão é incidental na história. Mas uma coisa é importante. Existe um relacionamento entre o Pastor e as ovelhas que se baseia na natureza do Pastor — a sua voz, o seu conhecimento das ovelhas, a sua liderança, a sua orientação. Estas palavras devem ter significado muito para o homem que tinha sido curado da sua cegueira, e que fora excomungado da sua sinagoga (9.34) e expulso da sua família. Agora, ele era um membro da nova sociedade, um seguidor do Bom Pastor. A palavra usada para **tirar para fora** é a mesma traduzida como “expulsar” em 9.34. Assim, realmente, ser expulso, sob o ponto de vista de Deus, é ser chamado para fora. Assim é a *ekklesia* (lit., “os chamados para fora”), a Igreja, a nova sociedade.

Em quarto lugar, aqueles que pertencem a esta nova sociedade, a Igreja, são submissos a uma única voz, **...porque conhecem a sua voz. Mas, de modo nenhum, seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos** (4-5). Existe uma gloriosa exclusividade em ser um membro do rebanho de Cristo — existe somente uma voz, um caminho, uma vontade que realmente importa. Em uma época de uma vida excessivamente complexa, o caminho garantido para a paz de espírito, para o enfoque nos propósitos corretos, e o comprometimento significativo é encontrado quando reconhecemos somente a **sua voz**. Esta “audição seletiva” é uma proteção não somente contra a heterodoxia, mas

também contra a desintegração da personalidade (cf. 14-15). Thomas R. Kelly chama isto de “orientação habitual de todo o ser para aquele que é o Foco”.¹³⁸

Tendo registrado a parábola, o autor insere uma observação sobre a reação de alguns dos ouvintes. **Jesus disse-lhes esta parábola, mas eles não entenderam o que era que lhes dizia (6).** A palavra aqui traduzida como **parábola** aparece somente cinco vezes no Novo Testamento, quatro delas no texto de João (16.25,29; 2 Pe 2.22). Ela significa um exemplo simbólico, e especialmente no uso de João significa dizeres misteriosos, uma “figura de linguagem” (NASB) “na qual se escondem idéias particularmente grandiosas”.¹³⁹ Talvez ela seja melhor traduzida como “alegoria” (Moffatt). As palavras, **Eles não entenderam**, assumem um interessante contraste com a expressão mais usual de João; “não creram” (cf. 38). A familiaridade direta com (o conhecimento) o chamado (a voz) de Deus e a sua reivindicação (a propriedade), além do comprometimento pessoal com esse chamado (a fé), são corolários definitivos no encontro divino-humano.

Agora se segue uma explicação da parábola (w. 7-18), e essa explicação também é dada em uma linguagem altamente figurada (cf. a parábola do semeador e sua explicação, Mt 13.3-23). **Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas (7).** **Em verdade** representa a mudança, da parábola para a explicação, que começa com a revelação de Jesus de sua natureza divina (cf. os comentários sobre 4.26; 6.20; também sobre 6.35,41,48,51; 7.34,36; 8.12,24,28,58; 10.9,11,14,36; 11.25; 13.19; 14.6; 15.1,5; 17.24; 18.8). A exclusividade deste caminho de fé em Cristo nunca foi melhor colocada do que quando Jesus disse: **Eu sou a porta.** Cristo é o Caminho para Cristo, pois Ele é ao mesmo tempo a Porta e o Aprisco. Parece atraente quando os homens dizem que todos aqueles que têm ideais éticos elevados comparáveis aos do Sermão da Montanha são cristãos. Mas como isso parece vazio quando colocado ao lado do desafio pessoal: **Eu sou a porta! Não existe outra! Assim, Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram (8).** Certamente isto não deve ser

interpretado como uma referência àqueles verdadeiros mensageiros de Deus do Antigo Testamento, mas inclui todos aqueles que falsamente se intitulam mensageiros de Deus. Mesmo os fariseus, que corromperam os ensinamentos de Moisés como se estes mesmos fossem capazes de dar vida, estão sob esta condenação. “Não há um ponto na história humana que esteja além do horizonte dos ladrões e mercenários das parábolas. Quando o homem afirma anunciar o dom da vida, à parte da fé em Jesus, ele se proclama como ladrão e mercenário, e a sua atividade foi, é, e será, uma atividade destrutiva”.¹⁴⁰

Outra vez Jesus se declara como sendo **a porta** (9), mas desta vez retrata os benefícios que vêm àquele que entra. **Se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens** (9). E agora um assunto de vida ou morte para as ovelhas. A única e verdadeira entrada significa a vida — a salvação, a segurança, o sustento. Mas a morte é encontrada no caminho falso, pois **o ladrão não vem senão a roubar, a matar e a destruir** (10) — perda, morte, destruição. Contra este cenário se delineia o tema supremo do evangelho — a vida abundante pela fé em Cristo. **Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância**. Todo o propósito da missão de Jesus é dar a vida (20.31), e que esta vida seja de qualidade suprema (eterna), assim como infinita em quantidade (cf. 1.16; 2.6ss.; 4.14; 6.13; 7.38). O propósito e o plano de Deus não são apenas salvar o homem da morte, da destruição, da culpa, mas também torná-lo santo, “conforme a imagem do seu Filho” (Rm 8.29). Tal propósito só pode ser atingido de uma maneira; por meio da morte voluntária de Jesus. Simplesmente por ser **o bom pastor**, Ele dá a **sua vida pelas ovelhas** (11). Literalmente, **o bom pastor** pode ser traduzido como “O Pastor, aquele que é bom”. A sua bondade é tão grande que Ele não encontra comparação — não existe Pastor como Ele. Alguns levantaram a questão de como Cristo

João 10.1118

Os Sinais

pode ser ao mesmo tempo a Porta e o Pastor. Mas isto significa estar limitado pelos detalhes da parábola, porque Ele certamente é a Porta do aprisco, a única Entrada para a vida, e Ele é o Pastor das ovelhas, o Único que se preocupa o.suficiente para dar a sua vida pelas ovelhas (cf. 6.51).

Um novo personagem é introduzido no versículo 12 — o mercenário. **Mas o mercenário, que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatada e dispersa. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado das ovelhas** (12-13). Não existe um exame de razões para serviço mais intenso nem mais concentrado do que este. Não é preciso ser um ladrão, um bandido, ou um lobo para destruir as ovelhas — basta um trabalhador assalariado, *i.e.*, alguém que pensa somente em termos do que ele pode conseguir, nunca em termos do que pode dar. A menos que vigie de perto os motivos para manter-se puro, quando a crise chega (**o lobo**), o homem fica oprimido e foge, abandonando a responsabilidade e o rebanho.

O relacionamento entre o Bom Pastor e o seu rebanho baseia-se na natureza do relacionamento entre Jesus e o Pai. **Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido** (“As minhas me conhecem”, NASB). **Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai e dou a minha vida pelas ovelhas** (14-15). Cada um dos seis verbos destes versículos está no presente, e assim o retrato é ilustrativo.

Particularmente, o verbo **conhecer** no presente significa conhecer por familiaridade, por experiência. As ovelhas “têm a experiência de conhecer a Jesus como o seu próprio Pastor. Aqui (neste conhecimento recíproco) está o segredo do seu amor e da sua lealdade”.¹⁴¹

A observação universal do quarto Evangelho se destaca na afirmação

de Jesus: **Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor** (16). Observe que há **outras ovelhas**, não bodes. “O rebanho de Cristo não está limitado àqueles que estão encerrados no curral judaico, seja na Palestina, seja em outros lugares” (cf. 11.52; 12.32).¹⁴² O amor de Deus é para *todo* o mundo (3.16). A urgência moral de trazer essas outras ovelhas para o curral está expressa nas palavras, **também me convém agregar estas**. O verbo **ouvir** “assume o genitivo, como quando tem a conotação de ouvir com entendimento e obediência”.¹⁴³ **Haverá um rebanho**¹⁴⁴ tem o verbo no plural nos melhores manuscritos, e a palavra “rebanho” é a tradução correta do termo gregopoimne (cf. Ez 34.20-24). “Todos (judeus e gentios) formarão um único rebanho sob um único Pastor”.¹⁴⁵

O sacrifício voluntário e de auto-doação de Jesus provê não apenas a linha de pensamento desta seção, como também um tipo de clímax na sua interpretação da parábola. A idéia já foi mencionada anteriormente, mas agora o assunto fica explícito. O amor do Pai e a auto-doação do Filho estão ligados de maneira inseparável (6.51; 10.11,15). **Por isso, o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la** (17-18). Pela primeira vez nesta seção, a idéia da ressurreição é introduzida, e é vista como “a inevitável consequência da obediência a Jesus”.¹⁴⁶

Não existe conflito entre a auto-doação voluntária de Jesus e a sua afirmação: **Esse mandamento recebi de meu Pai** (18). Os objetivos auto-escolhidos em termos da von-

tade perfeita de Deus constituirão a liberdade melhor e mais elevada da vida. Quando Jesus se colocou de acordo com a vontade do Pai, a ressurreição se fez possível e verdadeira. “A comunidade concreta de cristãos do mundo foi trazida à existência por um conjunto histórico e concreto de obediência, e toda a vida da igreja deve ser controlada pela fé em Jesus. Nele, o amor de Deus e a fé dos homens

se encontram, e se encontram na morte de Jesus, porque ali a vontade de Deus foi finalmente cumprida: cumprida, porque a sua morte não foi nem o resultado das manobras dos judeus ou de alguns impetuosos, nem uma decisão excêntrica de Jesus de render-se aos seus inimigos. Foi o clímax de uma necessidade divina, e toda a sua vida e ministério se dirigiram a ela”.¹⁴⁷

b. As Divisões (10.19-21). As declarações de Jesus a respeito de si mesmo, assim como o seu ato de cura do homem nascido cego, geraram uma **divisão entre os judeus** (19). Esta divisão era mais profunda do que nunca (cf. 9.16). Alguns levantavam a questão da natureza de Jesus, dizendo que Ele era um pecador por ter desobedecido às leis do sábado, ao passo que outros diziam que nenhum pecador é capaz de abrir os olhos a um homem cego. A **divisão** (dissensão, cisma) aqui era tão aguda que **muitos deles diziam: Tem demônio e está fora de si** (20).¹⁴⁸ No encontro divino-humano, existe uma lei que diz que os homens não serão os mesmos depois de terem um encontro com o Homem da Galiléia. A reação será a fé ou a descrença. A fé resulta de um conceito verdadeiro de quem Jesus é, como no caso do homem curado. A descrença — começando no mesmo ponto, em Jesus encarnado (9.15-16) — avança até o ponto onde eles o chamaram de pecador (9.24), e agora vai até à maior de todas as blasfêmias: **Tem demônio** (cf. 7.20; 8.48,52).

Como os seus inimigos acreditavam que Jesus estava possuído pelo demônio, a pergunta deles, como uma oposição, era natural: **Por que o ouvis?** (20). O verbo **ouvir**, como é usado aqui, significa “escutar com atenção e apreço”,¹⁴⁹ tornando o cisma **entre os judeus** ainda mais compreensível.

A réplica da oposição baseava-se puramente nas premissas pragmáticas. A conclusão deles se enquadrava no que eles tinham visto, e no fato de que as afirmações de Jesus a seu respeito não poderiam ser as **palavras** de um **endemoninhado**. Os argumentos deles se depararam com a pergunta retórica: **Pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?** (21)

c. O *Ultimo Testemunho Público* (10.22-42). O lugar é o mesmo de 7.10-10.21, **Jerusalém**, mas agora é **inverno** e a ocasião é a **Festa da Dedicção** (22). Estes poucos versículos (10.22-42) é tudo o que João tem a dizer sobre o período entre os eventos e sermões da época da Festa dos Tabernáculos (7.8), e os eventos e sermões próximos da última Festa da Páscoa durante o ministério terreno de Jesus (12.1). **A Festa da Dedicção** foi a última das grandes festas judaicas a ser estabelecida. Ela foi instituída para comemorar a purificação do Templo em 164 ou 165 a.C., por Judas Macabeu e seus irmãos, trazendo a um fim a profanação do Templo sob o rei sírio Antíoco Epifânio. Ainda celebrada hoje em dia pelos judeus, é chamada de Hanukkah e é realizada perto da época do Natal.¹⁵⁰ Também é conhecida como a Festa das Luzes.

Aqui, como em outras partes do texto de João, o sermão está associado a uma festa (cf. 2.23; 5.1; 6.4; 7.2, 38-39) e tem um significado especial em termos do objetivo da festa. Houve sugestões de que “aqui o ministério do Senhor, que atinge o seu clímax na

Paixão, é definido como a verdadeira dedicação, que deve superar e substituir a festa judaica”.¹⁵¹ Da mesma maneira, a menção que o autor faz ao fato de que **era inverno** parece ser mais do que uma mera observação, porque era a “estação da morte, interior e exterior” (cf. 13.30).¹⁵²

O fato de que **Jesus passeava no templo, no alpendre de Salomão** (23, ver o quadro A) pode ser devido ao tempo frio. Era ali que os rabinos conversavam com os seus alunos e discutiam a lei. Quando Jesus se uniu a eles, veio a inevitável pergunta: **Até quando terás a nossa alma suspensa?** que também é traduzida como “Até quando você nos manterá em suspense (na dúvida)?” (ASV). Embora estas traduções sejam aceitáveis, o verbo grego *aireis* usado aqui é a mesma palavra que aparece no versículo 18, onde é traduzido como “tomar”. Foi sugerido que uma tradução igualmente adequada seria: “Por quanto tempo você vai continuar a tirar a nossa vida?” Hoskyns comenta: “O ministério e a morte de Jesus envolvem a destruição do judaísmo... Jesus está tirando a vida deles”.¹⁶³

Em relação à exigência dos judeus: **Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente**

(24) , Jesus deu uma resposta em quatro partes. 1. Os judeus não crêem, embora a Palavra lhes tenha sido dita, **Já vo-lo tenho dito**, e as suas obras **testificam** a respeito dele

(25) . A comunicação pessoal de Deus com os homens, na sua melhor hipótese, não tinha resultado na fé por parte dos judeus. 2. A razão pela qual eles não tinham fé, **vós não credes**, é porque, como disse Jesus: **não sois das minhas ovelhas**. 3. Em contraste com aqueles que não crêem, existem aqueles que Ele chama de **minhas ovelhas** (27). Quatro fatos caracterizam as suas ovelhas: (a) elas **ouvem** a sua **voz**, e, como foi escrito aqui, elas ouvem com atenção e consideração (20); (b) Ele as conhece (lit., “Eu tenho um relacionamento pessoal com elas”; 14-15); (c) elas o seguem (lit. “elas estão me seguindo”); e {d) Ele lhes dá a **vida eterna** (27-28).¹⁵⁴ 4. Aquelas que ouvem, aquelas com quem Ele tem um relacionamento pessoal, e a quem Ele dá a vida eterna, **nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará das suas mãos** (28). Alguns assumiram que isto significa que uma pessoa está eternamente segura, independentemente do que faz a respeito do seu relacionamento com Deus. Mas a garantia de segurança — que é uma promessa magnífica e adequada — é que nada exterior ao homem pode destruí-lo, enquanto ele estiver depositando a sua fé em Deus. Westcott diz: “Se o homem peca, em qualquer estágio da sua vida espiritual, não é devido à vontade da graça divina, nem ao poder opressor dos adversários, mas pela sua negligência em usar o que pode usar ou não. Não podemos ser protegidos contra nós mesmos, apesar de nós mesmos”.¹⁵⁵

Esta garantia para aquele que tem fé se baseia na própria natureza de Deus, pois Jesus disse: **Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las das mãos de meu Pai** (29). Existe um problema textual na versão KJV quanto à tradução da primeira parte do versículo 29. O texto que representa a autoridade mais antiga diz: “Aquilo que o Pai me deu” que é a versão preferida por alguns comentaristas. A mesma idéia é expressa em 6.39 e 17.2.

No entanto, as duas leituras transmitem a mesma idéia básica. “O Pai é a única fonte de segurança dos crentes em Jesus. Eles pertencem a Jesus porque foram dados a Ele pelo Pai”.¹⁶⁶

Além disso, a garantia do crente está baseada no relacionamento entre o Pai e Jesus, porque Ele disse: **Eu e o Pai somos um** (30). Qual é a natureza deste relacionamento? Em que sentido o Pai e o Filho são um? Uma tradução literal seria: “Eu e o Pai, nós somos um”. Westcott diz: “Todas as palavras desta frase tão importante estão repletas de significado. A palavra é *Eu*, e não o *Filho*; o *Pai*, e não *meu Pai*; uma essência, e não apenas uma pessoa; *somos*, e não *sou*. A revelação é a natureza de Cristo na totalidade da sua natureza dupla, do Filho encarnado na plenitude do seu ser manifestado, e em relação com o *Pai*, com Deus, pois Ele é, ao mesmo tempo, Pai do Filho, e Pai dos homens”.¹⁶⁷ Barclay, usando outras afirmações de Jesus a respeito da unidade entre Jesus e o Pai e os crentes (17.11,20-22) argumenta que a unidade aqui descrita é basicamente uma união moral. Ele diz: “O laço da unidade é o amor; a prova do amor é a obediência. Os cristãos são unidos uns com os outros quando são unidos pelo laço da unidade, e obedecem às palavras de Cristo. Jesus é uno com Deus porque Ele obedeceu a Deus e Ele amou a Deus como ninguém jamais o fez. A sua unidade com Deus é uma unidade de amor perfeito, que resulta em uma obediência perfeita”.¹⁵⁸ Embora esta união moral seja um fato, ela se baseia na suposição da verdade de uma união de naturezas.

Quando os judeus pegaram, então, outra vez, em pedras para o apedrejarem (31), essa não foi uma atitude nova por parte deles (cf. 1.11; 5.17-18; 6.40-43,51,52,60,66; 7.29-30; 8.58-59) e atingiu o seu clímax na crucificação. A razão alegada para o seu ato foi a **blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo** (33). A reação de Jesus a esta acusação foi um apelo à sua reverência pelas Escrituras. Ele citou Salmos 82.6, **Eu disse: sois deuses?** (34) Isto se aplicava “a todos os homens inspirados do Antigo Testamento, incluindo os profetas, e preparava o caminho para o contraste entre aqueles a quem vieram tanto a Palavra de Deus, quanto Jesus, que é verdadeiramente o Filho de Deus”.¹⁵⁹ Como a **Escritura não pode**

ser anulada (35), por que o título **Filho de Deus** (36) não se aplicaria àquele **a quem o Pai santificou e enviou ao mundo** (36)?

160

Jesus queria submeter a sua reivindicação ao teste pragmático. Se a sua afirmação, **Sou Filho de Deus** (36), é verdadeira, as suas obras deveriam ser avaliadas com base nessa afirmação. **Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis** (37). Os judeus não tinham contestado as boas obras de Jesus (cf. 33), mas hesitavam em uma descrença com respeito a sua verdadeira natureza. É fácil para o homem aceitar as bênçãos e os benefícios de Deus, mas é mais difícil colocar a fé em Cristo por Ele ser quem é. Este é o tema constante no Evangelho de João: a fé que assegura a vida eterna nunca é menor do que a fé em Jesus por ser Ele quem é. Isto não quer dizer que as obras de Jesus não tenham um valor instrumental. Ele exortou o povo a crer... **nas obras, para que conheçais e acrediteis** [“percebais”, NEB] **que o Pai está em mim, e eu, nele** (38). Bernard traduz **conhecer** e **acreditar** com maior precisão: “Para que vocês possam perceber e assim alcançar a firme convicção do conhecimento”.¹⁶¹ Mas os judeus não toleravam nenhuma transigência e **procuravam, pois, prendê-lo outra vez** (39). Entretanto, como a sua hora ainda não era chegada (cf. 7.30; 8.20), **ele escapou de suas mãos**.

Este foi o “último encontro direto do Senhor com os judeus durante o seu ministério”.¹⁶² Terminada a discussão, Ele **retirou-se outra vez para além do Jordão, para o lugar onde João tinha primeiramente batizado, e ali ficou** (40; cf. 1.28). Esta localização não pode ser identificada com precisão, mas seria algum lugar a leste do Jordão, em Peréia ou Decápolis (ver o mapa 1). Este retorno ao lugar onde Ele iniciara o seu ministério público não era um acidente. A tranquilidade daquele lugar solitário, e a lembrança de uma grande visitação de Deus são necessárias na vida de qualquer pessoa que esteja enfrentando uma crise, como Jesus (cf. Gn **35.1-5**). Porém, nem mesmo neste lugar houve alívio para o nosso Senhor por parte das multidões, pois **iam ter com ele** (41) e **ali creram nele** (42). Neste ponto, há uma última menção a João Batista neste Evangelho. E um

tipo de avaliação comparativa entre as obras e palavras de João e Jesus. **João não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse deste era verdade (41).**

I. Da Morte para a Vida, 11.1-57

Este é o último dos “sinais” registrados por João como evidência de que Jesus é o Cristo, e outra oportunidade para a fé por parte daqueles que estão lendo (cf; 20.30-31). Este milagre, freqüentemente chamado de “o maior”, é um clímax adequado para as obras terrenas de Jesus. E o melhor exemplo do que Jesus pode fazer pelos homens — trazê-los da morte para a vida. “Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (10.10).

Com freqüência, surge a questão a respeito do fato de que este milagre está registrado somente por João, e não é mencionado nos Sinóticos. Devemos nos lembrar de que existem outros milagres de ressurreição dos mortos registrados nos Sinóticos: a filha de Jairo (Mt 9.18-26; Mc 5.22-43; Lc 8.40-56) e o filho da viúva (Lc 7.11-17). Os Sinóticos também trazem afirmações gerais sobre tais milagres caracterizando a obra e o ministério de Jesus (Mt 11.4-5; Lc 7.22).

E necessário dizer pelo menos três coisas. A primeira, João não menciona esses dois milagres registrados nos Sinóticos; nenhum autor, exceto Lucas, fala do filho da viúva. Descartar a ressurreição de Lázaro somente com base na falta de evidências de apoio requereria descartar a ressurreição do filho da viúva também. A segunda, existe o registro de uma testemunha ocular, João; assim, a necessidade das provas recai sobre o homem que diz “não aconteceu”. Finalmente, se Jesus era Deus encarnado, não há dificuldades insuperáveis no relato. Se Ele é menos que isso, toda a história do Novo Testamento é inteiramente inacreditável. Assim, a pergunta realmente é: Quem você acha que Ele é?

1. A Morte de Lázaro (11.1-16)

A introdução da narrativa apresenta os personagens principais. Há duas irmãs, Maria e Marta (cf. Lc 10.38-42). Elas são identificadas como

residentes em Betânia (ver o mapa 2), uma aldeia no declive sudeste do monte das Oliveiras, cerca de três quilômetros de Jerusalém. Maria é descrita como **aquela que tinha ungido o Senhor com ungüento e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos (2,** cf; Mt 26.6-13; Mc 14.3-9). Lázaro,¹⁶³ o irmão das duas mulheres, não é mencionado em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Mas aqui ele é um personagem importante, embora passivo. No estilo característico de João, ele é apresentado como **um certo Lázaro e como enfermo (1),** “um fato de extrema importância”.¹⁶⁴ A doença de Lázaro retrata a condição de todos os homens separados de Deus. A aflição é o pecado, que é universal (Rm 3.23), e o seu fim é sempre a morte (Rm 6.23).

Na sua hora de desespero, por causa da terrível doença de Lázaro, as irmãs enviaram um recado a Jesus, que estava em Peréia (10.40), talvez a uma distância entre trinta e cinquenta quilômetros (ver o mapa 1), dizendo: **Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas (3).** A mensagem foi enviada “com a afeição natural de seu relacionamento pessoal”.¹⁶⁶ A reação inicial de Jesus foi dizer três coisas: a primeira, **Esta enfermidade não é para morte (4).** Estas palavras “significam, para os ouvintes, que a doença é temporária, mas para Jesus elas significam que a morte de Lázaro não é mais do que uma morte temporária”,¹⁶⁶ porque Ele sabia o que iria fazer (cf. 6.6). A segunda, esta doença é **para glória de Deus.** “A cura indubitavelmente capacitaria os homens a ver a glória de Deus em ação”.¹⁶⁷ Em terceiro lugar, esta enfermidade é **para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.** O milagre de ressuscitar Lázaro dos mortos é, no Evangelho de João, a justificativa para o julgamento e a morte de Jesus (ver 11.47,48,57), que é também a sua hora de glorificação (12.23; 17.1).

Alguns hesitam e chegam a tropeçar naquilo que parece ser um paradoxo. **Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro (5),** mas ainda assim, **ouvindo... que estava enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde estava (6).** Se Ele amava, por que demorou? Esta não é uma pergunta pouco freqüente na mente dos homens que são afligidos pela tristeza e pela morte. Mas Jesus tinha as suas

razões. “Como o Senhor amava a família, Ele foi no exato momento em que a sua visita seria mais frutífera, e não quando foi convidado”.¹⁶⁸ Em todas as outras partes do quarto Evangelho, Jesus também decide agir estritamente pela sua própria iniciativa, nunca simplesmente pelo convite ou pela solicitação dos homens (cf. 2.4; 7.3-10). Assim, aqui, na hora certa, Ele disse aos seus discípulos: **Vamos outra vez para a Judéia (7).**

Esta proposta de voltar para a Judéia motivou uma considerável discussão entre Jesus e os seus discípulos. O seu conteúdo provê uma reflexão sobre o milagre e as conse-qüências que iriam ocorrer. E evidente que os discípulos estavam bem cientes da profunda hostilidade dos judeus que **procuravam apedrejar** Jesus (cf. 10.31,39). Naturalmente eles perguntaram: **E tornas para lá? (8)**

A resposta de Jesus a esta objeção está em uma linguagem francamente figurada. **Não há doze horas no dia? (9).**¹⁶⁹ Trench comenta assim a paráfrase: “Enquanto durar o dia, o tempo indicado pelo meu Pai para o meu trabalho terreno, enquanto houver qualquer obra para que eu realize, eu estarei seguro, e vocês estarão seguros na minha companhia”.¹⁷⁰ Mesmo diante do mais formidável inimigo, a morte, não devemos nos render tão rapidamente ao desespero em um momento de crise. Jesus conhecia a sua hora e estava pronto no momento indicado.

A idéia sugerida pela palavra **dia** se desenvolve em figuras características de João: **luz, andar** sem tropeçar, o que se torna possível porque uma pessoa **vê a luz deste mundo (9, cf. 1.5,9; 9.5).** Estes exemplos positivos estão intimamente associados com a vida **(1.4; 8.12).** Eles devem superar a noite e as trevas, onde os homens tropeçam **(10)** e onde reina a morte **(13-14).** Os versículos **9-14** definem o tema de todo o capítulo. Existe uma luta cósmica entre as trevas e a luz, a morte e a vida, o mal e o bem. Esta luta é particularizada aqui em um homem — Lázaro. Ele **está morto (14).** Nesta situação humana, Jesus deve entrar para evocar a fé naqueles que vivem, para dar a vida a quem estava morto.

Quando Jesus disse: **Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono** (11), Ele estava usando a palavra “sono” com duplo sentido. Como usada no Novo Testamento, ela tem o sentido eufemístico de “morte” em treze ocorrências, contra somente três vezes no sentido de “sono normal”.¹⁷¹ Mas os discípulos pensaram que Jesus se referia ao sono normal, daí a sua observação: **Senhor, se dorme, estará salvo** (“ele se recuperará”, NEB, 12). Para deixar esta situação perfeitamente clara para os discípulos, Jesus disse **claramente: Lázaro está morto** (14).¹⁷² A ausência de Jesus junto àquele leito de morte se converteria em uma coisa boa para os discípulos. Jesus disse: **folgo, por amor de vós, de que eu lá não estivesse, para** [“com a finalidade de”, Berk] **que acrediteis. Mas vamos ter com ele** (15). Ressuscitar Lázaro dentre os mortos seria um milagre que traria um convencimento maior do que curar a sua enfermidade.

Já não havia protestos por parte dos discípulos quanto ao perigo que espreitava na Judéia; mas Tomé, com o seu pessimismo característico, em um tipo de desespero leal insistiu com os discípulos para que acompanhassem o destino do seu Mestre:¹⁷³ **Vamos nós também, para morrermos com ele** (16). Sobre Tomé, Westcott diz: “Ele será capaz de morrer pelo amor que sente, porém jamais fingirá uma fé que não sente”.¹⁷⁴

2. Jesus e Marta (11.17-27)

A viagem da Peréia (além do Jordão, ver o mapa 1) a Betânia levou cerca de dois dias. Jesus ficou onde estava por **dois dias** (6) depois que recebeu a mensagem das irmãs. Assim, quando Ele chegou em Betânia, **já havia quatro dias que** [Lázaro] **estava na sepultura** (17).

A proximidade entre Betânia e Jerusalém, **quinze estádios** (18; ver o mapa 2), pouco mais de três quilômetros, era conveniente para **muitos dos judeus que tinham ido consolar a Marta e a Maria, acerca de seu irmão** (19).

As duas irmãs reagem à chegada de Jesus nesta ocasião com a mesma

personalidade que demonstraram em Lucas **10.38-42**. Marta é ocupada, ativa e lidera, ao passo que Maria é pensativa, devota e espera. Assim... **ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou assentada em casa (20).**

A conversa de Jesus com Marta neste episódio poderia ser chamada de “uma lição sobre o significado da fé”. Pois a fé, para ser eficiente, deve ser não apenas dinâmica, mas também completa, *i.e.*, deve ser caracterizada por aquelas reações que envolvem a pessoa como um todo. L. H. Marshall compara a fé com a pólvora, que é composta por carbono, enxofre e salitre, e cada um desses compostos deve estar na mistura antes que haja uma explosão. Da mesma forma, a fé genuína tem os seus elementos de confiança, a reação emocional; a fé, a reação de compreensão, ou a resposta intelectual; e também de lealdade, o exercício da vontade.¹⁷⁵ Jesus desafia Marta a ter esse tipo de fé.

Não havia dúvida sobre a sua confiança, pois as suas primeiras palavras a Jesus foram: **Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá (21-22)**. Este ato inicial de fé confiante tentara “alcançar aquilo que não conseguiria agarrar”.¹⁷⁶ Marta deve ter sentido pouco consolo ou esperança quando Jesus sugeriu que o seu **irmão** iria **ressuscitar**. Ela expressou imediatamente a sua esperança judaica quando disse: **Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia (24)**. Ela ainda não tinha percebido que “na presença de Jesus, a ressurreição é uma realidade iminente e presente; e aquilo que para os judeus é uma esperança futura, para os cristãos é uma realidade presente”.¹⁷⁷

Para levar Marta a compreender a imediata presença da ressurreição, Jesus declarou: **Eu sou a ressurreição e a vida (25)**.¹⁷⁸ Embora esta afirmação se expresse na forma das muitas similitudes, em João, que expressam a idéia da divindade — por exemplo, “Eu sou o pão da vida” (6.48) ou “Eu sou a videira verdadeira” (15.1) — esta não é uma similitude. Antes, “é a referência a Ele mesmo daquilo que Marta tinha dito sobre a ressurreição final... a ressurreição da qual Ele é

potencialmente a Fonte, assim como o Agente”.¹⁷⁹ Assim, o próprio Jesus é o dom da vida, tanto presente quanto futuro, para o homem, pois... **quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá** (25-26; cf. 6.39-40,44,54). Dodd, fazendo uma tradução literal, coloca estes versículos em uma interessante forma correlata:

Eu sou a ressurreição: aquele que tem fé em mim,

ainda que esteja morto, viverá novamente.

Eu sou a vida: aquele que vive e tem fé em mim nunca morrerá.

Então ele compara a afirmação de Jesus em 5.28 com o evento do capítulo 11, mostrando que esta é uma “imagem da ressurreição”.

Aqueles que estão nos sepulcros Ele encontrou Lázaro na sepultura (11.17)

ouvirão a sua voz Ele clamou com grande voz:

“Lázaro, vem para fora!” (11.43)

e sairão O defunto saiu (11.44)¹⁸⁰

Assim se pode ver que “a Ressurreição é... uma comunicação pessoal do próprio Senhor, e não uma graça que Ele tem que obter de outro. Marta tinha falado de um dom a ser obtido de Deus e dispensado por Cristo... Ele e aquilo que os homens necessitam. Ele não alcança a bênção para eles; Ele é a própria bênção”.¹⁸¹

A questão primordial para Marta, agora, não era se Jesus *podia* fazer alguma coisa, mas se ela realmente sabia quem Ele era. Assim, Ele perguntou: **Crês tu isso?** (26) Este é um novo teste para a fé dela, um exame da sua reação intelectual. A sua resposta foi rápida e direta.

Sim, Senhor, creio¹⁸² **que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo** (27; cf. 1.49; 6.69; Mt 16.16; Mc 8.29).

Não é exato falar de uma fé cega ou ignorante. Tais expressões

facilmente desculpam mentes preguiçosas e inteligências entorpecidas. O crente precisa ter familiaridade com o objeto da sua fé. Aquilo que se chama freqüentemente de fé é simplesmente uma confiança mal colocada, ou um palpite tolo. Paulo disse, “eu sei em quem tenho crido” (2 Tm 1.12).

3. *Jesus e Maria* (11.28-32)

Uma das mais belas mensagens pessoais já enviadas foi a que Marta levou de Jesus a Maria. Tendo deixado Jesus onde o encontrara, Marta disse **em segredo** a Maria: **O Mestre está aqui e chama-te** (28). A palavra *didaskalos*, aqui traduzida como **Mestre**, significa literalmente “professor”. Porém **Mestre** é uma boa tradução, porque Marta “está falando de alguém que ela acredita ser o Mestre em todas as situações dolorosas e angustiantes”.¹⁸³ Assim que Maria ouviu o chamado, **levantou-se logo e foi ter com ele** (29), encontrando-o no mesmo **lugar onde Marta o encontrara** (30).

Como os sepulcros ficavam fora da cidade, pode ser que o lugar onde Marta se encontrou com Jesus fosse próximo do lugar onde Lázaro estava sepultado. Portanto, Jesus esperou onde Ele encontrou primeiramente Marta enquanto ela foi chamar Maria (28). Por Maria ter saído tão rapidamente, os judeus de Jerusalém que tinham vindo para consolar as irmãs supuseram que ela tinha ido **ao sepulcro para chorar ali** (31). O versículo 31 é uma espécie de nota de rodapé que visa explicar a sua movimentação em direção ao local onde Lázaro estava sepultado.

O encontro entre Jesus e Maria lembra ao leitor uma cena anterior na casa em Betânia, quando “Maria... assentando-se... aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra” (Lc 10.39); aqui ela **lançou-se aos seus pés** (32). É difícil pensar em Maria em qualquer outra posição perante Jesus a não ser em uma postura de adoração, expectativa e humildade. As suas palavras para Jesus foram exatamente as mesmas que Marta havia pronunciado — **Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido** (32).

O encontro entre Jesus e Maria poderia receber um título: “O

Chamado do Mestre”, e possuir três aspectos: 1. O chamado é pessoal (28); 2. O chamado vem aos homens onde eles estão (28-29); 3. O chamado nasce do desejo de Cristo em relação ao homem, e da necessidade que o homem sente em relação a Ele (32-33).

4. *Jesus e os Judeus* (11.33-37)

A cena ao longo da estrada onde Jesus se encontrou com Maria foi de choro, tanto por parte de Maria como também dos **judeus... que com ela vinham** (33). Quando Jesus viu isto, **ele moveu-se muito** [ou “foi tomado pela indignação”, ASV, margem] **em espírito e perturbou-se** (33). Estas palavras foram interpretadas de diversas maneiras pelos comentaristas. O que João quis dizer com isso? É evidente que “a sua tristeza é descrita em uma linguagem muito mais intensa do que aquela que retrata a dor de Maria e a dos judeus”.¹⁸⁴ A palavra traduzida como **moveu-se muito** é forte e ilustrativa, e aqui significa “ficou profundamente comovido”.¹⁸⁵ Mas a pergunta permanece: O que foi que fez com que Jesus ficasse tão comovido? Alguns consideram que isto foi basicamente uma imagem da perfeita humanidade de Jesus (Bernard, Lagrange). Outros vêem o fato como uma tristeza pelo pecado humano que resultou na morte (Zahn, Loisy). Há ainda outros que consideram o fato como um resultado da “indignação” (ASV) de Jesus devido à hipocrisia e à falta de fé dos judeus “chorosos” (Plummer, Bauer).¹⁸⁶

Quando Jesus perguntou: **Onde o pusestes?** (34), veio a resposta: **Senhor, vem e vê** (34). Evidentemente foi no caminho para o sepulcro que **Jesus chorou**¹⁸⁷ (35; cf. Lc 19.41) e os judeus exclamaram, **Vede como o amava** (36). A observação seguinte, por parte dos espectadores, foi somente um olhar para o passado. **Não podia ele, disseram, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?** (37) Na sua descrença, mal sabiam eles da grande verdade revelada a Marta — a ressurreição pessoal e presente — Jesus Cristo o Senhor.

5. *Jesus e Lázaro* (11.38-44)

Quando o grupo chegou **ao sepulcro**, viu-se que era **uma caverna**, e

tinha uma

pedra posta sobre ela (38). “O sepulcro usual na Palestina... não tinha porta, mas na frente da abertura havia uma ranhura, e na ranhura se colocava uma grande pedra, como uma roda de carreta, e essa pedra era rolada pela entrada até selar a caverna”.¹⁸⁸

Quando Jesus viu o sepulcro, Ele disse: **Tirai a pedra** (39). Por que aquele por quem “todas as coisas foram feitas” (1.3) e que estava prestes a trazer à vida um homem morto há quatro dias, pediria a alguém para **tirar a pedra**? Poderia ter sido um desafio para a fé de Marta, que estava crescendo, mas que ainda era inadequada e incompleta? Foi Marta quem respondeu: **Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias** (39). A sua objeção, sob o ponto de vista humano, tinha um bom fundamento, pois em um clima quente, onde não se praticava o embalsamamento, o processo de decomposição já estaria muito adiantado. Observando o que era impossível na vida, ela se esqueceu daquele que é especialista em fazer as coisas que são consideradas impossíveis. Este foi o teste ácido da sua fé. Poderia ela ser leal, *i.e.*, obediente a sua ordem? Será que alguém ousaria sugerir que não poderia haver ressurreição dos mortos, que não poderia ser dada a vida aos homens há muito tempo mortos em transgressões e pecados, a menos que os colaboradores de Deus (1 Co 3.9) oferecessem os seus ombros para remover a pedra do sepulcro, tirando-a do caminho?

Falando sobre a questão “Como está a sua fé?”, um possível esboço poderia ser: 1. Confiança, a resposta das emoções (21-22); 2. Fé, a reação do pensamento (23-27); 3. Lealdade, a reação da vontade (38-41).

A palavra tranquilizadora de Jesus a Marta foi: **Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?** (40) Estas são como as palavras ditas aos discípulos em Peréia (11.4), e elas refletem a auto revelação de Jesus a Marta em 25-27. “Qualquer que fosse a visão prometida, a intenção é que fosse uma visão *espiritual*, pois o verbo (ver, *optomai*) é sempre usado no texto de João como uma referência a enxergar realidades espirituais ou celestiais”.¹⁸⁹ Mediante esta Palavra de

Jesus, **tiraram, pois, a pedra** (41) defronte do local onde estava o morto.

Então Jesus, o Filho de Deus, orou: **Pai, graças te dou, por me haveres ouvido.**

Eu bem sei que sempre me ouves (41-42). “A sua vida é uma vida de completa obediência à vontade de Deus, e a sua oração não admite uma resposta que contenha a incerteza”.¹⁹⁰ Assim, a verdadeira oração é a “realização consciente da vontade divina”.¹⁹¹ **Eu disse isso por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste** (42). É evidente que Jesus queria que todos entendessem que o grande poder de Deus flui através da vida daquele que está em perfeito acordo com a vontade de Deus.

“A oração que é ouvida” (a) vem do clamor do coração (33-35); (b) está de acordo com a vontade de Deus (42); e (c) tem certeza da resposta divina (43).

Tendo tratado cada item da contagem regressiva preliminar — a fé de Marta, o choro, a devoção e a adoração de Maria, a incredulidade dos judeus, a certeza da vontade de Deus — Jesus **clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora** (43). Deus chama os seus (cf. 5.28; 10.3) e, quando Ele chama, não há poder que possa retê-los, nem mesmo a própria morte. O milagre aqui é “a história de Jesus caminhando para enfrentar a morte, afim de vencer a morte” (cf. 1 Co 15.26-27, 55).¹⁹²

A morte não foi capaz de reter Lázaro, pois ele **saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto, envolto num lenço** (44). Algumas vezes surge a pergunta: como poderia Lázaro, atado desta forma, ter saído do sepulcro? Podemos supor que os seus membros estavam envoltos separadamente, como era o costume egípcio. Ou, se preferirmos, podemos aceitar o comentário de Westcott: “Não é necessário especular sobre como Lázaro saiu do sepulcro, estando tão envolto”.¹⁹³ Tudo isto faz parte do milagre de derrotar a morte, e da libertação das trevas e da noite do sepulcro (11.10). Mas, como no caso da remoção da pedra, há agora uma obra que os homens devem realizar. Jesus disse: **Desligai-o** (“desamarrai-

o”, Phillips) e **deixai-o ir** (44).¹⁹⁴ Somente o poder de Deus pode trazer a vida e a luz para as almas mortas e envoltas em trevas. Mas a tarefa do homem é essencial — desamarrar os nós e curar as cicatrizes deixadas pela devastação do pecado, cujo salário é a morte.

6. *Jesus e o Sumo Sacerdote* (11.45-57)

Houve reações divergentes a esse milagre. **Muitos... dentre os judeus que tinham vindo a Maria... creram nele** (lit., “puseram a sua fé nele”), ao passo que outros **foram ter com os fariseus e disseram-lhes o que Jesus tinha feito** (45-46). Foi o ato deste último grupo que precipitou a grande hostilidade contra Jesus, e a decisão do conselho que finalmente culminou em sua crucificação.

Os principais dos sacerdotes e os fariseus (*i.e.*, os principais membros do Sinédrio)¹⁹⁵ se congregaram em uma reunião do **conselho** (Sinédrio) com o objetivo expresso de decidir o que fazer a respeito daquele Jesus que estava fazendo tantos milagres. **Que faremos?** Isto é, “O que podemos fazer?” (Phillips, 47). Eles tinham duas alternativas. **Se o deixamos assim**, disseram, **todos crerão nele**. A consequência inevitável disto seria: **virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar [o Templo] e a nação** (48). A outra alternativa foi expressa por **Caifás... que era sumo sacerdote naquele ano** (49).¹⁹⁶ A expressão **naquele ano** é característica de João e se refere ao ano em que o sacrifício foi feito de uma vez por todas (Hb 10.10-12). A expressão também atribui a Caifás uma função profética. Como sumo sacerdote, ele tinha o “dever de entrar no Santo dos Santos e oferecer a expiação para *aquela* ano. Assim, ele inconscientemente proferiu uma profecia sobre a eficácia da Expição que estava prestes a ser oferecida sobre a cruz. Este era o ano aceitável do Senhor”.¹⁹⁷ A proposição de Caifás foi simples. Ele disse: **Nos convém que um homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação** (50). O que ele quis dizer foi: “E melhor sacrificar um homem do que deixar que a nação inteira sofra”.

João observou duas coisas importantes na afirmação do sumo sacerdote: 1. Esta era realmente uma profecia, proferida pelo sumo

sacerdote na sua verdadeira função. **Ele não disse isso de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou** (51). 2. Ela implicava um sacrifício universal. Jesus morreria não apenas pelos judeus (51), mas **também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos** (52; cf. 3.16; 10.16; 12.32).

O conselho tomou a decisão de o matar (53), e por essa razão **Ele já não andava manifestamente entre os judeus** (54). O Senhor deixou as redondezas de Betânia e foi **para a terra junto do deserto,**¹⁹⁸ **para uma cidade chamada Efraim; e ali andava** [“permanecia”, NASB] **com os seus discípulos** (54). Efraim, que “fica aproximadamente 24 quilômetros ao norte de Jerusalém, e cerca de dez quilômetros a leste-nor-deste de Betei... agora é chamada de Et-Taiyibeh”.¹⁹⁹ .

Os versículos 55-57 são o contexto para os eventos relacionados com a Paixão, o julgamento e a morte de Jesus. A ocasião é mencionada aqui pela primeira vez: **estava próxima a Páscoa dos judeus** (55; cf. 12.1; 13.1; 18.28). Devido à proximidade desta grande festa, **muitos daquela região subiram a Jerusalém... para se purifica-**

João 11.55-12.6

Os Sinais

rem (55; cf. At 21.24), ou seja, para serem declarados cerimonialmente limpos antes do início da Páscoa (cf. 18.28; Lv 7.21; Nm 9.10). E de fato natural, à luz do recente milagre e dos eventos posteriores, que as multidões procurassem **Jesus** nas proximidades do Templo, e discutissem a improbabilidade de que Ele viesse à festa. Phillips traz o seguinte texto: “O que você acha? Parece que Ele não virá à festa, não?” (56). Evidentemente, a decisão do conselho era conhecida do povo, pois eles deram **ordem para que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse** [“informasse”, NASB], **para o prenderem** (57).

J. O Cristo Universal, 12.1-50

1. *A Homenagem através da Unção* (12.1-11)

Foi depois de um curto período de tempo que sucedeu os acontecimentos do capítulo 11, e somente **seis dias antes da Páscoa**, que Jesus voltou a **Betânia** (1). O relato chama imediatamente a atenção para Lázaro, a quem Jesus ressuscitara dos mortos, como se ele fosse a principal atração. A ocasião era uma ceia na qual Marta, na sua função característica, **servia** (2).²⁰⁰ Especial atenção recebe o fato de que Lázaro, em perfeita saúde, era **um dos que estavam à mesa com Ele** (2). Evidentemente, “a festa era um reconhecimento de gratidão pela obra realizada entre eles”.²⁰¹

Embora Maria seja a última a ser introduzida à cena, o seu ato de devoção amorosa é o tema central de todo o relato.²⁰² Ela tomou **uma libra** — uma libra romana de cerca de doze onças (453 g) — **de ungüento de nardo puro, de muito preço**,²⁰³ **ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos** (3). A despeito do que os outros membros da casa de Betânia pudessem ter pensado de Jesus, uma palavra descreve o sentimento de Maria — amor.

Aqui é visto “o dom do amor”: 1. Em exorbitante extravagância, **ungüento... de muito preço**; 2. Na humildade, ela **ungiu os pés do Senhor**; 3. No completo desprendimento, **enxugou-lhe os pés com os seus cabelos**.²⁰⁴ Existe uma qualidade universal em um amor como esse. João escreveu em linguagem poética — **e encheu-se a casa do cheiro do ungüento** (3)²⁰⁶ — ou melhor, “da fragrância do perfume”.

Judas Iscariotes, que também estava na ceia, levantou uma objeção ao ato de Maria, dizendo: **Por que não se vendeu este ungüento por trezentos dinheiros** [denários], **e não se deu aos pobres?** (5) João é rápido em acrescentar seus comentários. Ele questionou os motivos de Judas. **Não pelo cuidado que tivesse dos pobres** (6). Então ele declara o problema. Judas era **ladrão** (6). Como o tesoureiro do grupo dos discípulos (“Ele tinha a caixa do dinheiro”, NASB. Ou ainda, como em algumas traduções, “Ele tomava conta da bolsa de dinheiro”, NTLH), era a sua prática “tirar o que ali se lançava” (6, tradução literal). Já se perguntou por que Judas tinha sido escolhido para essa função, uma vez que ela lhe causaria tentações incomuns. Westcott responde: “A tentação normalmente nos sobrevêm através de áreas de nossa vida em que já apresentamos alguma tendência a pecar”.²⁰⁶

Maria e Judas estão em um vivido contraste. “Maria, na sua devoção, inconscientemente provê a honra dos mortos. Judas, no seu egoísmo, inconscientemente traz a própria morte”.²⁰⁷

Jesus veio rapidamente em defesa de Maria. **Deixai-a; Ele disse: para o dia da minha sepultura guardou isto** (7) — literalmente, “para que ela possa guardar isto para o dia do meu sepultamento” (NASB). A linguagem neste ponto é difícil, mas parece indicar, segundo Hoskyns, que “Maria conscientemente admitiu a necessidade da morte de Jesus, e também, reconhecendo que a hora era chegada, antecipou o seu sepultamento com um ato de devoção inteligente”.²⁰⁸

O pedido de Judas pelos pobres não escapou da resposta de Jesus. **Os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre**

me tendes (8; cf. Dt 15.11). O agudo senso de oportunidade de Maria não podia passar despercebido. “Há algumas coisas que podemos fazer a qualquer momento, e existem algumas coisas que nunca faremos, a menos que agarremos a oportunidade de fazê-las no momento certo”.²⁰⁹

Quando se espalhou a notícia de que Jesus estava com Lázaro em Betânia, **muita gente** [“uma grande multidão”, Phillips]... **soube que ele estava ali; e foram, não só por causa de Jesus, mas também para ver a Lázaro (9). Como muitos dos judeus... criam em Jesus (11), os principais dos sacerdotes tomaram deliberação para matar também a Lázaro (10).** Fica claro que aqueles principais dos sacerdotes — sendo o grupo saduceu, e não acreditando na ressurreição — sentiram-se obrigados a livrar-se das evidências contrárias à sua doutrina.

2. A Homenagem através da Aclamação (12.12-19)

De uma maneira característica, João nota a ocasião da Entrada Triunfal.²¹⁰ **No dia seguinte (12)** — *i.e.*, no dia seguinte à unção feita por Maria, ou cinco dias antes da Páscoa (cf. 12.1). Isto significa que a entrada aconteceu no domingo. “João seguiu a tradição cristã ao posicionar a entrada triunfal no Domingo de Ramos”.²¹¹

A notícia de que **Jesus vinha a Jerusalém (12)** logo se espalhou, e **uma grande multidão que viera à festa... saiu-lhe ao encontro (12-13).** Eles tomaram **ramos de palmeiras (13)**, “o símbolo do triunfo real”²¹² e clamavam: Hosana!, que é o correspondente em hebraico a “viva!” Aqui, o grito era quase equivalente a “Deus salve o Rei!” O termo Hosana, juntamente com a frase Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor!, é extraído de Salmos **118.25-26**, que foi escrito para “a Festa dos Tabernáculos depois do Retorno” (ver Ne **8.14-18**).²¹³ Portanto, o povo estava cheio de grandes expectativas.²¹⁴ Depois do que ocorrera em Betânia, eles viam em Jesus o Herói conquistador, o Ungido, o Libertador, e o aclamavam como tal.

Em um breve comentário, João fala de Jesus encontrando um

jumentinho (cf. o relato Sinótico detalhado, Mt 21.1-11; Mc 11.1-10; Lc 19.29-38), e que Ele **assentou-se sobre ele** (14). Isto era o cumprimento da profecia de Zacarias 9.9: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta”.

Através deste ato, Jesus deixou inequívoca a reivindicação de ser o Messias, o Ungido de Deus. Este ato também mostrou-o como um Messias espiritual e não militar, pois “o jumento, em contraste com o usual cavalo de batalha de um líder vitorioso, é um símbolo de humildade e de paz” (cf. Jz 10.4; 2 Sm 17.23; 19.26).²¹⁵

Embora tudo isto estivesse acontecendo, no princípio estava além da compreensão dos discípulos, mas, **quando Jesus foi glorificado** (16), as peças do quebra-cabeças se encaixaram, e eles começaram a compreender. A glorificação de Jesus sem dúvida tinha

dois significados para João. Um deles se refere à exaltação por meio da cruz (12.23-25; 13.31-32; 17.1). A outra exaltação é a ressurreição (12.32), Jesus indo até o Pai (15.26) e o envio do Espírito Santo (o Paracleto, 16.7), e tudo isto mostra “a natureza espiritual da soberania do Senhor”.²¹⁶

João acrescenta alguns comentários interessantes no final do seu relato. A multidão que estava com Ele quando **Lázaro foi chamado da sepultura** e quando **ele o ressuscitara dos mortos** (17) “estava testificando” o que havia acontecido. Evidentemente, foi esse testemunho que trouxe de Jerusalém a multidão que o aclamava, pois **tinham ouvido que ele fizera este sinal** (18).

Tudo isto culminou em uma situação desesperadora para os fariseus. Os seus planos cuidadosos de colocar um ponto final em Jesus e na sua obra tinham terminado com o que parecia ser uma completa frustração. **Eis que todos vão após ele** (19), disseram. O fracasso do seu esquema maldoso fez com que se voltassem uns contra os outros, culpando-se entre si, dizendo: **vedes que nada aproveitais?** (19)

3. A Chegada dos Gregos (12.20-36)

Não se sabe ao certo se os gregos que estavam entre os que tinham subido a adorar no dia da festa estavam ali por curiosidade (cf. At 17.21), ou se haviam se tornado prosélitos e “por esta razão participavam das festas dos judeus”.²¹⁷ Estes homens tinham um pedido fervoroso, talvez muito melhor do que eles mesmos percebessem. A sua aproximação de Filipe pode ter sido ocasionada pelo fato de que ele tinha um nome grego. De qualquer forma, ao ouvir o pedido: **Senhor, queríamos** [ou “queremos”, NASB] **ver a Jesus** (21), **Filipe** contou a **André** (22) e os dois o disseram a **Jesus** (cf. 1.43-45).

Quando João escreveu que **Jesus lhes respondeu** (23), ele deixou uma ambigüidade com relação ao termo “lhes”. Não há uma indicação de que o termo incluía mais pessoas além de Filipe e André, embora não se descarte a possibilidade de que os gregos tenham ouvido isso. A sua pergunta “trouxe a ocasião para o grande sermão de Jesus sobre a necessidade da sua morte e a *salvação universal* (32) que desta resultaria... Embora Jesus, na carne, se limitasse principalmente aos judeus (Mt 15.24), pelo poder do seu Espírito Ele também traria os gentios a si”.²¹⁸

Embora muitas vezes antes desta ocasião Jesus tivesse falado da sua hora (2.4; 7.30; 8.20), esta é a primeira vez em que Ele diz: “é chegada a hora”, e agora esta expressão irá persistir (12.27; 13.1; 17.1). O propósito da sua hora é que **o Filho do Homem há de ser glorificado** (23). A sua glorificação consiste naqueles eventos que “podemos chamar de ‘O complexo da sua paixão’”.²¹⁹ Ao menos para alguns judeus, a expressão **Filho do Homem** “significava o invencível conquistador do mundo, enviado por Deus”.²²⁰ Para aqueles que ouviam, as palavras de Jesus eram mais excitantes porque o povo entendia “glorificado” como “o reino subjugado na terra se humilharia aos pés do conquistador; porém, através do termo *glorificado* Ele quis dizer crucificado”.²²¹

Para dar um exemplo exato do que Ele queria dizer com a sua

glorificação, Jesus proferiu uma curta parábola que poderia ser perfeitamente óbvia a todos os que a ouvissem. **Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto** (24; cf. 1 Co 15.36). Não poderia haver alusão mais clara a sua própria morte, ao seu sepultamento e a sua ressurreição. Da mesma forma, Ele estava dizendo que “os verdadeiros discípulos do Filho de Deus não se prendem à vida com afeição apaixonada — esta é a morte improdutiva e permanente — antes, eles odeiam a vida neste mundo, e, pelo paradoxo da lei de Deus, eles a preservam para sempre”.²²² Jesus expandiu o óbvio significado da parábola através de outros paradoxos. Amar a sua vida, a *psyche*,²²³ é equivalente a perdê-la, ao passo que **quem aborrece (ama menos) a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna** (25)²²⁴ Lightfoot diz: “O egoísmo sempre é a morte da verdadeira vida do homem”²²⁵ Da mesma forma, quando uma pessoa precisa tomar uma decisão entre Cristo e as coisas mais queridas da sua vida, o contraste é tão grande que ela aborrece as últimas (cf. Lc 14.26-27). Assim, o crente é um servo, um seguidor, para quem está reservada a garantia: **onde eu estiver** (*ego eimi*, ver os comentários sobre 6.20), **ali estará também o meu servo** (26). Assim, “a cruz é o símbolo não apenas da salvação do homem, mas também do modo de vida cristão”.²²⁶

Barclay fornece um esboço interessante: 1. Somente através da morte vem a vida (24); 2. Somente gastando a vida é que podemos reter a vida (25); 3. A grandeza só vem através do serviço (26).²²⁷

Este sermão sobre a sua hora trouxe Jesus face a face com a dura realidade do sofrimento e da morte.²²⁸ Sem qualquer observação de mudança de tempo ou lugar por parte de João, sabemos que Jesus ora: **Agora, a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora** (27).²²⁹ Como um verdadeiro homem enfrentando a morte, esta era uma oração completamente natural e necessária. Não há fingimento aqui! “O conflito, como na tentação, é real”.²³⁰ O reconhecimento do propósito da sua vinda — **para isso vim a esta hora** (27) — e a submissão à vontade do Pai — **Pai, glorifica o teu nome** (28) — trouxeram a ministração celestial que Ele tinha de ter na sua hora: **Então, veio uma voz do céu** (28;

cf. Lc 22.43). O que Jesus ouviu era importante. A voz disse: **Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei** (28). “O ‘Nome’ do Pai, ou o seu verdadeiro caráter, já havia sido manifestado através das obras de Jesus, e em breve se manifestaria na Paixão e no seu resultado, no triunfo da ressurreição e nas vitórias do Espírito através da pregação do Evangelho”.²³¹

A multidão que ali estava sabia que alguma coisa incomum estava acontecendo, mas os seus relatos são bastante indefinidos. Alguns disseram que havia sido **um trovão**, enquanto outros pensaram que era **a voz de um anjo** (29). As coisas do Espírito são discernidas espiritualmente. Não é possível ouvir aquilo que não se está preparado para entender. “Infelizmente, a multidão, devido à meia-luz em que vive, não pode discernir ou apreciar a importância de um pronunciamento do céu”.²³² A **voz**, embora não compreendida pelo povo, **veio... por amor...** a eles (30; cf. 11.42); ou seja, para que eles pudessem crer. Deus falou, tanto por voz quanto pela Palavra, e os homens entorpecidos deixam de entender ou reagir. Assim agora, é **o juízo deste mundo** (31), *i.e.*, “agora o mundo dos homens como vocês será julgado”.²³³ O julgamento é uma idéia central no texto de João. Onde estão a Palavra e o testemunho, o julgamento é inevitável (3.17-19; 5.22-30; 8.15-18, 50; 9.39; 12.47-48; 16.8-11), e no evento final será expulso o príncipe deste mundo (31).²³⁴ Hoskyns diz: “A obediência concreta do Filho... explica a importância universal da morte de Jesus, e assinala o momento da destronização do Diabo da tirania que exercia sobre os homens”.²³⁵

Esta afirmação da derrota definitiva e final do príncipe deste mundo é balanceada pela declaração do poder universal de atração da cruz. **E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim** (32).²³⁶ Westcott, comentando o termo “atrairei” (pelo Espírito), diz: “Existe a necessidade desta violência amorosa, pois os homens são ‘reprimidos pelo inimigo’”.²³⁷ Por um lado, **levantado** é uma alusão a ser levantado na cruz, **significando de que morte havia de morrer** (33). Mas existe outro significado implícito na palavra “da”, que literalmente significa “fora da”. A cruz tem uma consequência inevitável: a ressurreição!

Foi com sentimentos misturados que o povo ouviu a afirmação de Jesus sobre a sua própria morte. Eles não podiam harmonizar o **Filho do Homem** que seria **levantado** (*i.e.*, crucificado), com o **Cristo** que **permanece para sempre** (34; cf. Ez 37.25; SI 89.4; 110.4; Is 9.7). “Os judeus não esperavam um Messias sofredor”.²³⁸ Jesus não deu uma resposta direta à pergunta: **Quem é esse Filho do Homem?** Ao invés disso, Ele lhes falou em termos figurados sobre a luta entre a **luz** e as **trevas**,²³⁹ com o imperativo de **andar na luz**, pois **quem anda nas trevas não sabe para onde vai** (35). Como a **luz** está aqui somente por **um pouco de tempo** (35), **crede na luz, para que sejais filhos da luz** (36). Obviamente, Jesus é a Luz; a recusa a crer nele é a extinção da Luz, e aí os resultados são as trevas e a desorientação. Jesus, **retirando-se, escondeu-se** (lit.) **deles**. Eles foram deixados nas trevas da sua incredulidade.

4. *Fé e Incredulidade* (12.37-50)

Em ousadas pinceladas, João, usando as Escrituras do Antigo Testamento, esforça-se para mostrar por que **ainda que tivesse feito tantos sinais diante deles, não criam nele** (37). Primeiramente, ele cita Isaías 53.1 verbalmente, a partir da Septuaginta. **Senhor, quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?** (38). Estas são as palavras de abertura da conhecida profecia do Servo Sofredor de Isaías. A pregação era o que os judeus tinham ouvido de Jesus, e o braço do Senhor claramente se refere às “poderosas obras ou milagres (Lc 1.51; At 13.17) de Jesus, que eram as obras do seu Pai (5.19-21)... nem a verdade que Jesus proclamou nem os milagres que Ele operou levaram os judeus à fé”.²⁴⁰

A segunda citação é de Isaías 6.9-10. A ocasião aqui foi a visão no Templo, **quando** — a melhor leitura grega é “porque” — [Isaías] **viu a sua glória e falou dele** (41). João prefaciou esta citação: **Por isso, não podiam crer, pelo que Isaías disse** (39). Esta, juntamente com a citação posterior: **Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure** (40), “parecem a

afirmação mais severa possível de uma doutrina nua de predestinação. E ainda pode-se afirmar confiantemente que esta não é a intenção do autor”.²⁴¹ O que é realmente uma predição divina parece ser uma necessidade divina. Mas este não é o caso. A luz rejeitada se transforma em trevas. A oportunidade de ter fé, se ignorada, negligenciada ou recusada, torna-se a incredulidade calejada. O amor desprezado se transforma na escuridão da noite e na morte (13.30). Mas embora os judeus, como uma nação, rejeitassem a Jesus (1.11), e em troca fossem rejeitados, sempre haveria alguns, um remanescente, que creriam. Assim, aqui, João destaca: **Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele** (42).

Estes **principais** que creram **não o confessavam... para não serem expulsos da sinagoga** (42). A razão era óbvia para João. Eles **amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus** (43). Barclay comenta: “Por repetidas vezes, os homens deixaram de apoiar alguma causa grandiosa porque esta interferia em alguma

coisa de menor interesse. Quando Joana D’Arc percebeu que ficara abandonada e sozinha, disse: ‘Sim, estou sozinha na terra: eu sempre estive sozinha. Meu pai disse aos meus irmãos que me afogassem se eu não quisesse cuidar das suas ovelhas, enquanto a França estava sangrando até morrer; a França poderia morrer, desde que o nosso rebanho estivesse a salvo’”.²⁴²

Os sete últimos versículos do capítulo 12 são uma reafirmação de alguns dos principais temas do Evangelho. João não diz em que ocasião, ou para quem, Jesus teria feito essas afirmações. Mas ele destaca a sua importância através da introdução: **Jesus clamou e disse** (44; cf. 7.28, 37), o que indica a importância da proclamação que será feita a seguir. Alguns dos temas são:

(a) O Filho é a Revelação do Pai. Ter fé no Filho é ter fé naquele que enviou o Filho (44; cf. 3.15-16; 5.36-38,46; 6.29,35,40; 7.38; 8.19,24,42, 45-46; 13.20). Ter visto o Filho é ter visto aquele que... enviou o Filho (45; cf. 1.18; 6.40; 8.19,42; 10.30,38; 14.7,9).

(b) Jesus “veio como a luz ao mundo” (46, NASB),²⁴³ e rejeitá-lo é

permanecer nas trevas (cf. 1.4-5; 8.12; 9.5; 12.35-36).

(c) Uma vez que Jesus veio²⁴⁴ não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo (47), é a **palavra** que Ele falou que julgará aquele que o rejeitar e não receber as suas palavras (48; cf. 3.17-18; 5.24-45; 8.15,31,40). Jesus não veio para julgar o mundo neste sentido. O nosso Senhor tem sempre o objetivo de salvar os homens, ao invés de rejeitá-los e destruí-los. Mas a própria oferta de salvação requer uma decisão a favor ou contra aquele que faz a oferta. A rejeição a Cristo traz o julgamento à vida das pessoas. Hoskyns comenta: “No último dia, o critério do julgamento final é preciso; é o ensino de Jesus, que é a palavra de Deus”.²⁴⁵

(d) **O Pai** que **enviou** o Filho também lhe deu **um mandamento** sobre o que Ele há de dizer (49). O cumprimento obediente de Jesus deste mandamento possibilitou que Ele dissesse: **sei que o seu mandamento é a vida eterna** (Berk., 50; cf. 5.30; 6.38; 7.1617; 8.28,38; 10.18; 14.10).²⁴⁸ Os mandamentos de Deus são expressões da sua natureza, e nenhum fato é mais essencial do que este: Ele é Santo. Não é possível evitar o fato de que aspirar à vida eterna é ter sede da santidade de coração. Não ousemos esquecer o antigo mandamento: “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11.44), e a advertência de que sem a santificação “ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

Assim é concluída a seção que foi chamada de “O livro dos Sinais”. Talvez o leitor deva recordar as próprias palavras de João acerca dos fatos que ele registrou: “Estes [sinais] foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20.31 trad. literal).

Seção IV

A ÚLTIMA CEIA E OS ÚLTIMOS DISCURSOS

João 13.1—16.33

A. A Ceia, 13.1-30

1. *O Cenário Teológico* (13.1-3)

O cenário para a Última Ceia é apresentado por meio de uma terminologia teológica característica do quarto Evangelho. Há menção de que ela ocorreu antes da **festa da Páscoa** (1), mas não há nenhuma indicação das circunstâncias físicas, ou qualquer alusão à instituição do sacramento da Ceia do Senhor (cf. Mt 26.17-20; Mc 14.12-16; Lc 22.7-12).¹ Antes, os comentários de João são uma revisão das proposições teológicas básicas, em que Jesus é visto estando plenamente ciente do significado de tudo o que aconteceu à luz do que estava prestes a suceder. Jesus sabia que **era chegada a sua hora** (1; cf. 2.4; 7.30; 8.20; 12.23). O tempo para a oferta do sacrifício feito uma vez por todas (Hb 10.10) não foi determinado por homens ardilosos. Ninguém tiraria a sua vida. Ele a entregaria em sacrifício, rigorosamente, por sua própria iniciativa (10.18).

Houve duas coisas que o levaram a **sua hora** e tornaram esta possível. Em primeiro lugar, Ele amou os seus. Embora o amor de Deus pelo mundo tenha enviado o Filho (3.16), é o amor do Filho pelos seus que estavam no mundo o que fez com que o sacrifício de amor se tornasse realidade. Que tipo de amor é este que demandava tal ação? Algumas versões têm a seguinte tradução: “[Ele]... amou-os até o fim”. Mas isto será errôneo se entendermos que “o fim” é simplesmente a conclusão temporal da encarnação. As palavras traduzidas como “até o fim” (*eis telos*) indicam grau: “completamente”, “plenamente”, “absolutamente”, e aqui (13.1) combina os significados “até o fim” e “até o final”.²

Macgregor traduz: “Até os limites máximos do amor”,³ e Hoskyns apresenta: “Ele os amou completa e finalmente, até o final, até a

morte” (cf. 1 Ts 2.16).⁴

Em segundo lugar, a hora de Jesus foi possível por causa de sua profunda consciência do seu relacionamento com o Pai. Logo, Ele iria **passar deste mundo para o Pai**

(1). Ele também sabia que **o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus, e que ia para Deus**

(3). Ele estava “consciente da sua missão divina e de seu destino divino”.⁵

O cenário teológico também leva em consideração a oposição. Até então, foram os judeus que se opuseram a Ele e procuraram matá-lo (7.30,44; 8.59; 9.22; 10.20,39; 11.53,57). Mas, agora, tudo o que é mal, na pessoa do **Diabo** (2), conspirando com um dos discípulos escolhidos de Jesus (6.70), **Judas Iscariotes**, constitui o inimigo. A maneira pela qual Jesus enfrentou e venceu esta oposição provê os temas básicos para aquilo que está prestes a ocorrer. Um é o seu “extraordinário ato de auto-humilhação” (4-5);⁶ o outro, uma exibição de um amor abrangente que inclui os inimigos (13.26,34).

2. A Auto-humilhação de Jesus (13.4-20)

Pelo fato de a declaração de abertura do capítulo 13 ser longa e detalhada, o leitor deve considerar que o início da cena da ceia ocorre na primeira oração do versículo 2: E, **acabada a ceia** (o texto grego diz “durante a ceia”), e então continua com a primeira oração no versículo 4: **levantou-se da ceia**. Ao fazê-lo, o Senhor **tirou as vestes** (4, cf. 10.17; Fp 2.5-8); *i.e.*, a túnica externa. Então, **tomando uma toalha, cingiu-se**, o que “marca a ação de um escravo”.⁷ Assim preparado, Ele **pôs água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido** (5). João não declara por que algum dos discípulos não executou esta tarefa servil, mas evidentemente havia ocorrido alguma “busca de posição” entre os doze (Lc

22.24). Além disso, Jesus era o único naquela sala que poderia executar até mesmo o simbolismo da purificação — pois só Ele estava

limpo no sentido teológico e moral da palavra (cf. 17.19; Hb 13.12). Ele veio para dar ao homem a possibilidade de tornar-se puro, moralmente limpo, santo.

Quando Jesus foi lavar os pés de Pedro, este lhe disse: **Senhor, tu lavas-me os pés a mim?** (6) A resposta de Jesus, **não o sabes tu, agora**, não só afirmava a ignorância de Pedro em relação às coisas espirituais (e.g., a vinda do Espírito), como também incluía uma promessa: **tu o saberás depois** (7).⁸ **O que eu faço** era a humilhação do Senhor, simbolizada no ato de lavar-lhes os pés; na verdade, porém, Ele estava proporcionando toda a obra redentora de Deus para o homem. Hoskyns comenta que a reação de Pedro não é um contraste entre o orgulho de Pedro e a humildade de Jesus, mas, antes, “entre o conhecimento de Jesus, o qual é a base da ação, e a ignorância de Pedro, que ainda não percebe que a humilhação do Messias é a causa efetiva da salvação cristã” (cf. 2.22; 7.39; 12.16; 14.25-26; 15.26; 16.13; 20.9).⁹ Mas o entendimento do futuro estava longe demais para Pedro. Ele só via a incongruência imediata da situação — Jesus lavando os seus pés. Impulsivamente, ele declarou: “Nunca em nenhum momento lavarás os meus pés — para sempre” (tradução literal). Pedro esperava colocar um ponto final em tudo aquilo. Mas Jesus conhecia o caminho para o coração de Pedro — a ameaça de ser excluído da presença de Jesus, a quem Pedro amava. **Se eu te não lavar, não tens parte comigo** (8; cf. Hb 12.14). “Não há lugar na sociedade dos cristãos para aqueles que não forem purificados pelo próprio Senhor Jesus”.¹⁰ Se a comunhão só poderia ser adquirida pela purificação (cf. 1 Jo 1.7), então Pedro queria *tudo* o que pudesse ter — **pés, mãos e cabeça** (9).¹¹

Jesus fez uma aplicação geral da idéia sobre a qual conversava com Pedro: “Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés.”¹² Ele está todo limpo”.¹³ “Vós estais limpos, mas não todos” (10). Hoskyns comenta que, no ato da lavagem dos pés, Jesus “simbolicamente declara a completa purificação deles através da humilhação da morte do Messias. O cristão fiel é *purificado pelo sangue de Jesus*” (1 Jo 1.7; cf. Rm 6.1-3; 1 Co 10.16).¹⁴ Se a santidade de coração estiver no coração da *Eucaristia* (ver o comentário sobre

6.53), a pureza do coração está no coração do *Pedilavium* (lavagem dos pés). Tudo isto era uma prefiguração simbólica da obra do Espírito que se tornaria possível através da sua vinda (14.15-17,25-26; 15.26; 16.7-15).

Mas, e quanto a Judas? Ele estava limpo? Jesus sabia, e soube (**6.70-71**), quem o haveria de trair; por isso, disse: **Nem todos estais limpos (11)**. Bernard diz: “No que diz respeito à limpeza do corpo, não há dúvida de que ele estava nas mesmas condições dos outros, mas não no sentido espiritual”.¹⁵

Tendo lavado os pés dos discípulos e vestido a sua túnica, Jesus, estando à mesa, outra vez perguntou aos discípulos: **Entendeis o que vos tenho feito? (12)** Macgregor comenta: “Quando ‘veste a sua túnica’, Jesus assume a sua vida novamente (10.17ss.) no poder do Espírito, e assim esclarece todas as coisas” (7).¹⁶ Sem esperar por uma resposta, Jesus explicou que isto tinha sido um **exemplo** (15), ou modelo, “que estimula ou deve estimular alguém a imitá-lo”.¹⁷ Da mesma forma que Ele, seu **Mestre** (literalmente, “Ensinador”) e **Senhor**, lhes tinha feito, assim deveriam fazer uns aos outros (13-14; cf. 34). Hoskyns diz: “Seu ato de lavar os pés dos discípulos expressa a própria essência da autoridade cristã”.¹⁸ Não parece haver qualquer evidência de que Jesus quisesse que a lavagem dos pés fosse instituída como um sacramento. Mas fica claro que Ele estava ensinando, pelo exemplo básico e axiomático, embora paradoxal, que a única maneira de ser “o maior” (Lc 22.24) ou de ser **bem-aventurado** (17) é tomar a estrada do serviço amoroso (13.34) e do sacrifício (10.15), baseado no conhecimento da vontade de Deus para nós. A palavra traduzida como **bem-aventurado** no texto das Beatitudes é *makarioi* (Mt 5.3-12).

Um dos doze, no entanto, está se excluindo da execução do serviço amoroso, e conseqüentemente das bem-aventuranças implicadas. Sem dúvida alguma pensando em Judas, o Mestre disse: **Não falo de todos vós (18)**. Então, como para enfatizar o fato de que o próprio Judas escolhera desempenhar o papel do traidor como um cumprimento das Escrituras, Ele acrescentou: **eu bem sei os que**

tenho escolhido. Bernard traduz esta frase com exatidão: “Sei o *tipo de homem* que escolhi”.¹⁹ A expressão traduzida por: **para que se cumpra a Escritura**²⁰ é um pouco enganosa. O ensino claro das Escrituras é que as escolhas morais do homem são deixadas dentro de seu próprio campo de decisão. Barclay esclarece bem a questão quando comenta: “Toda esta tragédia que está acontecendo, de alguma maneira, está dentro do propósito de Deus... Foi como as Escrituras disseram que seria”.²¹ O trecho das Escrituras que Jesus citou é Salmos 41.9: aquele **que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar.** Compartilhar o pão era uma promessa de amizade. **Levantou... o seu calcanhar** descreve um ato de violência brutal, como o coice repentino de um cavalo. Como foi profético! Em poucos momentos,

Judas sairia, tendo ainda em sua boca o gosto do bocado da escolha que foi partilhado com Jesus. Ele então retornaria com uma turba de assassinos, perpetrando o ato violento e brutal jamais antes praticado, nem sequer equiparado.

Jesus tinha uma razão especial para expor o problema básico diante dos discípulos. Isto se tornaria para eles mais uma evidência, a fim de que entendessem a sua verdadeira natureza. Ele lhes contou o evento da traição antes que acontecesse, e explicou a razão: **para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou** (19). O **eu sou** (*ego eimi*) é outra das declarações de Jesus de sua divindade (cf. 16.4; 14.29; Ez 24.24; Mt 24.25). Westcott diz a respeito do **eu sou**: “... em mim está a fonte da vida e luz e força; Eu vos apresento a majestade invisível de Deus; Eu uno a virtude do meu Ser essencial, o que se vê e o que não se vê, o finito e o infinito”.²²

Embora seja verdade que **não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou** (16), Jesus assegura aos seus discípulos o relacionamento com Ele e com o Pai. Pois **se alguém receber o que eu enviar, me recebe a mim, e quem me recebe a mim recebe aquele que me enviou** (20).

3. O Amor Abrangente de Jesus (13.21-30)

Ainda à mesa, onde Ele e seus discípulos partilhavam sua última refeição juntos neste mundo, Jesus... **turbou-se em espírito** (21; cf. 11.33; 12.27; 14.1). Quando se aproximou o momento da sua separação de Judas, mesmo estando plenamente ciente de sua própria unidade com Deus (20), Jesus foi verdadeiramente humano em sua reação. Poderia se dizer que a sua mágoa foi mais profunda e intensa do que a de um homem comum, pois Ele sabia melhor que qualquer outro o que realmente significa a separação de Deus.

Jesus precedeu o seu anúncio com as palavras: **Em verdade, em verdade...** dessa forma chamando a atenção para a gravidade daquilo que se seguiria. O anúncio, **um de vós me há de trair** (21), trouxe para o círculo íntimo o que depois deve ter parecido apenas uma ameaça distante (cf. 11.8; 13.18). Não é de admirar que os discípulos olhassem uns para os outros, **sem saberem de quem ele falava** (22).

Afim de entender a cena seguinte, é importante imaginar a disposição dos lugares em que os participantes se sentavam à mesa. Na verdade, a postura dos convidados em um banquete era reclinada, de lado, sobre divãs ou sofás. Uma vez que a mesa tinha a mesma altura dos sofás, a pessoa colocava o seu cotovelo esquerdo em uma almofada sobre a mesa, e a mão direita ficava livre para pegar a comida. Os pés ficavam estendidos para longe da mesa. A mesa tinha a forma de *U* e os sofás ficavam em volta do lado externo. Na disposição dos assentos, “o anfitrião ou a pessoa principal ficava no centro, e o lugar de honra ficava acima dele, *i.e.*, à esquerda. O próximo lugar de honra abaixo deste ficava a sua direita. Portanto, a pessoa à direita do anfitrião se sentaria de forma que a sua cabeça ficasse próxima ao peito do anfitrião, e assim seria fácil dizer-lhe uma palavra de forma confidencial”.²³ Assim, quando lemos que **um de seus discípulos... estava reclinado no seio de Jesus** (23), é fácil entender como isto poderia ser possível.

Este reclinado no seio de Jesus é designado como o discípulo **a quem Jesus amava** (23). Tal frase é o método indireto utilizado pelo escritor para referir-se a si mesmo (cf. 19.26; 20.2; 21.7,20).

Tradicionalmente, ele tem sido identificado como João, filho de Zebedeu e autor do quarto Evangelho (ver a *Introdução*). Isto significa que Jesus estava no centro da mesa, o lugar do anfitrião, tendo João a sua direita. A próxima questão diz respeito à pessoa à esquerda de Jesus, aquele que estava no lugar de honra. Neste ponto as autoridades divergem. Westcott pensa ter sido Pedro, com base no seguinte: estando atrás de Jesus, Pedro não poderia facilmente conversar com Ele, então sinalizava a João para perguntar a Jesus o nome do traidor.²⁴ Barclay, concordando com Bernard, afirma: “Judas estava em uma posição em que Jesus poderia falar-lhe em particular sem que os outros pudessem ouvir. Há uma espécie de conversa particular ocorrendo aqui entre Jesus e Judas... Ele deve ter se sentado do lado esquerdo de Jesus... *O lugar à esquerda do anfitrião era o lugar de mais alta honra, deixado para o amigo mais íntimo*” f* Se Judas ocupou o assento de honra naquela noite decisiva, deve ter sido a convite de Jesus, pois esta era uma prerrogativa do anfitrião. Até a última hora, Jesus estava buscando o perdido (Lc 19.10).

Quando Pedro fez sinal (24, lit., “fez sinal com a cabeça”) a João, este perguntou: **Senhor, quem é? (25)** Jesus respondeu: **E aquele a quem eu der o bocado molhado**

(26). Embora esta devesse ser uma resposta à pergunta de João, estava tão velada que nem João nem o outro discípulo captaram seu impacto total. Antes, o fato de Jesus molhar o bocado e dá-lo a Judas indicava para eles a idéia contrária. Quimby comenta: “No oriente era costume... quando os convidados estavam presentes, se o anfitrião desejasse honrar especialmente um deles, dobrar um pedaço de pão em forma de colher, mergulhá-lo no prato e, segurando algum pedaço escolhido, entregá-lo ao convidado como um favor especial”.²⁶ Assim, este não foi um movimento para expor Judas; foi um esforço para protegê-lo, e o Senhor o fez muito bem. **Nenhum dos que estavam assentados à mesa compreendeu (28)** por que Jesus disse a Judas, que havia pego o bocado: **O que fazes, faze-o depressa (27)**. João comenta que os discípulos pensaram que Jesus dera a Judas, que era o tesoureiro, alguma instrução especial sobre a

compra de mantimento para a **festa** da Páscoa ou **que desse alguma coisa aos pobres** (29).

A ocultação da hipocrisia de Judas foi quase perfeita. Mas o exterior não era indicação do que realmente acontecia com ele. Quando tomou o bocado, professando aceitar a oferta de amor de Jesus, **entrou nele Satanás** (27). Algo terrível acontece com o homem que rejeita o amor mais sublime (13.1). Judas saiu logo. E era já noite (30; cf. 1.5; 3.19; 9.4; 11.10). Quando João escreveu estas palavras, sem dúvida lembrou-se de ver Judas abrir a porta, afastar-se da Luz, e sair pela noite adentro. “É sempre noite quando um homem abandona Cristo para seguir os seus próprios propósitos”.²⁷

Aqui podemos ver claramente o amor mais sublime delineado: 1. Amor que encontra uma maneira de servir (4-9); 2. Amor que pode saber o pior, e ainda assim amar ao máximo (26-29); 3. A vida passa a uma situação de trevas quando este amor é rejeitado (30).

B. Os Últimos Discursos, 13.31—16.33

Uma palavra precisa ser dita a respeito da ordem dos últimos discursos. Bernard argumenta que deve ter havido desvios na ordem do texto. Seu plano geral é colocar os capítulos 15 e 16 imediatamente após 13.31a, então 13.31b-38, seguido pelo capítulo 14. Seu objetivo é fazer o que lhe parece ser uma representação mais próxima da “intenção do escritor original”.²⁸ Macgregor (que segue Moffatt) simplesmente posiciona o capítulo 14 após os capítulos 15 e 16, com base na alegoria da videira (cap. 15), que deveria vir após a entrega do novo mandamento (13.34).²⁹ Pode haver razões para se suspeitar que existiram alguns desvios, mas a maioria das tentativas de reordenar parece não ajudar muito, principalmente por causa dos critérios altamente subjetivos que proporcionam a base para a nova aliança. Na análise final, o melhor procedimento é seguir a evidência textual como encontrada na análise objetiva da crítica textual. Não há evidência textual para a tentativa de “reordenar” mencionada acima.

1. O Discurso à Mesa (13.31—14.31)

a. Introdução (13.31-35). Deixado com os onze discípulos fiéis, **tendo** Judas **saído** (31),³⁰ Jesus falou da “glória” ou da honra “quádrupla”.³¹ Primeiro, há a glória da cruz, pois **agora é glorificado o Filho do Homem** (31). Segundo, “em Jesus, Deus foi glori-ficado” — **Deus é glorificado nele** (31). Isto se deve à obediência perfeita de Jesus à vontade do Pai, e à identificação com Ele até mesmo a ponto de Jesus poder dizer: “Quem me vê a mim vê o Pai” (14.9). Terceiro, “em Jesus, Deus glorifica a si mesmo”. A suprema glória de Deus é o fato de que Ele veio aos homens como um deles, venceu o pecado e a morte na cruz. Quarto, assim como a encarnação é uma glória a Deus, assim ela o é para Jesus, pois também Deus o glorificará em si mesmo e **logo o há de glorificar** (32). E por causa disto que “Deus o exaltou soberanamente” (Fp 2.9). No texto grego, o verbo para glorificar está tanto no tempo verbal aoristo (passado) como no futuro, e descreve “a glorificação do Filho do Homem... [como] passado, presente e futuro: qualquer distinção lógica sucumbe, visto que o significado da morte e da vinda do Espírito aos crentes, eventos no tempo como são, não podem ser limitados a este evento”.³²

Nesta aura de glória, Jesus chamou os discípulos de **filhinhos** (33). “Ele se dirige a eles carinhosamente, como o cabeça de sua pequena família”.³³ E então prossegue com um tema que foi primeiramente apresentado em 7.33-34, ali falado aos judeus, porém aqui aos onze. A linguagem é quase idêntica. **Ainda por um pouco estou convosco. Vós me buscareis, e, como tinha dito aos judeus: para onde eu vou não podeis vós ir, eu vo-lo digo também agora** (33). É óbvio que Jesus está falando da proximidade de sua morte e da sua volta para aquele que o enviou (7.33).

Alexander Maclaren destaca “a glória da cruz” em 31-32:1. O Filho do Homem glorificado na cruz (31); 2. Deus glorificado no Filho (31); 3. O Filho do Homem glorificado no Pai (32).

A luz dos eventos que acabaram de ocorrer, Jesus coloca em um odre o vinho novo de um novo amor: **Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis** (34). O mandamento de amar o

próximo não era novo (Lv 19.18; Lc 10.27). Mas a expressão ameis... como eu vos amei a vós — isto era novo! O amor do nosso Senhor alcançou um Judas (13.5,26), que o trairia, e um Pedro, que o negaria (13.38; 18.15-18,27). Na verdade, este tipo de amor foi um evento tão inigualável que um novo vocábulo teve de ser providenciado para expressá-lo. O *eros* (não no NT) dos gregos descrevia apenas um amor egoísta; e *philia* (no NT apenas em Tg 4.4) descrevia não mais que o amor de amizade que pensa em termos de obter, e também dar. Mas o sacrifício altruísta de Jesus, sua disposição de dar tudo sem qualquer garantia de resposta humana, tinha de ser expresso com uma palavra mais forte. Então *ágape*,^M uma rara palavra para *amor* antes de Paulo, passou a ser usado na literatura cristã primitiva a fim de descrever o tipo de amor que Jesus demonstrou, e a qualidade de amor que deve caracterizar a vida de seus verdadeiros discípulos.

Através de um amor como este, disse Jesus, **todos os homens conhecerão que sois meus discípulos... se vos amardes uns aos outros** (35). Macgregor diz: “Deve haver um novo círculo de amor, a igreja cristã, dependente de um novo centro de amor, Cristo”. Ele então cita Tertuliano, dizendo: “Os pagãos estão habituados a exclamar com admiração: Veja como estes cristãos amam-se uns aos outros”.³⁵

b. As Perguntas dos Discípulos (13.36—14.14). Nesta seção, encontramos duas perguntas (de Pedro e de Tomé) e um pedido (de Filipe).

(1) *A pergunta de Pedro* (13.36—14.4). Não é de admirar que os discípulos estivessem cheios de perguntas, tanto sobre as coisas que tinham acabado de acontecer (*e.g.*, a lavagem dos pés e a partida de Judas) como sobre o fato de Jesus haver dito que estava prestes a ir onde eles não poderiam ir (33). Pedro, de acordo com sua natureza impulsiva, perguntou: **Senhor, para onde vais?** (36) A resposta de Jesus: **Para onde eu vou não podes, agora, seguir-me, mas, depois, me seguirás** (36), tem um significado duplo. O significado óbvio é que Jesus ia para a sua morte e, posteriormente,

Pedro sofreria por amor a Jesus e morreria em defesa da verdade (cf. 21.8).³⁶ O significado mais profundo é visto no uso da palavra “podes”. Esta é uma tradução do verbo grego *dynamai*,³⁷ que significa “eu posso, eu sou capaz”. O substantivo cognato é *dynamis*, e significa “poder, força”.³⁸

Este verbo, com o negativo, aparece não menos de oito vezes³⁹ no contexto deste tema geral, cada vez expressando ou sugerindo a incapacidade total do homem e sua fraqueza quando está separado do Espírito capacitador de Cristo. Assim, a grande pergunta é: Como Pedro poderia seguir a Jesus no desempenho total do novo mandamento (34,36)? Esta pergunta persistente por parte dos discípulos fornece muito do cenário para que Jesus dê a promessa do Espírito, e use a figura da vinha para declarar: “Sem mim nada podereis fazer” (15.5, tradução literal).

Com forte desejo e intento, Pedro estava disposto a tentar. Pensando apenas em termos da crise iminente, ele insistiu em sua pergunta: **Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida** (37). Jesus conhecia o seu discípulo (cf. 2.25). Pretender fazer o que é certo é importante. Querer cumprir o novo mandamento é essencial para a vida espiritual. Mas amar até o fim (13.1) não está dentro da capacidade da força humana. Para o Pedro pré-Pentecostes, Jesus possuía apenas uma pre-dição: Não cantará o galo, enquanto me não tiveres negado três vezes (38; cf. Mt 26.31ss.; Mc 14.27ss.; Lc 22.31ss.).

Há uma pausa no pensamento entre a conclusão de 13.38 e o início do capítulo 14. Jesus acabou de indicar a Pedro a sua futura negação, e não há nenhuma introdução para um novo tema. Por essa razão, alguns comentadores desenvolveram várias teorias de desvios textuais (ver o comentário no início da seção *B* acima).

No entanto, se estes versículos de abertura (1-4) tivessem sido prefaciados por um simples “Ele disse a Pedro” ou “Ele lhes disse”, a dificuldade estaria resolvida. Seria fácil encontrar não só uma continuidade de pensamento, mas também um propósito

muito significativo nestas palavras quando relacionadas com o que Jesus acabara de dizer a Pedro. A forte afirmação de fidelidade de Pedro tinha sido confrontada pelo anúncio de sua negação. Seu desejo e disposição de seguir a Jesus até mesmo na morte (13.37) pareciam estar fadados ao fracasso. Portanto, a promessa e a reafirmação das palavras de Jesus a Pedro e aos outros dez discípulos eram desesperadamente necessárias. Jesus, que conhecia por experiência a angústia de um espírito atribulado (11.33; 12.27; 13.21), poderia dizer com toda autoridade e entendimento solidário: **Não se turbe o vosso coração** (14.1). Então, como para defender a fé tardia em todos os seus ouvintes, Ele deu dois grandes imperativos, ambos no plural: “Tenham fé em Deus, e tenham fé em mim” (1, tradução literal).⁴⁰

O que está preparado para aqueles que têm fé? **Na casa de meu Pai há muitas moradas** (recintos) (2).⁴¹ Westcott observa que a palavra “moradas” vem da Vulgata, *mansiones*, “que eram lugares de descanso, e especialmente as ‘estalagens’ em uma grande estrada onde os viajantes encontravam repouso”, sugerindo a idéia tanto de repouso como de progresso.⁴² Bernard diz que estes são “lugares de habitação”, não estalagens meramente temporárias em uma jornada.⁴³ No entanto, o fato de ser a casa do Pai já diz o suficiente. “O lar de Deus (Mt 5.34; 6.1), o antítipo eterno do Templo transitório em Jerusalém e da habitação do Pai e do Filho no crente (14.23; 17.21), é espaçoso e tem muitos cômodos”.⁴⁴ Com base na evidência de um excelente manuscrito, a versão RSV em inglês —juntamente com Strachan, Bauer, Bernard e Moffatt — traduz a parte restante do versículo 2 como uma pergunta: “Se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, vou preparar-vos lugar?” A objeção a isto é que “em nenhuma passagem no Evangelho Jesus disse que Ele irá ‘preparar lugar’”.⁴⁵

A promessa aos seus discípulos foi: **virei outra vez** (3; lit., “estarei vindo novamente”).⁴⁶ A principal referência é à segunda vinda. Mas ela também sugere um outro pensamento: “Cristo está, desde o momento de sua ressurreição, vindo para o mundo, para a igreja e para os homens como o Senhor ressurreto”.⁴⁷

Pedro tinha feito a pergunta: **Senhor, para onde vais?** (13.36)

A resposta de Jesus descreveu a fraqueza de Pedro (13.36) e a sua negação (13.38), e também incluiu algumas promessas grandes e gloriosas (14.1-3). Agora, em uma declaração conclusiva dirigida a todos os discípulos, o Senhor responde categoricamente: **Mesmo vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho** (4).

(2) *A Pergunta de Tomé* (14.5-7). A última declaração de Jesus dirigida à pergunta de Pedro apenas levantou uma outra na mente de Tomé, que é descrito como “o tipo daqueles que exigem ‘provas tangíveis e definições precisas’”.⁴⁸ Ele perguntou: **Senhor, nós não sabemos para onde vais e como podemos saber o caminho?** (5)

Certamente, esta pergunta retirou de Jesus uma das declarações mais completas e profundas que Ele já pronunciou com respeito a sua própria natureza: **Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida** (6). **O Eu sou** (*ego eimi*) é aqui usado como uma metáfora, simultaneamente identificando Jesus com a divindade⁴⁹ e como a satisfação para as necessidades básicas do homem. Pode o homem perdido achar um caminho? Cristo é o Caminho, o único Caminho, para Deus (cf. Hb 10.19-22). “A estrada para Deus é o conhecimento da verdade, e a regeneração, a iluminação e a posse da Vida. A Verdade e a Vida não são abstrações ideais. Elas estão presentes de forma concreta no Filho encarnado de Deus, que é tanto a Verdade como a Vida”.⁵⁰ Há uma espécie de exclusividade gloriosa sobre Cristo, o Caminho. **Ninguém vem ao Pai senão por mim** (6). A glória aqui não está na exclusão de qualquer outra. Antes, por ser quem Ele é, e pelo que fez, o Caminho é um caminho universal. “Quem quiser tome de graça da água da vida” (Ap 22.17; cf. Jo 3.16). Thomas à Kempis escreveu em adoradora meditação:

Sem o Caminho, não há como ir; sem a Verdade, não há o que saber; sem a Vida, não há o que viver. Eu sou o Caminho que deveis seguir; a Verdade que deveis crer; a Vida pela qual deveis ter esperança. Eu sou o Caminho inviolável, a Verdade infalível, a Vida sem fim. Eu sou o Caminho que é o mais reto, a Verdade que é a mais elevada, a Vida que é verdadeira, a Vida abençoada, a Vida não criada. Se permanecerdes no meu Caminho, *conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará*, e tomareis posse da vida eterna.⁵¹

Embora amassem a Jesus, Tomé e os outros não o tinham realmente “conhecido”.⁵² Com uma reprovação gentil, Jesus disse: “Se tivésseis me conhecido, teriam tido um conhecimento certo e seguro do Pai” (7, tradução literal). **E já desde agora** marca “o momento da Paixão... A Revelação do Pai não estaria completa até que Jesus tivesse removido a sua presença visível. Somente depois disto é que os discípulos começaram a entender quanto Ele havia revelado da natureza e do propósito de Deus”.⁵³

(3) *O Pedido de Filipe* (14.8-14). A afirmação de Jesus de que os discípulos deveriam ter conhecido o Pai (7) induziu Filipe a pedir alguma revelação especial, talvez uma teofania (cf. Ex 24.9-11; 33.18). Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta (“ficaremos satisfeitos”, RSV, 8). Com um misto de ternura e repreensão Jesus disse: **Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe?** (9) Bernard observa: “As ovelhas conhecem o seu pastor (10.14), e por aquele tempo, Filipe já devia ‘conhecer’ Jesus. Mas falhar em ver a Deus em Jesus é o mesmo que falhar em conhecer a Jesus”.⁵⁴

Há duas razões pelas quais Filipe já deveria ter conhecido que o Pai e o Filho são um (10.30), e pelas quais Jesus pôde dizer: **Eu estou no Pai, e o Pai está em mim** (10). Uma consiste nas palavras de Jesus, que não são suas, mas do Pai que o enviou (12.49). A outra são as obras que Jesus fez. Estas são obras do **Pai, que está em mim...** [Ele] **é quem faz as obras** (10). Tanto as Palavras como as obras de Jesus são do Pai, e são razões suficientes para que os discípulos (note a mudança para o plural) creiam que **estou no Pai, e o Pai, em mim** (11). Se, por causa da fraqueza humana, um homem não puder crer em Jesus através de sua Palavra, há um segundo nível de fé — **crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras** (11; cf. 5.36; 10.38). Bernard comenta: “A fé que é gerada por um recurso deste tipo não é o tipo de fé mais elevado, mas não é desprezada por Jesus”.⁶⁶

Jesus expôs em uma linguagem simples que as obras são secundárias, e que a fé nele por quem Ele é, e não apenas pelo que Ele faz, vem em primeiro lugar. **Na verdade, na verdade... aquele que crê em mim** (lit., “aquele que coloca a sua fé em mim”) **também fará as**

obras que eu faço (12). Quando as obras são o produto da fé dinâmica nele, são caracterizadas por uma certa superioridade. O crente é capaz de fazer obras maiores do que estas.

Duas perguntas precisam ser consideradas. Primeiro: Qual é a base para estas obras maiores? Três pontos são evidentes. 1. Há uma fé corretamente colocada. É “aquele que tem fé em Jesus” que faz as obras que Ele faz. 2. **Porque eu vou para meu Pai**. Da mesma forma que o Pai enviou o Filho, agora, com o seu retorno ao Pai, Ele está enviando os crentes ao mundo (17.18). Eles são enviados com uma missão.⁶⁶ 3. A operação das obras está intimamente ligada à oração. Junto com a promessa de obras maiores também há a promessa: **Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei** (13-14; cf. 15.7; 16.23-24).⁶⁷ O que significa orar em nome de Jesus? Embora tudo ou alguma coisa pareça incluir todas as coisas, estas palavras não são a garantia de que todas as nossas orações serão atendidas. O grande qualificador é a expressão “em meu nome”. Isto só se refere ao que está dentro da vontade de Deus. Barclay escreve: “A oração em que no final se diz “seja feita a tua vontade” é sempre respondida”.⁵⁸

A segunda pergunta a ser considerada é: Em que sentido estas obras são maiores do que as obras feitas por Jesus? (12) Robertson diz: “Maior em quantidade”.⁵⁹ Clarke vai além, e afirma: “E certamente o maior milagre da graça divina converter o coração obstinado e perverso do homem... do pecado para a santidade. Isto foi feito em inúmeros casos pelos discípulos”.⁶⁰ Seguindo em boa parte este mesmo pensamento, Westcott observa que **maiores** significa “os efeitos espirituais mais amplos da pregação dos discípulos que se seguiu após o Pentecostes”.⁶¹

“A Verdadeira Visão de Deus” pode ser observada em 8-11. 1. Todos precisamos que Deus se torne visível para nós (8); 2. A habitação divina em cada um de nós é que torna esta visão possível (9-10); 3. A fé à qual Cristo nos convida (11) (Alexander Maclaren).

c. *A Promessa do Espírito* (14.15-31). Obediência, amor e fé são os pré-

requisitos para que o crente receba o maior dom de Deus para o homem. Aquele que crê, *i.e.*, que tem fé, é aquele que recebe (12. cf. At 15.8-9; 26.18). E para aquele que ama que Jesus se faz real — **E aquele que me ama... eu o amarei e me manifestarei a ele** (21). Então aqui, a obediência e o amor estão inseparavelmente ligados. Não há lei mais elevada do que a lei do amor. Ela não exige obediência. Antes, a obediência é a sua consequência inevitável. **Se me amardes, guardareis os meus mandamentos** (15).⁶²

Em 14.12-18, podem-se encontrar alguns “Pré-requisitos para o Dom do Espírito”: 1. Fé para receber (12-14); 2. Amor suficiente para obedecer (15; cf. 15.9-10); 3. Arecompensa pela obediência (16-18).

Jesus ousadamente anunciou o Dom — o Espírito: **E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade** (16-17). Aqui está a primeira de várias passagens nesta seção que descrevem a vinda do Consolador (cf. 14.26; 15.26; 16.7). A palavra grega traduzida como “Consolador” é *parakletos*, que tem sido adaptada ao nosso idioma como “paracleto” — “advogado”, “intercessor”, “solicitante” — e personalizada como o Espírito Santo. A palavra grega “originalmente significava, no sentido passivo, ‘aquele que é chamado para ajudar alguém’”, e tem o significado mais geral de “*aquele que aparece em favor de outro, mediador, intercessor, ajudador*”,⁶³ Várias traduções têm usado palavras diferentes em um esforço de extrair da palavra grega ⁶⁴ o seu significado pleno — por exemplo, “Conselheiro” (RSV), “Ajudador” (Moffatt, NASB), “Ajudador Divino” (Phillips), “Advogado” (Weymouth). A palavra é traduzida como “Advogado” em 1 João 2.1, onde se refere a Cristo.

O Paracleto é identificado como o **Espírito da verdade** (17), “que traz a verdade e a imprime na consciência do mundo”.⁶⁵ Mas este Dom não é para todos os homens. O mundo não pode recebê-lo, pela simples razão de que este **não o vê, nem o conhece** (17). “Aquilo que é espiritual não pode ser compreendido pelos homens ímpios, mas somente por aqueles cujas almas estão harmonizadas com o reino espiritual”.⁶⁶ Mas a promessa é íntima, pessoal e preciosa para

aqueles que o conhecem: **vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós** (17; cf. At 2.4; Rm 8.9; 1 Jo 2.27; 2 Jo 2). Uma vez que habitava em Jesus, o Espírito estava com os discípulos. Mas quando Jesus ascendeu aos céus e o Espírito veio, no Pentecostes, Ele passou a estar dentro deles. Esta bênção é recebida através do batismo no Espírito.

Jesus continuou as suas palavras de encorajamento prometendo aos discípulos: **Não vos deixarei órfãos;⁶¹ voltarei** (lit., “estou voltando”) **para vós** (18). O uso do tempo presente do verbo enfatiza vindas repetitivas do Senhor — na ressurreição, no Pentecostes, no juízo e nos corações dos homens que nele crêem — ou pode ser o presente futurístico, “estou vindo (em breve)”. “A vida da Igreja consiste no cumprimento da vinda Pentecostal do Senhor, que deverá ser coroada pela sua vinda para Juízo”.⁶⁸ Com uma clara referência a sua ascensão e eterna presença com os homens de fé, Ele disse: **Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis** (19). Isto é possível por causa do poder e do significado da ressurreição — **porque eu vivo, e vós vivereis** (19).

Alexander Maclaren fala do “Consolador que É Dado” em 16-18.1.0 Cristo em oração e o Pai doador (16); 2. O Dom que habita em nós (16-17); 3. Os discípulos que o recebem (17-18).

A frase **Naquele dia** (20; cf. 16.23,26) refere-se “primeiro à Ressurreição”,⁶⁹ e depois a “cada crise vitoriosa da nova compreensão do Cristo ressurrecto”.TM **Naquele dia**, três coisas se tornarão claras — **conhecereis** (20). 1. Não haverá dúvida quanto à habitação mútua, interior e recíproca do Pai, Filho e crente: **estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós** (20). 2. Será visto que o amor e a obediência são inseparáveis: **Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama** (21). 3. O crente que pratica a obediência amorosa **será amado de meu Pai, e eu [o Filho] o amarei e me manifestarei⁷¹ a ele** (21).

A última declaração de Jesus provocou Judas (Tadeu; ver os comentários sobre Mt 10.3 no volume 6 do comentário Beacon), que

perguntou: **Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós e não ao mundo?** (22) Em resposta, Jesus reiterou o que acabara de dizer. O amor não pode ser separado da obediência. **Se alguém me ama, guardará a minha palavra** (23). E neste relacionamento ativo que ocorre a manifestação do Filho. “O poder de receber uma Revelação divina depende da obediência ativa, que se baseia no amor pessoal”.⁷² Judas tinha evidentemente esperado que Jesus fosse de alguma maneira manifestar-se abertamente, para que todos os homens pudessem vê-lo. Mas a resposta é que “todo o poder da divindade está presente na vida e no testemunho do crente”⁷³ — **e viremos para ele e faremos nele morada** (23; cf. 17.21). A manifestação do Espírito ocorre através daqueles que nele crêem, que o amam e lhe obedecem. A oração **e viremos**, por causa do pronome *nós*, “sugere necessariamente a reivindicação da divindade por parte de Cristo”.⁷⁴ A frase **faremos nele morada** precisa ser entendida à luz de 14.2, pois a mesma palavra grega (*mone*) é usada em ambos os versículos — ali moradas, aqui morada. Hoskyns comenta: “O santuário e lar de Deus, que está no céu, e que estava revelado apenas de forma incompleta no Templo em Jerusalém, descenderá sobre cada cristão que mantiver a sua fé”.⁷⁵

Aqueles que fazem uma profissão altamente religiosa e falham em refleti-la consistentemente através de conduta e atitudes éticas precisam lembrar-se de que “não amar” e “não guardar as palavras de Jesus” são inseparáveis (24). “Não há união espiritual com Ele que também não seja uma união moral”.⁷⁶

A segunda promessa da vinda do Espírito é prefaciada pelas palavras de Jesus: **Tenho vos dito**⁷⁷ **isso, estando convosco** (25). Neste anúncio da vinda do Consolador (Paracleto), Jesus identifica-o inequivocamente com o Espírito Santo⁷⁸ **que o Pai enviará em [seu] nome** (26). A vinda do Espírito significa a percepção, por parte da nova comunidade cristã, do significado pleno e verdadeiro da vida, do ensino, da morte e da exaltação de Jesus. **Ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito** (26; cf. 16.12-14,22-23,25; 1 Co 1.18; 2.13). Embora a obra do Espírito seja fazer lembrar os ensinamentos de Jesus, “sua obra é mais que uma

reminiscência da *ipissima verba* [as próprias palavras] do Filho de Deus: ela é uma representação viva de tudo o que Ele falara aos seus discípulos, uma exposição criativa do Evangelho”.⁷⁹ De uma maneira muito prática, Barclay diz: “O Espírito Santo nos guarda da arrogância e do erro no modo de pensar”.⁸⁰

Em 25-27, vemos “O Espírito Ensinador”. 1.0 Ensinador prometido (25-26); 2. A lição que este Ensinador dá (26); 3. Os alunos deste Ensinador (26-27). (Alexander Maclaren)

Para os seus discípulos, e para todos os que nele crêem, Jesus deixou um duplo legado. Estas são aspirações muito discutidas na atualidade — paz, **Deixo-vos a paz**, e liberdade em relação ao medo, **Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize** (27). Esta paz não é a mera ausência de problemas. Ela “significa tudo o que contribui para o nosso mais elevado bem”.⁸¹ E uma paz da conquista que é “manifestada em uma união intacta com o Pai, mantida em luta constante com o mundo, na perseguição, na humilhação, e na morte para a glória de Deus”.⁸² Será que esta paz dinâmica vem somente para aqueles que possuem o Espírito Santo? Quimby observa que a vinda do Espírito “é como uma transfusão de sangue para uma vida corajosa. Jesus partiu para que o Fortalecedor pudesse vir”.⁸³

Se pudessem ter enxergado mais à frente, os discípulos teriam se regozijado por Jesus haver dito: **Vou para o Pai, porque o Pai é maior do que eu** (28). Esta frase tem provocado muita discussão. A controvérsia ariana do século IV centrava-se em sua interpretação.⁸⁴

Bernard argumenta que **o maior** consiste no fato de que “o Pai *enviou* o Filho e lhe *deu* todas as coisas”.⁸⁶

Reconhecendo que o cumprimento de sua hora estava às portas, Jesus disse: **Já não falarei muito convosco** (30). O maior conflito entre as forças cósmicas do bem e do mal estava prestes a acontecer: **se aproxima o príncipe deste mundo** (30; cf. Lc 4.13; 22.53). “O próprio Satanás se aproximava... e Jesus agora se preparava para enfrentar o seu último ataque”.⁸⁶ Entretanto, mesmo em

antecipação ao ataque final, Jesus sabia que seria o Vencedor. A frase **o príncipe deste mundo** [Satanás] **e nada tem em mim** (30) assume um significado adicional em algumas versões: “Ele não tem poder sobre mim”. A pureza absoluta de Jesus é retratada aqui. Não há “nenhum elemento da natureza de Cristo que sucumbirá” a Satanás.⁸⁷ Westcott diz: “Em outros, ele acha aquilo que é seu próprio, e reforça a morte como seu dever; mas Cristo se ofereceu voluntariamente”.⁸⁸

Mesmo diante da morte, a obediência amorosa foi a marca da ação de Jesus. **Eu amo o Pai e [...] faço como o Pai me mandou** (31). Logo, não há razão para adiamento ou demora. Há alguns problemas que o tempo não resolve. **Levantai-vos, vamo-nos daqui** (31).

2. Os Discursos ao Longo do Caminho (15.1—16.33)

a. A Figura da Videira (15.1-17). Não há indicação no Evangelho de João de nenhum lugar especial onde os discursos dos capítulos 15 e 16 ou a oração do capítulo 17 tenham sido pronunciados. Depois que Jesus e os onze discípulos deixaram a sala em que haviam comido a ceia, a próxima anotação de lugar é o ribeiro de Cedrom, sobre o qual Jesus e seus discípulos passaram (18.1; ver o mapa 2). Não há nem mesmo qualquer indicação de um evento ou lugar que possa sugerir o uso da figura da videira. Tem-se suposto que havia uma videira crescendo do lado de fora da janela do cenáculo, ou que, quando Jesus e seus discípulos passaram pela estrada, Ele viu uma vinha, ou ainda que eles passaram pelo Templo e viram o filigrana de videiras e uvas douradas na porta deste. Outros defendem a opinião de que foi o uso de vinho na celebração da primeira Ceia (Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.15-20) que tornou a figura tão apropriada.⁸⁹ Isto realmente tem algum mérito, pois, no quarto Evangelho, um banquete ou sinal regularmente proporciona a base e/ou a ocasião para um discurso sobre uma questão importante (5.1; 6.4; 7.37; 9.34; e cap. IO).⁹⁰

Qualquer das situações acima poderia ter proporcionado a ocasião para este discurso. No entanto, não havia necessidade para tal sugestão. A figura da videira ou vinha aparece freqüentemente no

Antigo Testamento (Is 5.1-7; Jr 2.21; Ez 19.10-14; SI 80.819). Israel é retratado como uma videira degenerada com frutos ressequidos, e uma videira definhada consumida pelo fogo (Ez 19.12), quando deveria ter sido “a videira excelente”, dando “uvas” (Is 5.2).

E contra este cenário que Jesus usou a figura **Eu sou a videira verdadeira** (1). Não deve haver engano sobre isto! Não é o sangue judeu, mas a fé em Jesus que constitui o caminho para a salvação de Deus. Se este discurso é melhor entendido nas sombras da santa Ceia e da cruz, então o fruto da videira, o cálice (cf. 6.55-56), e o sangue (19.34) estão unidos na figura para retratar a purificação: **Vós já estais limpos** (3) — produzindo muito fruto (5) e prestando uma obediência amorosa (9-10).

A função de uma vinha é produzir frutos. A responsabilidade do lavrador (jardineiro) é cultivar videiras de qualidade, de forma que elas sejam produtivas. Para fazer isto, duas coisas são necessárias: *a) Toda vara em mim que não dá fruto, a tira* (2; cf. Lc 13.6-9). Isto pode se referir especificamente a Judas; certamente, a qualquer apóstata. O corpo de Cristo não deve ser enfraquecido por aqueles que apenas o professam, mas se recusam a dar fruto, *b) E limpa [poda] toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto* (2).⁹¹ E aqui que a ação do Pai “é revelada na purificação moral dos verdadeiros discípulos que estão em seu Filho... O Pai *tira* as varas inúteis, e *limpa* aquelas que dão fruto”.⁹²

Está claro que Jesus tinha em mente a idéia da purificação. Ele disse: **Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado** (3; cf. 13.10). A questão é: “Quando os discípulos foram limpos?” Westcott diz: “A obra espiritual representada por esta ‘purificação’ foi completada potencialmente pelos apóstolos, os representantes da Igreja de Cristo. Ela deveria ser realizada por eles”.⁹³ O registro indica que a purificação foi efetuada no Pentecostes (At 15.8-9). Macgregor mostra que enquanto “limpo” em 13.10 significava “limpo do pecado”, aqui o sentido é mais de ação e “virtualmente significa ‘capaz de dar frutos’”.⁹⁴ H. Orton Wiley costumava dizer que a purificação em santificação envolve duas coisas: O “limpar” inicial e o

contínuo “manter-se limpo” (1 Jo 1.7,9). “E por causa do Verbo habitando neles (7) que eles são mantidos puros”.⁹⁵ Hoskyns mostra que “há um elemento duplo na purificação dos discípulos: a purga inicial ocasionada pela Palavra de Jesus (6.63; cf. Ef 5.26), e a sua conservação através da permanência de uma união duradoura com Ele, que é afetada pela habitação de suas Palavras neles”.⁹⁶

O aspecto positivo da purificação contínua é apresentado na figura de ligação da vara podada que dá fruto à videira. Por isso, temos o imperativo **Estai em mim**, com seu resultado **e eu, em vós** (4). O mandamento é apropriado, pois na esfera espiritual o ato de ‘estar nele’ não é mantido sem a constante e consciente vontade própria dos discípulos”.⁹⁷ Ao mesmo tempo, é por causa da capacitação do **eu em vós** que o crente é capaz de permanecer. **Porque sem mim**⁹⁸ **nada podereis fazer** (5)."

Se a impotência espiritual pertence àqueles que estão separados de Cristo, a geração de frutos e a produtividade caracterizam aqueles que permanecem nele. **Quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto** (5; cf. 8,16). A razão de existência da Igreja é ser produtiva e dar fruto. “A igreja sem um senso de missão não é Igreja”.¹⁰⁰ O ato de “estar nele” é a base para uma vida de oração bem-sucedida e satisfatória, assim como é a base para se dar fruto. **Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito** (7; cf. 14.13-14; 15.16; ' 16.23-24). No versículo 3, a purificação é pela palavra (*logos*), enquanto aqui (7) são as palavras (*rhemata*) que devem estar em nós. Westcott comenta: “Aspalavras (*rhemata*), os discursos definidos... formam ‘a Palavra’” (cf. 8.43,47,51; 12.47-48; 17.6,8,14).¹⁰¹

A idéia de juízo também é apresentada na figura. Aquele que não está nele (*i.e.*, aquele que por uma atitude ou ato voluntário corta-se a si mesmo da videira verdadeira) **será lançado fora, como a vara, e secará** (6). Westcott mostra que este definhar “não é uma consequência futura, como no juízo final, mas uma consequência inevitável da separação”.¹⁰² No entanto, na frase seguinte há uma clara referência ao juízo e à separação final, pois as varas secas são

juntadas, lançadas **no fogo e ardem** (6). Neste universo, que tem a sua lei moral bem como as suas leis naturais, algo terrível acontece quando um homem se separa de Cristo (cf. 13.30; Mt 27.5).

Há algumas qualidades significativas que caracterizam a videira frutífera. E o orgulho do lavrador. **Nisto é glorificado meu Pai: que deis muito fruto** (8). Na videira, está também o teste do discipulado, pois dando muito fruto os crentes provarão ser **discípulos** do Senhor (8).¹⁰³ No relacionamento lavrador-videira-vara, sugere-se com regularidade o tema recorrente da obediência amorosa. **Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor** (9). A lógica da obediência amorosa é simples: 1. Tenho guardado os mandamentos de meu Pai. 2. Permaneço no seu amor. 3. Deveis guardar os meus mandamentos. 4. Permanecereis no meu amor (10). Hoskyns comenta: “A fidelidade em amor é provada e demonstrada através da obediência”.¹⁰⁴

Um outro tema retratado aqui é o da alegria. Certamente está sugerido que a videira frutífera é uma alegria para o lavrador (8). Mas, igualmente importante, é o relacionamento da videira-vara que garante a comunicação da alegria para o crente. **Tenho-vos dito isso para que a minha alegria** [lit., “a alegria que é minha”] **permaneça** [gr., “esteja”] **em vós, e a vossa alegria seja completa** (11; cf. 16.20-24; 17.13).

Em 5-8, Alexander Maclaren mostra “As Verdadeiras Varas da Videira Verdadeira”. 1. A união com o nosso Senhor garante a geração de frutos (5); 2. O definhamento e a destruição vêm depois da separação dele (6); 3. A união com Cristo é a condição para termos os nossos desejos satisfeitos (7); 4. A união com Cristo traz glória a Deus e produz um discipulado crescente (8).

“Permanecer no Amor” é o tema que Alexander Maclaren encontra em 9-11. 1. O amor em que devemos permanecer (9); 2. A obediência pela qual devemos permanecer no amor de Cristo (10); 3. A alegria que segue a obediência (11).

Jesus reiterou o que chamou de “novo mandamento” (13.34, ver o

comentário): **Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei** (12). Mas agora, mais próximo da sombra da cruz, Ele apresenta um outro tema com frequência recorrente: a sua morte voluntária pelos homens (6.51; 10.17-18; 12.24-25), a prova suprema de seu amor. **Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos** (13). O que Jesus estava prestes a fazer por todos os homens (morrer na cruz), Ele estava fazendo por seus amigos, os discípulos. **Vós sereis meus amigos**, Ele disse, **se fizerdes o que eu vos mando** (14). A palavra “amigo” tem um significado especial. Abraão “foi chamado de amigo de Deus” (cf. 2 Cr 20.7; Is 41.8; Tg 2.23). A palavra aqui enfatiza “a intimidade do amor”.¹⁰⁵ Este relacionamento de amizade não é o de um servo (lit., “escravo”), porque este **não sabe o que faz o seu senhor**. Mas os amigos, os discípulos, sabem: **porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer** (15).

A base deste relacionamento de amizade não está no mérito nem no trabalho do homem. **Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós** (16). Não se deseja aqui negar ao homem a sua livre ação moral, mas afirmar que fora de Cristo o homem é impotente (15.1). Conseqüentemente, Cristo nos nomeou para que demos fruto, e que este fruto **permaneça** (16). Westcott observa: “O poder do ofício dos apóstolos residia, para eles, no fato de que esta não fora uma escolha própria”.¹⁰⁶ O homem auto-nomeado estará destinado a uma triste derrota quando tentar, fora de Cristo, produzir o fruto que permanece.

O tema principal e reiterado resume o ensino na figura da videira. **Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros** (17), “pois as varas não podem dar fruto se não estiverem ligadas à videira, e, da mesma forma, nenhum de nós poderá dar frutos sem o auxílio mútuo”.¹⁰⁷

b. Os Discípulos e o Ódio do Mundo (15.18-27). O que é este **mundo** (18) que aborrece a Jesus e seus discípulos? A palavra “mundo” aparece cinco vezes em 18-19. Uma coisa é evidente desde o princípio: são as pessoas que aborrecem¹⁰⁸ a Jesus. Não foi o mundo físico que o rejeitou. Foi o seu próprio povo (ver comentário sobre 1.11). Assim, a

rejeição a Jesus não foi uma mera questão de conveniência política ou o desejo de preservar as velhas e grandes tradições. Ela nasceu de um ódio intenso contra Ele, porque Ele e seus ensinamentos penetravam diretamente na pecaminosidade egoísta deles. Logo, se o mundo aborrecia a Jesus, também aborreceria os seus seguidores. Há um vivido contraste entre aqueles que não são do mundo e o mundo (19).

Quando se trata de lealdade, não há meio termo. É uma questão de branco e preto. Não há uma cor cinza. Um homem é do mundo ou não é do mundo!

Não só os judeus odiavam a Jesus. Como Jesus disse, o mesmo ódio (tanto dos judeus como dos pagãos) estava acumulado sobre aqueles primeiros cristãos. Paulo foi odiado pelos judeus e sofreu muito nas mãos deles (2 Co 11.24). Os judeus espalharam uma propaganda difamatória entre os pagãos sobre os seguidores de Cristo, rotulando-os de: *a)* revolucionários, por causa de sua recusa a adorar a César; *b)* canibais, por causa de sua prática de lembrar a morte do Senhor comendo o pão partido, como símbolo de seu corpo; *c)* incendiários, em razão de sua expectativa de que “a terra e também as obras nela contidas seriam queimadas” (2 Pe 3.10); *d)* imorais, relatando os banquetes de amor como orgias; *e)* desintegradores da família (em parte verdade) por causa da lealdade a Cristo, por parte de ao menos um único membro da família.¹⁰⁹ Não é de admirar, portanto, que o ódio dos judeus inflamasse os pagãos a perseguirem os cristãos. A própria intensidade com a qual o mundo perseguiu os seguidores de Jesus e o ódio implacável por seus amigos “é o sinal da veracidade desta amizade”.¹¹⁰

Há um resultado interessante para a proposição: **Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardarem a minha palavra, também guardarão a vossa** (20). “Os discípulos poderiam olhar para trás e discernir o que tinham de esperar: alguns seguidores corajosos, alguns ouvintes fiéis... fmas também algumas] multidões descuidadas e hostis”.¹¹¹

O argumento agora muda. Jesus esteve dizendo que, uma vez que o

odiava, o mundo também odiaria a seus discípulos. Agora, o mesmo tipo de argumento é aplicado ao ódio do mundo também ao **Pai** (23). A razão pela qual farão tudo isso é o seu nome (“por minha causa”, RSV). **Tudo isso vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou** (21; cf. 8.55; 14.17; 17.25). Não conhecer o Filho é não conhecer o Pai (14.9). O próprio fato da encarnação, o Verbo que se fez carne (1.14), intensificou a culpa e o pecado do mundo. A sua luz apenas intensificou a noite do mundo. A Bíblia ensina claramente uma relação entre o conhecimento que temos a respeito de Deus e a nossa responsabilidade para com Ele (cf. Lc 12.47-48). Portanto, agora que Ele veio, eles (o mundo) **não têm desculpa do seu pecado** (22; cf. 16.7-9). A vida de Jesus revela perfeitamente o pecado do mundo.

Não são somente as palavras de Jesus (22) que condenam o mundo, mas também as suas obras. **Se eu, entre eles, não fizesse tais obras, quais nenhum outro têm feito, não teriam pecado** (24). As obras que deveriam ter produzido a fé (10.38; 14.11), tendo sido rejeitadas pelo mundo, geraram ódio e pecado (24). Todo o ódio e todas as perseguições que o mundo acumulou sobre Jesus e seus seguidores são vistos como o cumprimento das Escrituras: **Aborreceram-me sem causa** (25; cf. SI 35.19; 69.4). Jesus raramente mostrava tal imparcialidade do Antigo Testamento, como é aqui sugerido, chamando as Escrituras de **sua lei** (25). A expressão provavelmente indique *a obrigação deles de aceitar* o que está na lei, em vez da dissociação de Jesus em relação à lei.

Chegará um tempo, Jesus disse, quando haverá um amplo e verdadeiro testemunho dEle. As testemunhas são duas. A primeira é o Consolador, o Paracleto. Jesus o enviará aos discípulos da parte do Pai. Ele, o Paracleto, é o Espírito da verdade. Jesus disse: **testificará de mim** (26). O Paracleto é descrito como “aquele que procede do Pai”. Esta frase tem sido chamada de “A Eterna Procedência”. Ela gerou “disputas sem fim entre o oriente e o ocidente quanto à ‘Procedência’ do Espírito vindo do Filho bem como do Pai”.¹¹² Bernard sustenta que a frase “não se refere ao misterioso relacionamento entre as Pessoas da santa Trindade, mas somente ao fato de que o Espírito... veio de

Deus”.¹¹³

Pode bem ser que a palavra grega *parakletos* (Paraclete) poderia ser traduzida como “advogado” neste contexto, pois ele é apresentado como aquele que testificará em favor de Jesus. Macgregor diz: “O Espírito é aquele que fará a igreja vencer em seu processo contra o mundo, e aparece como uma ‘testemunha’ decisiva para a defesa”.¹¹⁴

A segunda testemunha deve consistir nos próprios discípulos. **E vós também testificareis** (27). Eles se colocam em uma posição excepcionalmente favorável para servirem de testemunhas, pois estiveram com Ele desde o princípio. Por isso, também se preparam para receber poder especial (At 1.8) através da vinda do Espírito no Pentecostes. Quando se olha para toda a obra e todo o testemunho do Espírito, podemos perceber que Ele está “três vezes mais circunscrito [apoiado]. Seu testemunho é o testemunho do Pai para o Filho através dos discípulos”.¹¹⁶

Barclay sugere a partir desta passagem (15.26-27) três aspectos do testemunho cristão: 1. Vem a partir de uma longa comunhão e intimidade com Cristo (27); 2. Vem de uma convicção interior (26); 3. Profere um testemunho exterior (27).¹¹⁶

c. *As Perseguições São Prometidas* (16.1-4a). A frase freqüentemente repetida, **Tenho-vos dito essas coisas** (1; 14.25; 15.11; 16.4,6,25,33), abre outra vez o tema das futuras perseguições. A razão para o aviso antecipado concedido aos discípulos é: **para que vos não escandalizeis**. A palavra traduzida como escandalizeis é *skandalisthete*, que significa “fazer com que seja pego ou caia, i.e., fazer pecar (o pecado pode consistir em uma quebra da lei moral, uma descrença ou a aceitação de falsos ensinados). A forma passiva pode também significar *deixar que alguém seja levado a pecar, cair*”.¹¹¹ A tradução da NASB apresenta: “que você seja impedido de tropeçar”. Westcott diz que se trata da “imagem de tropeçar em algum obstáculo no caminho” (cf. 9.22,34; Mt 15.12; Mc 4.17; 14.27,29; Lc 7.23; 1 Jo 2.10).¹¹⁸ O aviso de perseguição (cf. Mt 5.11-12) era também uma advertência apropriada e necessária. Embora muito seja dito sobre

a perseverança e o heroísmo dos primeiros cristãos, há evidências de que alguns caíram sob a pressão da perseguição. Plínio, o governador da Bitínia, examinou o povo para determinar se eles eram ou não cristãos. Ele escreveu para Trajano dizendo que alguns admitiram “ter sido cristãos, mas que o haviam deixado de ser há muitos anos, alguns há cerca de vinte anos”.¹¹⁹

Jesus foi específico e profético em sua declaração sobre o que aconteceria. **Expul-sar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus** (2). Sem dúvida, “eles” se referem aos judeus, e toda a declaração faz alusão “ao ódio assassino dos judeus”.¹²⁰ A expulsão da sinagoga era temida por todo judeu devoto (9.22), e aqueles que confessavam a Cristo eram expulsos (9.34). Há um Midrash sobre Números 25.13 que declara: “Todo homem que derramar o sangue do ímpio será como alguém que oferece um sacrifício”.¹²¹ Pensava-se que a perseguição aos cristãos mesmo até a morte era um serviço, a oferta de um sacrifício, a Deus (cf. At 26.9-11). Arazão para esta ação racionalizada e imoral da parte dos judeus já havia sido explicada pelo Senhor Jesus: **não conheceram ao Pai nem a mim** (3; 15.21; cf. Lc 19.44). Dificilmente há uma desculpa por eles não o conhecerem, pois os judeus, de todos os povos, “*deveriam* conhecê-lo” (cf. Rm 9.4-5).¹²²

Jesus teve um propósito especial ao revelar aos seus discípulos a futura perseguição. Aquele que conhece as dificuldades de antemão pode também preparar-se de antemão. **Mas tenho-vos dito isso, a fim de que, quando chegar aquela hora** [lit., “a hora deles”], **vos lembreis de que já vo-lo tinha dito** (4). “A frase ‘chegar aquela hora’, usada em outras passagens como uma referência à hora da crucificação (12.23; 13.1; 16.32), está aqui estendida para incluir a hora da correspondente humilhação dos discípulos... Ele prediz a perseguição que eles sofrerão a fim de que a lembrança das suas palavras possa lhes proporcionar uma proteção adicional”.¹²³

d. O Paracleto Prometido (16.45-11). As advertências sobre as futuras perseguições e a promessa do Espírito Santo não foram concedidas aos

discípulos no princípio porque Jesus estava com eles (4). Agora há motivos suficientes. **Vou para aquele que me enviou** (5). A ida de Jesus para o Pai é um tema que ocorre com freqüência nos últimos discursos (14.12; 16.10,17,28). Anteriormente, os discípulos haviam perguntado: “Para onde vais?” (13.36; 14.5). Agora, no entanto, Jesus diz: **e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?** Sobre esta falta de entendimento espiritual ou até mesmo curiosidade salutar, Strachan diz: “O mundo espiritual em que Jesus estava prestes a entrar era, contudo, irreal e incerto para os discípulos”. Desse modo, aplicando isto à cena contemporânea, ele continua: “O interesse exclusivo, hoje, no Jesus histórico, como distinto do Senhor ressurrecto e assunto, ainda exemplifica esta recusa a fazer a pergunta que Ele desejava que os seus discípulos fizessem: *Para onde vais?*”^m

Foi inevitável que, na reiteração de Jesus de sua breve partida, a tristeza¹²⁵ enchesse os corações dos discípulos (6). **Todavia**, apesar da tristeza, **digo-vos a verdade** (7; cf. Rm 9.1; 1 Tm 2.7). Ele é a Verdade (14.6) e o que Ele diz é verdade (1.17; 8.40,45-46). A verdade é: **que vos convém** [“é para a vossa vantagem”, Weymouth] **que eu vá** (7). Quais são exatamente as vantagens? Há pelo menos quatro.

Aqui vemos “A Maravilha do Espírito que Habita dentro de Nós”. 1. Na pessoa de Jesus o Espírito estava *com* os discípulos. Agora, o Espírito estará *dentro* deles (14.17); íntimo, precioso, pessoal, Ele é o próprio sopro da vida espiritual. 2. A encarnação, por sua própria natureza, estava sujeita aos limites do espaço, do tempo e da morte (Fp 2.68). Mas a vinda do Espírito saltaria as fronteiras da Palestina e os limites dos 33 anos e meio do calendário. Através da vitória de Cristo (16.33; 1 Co 15.57), a morte não teria domínio sobre o Espírito universal e eternamente presente. Westcott comenta: “A retirada de sua Presença corporeamente limitada preparou de modo necessário o caminho para o reconhecimento de uma Presença universal”.¹²⁶ 3. Há aqueles que dizem: “Teria sido maravilhoso estar com Jesus naquela ocasião, *i.e.*, quando Ele estava na terra”. Bernard diz: “Há uma educação melhor no discipulado do que aquela que pode ser fornecida por um Mestre visível... O discípulo mais corajoso e mais perfeito é

aquele que pode andar pela fé, e não somente por vista” (cf. 20.29).¹²⁷
4. A familiaridade e o conhecimento ainda melhores acerca de Jesus e de suas palavras são garantidos através da vinda do Espírito. A ausência do Filho seria preenchida, porém, ainda mais importante, a sua presença se tornaria completa e significativa.

A vinda do Paracleto¹²⁸ depende da partida de Jesus. Assim, há a premissa: **se eu for, enviar-vo-lo-ei** (7). “Jesus será capaz de fazer todas as coisas, pois Ele mesmo estará agora vivendo no Espírito na presença do Pai, que é a fonte da missão do Espírito” (15.26).¹²⁹

A obra do Espírito Santo, **quando ele vier** (lit., “aquele, ao vir”, 8), é cuidadosamente exposta para que os discípulos a entendam. Ele convencerá (“condenará”, ASV; “trará convicção”, Weymouth; “convencerá”, Phillips; “repreenderá”, Tyndale). Nesta variedade de traduções, fica evidente que a palavra grega *elegxei* possui dois significados básicos: “convencer”, no sentido de *provar* ou *demonstrar*, e “condenar”, no sentido de *reprovar*, *corrigir* ou *castigar*.¹³⁰ “A palavra é quase equivalente à palavra “expor”, que tem precisamente o mesmo duplo sentido: *exibir para a apreciação pública*, *explicar*, *desmascarar*, *mostrar*, *expressar reprovação*”.¹³¹

Já vimos como a obra do Espírito é o seu testemunho do Filho (15.26) — sua função de ensinar e lembrar as palavras e ensinamentos de Jesus (14.26) — e a força interior constante e permanente que Ele é para o crente (14.16-17).¹³² Mas neste papel Ele alcança o lado exterior do círculo de crentes até **o mundo** (8). No entanto, observe que Ele alcança o mundo *somente quando vem aos crentes*. E operando através dos crentes que o Espírito está convencendo e condenando aqueles que não crêem, aqueles que estão em rebelião contra Deus. Ele os convence do pecado, da justiça, e do juízo.

Ele convence **do pecado, porque não crêem em Jesus** (9). Em seus ensinamentos, Jesus deixou claro que a recusa a crer nele é equivalente a morrer em pecado (8.24). Assim, o Espírito mostra o que o pecado é em sua essência. Ele é “o egoísmo que se coloca longe de Deus e, portanto, contra Ele. Não é definido por nenhuma regra limitada, mas

expressa um espírito geral. Crer em Deus é adotar o princípio da auto-entrega a Deus. Não crer em Deus é romper com o aspecto legal de dever e serviço que envolve um completo malentendido da essência do pecado”.¹³³ Bernard comenta: “Ele é a pedra de toque do caráter moral para discernir Deus em Cristo” (cf. 3.18,36; 20.30-31; At 2.36-37; 1 Jo 5.10).¹³⁴

Ele convence da justiça, **porque vou para meu Pai, e não me vereis mais** (10). A palavra grega para “justiça”, *dikaïosune*, só aparece aqui em João. E a qualidade do caráter moral que foi perfeitamente exibido em cada motivo e ato de Jesus, e que estava sempre de acordo com a vontade do Pai. “Jesus é o *Justo* (1 Jo 2.1), nenhum pecado pode ser encontrado nele (8.46; 14.30)”.¹³⁵ Além disso, por causa da natureza e da vida sem pecado de Jesus, resta somente ao Espírito demonstrar e convencer os homens de que é possível viver uma vida justa neste mundo. “Esta revelação uma vez dada foi terminada... Foi estabelecido, para todas as épocas, que através dela a estimativa de justiça de todos os homens poderia ser tentada”.¹³⁶

Ele convence do juízo, **porque já o príncipe deste mundo está julgado** (11).¹³⁷ Estas palavras descrevem sucintamente a luta cósmica entre o bem e o mal, Deus e Satanás, ao passo que dão a certeza do triunfo final de Deus e do bem. O príncipe deste mundo é a personificação do mal (8.44; 13.27; 1 Co 2.8; 1 Jo 3.12). Seu destino está selado, pois o juízo já foi decretado (cf. 3.18; 12.31; 16.33; Ef 2.2-10; 1 Jo 2.13-14). “O Diabo está lutando uma batalha perdida”.¹³⁸

Nesta seção, vemos “O Dom do Espírito Santo”. 1. Ele é dado especialmente aos crentes que não podem ter a presença física de Jesus (4). 2. Sua vinda significa, para o cristão, mais do que ter conhecido Jesus na carne (5-7). 3. **Quando Ele vier** aos cristãos, Deus poderá ter a sua obra completa neste mundo (8-11).

e. “*O Espírito da Verdade*” (16.12-15). Jesus aproximava-se do final de suas conversas com os discípulos. Mesmo assim, Ele disse: **Ainda tenho muito que vos dizer** (12), indicando as inesgotáveis riquezas

de sua sabedoria e verdade para os homens. Ao mesmo tempo, Ele colocava um alicerce para a obra do **Espírito da verdade** (13) que viria. Além disso, havia o fato da incapacidade dos discípulos de compreenderem a verdade espiritual, ou de a “suportarem” ainda que a entendessem (13.33,36-37; 14.17; 15.4-5). Mas há um que vem para guiar os discípulos. **Mas¹³⁹ quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade.** A palavra grega para “guiará” é *hodegesei* e significa literalmente “conduzir ou guiar ao longo de um caminho”. Assim, “Jesus é o Caminho em que os discípulos devem ser conduzidos pelo Espírito, e Ele também é a Verdade para a qual eles devem ser guiados”(cf. Nm 24.8; Dt 1.33; SI 25.5,9; 143.10; Is 63.14).¹⁴⁰ A expressão **toda a verdade** não faz alusão “a uma nova verdade adicional, mas... à verdade completa a respeito do que foi apresentado de forma concreta e concisa pelo Filho de Deus”.¹⁴¹ Fica também bastante claro, a partir do contexto, que a frase **toda a verdade** não deve ser interpretada para significar primeiramente as descobertas dos fatos científicos, ou ainda o conhecimento rapidamente expandido das obras de Deus na natureza, embora estes não devam ser excluídos (considere o testemunho do cientista negro, Dr. George Washington Carver, que simplesmente convidava Deus para ir com ele até o seu laboratório de pesquisa todas as manhãs). A direção do Espírito está, entretanto, primeiramente relacionada com a obra, o ensino, a morte e a ressurreição de Jesus. Ele **não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará [...] Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar** (13-15). Hoskyns comenta: “O poder do Espírito não consiste em revelações secretas e místicas, mas na pregação externa do evangelho, que faz com que os homens se afastem do mundo com repugnância e liguem-se à Igreja”.¹⁴²

Nos versículos 12-15, vemos “A Direção do Espírito”. 1.0 Espírito Santo é concedido aos seguidores de Cristo como um Guia espiritual (13). 2. Suas revelações vêm quando estamos prontos para elas, dia a dia, ao invés de virem de uma só vez (12). 3. Não há reino da verdade fechado à possibilidade da direção do Espírito (13). 4. Sua direção sempre está em harmonia com os ensinamentos de Jesus (14-15). 5. Seguir a

liderança do Espírito Santo sempre resulta em honra e glória refletidas sobre o nosso Senhor e Salvador (14).

f. A Tristeza Transformada em Alegria (16.16-24). Em uma linguagem repetitiva e pouco velada, Jesus falou aos discípulos sobre a sua morte e ressurreição. **Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis, porquanto vou para o Pai** (16). A frase **e ver-me-eis** deve referir-se às aparições pós-ressurreição de Jesus aos discípulos, mas foi provavelmente aplicável ao Pentecostes, como também à Parousia.¹⁴³ A expressão **um pouco** sem dúvida alguma expressa a proximidade da Paixão e da Ressurreição (cf. 7.33; 13.33; 14.19). Pela primeira vez desde a colocação de Filipe em 14.8, há uma pergunta entre os discípulos a respeito do significado da declaração de Jesus (17). Mesmo não falando abertamente, disseram: **Que quer dizer isto: um pouco? Não sabemos o que diz** (18). Mas Jesus conhecia os seus homens (2.25) e o desejo que tinham de o **interrogar** (19). Pela quarta vez em 16-19, a declaração inicial de Jesus é dada — **um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis** (19). Em três delas, aparece o verbo “ver”. Nestes três casos, o primeiro “ver” no grego é *theoreite* e o segundo é *opsesthe*. O primeiro tem uma grande variedade de significados, mas é usado principalmente no sentido de *observar, perceber, olhar com os olhos físicos*,¹⁴⁴ enquanto o segundo é usado por João como “a visão das realidades espirituais”.¹⁴⁵ Assim, muito habilmente — pelo uso de palavras similares, contudo diferentes — ali é mostrado o movimento do Senhor, da encarnação até a ressurreição e glorificação. Isto também proporciona a base para a mudança da tristeza para a alegria.

Sabendo completamente o que aconteceria nas poucas horas seguintes, Jesus disse aos discípulos: **Na verdade, na verdade vos digo que vós chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará** (20). Os inimigos de Cristo estariam certos de que tinham vencido a batalha e se ocupariam em celebrar (por pouco tempo), enquanto os discípulos, certos de que tudo estava perdido, se ocupariam dos “prantos e lamentações sonoros habituais no oriente após uma morte”.¹⁴⁶

Para ilustrar o ponto de que há “beleza nas cinzas”, alegria na tristeza para o verdadeiro discípulo, Jesus usou a figura de uma mulher dando à luz uma criança. **A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas, depois de ter dado à luz a criança, já se não lembra da aflição, pelo prazer de haver nascido um homem** [*anthropos*, “ser humano”] **no mundo** (21).¹⁴⁷ Da mesma forma que é chegada a hora da mulher, assim é a hora de Jesus (12.23; 13.1). A questão de ambos é a nova vida. A dele é a vida da ressurreição, que trará alegria aos discípulos: **mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará** (22). “A alegria deles será estável... Eles terão inimigos, mas... seus inimigos não prevalecerão”.¹⁴⁸

Naquele dia, quando a alegria plena e permanente chegar aos discípulos, substituindo a sua tristeza, eles não perguntarão nada a Jesus (“não me farão nenhuma pergunta”, NASB, 23; cf. w. 17-19). A pergunta deles tomará outra forma: **tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar**. Muitos tradutores e alguns comentadores (Westcott, Macgregor) posicionam a frase **em meu nome** no final da sentença, onde o grego a coloca. Assim, “não só a oração é oferecida em nome de Cristo (24; 15.16), mas também a resposta é dada em seu nome”.¹⁴⁹

De uma maneira inigualável, a nova administração da oração que pertence à vida cheia do Espírito (23-24; 14.13-14; 15.7) é a base para uma **alegria** que é completa (24). Esta é a oração que deve ser feita ao **Pai** (23) e pedida **em nome** de Jesus (24; cf. 14.13-14, 26; 15.16; 16.26).¹⁵⁰

g. *Vitória Assegurada* (16.25-33). Pela sexta vez nos últimos discursos, a frase **Disse-vos isso** (25) é usada. Certamente algumas das palavras de Jesus foram proferidas por parábolas (figuras) — por exemplo, a videira (15.1-17) e a tristeza das dores de parto transformadas em alegria (16.16-24).¹⁵¹ Mas chegaria o tempo (cf. v. 23, **naquele dia**) em que, em vez de parábolas, Ele abertamente falaria acerca do Pai (25). A palavra “falar” é *apanggelō*,

no grego, e “marca a origem em vez do destino da mensagem”.¹⁶² A palavra “abertamente” *éparresia*, que significa “*sinceridade, franqueza, clareza* de discurso, que nada esconde e nada omite”.¹⁶³

Quando o crente ora em nome de Jesus, ele não deve fazê-lo com a idéia de que o Filho é o Intercessor que tem de rogar em favor do homem e aplacar a ira do Pai: **não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai** (26). A palavra grega para “rogar” é *erotao*; “Ela expressa um pedido feito com base na comunhão, e é usada no evangelho somente com relação às petições do Senhor”.¹⁵⁴ Há razão suficiente para a declaração de Jesus: **pois o mesmo Pai vos ama** (27). Observe a palavra enfática “mesmo”. Não deve haver nenhum erro quanto ao amor do Pai por seus filhos. A razão para a certeza deste amor é: **vós me amastes e credes que saí de Deus**. “Ter crido nesta bênção é ter aceitado a mensagem central do evangelho”.¹⁶⁵

Em quatro frases compactas, Jesus entregou aos discípulos a sua “biografia” completa. **Saí do Pai** — sua preexistência; **vim ao mundo** — sua encarnação; **deixo o mundo** (lit., “estou partindo”) — sua morte; **vou para o Pai** (lit., “estou indo”) — sua ascensão (28). Aqui, os discípulos estavam persuadidos de que o discurso claro substituiria a parábola (29), e afirmaram a sua certeza de que Jesus sabia tudo (30; cf. 2.25), a ponto de “não ser mais necessária nenhuma pergunta” (30, Phillips).¹⁶⁶ **Por isso** (cf. 1 Jo 2.3,5; 3.16,19,24; 4.9-10,13,17; 5.2) **cremos que saíste de Deus**. (30)

As observações finais nos discursos são simultaneamente um exame da fé dos discípulos e uma predição asseguradora da vitória certa sobre as forças do mal. O próprio Senhor Jesus respondeu a sua pergunta, dirigindo-se aos discípulos: **Credes, agora?** (31) Eles tinham afirmado a sua crença, mas ainda havia tempos de provação pela frente. Na melhor hipótese, a sua fé era instável. Jesus lhes disse que se aproximava a hora (32; cf. 12.23; 13.1) em que eles seriam dispersos, cada um para sua casa, e o deixariam só. Contudo, apesar de sua fé vacilante e de seu próprio senso de serem deixados sozinhos, o Senhor assegurou-os da firmeza do Pai: Ele **está comigo** (32) — e também lhes prometeu a paz (33).¹⁶⁷ Para estes discípulos inseguros e

instáveis, viria uma nova paz que estaria em grande contraste com as aflições... **no mundo** (33). Esta paz viria de um conhecimento claro dos fatos que se lhes tornaram conhecidos através do Senhor Jesus, e de uma fé firme nele. Assim, Ele pôde lhes dizer, quando o seu ministério público parecia ter fracassado:¹⁶⁸ **eu venci o mundo** (33). O verbo grego para “venci” é *nenikeka*, no tempo verbal perfeito, e indica um estado presente que é o resultado de uma ação passada. A vitória final está garantida! O pronome “eu” é um *ego* enfático, e aqui mostra que é a própria vitória pessoal de Jesus sobre o mundo — descrença, rebelião, pecado, morte — a base para a garantia da vitória final. Portanto, **tende bom ânimo**.

A ORAÇÃO DO SENHOR

João 17.1-26

Esta é a mais longa, e talvez a mais importante, das orações de Jesus que foram registradas. Enfrentando **a hora** (1; cf. 12.23; 13.1), era natural que Ele orasse, como sempre fazia, ao ser confrontado com uma grande prova ou crise (Mc 1.35; 6.46; Lc 3.21; 5.16; 6.12; 9.18,28; 11.1; Jo 11.41; cf. Mt 11.25-27). Não se conhece o local exato onde esta oração foi proferida, mas talvez tenha sido em algum lugar entre o cenáculo (14.31) e o ribeiro de Cedrom (18.1; ver o mapa 2).

A oração reflete a vitória que Ele já tinha reivindicado (16.33), “Uma vitória que ainda seria vencida, no campo da história, nos acontecimentos dos capítulos 18 a 20, mas já alcançada na esfera da vontade e do espírito”.¹ Toda a oração está recheada de idéias que já apareceram em 13.31—16.33. “O ensino é coroado pela oração”.²

Os diferentes títulos dados a esta oração são de interesse. A maioria chama-a de “A Elevada Oração Sacerdotal”. Westcott a chama de “A oração da Consagração”.³

A oração tem três temas principais: 1. Jesus ora por si mesmo (1-8); 2. Jesus ora pelos seus discípulos (9.19); 3. Jesus ora pelos futuros crentes (20-26).⁴

A. Jesus Ora por Si Mesmo, 17.1-8

Essas coisas (1) seriam as palavras do capítulo **16**. A expressão representa uma breve transição do que a antecede. **Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai.**

Aqui estão a facilidade de acesso, uma relação confiante e um hábito de vida (11.41; cf.

Mc 6.41; 7.34; At 7.55; contraste com Lc 18.13). Por toda a oração se repete esta maneira de dirigir-se ao Pai (5,11,21,24-25). Os títulos

adicionais “Pai santo” (11) e “Pai justo” (25) assinalam “o rumo da oração, da morte de Cristo até à glorificação da igreja”.⁵ E **chegada a hora** de que esta obra se realize (cf. 12.23,27; 13.1; 16.32; Mc 14.41; também cf. “não é chegada”, 2.4; 7.6,8,30; 8.20).

Do ponto de vista da Divindade, todo o propósito da **hora** está resumido nas palavras de Jesus, **glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a**

ti. Hoskyns comenta: “A glorificação do Filho não deve ser interpretada como a recompensa da virtude. A glorificação do Filho é para a glorificação do Pai, e a glorificação do Pai é a salvação dos homens” (7.39; 8.54; 9.3; 11.4; 12.16,23,28; 13.31-32; 14.13; 15.8; 16.14; Fp 2.11).⁶ Bernard ressalta que esta oração — **glorifica a teu Filho** — é mais do que uma súplica por apoio ou ajuda na provação da morte. E mais como “um mártir oraria para que tais medidas de graça fossem concedidas no dia do julgamento, para que todos os que compreenderem a sua coragem e fé possam reconhecer que Ele foi honrado por Deus”.⁷

A glorificação do Pai e do Filho é possível porque o Pai lhe deu **poder** [*exousia*, lit., “autoridade”] **sobre toda a carne**.⁸ “A *autoridade* é dada para que Cristo possa libertar os homens do pecado”⁹ e dar-lhes a **vida eterna**. A frase **a todos quantos lhe deste** é introduzida por um pronome neutro no original, e literalmente significa “tudo o que lhe deste”. No contraste entre *toda a carne* e *tudo o que lhe deste* está expressa a inevitável tragédia da misericórdia de Deus; ela é oferecida a todos, mas recebida por poucos”.¹⁰

O que é esta *vida eterna* (2-3) que Ele dá? E para **que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste** (3). O verbo **conhecer** (*ginosko*) significa conhecer pessoalmente, com a experiência. É um verbo no presente, e assim reflete o conhecimento continuado e crescente. E o conhecimento do **único Deus verdadeiro** “em contraste com os deuses irrealis do mundo pagão”.¹¹ O título **Jesus Cristo**, com o nome humano e também o divino, aparece neste Evangelho somente aqui e

em 1.17. O fato de que Jesus se designasse assim em uma oração ao Pai pareceu estranho para alguns. No entanto, a expressão é apropriada para aquele que foi enviado pelo **único Deus verdadeiro**.

Do ponto de vista de Jesus, quando Ele olha para os .anos passados da sua curta permanência na terra (1.14), há quatro coisas específicas e evidentes que Ele realizou e que o haviam trazido até **a hora**. 1. **Eu glorifiquei-te na terra** (4). Ele teve uma **glória** com o Pai **antes que o mundo existisse** e Ele antevia que isto seria restaurado. **Glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo** (5; cf. 24). Colocado em linguagem moderna, Ele estava dizendo que, a partir da perspectiva divina, a Encarnação era um celebrado sucesso. 2. **Tendo consumado a obra que me deste a fazer** (4). O verbo grego para **consumar** é *teleiosas*, que significa “*completar, trazer ao final, terminar, realizar... trazer ao objetivo ou à realização*, no sentido de superação ou suplantação de um estado imperfeito de coisas por alguém que está livre de objeções”.¹² A **obra** é a redenção do homem, e está **consumada** da maneira mais perfeita (cf. 19.30). Não se pode deixar de exclamar “Aleluia, está consumado!” 3. **Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste** (6). A palavra grega para **manifestar** é *ephanerosa*, que significa “tomar conhecido pelas palavras transmitidas... embora aqui o ensino seja acompanhado por uma revelação que vem da obra”.¹³ Na adoração judaica, era proibido pronunciar o nome de Jeová (Yahweh). Mas agora o nome **Pai** tornou-se conhecido e os homens “já não precisam ter medo de pronunciar o nome sagrado”.¹⁴ 4. **Eu lhes dei as palavras que me deste** (8). Ele, a eterna Palavra viva, deu aos homens as palavras que eles **receberam**. Disto vem o conhecimento — eles **têm conhecido** a verdadeira natureza [de Jesus]; **saí de ti** — e a fé — e **creram** na sua missão; **que me enviaste** (8; cf. 18,21,23,25). Strachan comenta: “Os discípulos foram capazes, ouvindo as ‘palavras’ de Jesus, de manter a Palavra de Deus (6). ‘Manter’ quer dizer mais do que obedecer. Quer dizer proteger e comunicar ao mundo a revelação que Deus confiou a sua Igreja”.¹⁶

B. Jesus Ora pelos seus Discípulos, 17.9-19

Embora os discípulos tenham sido mencionados na oração (6-8), somente agora o pedido é *por eles*. **Eu rogo por eles (9)**. O próprio Jesus está na função de Advogado (**1 Jo 2.1**). Duas grandes forças se unem pelos homens, **Eu**, o Requerente, e o **Pai**, a quem se pede. Com esse tipo de ajuda, um discípulo nunca fracassará (cf. **10.28**; **Jd 24**).

Quem são esses discípulos em cujo nome tão fervorosa intercessão é feita? Eles são os onze (cf. v. 20). Eles pertencem ao Pai — eles **são teus** — e foram dados ao Filho. Assim pertencem a ambos, em uma propriedade mútua: **todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas** (10). Eles **estão no mundo** (11) mas **não são do mundo** (14). É por eles que Ele roga.¹⁶

O que é que Ele pede¹⁷ por eles? Três coisas.

1. Guardá-los. **Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste** (11). A tradução da KJV baseia-se em um texto sem grandes documentações, e a versão RSV deve ser preferida. Comentando sobre o significado, Bernard diz: “Em Cristo, Deus foi revelado com o amor e proteção providenciais; o seu ‘Nome’, *i.e.*, a sua natureza essencial como Pai, foi exibido no Filho Encarnado. Assim, ‘o Nome’ do Pai foi ‘dado’ a Cristo e esta é outra forma de expressar a unidade essencial entre o Pai e o Filho”.¹⁸ A súplica é feita ao nosso **Pai santo**, e é pelo seu **nome** que os discípulos serão guardados (protegidos). Hoskyns afirma com grande clareza: “A santidade de Deus assinala a sua separação da descrença e da maldade do mundo, que está sob o poder do Diabo (1 Jo 5.19). É precisamente esta santidade que marca os verdadeiros discípulos de Jesus, que estão no mundo, mas que não são do mundo, e que provê a base para a sua unidade”.¹⁹

Há um momento de trágica reminiscência na oração. E sobre Judas. Todos os discípulos foram **guardados, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição** (12). As palavras gregas para **perdeu** e **perdição** são cognatas e referem-se a “perecer de forma final”. Em Marcos 14.4, a mesma palavra é usada para “desperdício”.

“Possivelmente, este incidente estava sendo recordado quando Judas

foi chamado de ‘filho da perdição’, o homem que realmente desperdiçou o que era precioso”.²⁰ Assim, não é de admirar que Jesus tenha orado: **Que os livres do mal** (“do maligno”, 15; cf. Mt 6.13). Para estarem protegidos do “maligno”, eles não devem ser tirados **do mundo**, apesar de que **o mundo os odiou** (14). **Para que a Escritura se cumprisse** provavelmente é uma referência a Salmos 41.9-10.

2. **Que tenham a minha alegria completa em si mesmos** (13; cf. 15.11; 16.20

22,24). A obra de Jesus pelos homens está terminada. Esta é a sua alegria; e agora o que falta é somente que esta obra tenha resultado sobre os discípulos — *i.e.*, que sejam guardados, protegidos (11,15), santificados (17-18) e unidos pelo laço do amor (22,26).

3. **Santifica-os na verdade** (17). O verbo grego *hagiazō*, aqui um imperativo aoristo, significa “consagrar, dedicar, santificar, tratar como sagrado, reverenciar, purificar”.²¹ O seu adjetivo cognato é *hagios*, que significa “santo”. A forma substantiva plural *hoi hagioi* é “os santos”. O fato de que o verbo seja um imperativo aoristo indica claramente que a santificação dos discípulos seria uma experiência de crise. “Não é possível que signifique um processo incompleto, mas um ato definitivo de santificação”.²²

Qual é a natureza da santificação que Jesus pede ao Pai para os discípulos? (a) É claro que isto só poderia se dar pelo poder de Deus. O próprio fato de que o pedido foi feito ao Pai, e não foi uma ordem para os discípulos, evidencia isto. O homem não pode santificar-se a si mesmo. Ele não é capaz, nem adequado, (b) Ela acontece **na verdade** (17,19). Assim, uma pessoa é “verdadeiramente santificada”.²³ Westcott destaca: “A verdade pela qual eles são odiados e pela qual eles são fortalecidos (v. 14) é o poder pelo qual são transformados”.²⁴ Bernard diz: “A verdade deveria ser o meio da sua consagração como... o ‘Espírito da Verdade’ deveria ser o Agente (cf. 16.13).²⁵ Isto também se torna efetivo por meio da autoconsagração de Jesus. Ninguém mais poderia ter dito **E por eles me santifico a**

mim mesmo (19). Ele se dedicou, consagrou-se à morte, um Sacrifício voluntário (10.18), para tornar possível a purificação, a consagração e a santificação dos crentes (cf. Hb 13.12). Strachan comenta: “Jesus é ao mesmo tempo o sacerdote e a vítima. Portanto, o seu sacrifício é um sacrifício voluntário. Ao ‘santificar’ a si mesmo, Jesus consagra a si mesmo a Deus, para morrer”.²⁶ (c) E a preparação para a saída dos crentes ao mundo. **Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo** (18).

A ordem de Jesus foi para que eles, em primeiro lugar, permanecessem (Lc 24.49) e depois saíssem e fossem testemunhas (At 1.8). E também uma preparação para “viver” as implicações éticas da santidade cristã. Uma pessoa deve estar pura para servir (13.14).²⁷ “Como a consagração Divina necessariamente precisa envolver a santidade moral pessoal, Ele ora para que eles não sejam contaminados pelo mundo, e para que possam ser preservados do poder do maligno”.²⁸ Algumas vezes, existe uma tendência de enfatizar a experiência interna da santificação para negligenciar ou excluir as suas necessárias implicações morais. Fazer isto é ser falso quanto ao ensino das palavras de Jesus: **Para que também eles sejam santificados na verdade** (19).²⁹ Segundo Bernard, o verbo “conota não tanto a seleção de um homem para uma obra importante quanto a sua capacitação e adequação para o cumprimento da sua tarefa”.³⁰

C. Jesus Ora pelos Futuros Crentes, 17.20-26

Quando Jesus orou **não somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim**, Ele mostrou que “a sua obra se cumpre em círculos de influência cada vez maiores”.³¹ E *a partir* do Pai e do Filho, *por meio* do Espírito *nos* discípulos *pelo* mundo que a *sua* obra prosseguirá. Para isto, deve haver uma unidade **para que todos sejam um** — o **Pai**, o Filho e **eles** (os discípulos, 21). Os discípulos são trazidos à unidade com o Pai e o Filho como resultado da sua santificação, pela qual Jesus orou aqui. O propósito desta unidade é, diz Jesus, **para que o mundo creia que tu me enviaste** (21).

Quais são as características desta unidade pela qual Jesus orou? 1. E evidente que ela se baseia no objetivo definitivo pelo qual Cristo foi enviado ao mundo, e pelo qual deu a sua vida — a redenção do homem, que é a glorificação do Pai e do Filho. **E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um** (22).³² Em um sentido muito real, aqueles que são lavados pelo sangue são um só, feitos assim por aquele que é o sacrifício perfeito (Hb 10.12-14). 2. E uma unidade que resulta na perfeição. **Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade** (23). O verbo grego no particípio perfeito passivo *teteleiomenoi*, traduzido como **perfeitos**, é uma forma da mesma palavra traduzida como “consumado” no versículo 4 (ver o comentário, v. 4; cf. Fp 3.12, 15; 1 Jo 2.5; 4.12, 17-18). O particípio perfeito aqui retrata uma perfeição realizada em termos de um objetivo ou propósito definido. Strachan diz que o valor desta unidade “é proporcional à presença do Espírito e à influência com que Ele se apossa dos corações dos homens. *Eu neles e tu em mim*. A base desta unidade é religiosa. Mesmo sendo chamada de união “ecumênica”, a igreja do mundo permanece imperfeita, sem uma unidade na nossa doutrina de Deus e da salvação, e uma unidade de objetivo na nossa missão. O tamanho e a extensão da igreja por si só não impressionam o mundo. Esta unidade interior expressa em uma missão e em uma mensagem comuns irá, por si só, impressionar o mundo”.³³ 3. Esta unidade deve ser uma demonstração do amor *agape*, para **que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim** (23). 4. E uma unidade cheia de esperança — esperança pelo futuro, esperança para o homem, esperança pela promessa de que em alguma ocasião, de alguma maneira, **aqueles que me deste... também eles estejam comigo** (24; cf. 7.34; 13.33,36; 14.3,5). **Pai**, isto **quero**,³⁴ foi a oração de Jesus (cf. Mt 8.3; 23.37; 26.36,39; 1 Ts 4.3). Bernard comenta: “Neste momento de exaltação espiritual, o clímax da sua consagração de si mesmo à morte, Ele percebe a perfeita coincidência da sua vontade com a do Pai, e assim Ele pode dizer *thelo* (quero)”.³⁵

O amor incomparável de Jesus pelos seus discípulos lhes foi repetidamente declarado em obras e palavras. **Eu lhes fiz conhecer o teu nome** (26); só se sabe que será por uma cruz.

Seção VI

A PRISÃO E O JULGAMENTO

João 18.1—19.16

A. A Prisão, 18.1-14

1. No Jardim (18.1-11)

E chegada a hora (**13.1; 17.1**)! As conversas com os discípulos (**13.31—16.33**) e a oração ao Senhor por si mesmo, pelos seus discípulos e por todos os que algum dia seriam crentes (cap. **17**) tinham terminado. **Tendo Jesus dito isso, saiu (1).** Aqueles que reorganizam o texto nos capítulos **14—16** (e.g., Moffatt, Bernard) dizem que Ele foi ao cenáculo. No entanto, o texto como está sugere que Ele tinha deixado o cenáculo anteriormente (**14.31**). Então, é mais provável que Ele tenha saído da cidade de Jerusalém **para além do ribeiro de Cedrom**.¹ Esta observação é característica de João. O vale de Cedrom (cujo nome moderno é Wady Sitti Maryam) fica entre Jerusalém e o monte das Oliveiras (ver o mapa 2).

Do outro lado do ribeiro, havia **um horto, no qual ele entrou com os seus**

discípulos (1). A palavra **no** indica que era uma área fechada. A menção ao **horto** (ou jardim) é importante. Foi o horto em que Ele foi preso; também foi o lugar da sua ressurreição, e “havia um horto naquele lugar onde fora crucificado” (19.41; cf. 20.15). “A Paixão e a Ressurreição que realizaram a salvação do mundo estão em contraste com a queda no Jardim do Éden”.² Não há menção ao nome Getsêmani na narrativa de João. No entanto, a linguagem do versículo 11, **Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?**, é semelhante à oração de agonia no horto (Mt 26.38; Mc 14.36; Lc 22.42). Alguns comentaram que João propositadamente omitiu a oração da agonia por causa da sua inclusão da exaltação espiritual no capítulo 17. Bernard destaca: “Os momentos de maior depressão e provação espirituais normalmente vêm logo após os sentimentos da maior exaltação espiritual”.³

Um dos primeiros inimigos da fé cristã, Celso, disse que Jesus foi até o horto para esconder-se, e “foi preso enquanto tentava esconder-se e fugir do modo mais infeliz”.⁴ Mas esta é uma interpretação preconceituosa, pois **Judas, que o traía, também conhecia aquele lugar** (2). O particípio *paradidous*, traduzido como **traía**, está no presente, indicando uma ação que está acontecendo. Uma tradução literal seria “Judas, que está no meio do ato de traí-lo, conhecia o lugar”. Parece que Jesus foi deliberadamente até um lugar que Judas conhecia. Ele estava se dando em um ato completamente voluntário (10.18), o que de nenhuma maneira deve ser interpretado como uma maquinação dos homens.

O grupo que veio para prender Jesus constituía-se de três elementos: **Judas**, o traidor, que tem um papel muito passivo no texto de João (cf. 5; Mt 26.49; Mc 14.44-45; Lc 22.47-48); **oficiais dos principais sacerdotes e fariseus** (as duas principais facções do Sinédrio); e um bando de homens (**coorte**) (3; a versão RSV diz que são soldados e sugere que Judas os tinha procurado). A palavra *speiran*, traduzida como **coorte**, é equivalente à palavra latina *cohors* (cf. NASB — “a coorte romana”), que se constituía de 600 ou 1.000 homens. Se fosse o último caso, haveria 240 cavaleiros e 760 homens a pé (cf. At 21.31). Toda a *speiran* era comandada por um *chiliarchos* (comandante ou **tribuno**, 12). Não se sabe ao certo se toda a *speiran* veio até o horto. De qualquer forma, foi um destacamento daquele grupo. Os **oficiais** eram “membros da polícia do Templo, que estavam sob as ordens do Sinédrio”.⁵ Todos esses vieram para prender Jesus. Hoskyns diz: “No relato de João, as forças das trevas, as autoridades romanas e judaicas e o discípulo apóstata estavam contra o Cristo desde o princípio”.⁶ Todos foram liderados por Judas, a personificação de Satanás.⁷ Vindo para prender aquele que é a Luz do Mundo (1.9; 9.5), eles carregavam **lanternas** e **archotes** (ou tochas) (3). Os **archotes** eram *phanos* feitas de tiras de madeira, amarradas juntas, e as **lanternas** eram *lampas*, archotes normais. Eles também levavam armas (*hoplon*), que eram “espadas e porretes” (Lc 22.52).

Jesus não esperou que o bando de homens o procurasse. Como Ele sabia **todas as coisas que sobre ele haviam de vir** (cf. 13.1; 17.1),

adiantou-se e disse-lhes: A quem buscais? (4) Em resposta à pergunta, eles usaram o nome pelo qual Ele era mais conhecido — **Jesus, o Nazareno** (7), literalmente “Jesus de Nazaré” (cf. Mt 26.71; Mc 10.47; 14.67; 16.6; Lc 4.34; 18.37; 24.19; At 2.22). O nosso Senhor imediatamente identificou-se como aquele a quem eles procuravam. **Sou eu** (6; cf. 8.24,28; 13.19).⁸ Westcott diz que esse **Sou eu** (*ego eimi*) somente revela “a pessoa procurada, e não a sua natureza”.⁹ Entretanto, Macgregor afirma que “Jesus é retratado como em completo comando da situação, e agora a falta de autoridade de todo o bando que o atacava, perante a sua divina majestade, fica ainda mais evidente”.¹⁰ Esta observação tem fundamento, pois João observa que, depois da afirmação de Jesus, **recuaram e caíram por terra** (6). Sobre isto, Hoskyns diz: “O instrumento do mal cai prostrado perante o verdadeiro comandante”.¹¹ Westcott modifica ligeiramente a sua afirmação anterior quando explica o fato de cair **por terra** como “o efeito que a presença do Senhor, na sua serena majestade, teve sobre aqueles que vieram para prendê-lo”.¹²

A mesma pergunta do versículo 4 é repetida a Jesus pelo grupo de homens, e houve a mesma resposta. Agora Jesus respondeu: **Já vos disse que sou eu; se, pois me buscais a mim, deixai ir estes** (8). E o mercenário que foge quando o lobo se aproxima, mas “o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas” (10.12; cf. 15.13). Jesus, que logo seria aprisionado e condenado como um criminoso comum, estava conduzindo as coisas que estavam relacionadas a si mesmo. O seu cuidado providencial pelos homens é possível pelo seu sacrifício eterno. João viu no apelo de Jesus pela segurança dos discípulos um cumprimento da frase: **Dos que me deste nenhum deles perdi** (9. cf; 6.39; 10.28; 17.12).

Sobre 6-9, Alexander Maclaren fala de “Cristo e os seus captores”. 1. Uma manifestação momentânea notável da glória de nosso Senhor (6); 2. O voluntariado do sofrimento do nosso Senhor (7-8); 3. O cuidado sacrificial de Cristo por nós (8).

Deve ter sido por ordem de Jesus que os homens vieram para levá-lo. Quando o bando se aproximou, isto foi demais para Pedro, que tinha

jurado defender e proteger Jesus, mesmo com risco da sua própria vida (13.37). Pedro tinha uma espada (Lc 22.38). Ele **desembainhou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita** (10).¹³ Podemos ter certeza de que Pedro teria desejado algo mais do que uma orelha! **O nome do servo** [“escravo”, NASB] **era Malco**. Estes detalhes, por exemplo, **orelha direita e Malco** — muito característicos da narrativa feita por João da prisão, do julgamento, da crucificação e do sepultamento — dão mais evidências de que o autor do quarto Evangelho foi uma testemunha ocular desses eventos.¹⁴

O que o Mestre disse a Pedro, **Mete a tua espada na bainha** (11), foi uma clara indicação da natureza da luta em que Jesus estava envolvido, e que Ele mesmo a deveria levar até o final (19.30; cf. Mt 26.52; Ef 6.12). Parece que o homem está sempre pronto para assumir algum meio externo de acertar diferenças profundas, esquecendo-se de que a verdadeira luta é interna, e que uma solução satisfatória só pode ser encontrada nas obras do Espírito. O homem, como Pedro, pergunta em tom de clamor: “Senhor, por que não sou capaz de seguir-te agora?” (13.37, tradução literal). Jesus disse a Pedro por que a espada não era a resposta: **Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?**¹⁵ O ato de Jesus foi de “aceitação confiante”.¹⁶

2. Os Sumos Sacerdotes (18.12-14)

Quando lemos o relato de João sobre a prisão, somos levados a sentir que, em cada etapa, Jesus está no pleno comando, mesmo que os servos do mal estejam envolvidos em realizar o seu trabalho. Assim foi que **a coorte, e o tribuno [chiliarchos], e os servos dos judeus prenderam a Jesus, e o manietaram** (12). Provavelmente ataram¹⁷ as suas mãos às suas costas. Agora, Ele estava à mercê deles, ou sujeito a sua falta de misericórdia, mas somente porque Ele assim o desejava.

De acordo com um plano idealizado anteriormente, eles **conduziram-no primeiramente a Anás** (13). Somente João menciona a aparição perante Anás (cf. Lc 3.2; At 4.6). Edersheim diz: “Nenhuma pessoa é

mais conhecida na história judaica contemporânea do que Anás; nenhuma pessoa foi considerada mais afortunada ou com mais sucesso; mas também nenhuma foi mais execrada do que o último sumo sacerdote.¹⁸ Ele foi afortunado porque, embora ele mesmo tenha sido sumo sacerdote somente de 6 a 15 d.C., tendo sido deposto por Valério Grato, foi sucedido pelos seus cinco filhos, pelo seu genro

Caifás José, e por um neto. Esse monopólio familiar não era facilmente sustentável. Havia subornos e corrupção em nome da religião, e tudo isto se destinava diretamente ao acúmulo de riquezas e à perpetuação no cargo. “Por meio da exploração dos adoradores, pelo comércio dos sacrifícios sagrados... Anás tinha acumulado uma fortuna”.¹⁹ Barclay cita um trecho do Talmude que reflete o ódio que até mesmo os judeus devem ter sentido por Anás e seus herdeiros: “Tristeza para a casa de Anás! Tristeza para o silvo da serpente! Eles são sumos sacerdotes; os seus filhos são os guardiões do tesouro; os seus genros são os guardiões do Templo; e os seus servos batem no povo com varas”.²⁰

Não é de admirar que Anás fosse “o líder real em toda a ação”.²¹ Os seus interesses adquiridos estavam sendo seriamente ameaçados por este homem que tinha expulsado do Templo os mercadores e os cambistas de Anás (Mt 21.12-17; Mc 11.15-19; Lc 19.45-48; Jo 2.13-17).

Caifás José, o genro de Anás, era o verdadeiro sumo sacerdote nessa época, indicado pelo procurador romano Valério Grato. Ele se manteve no posto durante dezoito anos (18 a 36 d.C.) e foi deposto por Vitélio.²² Quando se diz que ele **era o sumo sacerdote daquele ano (13)**, não se está fazendo referência ao seu mandato, mas sim àquele “ano funesto”, o ano em que Cristo foi crucificado. Evidentemente, isto era importante, segundo o modo de pensar de João, pois ele escreveu que **Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus que convinha que um homem morresse pelo povo (14; ver os comentários sobre 11.49-52).**

B. O Julgamento, 18.15—19.16

1. A Primeira Negação de Pedro (18.15-18)

Aparentemente, todos os discípulos fugiram (se “dispersaram”, 16.32) depois da prisão de Jesus, exceto **Simão Pedro** e **outro discípulo** (15), que **seguiram a Jesus**. O **discípulo** cujo nome não é mencionado é descrito como **conhecido do sumo sacerdote**. Ele era suficientemente conhecido, pois pôde entrar **com Jesus na sala do sumo sacerdote** (ver o mapa 2).

Quem era este **outro discípulo**? Houve diversas conjecturas: Nicodemos, José de Arimatéia ou até mesmo Judas, com base no fato de que ele ficara conhecido quando auxiliou nos planos para a prisão de Jesus. No caso de Judas, é inimaginável que Pedro conversasse com ele (16) diante do que havia acabado de acontecer no horto, ou que João tivesse deixado de mencioná-lo pelo nome (cf. 6.70-71; 12.4; 14.22). A tradição, bem embasada, é de que o **outro discípulo** aqui era o discípulo amado, João, o filho de Zebedeu.²³

Como João, um pescador da Galiléia, poderia ter tão íntimo relacionamento com o sumo sacerdote? A esse respeito, houve duas sugestões. Uma delas se baseia em uma tradição lendária, atribuída a uma afirmação de “Polícrato, um bispo de Éfeso no final do século II, de que ‘João, o amado do Senhor, era um sacerdote que usava o *petalon* \ A palavra grega *petalon* é usada na Septuaginta em Êxodo 28.36, como uma referência à placa de ouro que se amarrava na frente da mitra do sumo sacerdote”.²⁴ Se a lenda for verdadeira, ela explica o fácil acesso de João. A outra idéia é a de que o pai de João, Zebedeu, era um rico pescador que tinha um negócio próspero. Isto envolvia o comércio

do peixe salgado, que ele vendia para a casa do sumo sacerdote. Barclay fala sobre uma cafeteria árabe nas ruas de trás de Jerusalém que alguns franciscanos afirmam ter sido a filial em Jerusalém da empresa de peixe salgado de Zebedeu, “e esta é a razão por que João podia entrar na casa do sumo sacerdote”.²⁵

De qualquer forma, João estava dentro, enquanto **Pedro estava da parte de fora, à porta (16)**. Como nos primeiros dias do discipulado

(1.41), João **saiu... levando Pedro para dentro**. Havia uma **porteira** (empregada) ou uma encarregada da porta. Pedro precisava passar por ela. Quando ele o fez, ela disse: **Não és tu também dos discípulos deste homem? (17)** Estas palavras devem ter passado como uma flecha pelo coração de Pedro. Até agora ele tinha conservado as suas intenções boas e fortes (13.37). Nenhum outro sacou a espada, embora outro discípulo tivesse uma (Lc 22.38). Outros tinham fugido, mas Pedro **seguuiu** (15). Deve ser dito, a favor de Pedro, que embora tenha fracassado, ele fracassou tentando com toda a sua força humana. E muito melhor tentar e falhar do que não tentar.

A resposta de Pedro à mulher: **Não sou (17)** pareceu satisfazer à mulher, mas abalou Pedro. Inseguro de si mesmo, incerto sobre onde estava e incapaz de ver o seu Senhor, ele moveu-se para ocultar a sua identidade entre **os servos e os criados**, que tinham feito brasas, e **se aquetavam. Com eles estava Pedro, aqueitando-se também (18)**.

2. Perante Anás (18.19-23)

Estes versículos só aparecem no texto de João. Os Sinóticos não fazem menção de uma audiência perante Anás. Mas não é difícil ver que **o sumo sacerdote** (19) Anás²⁶ “enquanto viveu, supostamente manteve uma posição patriarcal”.²⁷ Pode ter acontecido que Caifás estivesse presente, mas não no comando. Além disso, como Jesus ameaçara seriamente o seu poder, a sua posição e o seu prestígio, “Anás queria ser o primeiro a tripudiar sobre a prisão, a derrota, e a frustração deste galileu perturbador”.²⁸

Esta audiência perante Anás não foi uma assembléia formal do Sinédrio. Não foram chamadas testemunhas. Parece ter sido uma tentativa de fazer com que Jesus se incriminasse. As perguntas feitas a Jesus foram acerca **dos seus discípulos e da sua doutrina** (19). A resposta de Jesus indicou que a sua obra e os seus ensinamentos não tinham sido secretos ou encobertos. **Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e. no templo, onde**

todos os judeus se ajuntam, e nada disse em oculto (20; cf. 6.59; 7.4,12,14,26; 10.23; 11.54; 12.19). A expressão **na sinagoga** (*en synagoge*) se refere às ocasiões “em que o povo se reunia em assembléia solene”.²⁹ A palavra **abertamente** (*parresia*) transmite a idéia de “*franqueza, simplicidade* de discurso, que não esconde nada e que não passa por cima de nada”.³⁰ Aqui somos recordados das palavras de Sócrates: “Se alguém disser que já ouviu ou aprendeu alguma coisa em particular comigo, que todos os demais não podem ter ouvido, saibam que tal pessoa não fala a verdade”.³¹

Como “era um princípio reconhecido da lei que a prova de um homem sobre si mesmo era suspeita”,³² Jesus devolveu a pergunta a Anás. **Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito** (21). Era um princípio fundamental da lei judaica que não se devia fazer perguntas ao prisioneiro sobre si mesmo, que, caso respondidas, pudessem incriminá-lo. Barclay cita Maimonides, um estudioso medieval judeu: “A nossa verdadeira lei não inflige a penalidade da morte sobre um pecador com base na sua própria confissão”.³³ A tentativa de Jesus de injetar algo parecido com justiça aos procedimentos ilegais de Anás encontraram uma rejeição imediata. **Um dos criados que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: Assim respondes ao sumo sacerdote?** (22) Este “uso de violência somente mostrou a fraqueza do criado”.³⁴ O ato do criado é outra indicação de que não se tratava de uma reunião formal do Sinédrio. Tal ato não teria sido tolerado ali.

A resposta de Jesus ao golpe recebido foi um lembrete digno de que a justiça sempre deve estar em ordem. **Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, porque me feres?** (23) A palavra **ferir** (*dero*) quer dizer literalmente “bater, golpear”. Westcott observa: “Os antigos comentaristas viam na censura calma uma verdadeira interpretação do preceito (Mt 5.39)”.³⁵

3. *Jesus É Enviado a Caifás* (18.24)

A única menção de Caifás em ligação com esse julgamento de Jesus é

a de que **Anás mandou-o, manietado, ao sumo sacerdote Caifás** (24). O verbo grego para **mandar** é *apesteilen*, um tempo aoristo, não mais-que-perfeito; assim será melhor traduzido como **mandou**, como em várias versões. Mesmo que Caifás estivesse presente durante o processo informal perante Anás, era necessária a ação oficial do Sinédrio antes que o caso pudesse ser submetido ao procurador romano, para a decisão final. Caifás, sendo o sumo sacerdote oficial, presidiu aquela audiência (Mt 26.57; 27.2; Mc 14.53-65; 15.1; Lc 22.54, 63-71). “Nada é dito aqui sobre a audiência... que era somente uma formalidade, uma vez que já tinha sido tomada a decisão na reunião espúria na casa de Anás”.³⁶ Westcott destaca que a reunião “se realizou para confirmar a decisão já tomada anteriormente, e assim satisfazer a forma da lei, que, contudo, foi desrespeitada pela imposição e execução da sentença no mesmo dia do julgamento”.³⁷

4. *A Segunda e a Terceira Negação de Pedro* (18.25-27)

O relato de João das negações de Pedro é interrompido pelo registro do acontecimento perante Anás. Alguns sugeriram que tanto Caifás quanto Anás viviam no mesmo lugar, *i.e.*, ocupavam diferentes apartamentos que estavam ao redor de um pátio comum, e que tudo era parte da residência do sumo sacerdote (ver o mapa 2). De qualquer modo, a cena de Pedro junto ao fogo continua no versículo 25. **Simão Pedro estava ali e aquen-tava-se.** Mesmo que Pedro tivesse esperança de ocultar a sua identidade infiltrando-se no meio dos “servos e... criados” (18), eles (evidentemente, mais de um) **disseram-lhe: Não és também tu um dos seus discípulos?** (25) A colocação das palavras no original indica que eles esperavam uma resposta negativa. Estava além da sua compreensão que qualquer homem pudesse ser tão tolo para identificar-se com um Homem que já estava condenado à morte. Mas eles tinham subestimado o poder de atração do amor de Cristo. Ele obriga os homens a agir de uma maneira que é incompreensível para o mundo. Pedro não estava se rebelando contra o Senhor — ao contrário, ele estava incapaz (impotente, 13.36) perante os homens acusadores. Assim, **ele negou e disse: Não sou** (25).

Aquilo que tinha começado como uma acusação impessoal e geral dos servos e criados repentinamente tornou-se muito pessoal e específico. Desta vez, o acusador era **um dos servos** [lit., “escravos”] **do sumo sacerdote**, e **parente** (Weymouth) daquele **a quem Pedro cortara a orelha** (26). Não há nada indireto sobre a sua pergunta.

Da colocação das palavras em grego, fica evidente que a resposta esperada era afirmativa: **Não te vi** [ou seja, com os meus próprios olhos] **eu no horto com ele?** (26) João, fiel aos fatos, mas não dando maiores detalhes sobre a fraqueza do seu colega discípulo, escreveu simplesmente: **Pedro negou outra vez** (cf. Mt 26.74; Mc 15.71). Assim que Pedro pronunciou a sua terceira negação, **o galo cantou** (27; cf. 13.38).³⁸

5. *Perante Pilatos* (18.28-19.16)

a. A Acusação (18.28-32). A cena passa da audiência formal perante Caifás e do Sinédrio para **a audiência** (28), que era o *praetorium*, transliterado como “pretório” (NASB). Originalmente, a palavra designava as instalações de um general no campo, e mais tarde a residência oficial do governador. A localização do pretório em Jerusalém não é certa. Alguns dizem que era o palácio construído por Herodes, que ficava sobre a colina de Sião, na parte oeste da cidade. Outros acham que era o Castelo de Antônio, que ficava ao norte da área do Templo (ver o mapa 2). “A maioria dos estudiosos é favorável à segunda localização”.³⁹

Quando **levaram Jesus** ao pretório **era pela manhã cedo**. A palavra para **cedo** (*proi*) refere-se à quarta vigília, das 3 às 6 horas da manhã. Como “uma audiência romana podia acontecer a qualquer hora depois do nascer do sol”, esta ida até o governador deve ter acontecido tão cedo quanto possível”.⁴⁰ Mas eles (sacerdotes, criados, servos do sumo sacerdote) **não entraram na audiência, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa** (28). Como era sexta-feira, e a Páscoa começava oficialmente ao pôr-do-sol, um judeu, para estar cerimonialmente puro, não ousaria entrar em uma corte ou casa de um gentio, de onde não tivesse sido removido o pão levedado (Ex 12.15). Bernard observa: “Aqueles homens estavam prestes a

corromper as suas almas pelo testemunho inescrupuloso que levaria Jesus a uma morte horrível, mas não queriam incorrer na impureza técnica ou cerimonial ao dar esses testemunho. Não há perversão tão sinistra quanto a da consciência humana”.⁴¹ Eles foram o exemplo perfeito de coar um mosquito e engolir um camelo. Sobre eles, Hoskyns diz: “Aqueles que fingem tão grande devoção são, na verdade, culpados de enorme superstição, pois a execução do Messias se torna a preparação da sua festa solene”.⁴²

Pilatos, a quem Jesus foi trazido, conhecia bem os costumes e as práticas religiosas dos judeus. Ele tinha aprendido, da pior maneira, que deixar de reconhecer e cooperar com esses costumes só trazia problemas — e ele não queria mais ter problemas. Assim, **Pilatos saiu** (29) — ele se encontrou com eles fora do pretório.

Quem é este Pilatos, e qual era o seu relacionamento com os judeus? O imperador Tibério nomeara Pilatos como procurador romano em 26 d.C. A sua província abrangia parte da Síria, que incluía a Judéia, Samaria e Iduméia. As suas obrigações eram tanto militares quando administrativas. Embora tecnicamente sob a jurisdição do governador da província da Síria, ele tinha praticamente jurisdição absoluta em sua própria província, exceto quando havia um cidadão romano envolvido. A política de Roma era a de conceder um elevado grau de autogoverno às províncias, e devido aos costumes e às práticas religiosas dos judeus, esta política conciliatória “era levada a instâncias incomuns, de modo que o governo da Judéia era excepcionalmente difícil”.⁴³ Pilatos manteve esse posto por dez anos, apesar de períodos de extrema turbulência. Ele é retratado como um homem que era “obstinado, sem tato e teimoso”.⁴⁴

Pode ser que Pilatos tenha sido avisado da prisão, provavelmente na hora em que o “bando” de soldados foi reunido. Assim, quando eles trouxeram Jesus, pela manhã, ele **saiu**, disposto a ouvir as suas queixas. Ele perguntou: **Que acusação trazeis contra este homem?** (29) De modo hostil e insolente, eles responderam: **Se este não fosse malfeitor** [lit., “alguém que pratica o mal”], **não to entregaríamos** (30). A intenção da resposta era indicar a Pilatos que

eles já tinham feito um julgamento. Tudo o que eles queriam era a ratificação necessária para a sua execução. Mas não era fácil encurralar Pilatos. Uma vez que eles já tinham realizado um julgamento, como a sua resposta deixava claro, o governador os desafiou: **Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei** (31). Se os judeus pudessem ter atingido o seu objetivo maléfico “sozinhos”, eles o teriam feito. Sem dúvida, no seu ardiloso planejamento, tinham considerado todos os ângulos possíveis. A sua resposta deixava claro o seu dilema: **A nós não nos é lícito matar pessoa alguma** (31).⁴⁵

João, na sua maneira característica, interpreta isto como uma parte do plano divino previamente mencionado pelo próprio Senhor Jesus... **significando de que morte havia de morrer** (32; cf. 12.32). Ao considerar isto, Hoskyns assume a opinião de que, como deveria haver derramamento de sangue para a salvação do mundo, “Os judeus, ao insistir na crucificação, são motivados pela necessidade divina de que são totalmente inconscientes. Toda a narrativa conduz à conclusão abrangente do julgamento perante Pilatos: *[Ele] entregou-lho, para que fosse crucificado*” (19.16).⁴⁶

b. Onde Está Jesus-Rei? (18.33-38a). Lucas lembra o fato de que Jesus tinha sido, perante Pilatos, acusado de dizer que era um rei (Lc 23.2). Embora João não registre isso, existem evidências de que tal acusação tenha sido feita. Pilatos **tornou, pois, a entrar na audiência, e chamou a Jesus** (33).⁴⁷ Imediatamente, **disse-lhe: Tu és o rei dos judeus?** (33).⁴⁸ O próprio fato de Pilatos ter levantado essa questão sobre o reinado de Jesus fornece a Jesus a oportunidade de inquirir Pilatos sobre a natureza do seu interesse. Teria Pilatos perguntado por causa da sua própria admissão de que estava na presença de um soberano, ou em nome de outros? (34) Pilatos afirmou, em sua resposta, que tinha sido por sugestão de outros. **Porventura, sou eu judeu? Atua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?** (35)

E Jesus rei? Ele mesmo deu a resposta afirmativa. Ele tem um Reino, **meu Reino**, mas que **não é deste mundo** (36). Nele estão os seus servos, que, devido à sua natureza e propósito (eles não são deste

mundo, 17.16), não podem lutar para assegurar a libertação de Jesus (18.11) dos judeus. O Reino de Jesus não é do tipo que pode ser defendido pelo escudo, ou propagado pela espada.⁴⁹ Pilatos supôs que isto significava que Jesus professava ser um rei e disse: **“Logo tu és rei?”** (37, trad. lit.) Jesus confirmou o seu reinado: **Tu dizes que eu sou rei** (37), e Pilatos concordou com isto. Mas a pergunta continua: Pilatos entendeu que o reino de Jesus é o Reino da verdade, e que Ele é o Soberano da verdade? **Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade.** “A natureza da sua soberania corresponde à natureza da sua missão. Ele é o Rei da verdade, e Ele manifesta o seu poder real não pela força, mas pelo testemunho que Ele dá em relação à verdade” (3.32; 5.33).⁵⁰ Como para colocar a questão de modo pessoal e intencional para Pilatos, Jesus disse: **Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz** (37; cf. 10.16,27).

Aqui, nos versículos 37-38, está o antigo conflito entre a fé e o cinismo. Aqui está a oportunidade de um homem seguir a verdade e o que é direito, não importando as consequências. E aqui também está a tentação de rejeitar a verdade e as ações honradas, quando isto for custoso. Se pelo menos os homens pudessem ouvir Jesus e crer nele! Se pelo menos os homens pudessem se unir à fé de Lowell:

A verdade, sempre, no patíbulo,

O engano sempre no trono —

Mas o patíbulo governa o futuro,

E, por trás do escuro desconhecido,

Está Deus em meio às sombras,

Protegendo os seus.

(Da obra *The Present Crisis*)

Pilatos ouviu a voz de Jesus? Evidentemente não, pois a sua

pergunta, **Que é a verdade?** (38) “meio triste, meio cínica, implica que, mesmo nos assuntos rotineiros, a verdade não é alcançável”.⁵¹

Jesus nunca deu a Pilatos uma resposta verbal a esta pergunta. Mas o que o nosso Senhor fez, para que todos os homens vissem, foi mostrar o caminho da verdade. A verdade é o caminho da vida, mesmo quando é o caminho da cruz.

c. *O Rei dos Judeus, ou Barrabás?* (18.386-40) Pilatos estava convencido da inocência de Jesus, ainda que não completamente atraído pela Verdade. Quando foi ter com os judeus, disse-lhes: **Não acho nele crime** [*aitia*, “causa para punição, crime”]⁵² **algum** (38). Então, Pilatos tentou escapar entre as garras do dilema em que ele se encontrava. Por um lado, ele estava persuadido de que Jesus não era culpado. Por outro, sabia que algum favor ou clemência teria de ser oferecido aos judeus. Então lembrou-se do costume de libertar um prisioneiro na época da Páscoa.⁵³ Eles queriam que ele soltasse **o rei dos judeus?** (39) Uma vez que Pilatos tinha estado tão cego quanto à verdadeira natureza e missão de Jesus, este título que ele empregou pode ter sido apenas uma maneira de demonstrar o seu desprezo pelos judeus.

A tentativa de Pilatos de resolver o dilema propondo uma terceira solução fracassou completamente. Pois **todos voltaram a gritar, dizendo: Este não, mas Barrabás!** (40) “Existe uma impressionante emoção na curta frase”⁵⁴ com que João conclui o assunto: **E Barrabás era um salteador.**

d. *O Flagelo e a Zombaria* (19.1-12). Mateus (27.26) e Marcos (15.15) indicam que o flagelo ocorreu depois de a crucificação ter sido decretada. O registro de João coloca-o como uma terceira tentativa, por parte de Pilatos, de eximir-se da responsabilidade ou de libertar Jesus (cf. 18.31,39). Quando os judeus escolheram a libertação de Barrabás, **Pilatos, pois, tomou, então, a Jesus e o açoitou** (1) “como uma punição que provavelmente iria satisfazer os judeus”.⁵⁵ O açoite era, por si mesmo, uma provação sangrenta e terrivelmente dolorosa. “A vítima era amarrada, curvada sobre uma coluna baixa,

e açoitada com tiras que tinham chumbo ou ossos em suas extremidades”.⁵⁶

Pilatos cometeu um erro fatal com este ato, como fazem todos os que usam as oportunidades somente como uma base para os julgamentos morais. Ele mesmo estava persuadido de que Jesus era completamente inocente (18.38), mas ainda assim, com este ato, mostrou aos sacerdotes e demais requerentes que Jesus era digno de alguma punição. Os Jesus tinham provado a sua causa! O ligeiro comprometimento com o mal é também o começo de uma completa rendição às suas exigências.

O que aconteceu a seguir foi “o jogo brutal de um soldado”.⁵⁷ **Os soldados, tecendo uma coroa de espinhos** [“tecendo alguns espinhos em forma de coroa”, Moffatt], **lha puseram sobre a cabeça e lhe vestiram uma veste de púrpura** (2), “provavelmente um manto militar, vermelho, como aqueles que eram usados pelos oficiais romanos”.⁵⁸ Tendo feito de Jesus uma visão ridícula e digna de pena, tanto quanto as suas más imaginações poderiam idealizar, eles se enfileiraram com um “Ave” (*chaire*) **Salve, rei dos judeus!** Então **davam-lhe bofetadas** (3), exibindo a tradicional crueldade tão típica dos antigos soldados.

Enquanto acontecia esta zombaria, Pilatos saiu novamente e anunciou aos judeus: **Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum** (4). E saiu, pois, Jesus, levando a coroa de espinhos e a veste de púrpura. E disse-lhes Pilatos: **Eis aqui o homem** (*Ecce homo*, 5). Pilatos pode ter tido a esperança de que a visão de Jesus com a roupa ridícula mostrasse quão tola era realmente a acusação de motim. Com a expressão **Eis aqui o homem** (*idou ho anthropos*), ele pode ter desejado dizer: “Vejam o pobre sujeito”.⁵⁹ Macgregor argumenta que Pilatos pretendia demonstrar desprezo por Jesus, chamando-o de “criatura”. Ao mesmo tempo, ele admite que “o artigo definido (*ho*) confere dignidade e sugere que as palavras de Pilatos são uma profecia inconsciente da qualidade única de Jesus: ‘Aqui está o Homem’ — o Filho do Homem, o Homem por excelência predito pelos profetas”.⁶⁰ Se Macgregor tiver

razão, o *Ecce homo* de Pilatos é um título de desprezo e zombaria de um coração mau e de uma mente totalmente incapaz de reconhecer a verdade (18.38; cf. 1.29, 36; Is 40.9).

Mas nem mesmo a visão do Jesus sem pecado naquela **veste** (ou manto) de escárnio e usando **uma coroa de espinhos** levou **os principais dos sacerdotes e os servos** (6) a um humor conciliatório. Ao invés disso, **gritaram, dizendo: Crucifica-o! Crucifica-o!** Embora já se tivesse feito anteriormente (18.31) uma alusão à exigência da crucificação, agora ela era pronunciada pela primeira vez. Estes homens não ficariam satisfeitos com nada menos do que tirar a vida de Jesus, e através da crucificação.

A resposta de Pilatos foi, ao mesmo tempo, uma zombaria dos judeus e uma afirmação da sua fé na inocência de Jesus. **Tomai-o vós e crucificai-o.** “Em um ataque de exasperação [ele desafia], os judeus superaram os seus poderes e assumiram com as suas próprias mãos a crucificação”.⁶¹ “Crucificai-o, se ousais!” Pela terceira vez, Pilatos declara que Jesus é inocente: **nenhum crime acho nele** (cf. 18.38; 19.4; Lc 23.4,14,22). Hoskyns observa: “Tanto Pilatos quanto os judeus são testemunhas inconscientes da verdade cristã. Pilatos proclama a falta de pecados de Jesus, e os judeus declaram a sua morte como sendo o cumprimento da lei”(cf. 11.50-51).⁶²

Aqui os judeus apresentam uma nova acusação. Como Pilatos não concorda com a acusação de motim, um assunto político, o assunto deverá ser levado ao terreno religioso.

Nós temos uma lei, e, segundo a nossa lei, deve morrer (7). A lei a que se faz

referência é: “E aquele que blasfemar o nome do Senhor certamente morrerá; toda a congregação certamente o apedrejará” (Lv 24.16).⁶³ A acusação, **porque se fez Filho de Deus** (*huion theou*, 7), provavelmente era compreensível a Pilatos, pois a expressão de filiação divina era “entendida de várias maneiras no mundo helenístico da época”.⁶⁴ Westcott observa que a ausência do artigo no texto grego “chama a atenção sobre o caráter genérico da natureza

reivindicada (Filho de Deus) como distinta da personalidade especial”.⁶⁶

E Pilatos, quando ouviu essa palavra, mais atemorizado ficou (8), ou ficou “supersticiosamente atemorizado”.⁶⁶ Como afirma Macgregor: “Ele agora está dominado por aquele medo supersticioso que tão freqüentemente assombra os cétricos”.⁶⁷ Será que Pilatos havia “zombado de forma infame daquele que, de alguma maneira, havia sido enviado pela divindade nacional?”⁶⁸

Agora, movido pelo medo, não dos judeus, mas de uma Presença incerta, Pilatos **entrou outra vez na audiência e disse a Jesus: De onde és tu?** (9) Esta pergunta não se relacionava com a origem geográfica ou nacional de Jesus. Ele sabia que Jesus era um judeu, e da Galiléia (Lc 23.6-7).⁶⁹ **Mas Jesus não lhe deu resposta.** Alguns afirmam que Jesus estava fisicamente incapaz de responder por causa do suplício dos açoites. Mas isto é improvável, tendo em vista o fato de que o silêncio de Jesus perante os seus acusadores aconteceu algumas vezes antes dos açoites (cf. Mt 26.63; 27.14; Mc 14.61; 15.5; Lc 23.9). Bernard comenta: “A sua recusa em responder a perguntas que não são feitas com sinceridade, mas por mera curiosidade ou com a intenção de levá-lo a trair-se em alguma confissão perigosa, é explicável em bases morais. Na verdade, a dignidade do seu silêncio perante os seus acusadores dispensa qualquer explicação”.⁷⁰

O silêncio digno de Jesus irritou Pilatos. **Não me falas a mim?** Ele estava indignado. A ordem literal das palavras e a tradução são: “A mim não está falando?” colocando assim ênfase em “a mim”. **Não sabes tu** [lit., “Sabes, não sabes?”] **que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?** (10) Não há nada mais imprudente e presunçoso do que a ignorância moral. É como a formiga dizendo ao elefante: “Afastes-se para um lado, se não quiser que eu o esmague com o meu pé”.

Para colocar Pilatos no seu devido lugar, **respondeu Jesus: Nenhum poder teri-as contra mim, se de cima te não fosse dado** (11). A palavra para **poder** é *exousia*, que significa “liberdade

ou *poder* para agir; *direito, autoridade*".⁷¹ O "direito de exercer autoridade de Pilatos era derivado e não inerente. O governo humano só é válido como expressão da vontade divina".⁷² Bernard diz: "Não é um poder arbitrário que pode ser exercido caprichosamente sem culpa moral".⁷³ Comparando Jesus e Pilatos a esse respeito, Strachan diz: "Jesus faz mais do que simplesmente afirmar o seu divino poder e a sua origem. Ele os assume. Em um contraste chocante, Pilatos *afirma* o seu poder".⁷⁴

Aqui Jesus injeta um novo personagem no quadro. **Aquele que me entregou a ti maior pecado tem.** De quem Jesus está falando? Como a expressão **entregou** (*ho paradous*) é freqüentemente aplicada a Judas (cf. 6.64,71; 12.4; 13.2,11,21; 18.5; 21.20), alguns julgaram que isto se referia a ele. Mas a verdade é que Judas não entregou Jesus a Pilatos. Assim, é Caifás que **maior pecado tem**, e a comparação é entre ele e Pilatos. Pilatos usou mal um poder que lhe fora delegado. Caifás usurpou um poder judicial que não lhe pertencia (cf. 10.1). "O sumo sacerdote sem dúvida era culpado, tanto por usar mal um poder mais elevado (espiritual) quanto por transgredir as suas legítimas regras de atuação".⁷⁶ Macgregor afirmou que "quanto mais santo o poder, mais digno de culpa é o seu mau uso".⁷⁶

Completamente persuadido da inocência de Jesus (18.38; 19.4,6), e dominado pelo medo supersticioso (8), **desde então, Pilatos procurava** [lit., "estava procurando repetidamente"] **soltá-lo** (12). A linguagem aqui sugere que houve outras tentativas — não registradas — de Pilatos para soltar Jesus. Mas nenhuma delas teve efeito. **Os judeus gritavam** ["continuavam gritando", Weymouth],⁷⁷ **dizendo: Se soltas este, não és amigo do César!** (lit., "um amigo de César"). Esta pode ter representado uma ameaça mais séria a Pilatos do que aparenta ser à primeira vista. "Amigo do imperador era um título oficial, como 'Conselheiro Privado', concedido a pessoas distintas".⁷⁸ Alguns, como por exemplo, Strachan,⁷⁹ julgam que Pilatos provavelmente tinha recebido esse título. Com esta ameaça pessoal a Pilatos, que envolvia o seu futuro político, os judeus repetiram a sua acusação de traição e motim contra Jesus. **Qualquer que se faz rei é contra o César!**

e. *Pilatos Capitula* (19.13-16). Evidentemente, foi **esse dito** a respeito do relacionamento de Pilatos com César que levou o governador a uma decisão relutante. O encontro interior com a verdade estava em conflito com as pressões externas. A maneira como um homem resolve esses encontros revela o seu verdadeiro caráter. Ele **levou Jesus para fora e assentou-se no tribunal** [*bema*],⁸⁰ **no lugar chamado Litóstrotos, e em hebraico o nome é Gabatá** (13). A tradução de Moffatt apresenta: “Ao ouvir isto, Pilatos levou Jesus para fora e o sentou no tribunal” (*bemates*). A maioria das autoridades concorda que o texto grego seria traduzido com precisão desta maneira. Em defesa deste significado, Macgregor diz:

Sem dúvida, o significado é que Pilatos colocou Jesus sobre o tribunal, e não que ele se sentou para pronunciar o julgamento final na presença da multidão... esta interpretação torna a cena muito mais dramática e só ela já torna adequadas as palavras “Eis aqui o vosso rei”... Dramaticamente, os judeus são mostrados rejeitando o seu Rei. Pilatos faz uma última tentativa de remover o caso de seu tribunal; mas João não pensa no ridículo, e sim na profecia inconsciente: o Rei e Juiz é realmente Jesus.⁸¹

A maioria dos comentaristas rejeita esta opinião. Eles argumentam que o verbo **assentar-se** (*ekathisen*) é sempre usado por João na forma intransitiva, e assim é usado aqui. Bernard comenta: “É inconcebível que um procurador romano pudesse ter tão pouca consideração pela sua dignidade, estando prestes a proferir uma sentença de morte, como para fazer um gracejo do assunto”.⁸²

João foi cuidadoso para anotar o horário desta fase do episódio, tanto no contexto religioso quanto no temporal. **E era a preparação** [*paraskeue*] **da Páscoa e quase à hora sexta** (14). Marcos (15.25) diz que Jesus foi crucificado na “hora terceira” (9h da manhã), usando o horário judeu. Aqui João está usando a hora civil romana, que começa à meia-noite. Mal sabiam os sumos sacerdotes que **quase à hora sexta** (6h da manhã) “o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8) estava sendo preparado como um Sacrifício eterno.

Enquanto Jesus estava ali no Litóstrotos (*lithostroton*, lit., “um lugar coberto de pedras”), Pilatos disse **aos judeus: Eis aqui o vosso rei**. Uma interpretação desta afirmação é a de que Pilatos, inconsciente,

embora oficialmente, pronunciou a verdade a respeito de Jesus. Ele é o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores!

Novamente os judeus **bradaram: Tira! Tira! Crucifica-o!** Disse-lhes Pilatos: **Hei de crucificar o vosso rei?** (15) Com grande sutileza, Pilatos tinha levado os judeus a uma posição onde eles profeririam um julgamento não somente a respeito de Jesus, mas sobre si mesmos (cf. Mt 27.25). Quando **os principais dos sacerdotes** (Anãs e Caifás) **responderam: Não temos rei, senão o César** (15), eles “negaram a soberania de Deus, e abdicaram do seu direito de ser o seu povo escolhido”.⁸³ Strachan comenta: “Israel havia cometido a apostasia final, rejeitando assim a antiga concepção teocrática (SI 74.12; 84.3; 95.3) de que somente Deus é o Rei de Israel”.⁸⁴ Os judeus, que tinham tido um papel principal no quarto Evangelho, agora desaparecem da cena, com exceção de referências de passagem (19.21,31; 20.19).

Não existe registro de que Pilatos tenha pronunciado uma sentença formal de morte, mas pode-se concluir isto a partir do cenário (*bema*) e da pergunta de Pilatos: **Hei de crucificar o vosso rei?** (15) Embora o versículo 16 dê a entender que foram os judeus que receberam Jesus de Pilatos, e que **o levaram** (16),⁸⁵ foram os soldados romanos que executaram a horrível tarefa ordenada pelo procurador romano, porém instigada pelos judeus.

Alexander Maclaren tem uma exposição da narrativa dos versículos 1-16 sob o título puramente histórico “Jesus sentenciado”. 1. Crueldades infligidas no Pretório (1-3); 2. Pilatos tenta outra solução (4-8); 3. Novamente no Pretório (9-11); 4. **Entregou-lho** (12-16).

Seção VII

A CRUCIFICAÇÃO E O SEPULTAMENTO

João 19.17-42

A. A Crucificação, 19.17-37

1. As *Cruzes* (19.17-22)

O caminho do pretório até o Gólgota é agora conhecido como a “Via Dolorosa”, a “estrada da tristeza”.¹ Ao longo desta estrada, Jesus levou **às costas a sua cruz** (17). O costume era que o homem condenado, rodeado por um quaterno de soldados romanos (quatro soldados), carregasse a sua cruz até o local da execução. “O fato de que Jesus carregou a própria cruz novamente sugere simbolicamente a natureza voluntária do seu sacrifício” (cf. Gn 22.6).² João não menciona a queda de Jesus pelo peso da cruz, nem o recrutamento forçado de Simão, um cireneu, para carregar o peso (Mc 15.21).

No Gólgota, eles — *i.e.*, os quatro soldados romanos — **o crucificaram** (18). Este tipo de execução foi chamado por Cícero de “a morte mais cruel e horrível... uma ação nefasta como esta não é possível de descrever com nenhuma palavra, pois não existe nenhuma adequada para descrevê-la”.³ Jesus foi executado como um criminoso comum, e havia dois criminosos com ele, um de cada lado, e Jesus no meio. João não apresenta a conversa entre Jesus e os ladrões (cf. Lc 23.29-43), mas a situação da cruz do Senhor entre as outras duas é notada, atestando, assim, “a sua dignidade real”.⁴

Era costume que um título (*titlon*) — “o nome técnico da placa que exibia o nome do condenado, ou o seu crime, ou ambas as coisas” — fosse colocado em cima da cruz. Pilatos fez isto.⁶ Ele escreveu: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS (19). Ele foi cuidadoso em escrever o título em hebraico, grego e latim, para que todos os judeus que passassem pudessem ler, pois **o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade** (20). O fato de o título estar escrito em três línguas representando a religião, a cultura e o governo

era “uma profecia inadvertida do reinado universal de Cristo”.⁷
“Assim, Pilatos *disse aos pagãos que o Senhor é Rei*” (SI 94.10).^s

Pilatos pretendia que o título fosse um ataque e um insulto aos judeus. Como esperado, os principais sacerdotes dos judeus objetaram. Eles disseram: **Não escrevas, Rei dos judeus, mas que ele disse: Sou Rei dos judeus** (21). A resposta de Pilatos ao pedido foi inflexível: **O que escrevi escrevi** (22). Os verbos idênticos *gegrapha* estão no tempo perfeito e aqui indicam “uma profecia verdadeira”.⁹ O título, uma vez escrito e afixado na cruz, “era a expressão de uma decisão legal”.¹⁰

2. Os Soldados (19.23-24)

As pessoas que na verdade crucificaram Jesus foram os quatro soldados romanos (um quaterno). A recompensa que eles recebiam para executar esta tarefa brutal era a roupa das vítimas. Não é provável que a recompensa viesse em grande quantidade dos dois ladrões. João, tendo aparentemente tomado notas especiais como uma testemunha ocular, descreveu detalhadamente como os soldados dividiram o espólio. Eles tomaram as vestes de Jesus e **fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte, e também a túnica** (23). Havia algo de especial com a sua túnica, pois era tecida toda de alto a baixo, não tinha costura (“em uma única peça”, Weymouth). Vendo que dividir a túnica destruiria o seu valor, os soldados concordaram entre si: **Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será** (“para ver quem fica com ela”, Phillips, 24). A túnica (*chiton*) era usada sob o manto, junto ao corpo.

O acordo dos soldados de não rasgar (*schisomen* é o verbo, e *schisma* é o substantivo cognato) a túnica parece ter uma significado especial para João. A mesma palavra é usada para descrever divisões e facções (7.43; 9.16; 10.19; cf. 1 Co 1.10; 11.18; 12.25). Hoskyns sugere: “A peça indivisível, que está intimamente associada ao corpo do Senhor, pode, portanto, simbolizar a unidade dos crentes que se unem ao Senhor e se alimentam do seu Corpo, em contraste com as divisões dos judeus,

que se separam em facções por causa dele”.¹¹

Em tudo isto, João viu o cumprimento de Salmos 22.18. Neste paralelismo hebraico, ele encontrou a explicação completa para a ação dos soldados. Algumas das roupas foram divididas: **Dividiram entre si as minhas vestes** — eles jogaram pela túnica — **e sobre a minha túnica lançaram sortes** (24). Indicando que ele pensava ser a ação dos soldados altamente significativa, e que ele tinha visto tudo, João escreveu um *finis* — **Os soldados, pois, fizeram essas coisas.**

Estes jogadores, ao pé da cruz, dramatizam muito o fato de que em um sentido “Jesus apostou tudo na sua completa fidelidade a Deus; Ele apostou tudo na cruz”.¹² O poema de Studdert-Kennedy diz bem:

E, sentados, eles o observavam ali,

Os soldados o fizeram;

Ali, enquanto jogavam os dados,

Ele fez o seu sacrifício,

E morreu sobre a cruz para livrar O mundo de Deus do pecado.

Ele também era um jogador, o meu Cristo,

Ele tomou a sua vida e apostou-a Por um mundo redimido.

E antes que a sua agonia terminasse,

Antes que o sol se pusesse,

Coroando aquele dia com a sua coroa vermelha,

*Ele soube que tinha vencido.*¹³

3. A Sua Mãe (19.25-27)

Os discípulos tinham abandonado o seu Mestre (**16.32; 18.8**), com a

exceção de Pedro e João, durante a audiência perante o sumo sacerdote (18.15), e João na cruz (26). Mas havia um grupo de mulheres fiéis e amorosas que estavam **junto à cruz de Jesus (25)**. Eram quatro: sua mãe, Maria; a irmã de sua mãe, que se acredita ser Salomé, mulher de Zebedeu, portanto a mãe de Tiago e João [14]; Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena.

As primeiras palavras que Jesus disse na cruz, registradas por João, foram dirigidas à sua mãe. Jesus, **vendo ali sua mãe e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho (26)**. Jesus orara pelo perdão daqueles que o tinham crucificado (Lc 23.34). Ele havia feito promessas e dado esperanças a um ladrão penitente à beira da morte (Lc 23.43). Mas agora o seu olhar está fixo em sua mãe. “E verdade, na experiência humana, que quando a morte se aproxima, o interesse do moribundo se estreita e se dirige àqueles que são os mais próximos e os mais queridos”.¹⁵

A palavra que Jesus dirigiu a sua mãe — **Mulher** — não é nem fria nem brusca, como talvez possa parecer nesta tradução (ver o comentário sobre 2.4). Evidentemente, João estava presente, dando-lhe o seu consolo e conforto. Os dois “eis” — **eis aí o teu filho e eis aí tua mãe (27)** — deram tanto a Maria quanto a João instruções a respeito do seu relacionamento futuro. João deveria cuidar da mãe de Jesus. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.

4. “*Está Consumado*” (19.28-30)

João fornece uma ambientação teológica profunda para as palavras de Jesus: **Tenho sede (28)**. Mesmo neste momento da morte, Jesus está plenamente consciente e dedicado ao cumprimento da sua missão. Sabendo (*eidōs*, cf. 13.1) Jesus que já todas as coisas estavam terminadas (*tetelestai*, exatamente a mesma forma que é traduzida como “consumado” no versículo 30), para que a Escritura se cumprisse (*hina teleiothe*),¹⁶ disse: **Tenho sede (28; cf. SI 42.2; 63.1; 69.21)**. Westcott ressalta que o verbo *cumprir* “parece assinalar não o cumprimento isolado de um tratado particular no quadro das

Escrituras, mas o perfeito cumprimento de todo o quadro profético”.¹⁷
“A morte de Jesus é o cumprimento das Escrituras”.¹⁸

Os soldados devem ter trazido um vaso (um jarro, um cântaro) cheio de vinagre (*oxos*, 29). Este “*oxos* ou *posea* era o vinho azedo, a bebida usual dos legionários”.¹⁹ Quando Jesus disse **Tenho sede**, encheram de vinagre uma esponja e, pondo-a num hissopo, lha chegaram à boca. Tendo em vista o fato de que hissopo não é uma planta com um caule suficientemente resistente para suportar uma esponja molhada, este texto apresentou alguns problemas. Há um manuscrito do século XI que traz a palavra *hyssa*, a palavra grega para a lança de um soldado, ao invés de *hysso*, hissopo. Strachan²⁰ e Bernard²¹ sustentam que esta interpretação resolve o problema. Por outro lado, Hoskyns aceita a leitura mais autenticada, e vê no uso de hissopo (cf. Lv 14.4, 6; Nm 19.18; SI 51.7) um cumprimento do simbolismo do Antigo Testamento. Ele diz: O hissopo era usado para aspergir sangue nas “portas das casas dos judeus durante a época da Páscoa, em memória de Êxodo 12.22. Como Jesus, no Quarto Evangelho, é tanto o Cordeiro de Deus quanto a Porta (10.7), a ação dos soldados é apropriadamente significativa e de valor, para lembrar o leitor de que a Páscoa judaica é cumprida no sacrifício do verdadeiro Cordeiro Pascal”.²²

Com notável precisão e adequada dignidade, João descreve o final. Quando Jesus tomou o vinagre, disse: **Está consumado** [*tetelestai*]. **E, inclinando a cabeça, entregou o espírito** (*pneuma*, “o seu espírito”, 30). “Todas as frases neste versículo enfatizam a voluntariedade do seu sacrifício”.²³ O fato de o verbo *tetelestai*, que significa “tornar completo, no sentido de um objetivo determinado”, estar no tempo perfeito, fornece dupla ênfase à idéia da realização completa. O plano da redenção está completo no sentido histórico, e está perfeitamente adequado para satisfazer todas as necessidades do homem pecador. “*Tetelestai* não é um grito de alívio de que tudo terminou; é um grito de vitória”(cf. Mt 27.50; Mc 15.37).²⁴

5. A Fonte Aberta (19.31-37)

Era um costume romano abandonar os cadáveres na cruz, deixando-os

aos cães e abutres. Mas havia uma lei judaica que “proibia deixar um corpo no local da execução de um dia para outro”.²⁶ Por essa razão, e porque era a preparação, *i.e.*, a véspera do sábado,²⁶ os judeus...

rogaram a Pilatos que quebrassem as pernas das vítimas, e fossem tirados (31). Esta prática brutal, conhecida como *crurifragium*, era usada como um meio de apressar a morte. Ela envolvia a quebra das pernas das vítimas com uma grande marreta. Os soldados fizeram isto com os dois ladrões que foram crucificados com Jesus (32). **Mas, vindo a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas**

(33) . João registra aqui o cumprimento das Escrituras: **Nenhum dos seus ossos será quebrado** (36; cf. Êx 12.46; Nm 9.12). Jesus foi o sacrifício perfeito, tanto na morte quanto na vida.

Mas João viu mais do que isto, pois embora não lhe quebrassem as pernas... um dos soldados **lhe furou o lado com uma lança [logche],²¹ e logo saiu sangue e água**

(34) .²⁸ Hoskyns opina que a água e o sangue são símbolos dos dois sacramentos; o Batismo e a Ceia do Senhor. Ele diz:

João percebeu que a purificação (a água) e a nova vida (o sangue) corriam do sacrifício completo do Cordeiro de Deus... e, além disso, como os benefícios do sacrifício no calvário são apropriados pelo cristão fiel quando ele renasce do céu através da água e do Espírito (3.3-5) — a morte de Cristo, a efusão do Espírito (v. 30), o sangue, e a água são declarados como a verdadeira instituição do Batismo cristão e da Ceia do Senhor”.²⁹

Westcott vê isto como “um sinal da vida na morte, que mostra tanto a sua verdadeira humanidade quanto — “de alguma maneira misteriosa” — a permanência da sua vida humana... quando estava suspenso na cruz, Ele foi mostrado abertamente como sendo a fonte do duplo poder de purificação e vivificação, que se seguiu a sua morte e vida”.³⁰

Para este autor, parece que o sangue e a água são uma testemunha da obra completa do Encarnado. Foi visto que João usa consistentemente a água como um símbolo daquilo que há de melhor no judaísmo, o qual Jesus veio cumprir (ver os comentários sobre 1.33; 2.6; 3.5; 4.12-

14; 5.2; 7.37-39; 9.7). O sangue é a encarnação, e a completa redenção que possibilitou a vida eterna ao homem (6.53-54). Agora, a obra está consumada — *tetelestai* (30) e o lado perfurado pela lança fornece este testemunho (cf. 1 Jo 5.6-8).

João conclui as suas observações sobre a perfuração do corpo do nosso Senhor, ressaltando que tudo isto aconteceu como uma parte do cumprimento das Escrituras: **Verão aquele que traspassaram** (37; cf. Zc 12.10).

B. O Sepultamento, 19.38-42

Na hora da indescritível humilhação e sujeição à morte por parte de Jesus, dois de seus discípulos secretos, membros da aristocracia judaica, vieram a público. Como é verdade que “Cristo na cruz tem um poder maior até do que Jesus, o Rabi, para ‘atrair os homens’ a si” (12.32)!³¹

Primeiro, havia José de Arimatéia.³² Embora fosse um membro do Sinédrio, ele não tinha consentido com a morte de Jesus (Lc 23.50). Ele pediu a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Com a permissão concedida, então **foi e tirou o corpo de Jesus (38)**.

Nicodemos é descrito como aquele que **anteriormente... de noite** (cf; 3.2) com a implicação de que houve outras visitas subseqüentes. Ele também era um membro do Sinédrio. Talvez Nicodemos fosse um homem tímido, pois foi José que enfrentou Pilatos para assegurar a permissão necessária. Ele devia ser realmente muito rico, pois quase cem libras³³ de um composto de mirra e aloés seriam muito custosas. O que ele levou foi “a expressão da homenagem de um homem rico”.³⁴ As especiarias eram uma mistura da goma da árvore da mirra e madeira de aloés em pó.

O modo judaico de sepultar não envolvia o embalsamamento do corpo, nem a cremação, mas o envolvimento “do corpo do morto em lençóis, colocando especiarias entre as dobras do tecido. Nicodemos trouxe especiarias suficientes para o sepultamento de um rei”.³⁵

Eles sepultaram o corpo de Jesus no horto, num sepulcro novo... **naquele lugar onde fora crucificado** (41). Parece que o fizeram com alguma pressa por causa da Páscoa que rapidamente se aproximava — o dia da **preparação dos judeus** (42). O fato de o sepulcro estar perto tomou a tarefa mais fácil de realizar.

Sob o título “José e Nicodemos”, Alexander Maclaren discute 38-42:1. O discipulado secreto e as suas causas (38-39); 2. Os sofrimentos do discipulado secreto — **depois disso** (38); 3. A cura para a covardia — **tomaram, pois, o corpo de Jesus** (40).

Seção VIII

A RESSURREIÇÃO E AS APARIÇÕES

João 20.1–21.25

A. A Evidência da Ressurreição, 20.1-10

Os séculos cristãos retinam com as palavras: **E, no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro** (túmulo, 1; cf. Mc 16.1-2). Assim tem início a narrativa de João sobre a ressurreição. Se o seu relato “da Paixão é a história da queda do egoísmo à apostasia, a sua história da ressurreição é a história da elevação do amor à fé absoluta”.¹ É altamente apropriado que ele comece o seu relato com a experiência de Maria Madalena (Lc 8.2).² Muito lhe havia sido perdoado, e o seu amor pelo Senhor era tão grande quanto esta história demonstra. O que Maria viu foi de tremenda importância — a primeira evidência visual da ressurreição. “A pedra tinha sido removida” (Weymouth) da abertura do sepulcro.³

Sem demora, Maria voltou-se e correu a Simão Pedro e ao outro discípulo a quem Jesus amava com a perturbadora notícia: **Levaram o Senhor do sepulcro, e⁴ não sabemos onde o puseram (2)**. Maria, “o grande exemplo do amor desnortado”,⁵ tinha a prova, mas havia chegado à conclusão errada.

Quando Pedro e o outro discípulo (João) ouviram isto, correram juntos: **mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro (4)**. Houve muitas conjecturas a respeito do motivo por que João venceu a corrida. A explicação mais plausível é a agilidade. João era o mais jovem dos dois, e estava apenas registrando um fato interessante através do seu testemunho ocular.

João foi surpreendido por uma visão impressionante. Quando se inclinou *{parakupsasf* para olhar o interior, **viu no chão os lençóis [panos]; todavia, não entrou (5)**. A recompensa por haver vencido a

corrida era mais que ampla, pois ele vira a segunda evidência da ressurreição, os lençóis. Quando Pedro chegou, mantendo-se fiel à sua natureza impulsiva, imediatamente entrou no sepulcro. No interior, Pedro e João, que o seguiu (8), puderam ver algo mais. Não viram apenas os lençóis, mas também que o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus **não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte** (7). Macgregor diz que a palavra “enrolado” significa “torcido como um turbante, como se tivesse sido colocado ao redor da cabeça”.⁷

Qual foi o significado de todas estas coisas? Havia três evidências da ressurreição que eram cumulativamente convincentes. Primeiro, a pedra fora removida da entrada (1). Em segundo lugar, a maneira ordenada com que estavam dispostos os lençóis. Na verdade, se a primeira suspeita de Maria, de que alguém tivesse levado o Senhor (2), tivesse sido correta, não haveria nenhum lençol ali, porque todos teriam sido levados com o corpo. Macgregor observa: “Toda a linguagem parece ter sido cuidadosamente escolhida para sugerir que o corpo físico de Jesus havia se tornado um corpo ressuscitado e ‘glorificado’ sem mover os lençóis, que simplesmente ficaram dentro do sepulcro em suas posições originais”.⁸ A terceira evidência, não mencionada especificamente, mas evidente em todas as partes, era a ausência do corpo do Senhor — o sepulcro vazio.

Quando João viu essas coisas, ele **creu** (*episteusen*, 8). O verbo está no tempo aoristo, que indica um ato decisivo, e não um processo. “Ele não teve a visão do Cristo ressuscitado, mas a visão dos lençóis abandonados foi suficiente para lhe dar a certeza de que Jesus havia ressuscitado dos mortos”⁹ (cf. 16.16; Lc 24.12). Fica evidente, a partir dos versículos 25, 27 e 29, que “*creu* representa a fé na ressurreição do Senhor”.¹⁰ De fato, Hoskyns sustenta que “a importância da fé do discípulo amado é o clímax da narrativa”.¹¹

A esta altura, João descreve a compreensão muito limitada que ele e Pedro tinham a respeito da ressurreição, mesmo quando confrontados com estas evidências aparentemente inconfundíveis. Ele escreve: **Porque ainda não sabiam a Escritura [SI 16.10], que diz que**

era necessário que ressuscitasse dos mortos (9). Evidentemente, eles “não tinham lido o ensino do Antigo Testamento, mesmo com o auxílio dos ensinos do Senhor”.¹²

B. A Aparição Pessoal a Maria Madalena, 20.11-18

Parece que os dois discípulos deixaram o sepulcro (10) antes que Maria conseguisse voltar ao horto, depois de ter-lhes dado a notícia sobre a pedra (2). Assim, deixada sozinha com sua tristeza e angústia, ela chorava fora, junto ao sepulcro (“soluçando”, Moffatt). **Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro (11).** Não há menção de que ela tenha visto os lençóis ou o lenço que estava “enrolado, num lugar à parte” (6-7). Ao invés disso, ela viu **dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés (12).** Os quatro Evangelhos falam das aparições de anjos no sepulcro: “o anjo” (Mt 28.5); “um jovem” (Mc 16.5); “dois varões” (Lc 24.4; cf. Ap 3.4-5; 4.4). Estes mensageiros vestidos de branco se sentavam “marcando o lugar onde o corpo tinha estado, testemunhando o mistério da ressurreição”¹³

Foi feita a seguinte pergunta a Maria: **Mulher, por que choras? (13)** Ela não se mostrou assustada nem surpresa com a sua aparição, nem com as suas palavras, porque somente uma coisa preocupava a sua mente — o Senhor. Ela tinha uma razão mais do que suficiente para a sua tristeza: **Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.** Ela ainda não percebia a incoerência da sua conclusão. As roupas no sepulcro vazio, que tinham sido evidências suficientes para levar João a uma fé ativa e completa (ele “creu”; 8) não tinham chamado a atenção de Maria. É importante lembrar que Deus vem até os homens de várias maneiras, segundo os seus diferentes temperamentos e as suas capacidades distintas para entender e reagir. Neste sentido, o que está representado aqui é um Evangelho universal. Cristo é o Senhor ressuscitado para todos os homens.

Como se estivesse indo embora, Maria **voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus (14).** A pergunta que os anjos fizeram a Maria foi repetida por Jesus: **Mulher, por que**

choras? Quem buscas? (15) Mas ela não reconheceu Jesus! Ela julgou que era o hortelão. Por que ela não o reconheceu? Barclay sugere dois motivos: “O fato simples e pungente é que ela não podia vê-lo através das suas lágrimas... ela não conseguia tirar os olhos do sepulcro, e estava de costas para Jesus. Ela insistia em ficar olhando para o lado errado”.¹⁴

Há comentários sobre três motivos por que Maria não reconheceu Jesus. Em uma forma esquemática, eles fundamentam um sermão baseado em 20.11-18. 1. Maria estava procurando um Cristo morto (11-13); 2. Não foi Maria Madalena que encontrou Cristo, mas Cristo a encontrou (14-16); 3. Embora ela o estivesse procurando com todo o seu ser, Maria não reconheceu Cristo quando ela o viu (14).¹⁵ Ele vem de maneiras inesperadas.

O versículo 16 é o registro daquilo que tem sido chamado de “a maior cena de reconhecimento da história”.¹⁶ Quando Jesus lhe disse: **Maria!**, ela o reconheceu imediatamente. “Aquilo que a palavra de uso comum (*mulher*) não pôde fazer, a palavra da simpatia individual fez imediatamente”.¹⁷ Ou, como diz Hoskyns: “O verdadeiro Governador do Paraíso (Jardim) de Deus, aquele que dá a vida, chamou a sua própria ovelha pelo nome, e ela reconheceu a sua voz” (10.3-4).¹⁸ Ela reconheceu a sua voz chamando o seu nome. Ela o encarou: Voltando-se, disse-lhe: **Raboni (que quer dizer Mestre)** (16). Hoskyns argumenta, de acordo com a autoridade de Strack-Billerbeck, “que Raboni, na literatura judaica antiga, é um termo diferente de *Rabi*. E raramente usado para referir-se aos homens, e nunca para dirigir-se a eles. A palavra é reservada para dirigir-se a Deus”. Hoskyns comenta a seguir: “O uso da palavra por Maria aqui, portanto, deve provavelmente ser interpretado como uma declaração de fé, correspondente àquela de Tomé (v. 28)”.¹⁹

Embora isto não seja especificamente afirmado por João, parece que Maria, em adoração e com profunda emoção, abraçou os pés de Jesus (cf. Mt 28.9), e em resposta Ele lhe disse: **Não me detenhas** (“Deixe de me agarrar”, Moffatt; “Não me segure agora”, Phillips, 17). À luz do versículo 27, quando Tomé foi convidado pelo Senhor ressuscitado a

“chegar” a sua mão e colocá-la no seu lado perfurado, este versículo tem deixado leitores e comentaristas igualmente perplexos. O que Jesus disse a Maria foi: **porque ainda não subi para meu Pai** (17; cf. 16.10; também 7.33; 16.5; também 14.12,28; 16.28).

Compreensivelmente, Maria não queria deixá-lo ir embora novamente. A palavra traduzida como “deter” (*haptou*) significa “agarrar-se a algo com o desejo de conservar a posse disso”²⁰. Mas este relacionamento íntimo, precioso, do qual ela e os seguidores de Cristo desfrutavam agora, assumiria uma nova forma e um novo significado. No entanto, ainda não (cf. 2.4; 7.6,8,30,39; 8.20) seria consumado, assim como Ele havia dito sobre a promessa do Consolador (Paracleto) que viria (16.7-8). Com uma aguda visão, Hoskyns afirma:

Ele agora declara a Maria, e por meio dela aos discípulos, que chegou a hora da sua ascensão ao Pai e, portanto, da inauguração da nova ordem. A ordem para que Maria deixasse de detê-lo se refere ao período intermediário entre a ressurreição e a ascensão — e unicamente a esse período. Tão íntimo será o relacionamento com Jesus que, embora Maria precise por enquanto deixar de tocá-lo, por que Ele precisa ascender e ela precisa transmitir a sua mensagem, ainda assim, depois da ascensão, tanto ela quanto os discípulos estarão concretamente unidos com Ele de uma maneira que pode verdadeiramente ser descrita como “tocando-o”, e daí comer do corpo de Cristo e beber do seu sangue (6.51-58) como a ilustração mais comovente.²¹

Sem colocar ênfase na Ceia do Senhor, como faz Hoskyns, Macgregor vê esta passagem como um ensino de que “as verdadeiras provas da ressurreição e da posse verdadeira do Cristo ressuscitado devem... ser interpretadas na experiência espiritual normal de cada crente”.²²

As próximas palavras de Jesus a Maria foram: **Vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus** (17). Assim como o relacionamento de Maria com Jesus, daqui por diante, não deveria “ser dependente da percepção dos sentidos”,²³ isto também se aplicava aos discípulos — **meus irmãos** (*iadelphous*), com quem Ele tinha se unido e identificado na

sua encarnação. A sua perfeita humanidade se reflete não apenas na expressão **meus irmãos**, mas também em **meu Deus**. Strachan comenta: “Jesus é agora a escada que une o céu e a terra (cf. 1.51), participando dos dois mundos (a luz e a escuridão, ou a falta de fé), e capacitando os homens a entrar no mundo superior. A ascensão é a partida final de Jesus da vida humana normal dos homens, para ir estar com o Pai. A partir de agora, Ele está em comunhão com a sua igreja por meio do seu *alter ego*, o Espírito”.²⁴

Por ordem de Jesus, Maria Madalena **foi** [“saiu Maria de Magdala”, Moffatt] **e anunciou aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe dissera isso (18).**

C. A Apaeição Pessoal aos Dez, 20.19-23

Era de manhã bem cedo (1) quando Jesus conversou com Maria, “no primeiro dia da semana” — o Dia da Ressurreição. Na **tarde daquele dia (19)**, os discípulos, dez deles (24) estavam reunidos em uma sala, talvez o lugar da Última Ceia (ver o mapa 2). Estavam **cerradas as portas... com medo dos judeus (19)**. “Os líderes dos judeus suspeitavam, sem dúvida, de qualquer reunião dos discípulos de Jesus”.²⁶ Neste cenário, chegou Jesus, e **pôs-se no meio (19)**. João não comenta, e nem precisa fazê-lo, como Jesus entrou, estando todas as portas fechadas. Ele apenas observa o fato, como fez no caso dos lençóis arrumados no sepulcro. Deve-se observar, neste ponto, que a pedra removida da entrada do sepulcro deveu-se ao testemunho ocular de Maria e dos discípulos, e não à saída do Senhor ressuscitado.

As palavras de Jesus, ao entrar, foram: **Paz seja convosco!**, uma saudação hebraica normal. Mas neste contexto (21,26), e à luz da promessa de 14.27, parece ser um lembrete da “sua paz como um presente de despedida para os seus discípulos”.²⁶ Também é um lembrete, como diz Strachan, de que “esta paz não está em conflito com as dificuldades da vida, mas é a paz alcançada através da luta contra um mundo hostil, e da vitória contra este”.²⁷

Como testemunhos da intensidade da batalha e da certeza da vitória,

Ele lhes mostrou **as mãos e o lado** (20).²⁸ Tendo ouvido a saudação de Jesus, e visto as evidências da sua ressurreição, os discípulos se alegraram (“se encheram de alegria”, Weymouth).

Nesta aparição aos discípulos, o Senhor não veio somente para lhes dar a garantia da **paz** (repetida no versículo **21**), mas também uma comissão, baseada na autoridade do relacionamento entre Ele e o Pai. Ele disse: **Assim como o Pai me enviou** [*apestalken*], **também eu vos envio** [*pempo*] **a vós** (21). A primeira frase “é o tema constante do Cristo de João, quando fala sobre a sua autoridade”.²⁹ Em que sentido Jesus está, aqui, dando uma comissão aos seus discípulos? É instrutivo observar que os verbos **enviou** e **envio** são palavras e tempos diferentes no texto grego. O primeiro verbo, *apestalken*, está no tempo perfeito e fala da missão de Cristo nos seus aspectos eternos. O segundo, *pempo*, está no presente, e assim enfatiza a atividade contínua que é designada aos discípulos. Westcott comenta: “Nesta tarefa, o Senhor apresenta a sua própria missão como a missão permanente do Pai; Ele a cumpre através da sua igreja. Os seus discípulos não recebem uma nova comissão, mas desempenham a dele”.³⁰

A tarefa dos discípulos de assumir a obra de Jesus é compatível com a sua garantia de concessão de autoridade para a tarefa, através da vinda do Espírito. Ele **assoprou** [*enephysesen*] **sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo** [*pneuma hagion*, 22], Surgem imediatamente as perguntas: Qual é a relação entre esta dádiva do Espírito e o seu derramamento no Pentecostes? As duas ocasiões se referem à mesma vinda do Espírito? Há muitas e diversas respostas para estas perguntas.³¹ Hoskyns interpreta esta dádiva do Espírito aos discípulos sob a mesma luz que outras cenas da ressurreição, *i.e.*, como “preparatória para a grande comissão”. O derramamento do Espírito no Pentecostes está relacionado com a “missão em público, pelo poder do Espírito que vem do Pai e do Filho, que estão no céu”.³² Westcott chama esta ocasião (22) de avivamento do Espírito (cf. Gn 1.7; Ez 37.9), e o advento do Pentecostes, de “revestimento” no Espírito.

Este derramamento do **Espírito (22)** não é o mesmo descrito em Atos 2.4. O primeiro ocorreu enquanto Jesus estava com os seus discípulos, e o último depois da sua ascensão ao céu. O primeiro foi uma doação aos discípulos, que eram certamente filhos de Deus (17.9), “um depósito”, ao passo que o segundo foi “a sua vinda manifesta e a sua permanência duradoura neles, pelo seu representante, o Paracleto”.³³ O primeiro não foi o cumprimento das promessas de Jesus, a respeito da vinda do Consolador (7.39; 16.7), mas foi uma concessão verdadeira, uma concessão antecipada do Pentecostes.

A comissão dos discípulos — **também eu vos envio (21)** — também foi acompanhada pela autoridade específica a respeito do perdão ou não dos pecados. **Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes [kratete], lhes são retidos** (23; cf. Mt 16.19; 18.18). Qual é a natureza desta autoridade, e a quem ela é conferida? Não existe uma indicação de que ela se limitasse apenas aos dez discípulos. Robertson diz: “O que ele comissiona aos discípulos e a nós é o poder e o privilégio de dar a certeza do perdão dos pecados por Deus, pelo anúncio correto dos termos do perdão”.³⁴ Strachan diz que estas palavras se aplicam a “qualquer discípulo de Cristo e a todo membro da comunidade cristã que permaneça em íntima comunhão com o seu Senhor, que mantenha a sua consciência pura e esclarecida pelo conhecimento de outras consciências cristãs, e que compartilhe a sua fé e adoração na comunidade”.³⁶

Sob o título “A comissão e o dom do Senhor ressuscitado” (19-23), podemos ver: 1. A missão cristã (21); 2. A capacitação cristã (22); 3. O poder cristão sobre o pecado (23). (Alexander Maclaren)

D. A Aparição Pessoal aos Onze, 20.24-29

Somente João registra este episódio, que está relacionado com a fé — ou a falta de fé — de Tomé. O seu outro nome, Dídimo, significa “o gêmeo”. João parece ter especial interesse neste companheiro (11.16; 14.5), que é apresentado como um homem de temperamento pessimista. Os acontecimentos dos últimos dias pareciam ter

confirmado os piores medos de Tomé. **Chegou Jesus** (19), e por alguma razão desconhecida, **Tomé... não estava com os demais discípulos** (24). Ele cometeu um grande erro. “Tomé se retirou da companhia cristã. Ele procurou a solidão, ao invés da união”.³⁶

Quando Tomé voltou, e ouviu o relato dos dez, **Vimos o Senhor** (25; cf. 18), a sua atitude normal em relação à vida fechou a porta para a fé. O fato da morte de Jesus era real para ele. Era um fato difícil e indiscutível. Antes de poder acreditar no relato de que Jesus estava vivo, ele teria de ter uma prova que se equiparasse ao fato de uma cruz e de um sepulcro. Assim, definiu o seu próprio critério para uma prova: **Se eu não vir o sinal dos cravos [pregos] em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei** (lit., “nunca, jamais creerei”, 25). Evidentemente, os dez lhe haviam dito que tinham visto os ferimentos dos pregos e da lança, mas Tomé exigiu a experiência pessoal sensorial, tanto da visão, quanto do toque.

A oportunidade chegou oito dias mais tarde — que significam “uma semana” depois. Outra vez (cf. 19) **estavam... os seus discípulos dentro** (“na sala”, NEB), e, desta vez, estava com eles Tomé. **Chegou Jesus... e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco!** (26) Jesus imediatamente dirigiu as suas palavras a Tomé, repetindo quase literalmente a exigência que Tomé tinha feito diante dos dez discípulos. A seguir, o nosso Senhor acrescentou à exortação: **não sejas \ginou**, lit., “não se torne”] **incrédulo, mas crente** [lit., “cheio de fé, 27]. “Ele conhece as palavras que usamos para expressar as nossas dúvidas”.³⁷ Tomé deve ter ficado chocado por ver que o seu Senhor ressuscitado tinha estado presente (14.23,28), embora não pudesse ser visto nem por eles, nem pelos demais, naquela ocasião específica (cf. 2.25). Não há nenhuma indicação de que Tomé tenha aplicado os testes que havia exigido. Ao contrário, a fé foi ativada, e Tomé exclamou: **Senhor meu, e Deus meu!** (28). “A idéia central com que se iniciou o Evangelho (1.1) ocorre novamente no seu final: para o cristão fiel, Cristo é *o próprio Deus*”.³⁸ Westcott afirma que “as palavras, sem dúvida, são dirigidas a Cristo e são uma confissão de

sua pessoa... as palavras que se seguiram mostraram que o Senhor aceitou a declaração da sua divindade, como uma verdadeira expressão de fé”.³⁹

A resposta de Jesus a Tomé indica que existem níveis de fé na vida cristã. Alguns confiam em evidências visíveis, e não conseguem perceber a bênção que vem sobre aqueles que crêem nele por quem Ele é, e não pelo que Ele faz por eles. Aqueles que somente confiam nas evidências visíveis vivem a sua fé cristã em um pequeno mundo de valores espirituais rodeados pelas limitações de ordem temporal. Aqueles que crêem em Cristo por quem Ele é, pela fé expandem os seus horizontes a um vasto mundo de valores espirituais onde desfrutam as bênçãos que pertencem àqueles que **não viram e creram (29)**.

E. Um Prefácio Postergado, 20.30-31

Embora na Introdução, Seção *D*, haja um comentário detalhado sobre esta passagem, é apropriado dedicar um pouco de atenção a ela aqui. Estes versículos são uma declaração do objetivo da escrita do livro. Nesse sentido, eles têm a mesma função do prefácio de um livro moderno.

No entanto, existem alguns comentaristas, por exemplo, Hoskyns, que opinam que os **muitos outros sinais (30)** e **estes (31, sinais)** se referem somente ao período posterior à ressurreição. Outros, por exemplo, Westcott, interpretam estas frases como referindo-se a todo o livro, e assim consideram os versículos **30-31** como a conclusão do escrito original.

Também houve a sugestão de que 30-31 estão fora de lugar, e deveriam aparecer depois de 21.23, no lugar de 24-25. Mas não há evidências textuais para tal deslocamento. Além disso, palavras de estilo similar aparecem em 1 Jo 5.13, indicando assim que este estilo de descrição pode ter sido simplesmente a maneira como João pensava e se expressava.

F. A Aparição Pessoal no Mar de Tiberíades, 21.1-23

A maioria das autoridades sustenta que o último capítulo do texto de João é um apêndice ou epílogo. Alguns argumentam que ele não foi escrito pelo mesmo homem a quem se atribui a autoria dos vinte primeiros capítulos. Outros vêem evidências claras, tanto na linguagem quanto em conteúdo, de que o autor é o mesmo.

Entre os comentaristas modernos, Hoskyns representa uma minoria que afirma que o capítulo é uma parte integrante do Evangelho, e que foi escrito pelo mesmo autor. Ele comenta: “Por meio de duas cenas curtas, os leitores recebem total confiança na universalidade e no poder da Igreja. A captura de 153 peixes, e o cuidado apostólico paciente com as ovelhas e os cordeiros formam o clímax do Evangelho, não da fé de Tomé”.⁴⁰ Westcott, que considera que é um epílogo, mas do mesmo autor, diz: “A manifestação do Senhor, que é descrita com detalhes, tem a intenção de exemplificar a sua atuação na sociedade”.⁴¹

1. *Os Discípulos Vão Pescar* (21.1-14)

Antes da crucificação, Jesus dissera aos seus discípulos que, depois da sua ressurreição, Ele iria antes deles para a Galiléia (Mt 26.32; Mc 14.28). As cenas posteriores à ressurreição nos Evangelhos Sinóticos também fazem referência a um encontro ali, com o Senhor ressuscitado (Mt 28.7,10,16; Mc 16.7). Mas somente João detalha a cena no mar de Tiberíades,⁴² onde Jesus **manifestou-se** [*ephanerosen*, lit., “apareceu, se revelou”]... **outra vez aos discípulos (1)**. Esta linguagem indica que “ele não era *continuamente* visível entre a sua ressurreição e a sua partida final”.⁴³ Ele se revelava somente segundo a sua vontade, em termos das necessidades dos seus seguidores (ver o quadro C).

A cena é iniciada com a expressão **e manifestou-se assim (1)**, que, traduzida literalmente, significa “ele se revelou desta maneira”. **Depois disso** seria depois das aparições posteriores à ressurreição, registradas no capítulo 20.

Estavam juntos sete dos discípulos. O primeiro mencionado é Simão Pedro (cf. 1.4041), indicando a sua posição de liderança entre os

discípulos. Quatro outros são também mencionados: Tomé, Natanael e os filhos de Zebedeu [Tiago e João] (2).⁴⁴ Havia outros dois dos discípulos presentes, mas seus nomes não são fornecidos.

Apesar do fato de que estes homens tinham visto o seu Senhor ressuscitado, e tinham falado com ele em duas ocasiões diferentes (Tomé, somente em uma), eles ainda eram como ovelhas sem um pastor. Nada mais natural para eles do que pensar em termos da sua profissão anterior. Pedro, Tiago e João tinham sido pescadores. Assim, Pedro disse: **Vou pescar** (3, lit., “vou sair para pescar”). Ele encontrou pronta aceitação da sua proposta pelos outros seis, que disseram: “Também nós vamos contigo” (Weymouth). Westcott sugere: “Os discípulos pareciam ter continuado com o seu trabalho normal, esperando calmamente pelo sinal que iria determinar o seu futuro”.⁴⁵

Eles **subiram logo**⁴⁶ **para o barco** (3).⁴⁷ A melhor pescaria acontecia durante a noite. Mas, mesmo durante as horas favoráveis naquela noite, nada apanharam (cf. 9.4; 11.10). Se a noite e a escuridão eram a ocasião do fracasso, uma hora onde a verdadeira obra da vida não pode ser realizada, o antídoto deve ser encontrado quando vem a luz. Não é meramente uma questão de estilo que leva João a colocar a chegada da luz — **sendo já manhã** — em um contexto imediato com a chegada da “Luz verdadeira” (1.9) — **Jesus se apresentou na praia** (4). Jesus não foi reconhecido imediatamente. Os discípulos não conheceram que era Jesus (cf. 20.14; Lc 24.16, 31). Alguns comentam que o não reconhecimento por parte dos discípulos deveu-se à distância da praia (cerca de noventa metros, “duzentos côvados”, 8), à insuficiência de luz no amanhecer, ou a um nevoeiro no lago. Mas nenhuma dessas explicações é necessária em vista do fato de que Jesus se revelava somente segundo a sua vontade, de acordo com as necessidades dos seus seguidores. Bernard diz: “O Senhor ressuscitado não era reconhecível, a menos que Ele decidisse “se manifestar”.⁴⁸ Westcott sugere que eles estavam “preocupados com o seu trabalho... de modo que a visão do divino ficou obscurecida”.⁴⁹

Jesus iniciou a conversa com uma pergunta. Uma tradução literal seria: “Rapazes, vocês não pescaram nada, não é mesmo?”⁵⁰

Responderam-lhe: Não (5). Como resposta, Jesus deu instruções específicas aos seus desaparecidos discípulos: **Lançai a rede à direita do barco e achareis (6).** Seguindo a sugestão (na verdade, era uma ordem) do Estranho não reconhecido na praia, **lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes.** Alguns pensam que a grande quantidade de peixes não foi milagrosa. Bernard diz: “O mar da Galiléia ainda abunda em peixes”. Além disso, “essa grande pescaria não é descrita como um *semeion* (sinal, milagre), nem se sugere que possa ter sido milagrosa”.⁵¹ No entanto, Trench debate o assunto sob o título “A segunda pesca milagrosa de peixes” (cf. Lc 5.5-11).⁵² À vista do fato de que o autor do Evangelho, o discípulo amado, recorda este momento como o momento do reconhecimento, quando disse: **E o Senhor (7),** ele deve ter presenciado na pescaria mais do que uma grande quantidade de peixes.

Neste episódio, João e Pedro são vistos nas suas verdadeiras personalidades. Foi João, um homem muito perspicaz, “um gênio espiritual”⁶³ (cf. 20.8), quem viu Jesus no milagre. Foi Pedro, “um líder fervoroso, impulsivo, afetuoso”,⁵⁴ quem partiu para a praia (cf. 18.10; 20.6). Ele vestiu as suas roupas,⁵⁵ pois estava nu, para trabalhar, e mergulhou no mar (7, RSV).

Em uma mensagem sobre **21.1-7**, Alexander Maclaren usa como texto e assunto a descoberta e a exclamação de João, **E o Senhor (7): 1.** Só vê corretamente aquele que vê Cristo em tudo (3-4); **2.** Somente aqueles que amam podem ver a Cristo (**7**); **3.** Aqueles que amam sabem que Cristo os ama (5-6).

Seguindo Pedro, os outros discípulos foram com o barco (barco pequeno, barco a remo) **levando a rede cheia de peixes (8).** O barco maior (*ploion*) não podia se aproximar da praia por causa da pouca profundidade, assim os seis homens pegaram o barco a remo, que eles usavam para trazer a pesca até à praia.

Na praia, **viram... brasas, e um peixe posto em cima, e pão** (9). Jesus os convidou: **Trazei dos peixes que agora apanhastes** (10). Pedro assumiu a liderança, subiu e puxou a rede para terra, **cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes** (11). As interpretações deste número (153) têm sido variadas e numerosas. Alguns exemplos são: três elementos simples, $100 + 50 + 3$, representando “a tolice dos gentios”, “os remanescentes de Israel” e “a Santíssima Trindade”, respectivamente (Cirilo de Alexandria); *dez* é a Lei, *sete* é a graça, desta forma dezessete é o cumprimento da divina revelação, e os números de 1 a 17 somados resultam em 153, o que “significa todos aqueles que estão incluídos na operação de salvação da graça divina (Agostinho)”.⁵⁶ Outra interpretação sugerida com freqüência é a de que os gregos acreditavam que havia 153 tipos de peixes. Assim, “os discípulos realizaram a pesca perfeita”,⁵⁷ simbolizando a universalidade do Evangelho. A maioria dos comentaristas modernos assume que se trata simplesmente de um registro do número de peixes apanhados. Hoskyns comenta: “Não existe um significado simbólico no número por si mesmo; é importante como um número, e deve ter sido interpretado assim pelos gregos instruídos e, portanto, pode ser usado, em transferência, para simbolizar uma pescaria única e perfeita”.⁵⁸

Mesmo com esta pescaria incomum, não se rompeu a rede. É claro que todo o episódio é um retrato da igreja trabalhando para reunir homens — homens de todos os “tipos”. A rede intacta, um item observado pelo ex-pescador João, acrescenta algo a este quadro. “Os recursos da igreja, com Cristo no seu meio, nunca recebem uma ten-

.. · m kq ■

são excessiva .

Por um lado, a cena é bastante casual; como exemplo, temos a pergunta de Jesus do versículo 5, e aqui (12), quando Ele disse: “Venham, tomem o café da manhã” (trad. lit.).⁶⁰ Por outro lado, não havia essa facilidade de comunicação que tinha caracterizado as perguntas e respostas dos capítulos 13 e 14. **Nenhum dos discípulos ousava** [tinha a coragem de] **perguntar-lhe: Quem és**

tu? Porque sabiam que era o Senhor (12).

Como era o seu costume, Jesus presidiu a refeição. Ele **tomou o pão, deu-lho, e, semelhantemente, o peixe** (13). Embora alguns tenham tentado encontrar aqui a refeição eucarística, não há evidências suficientes de que o autor tivesse esta intenção (cf.

6.11). Como para enfatizar o objetivo de todo o evento, João observa que esta **era a terceira vez que Jesus se manifestava** [revelava] **aos seus discípulos depois de ter ressuscitado dos mortos** (14). Para uma lista completa das aparições posteriores à ressurreição do nosso Senhor, veja o quadro *B*.

2. Jesus e Pedro (21.15-19)

Imediatamente depois do final do café da manhã, Jesus dedicou-se à segunda principal preocupação daquela manhã. Ele dirigiu-se a Pedro. **Simão, filho de Jonas [João], amas-me [agapas] mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor; tu sabes**

que te amo (*philo*) (15). Duas perguntas devem ser consideradas. A primeira, qual era a comparação que Jesus tinha em mente quando disse **mais do que estes?** A linguagem e a sintaxe admitem três possíveis comparações. 1. Você me ama mais do que você ama estes discípulos? 2. Você me ama mais do que você ama barcos, redes e pescarias? 3. Você me ama mais do que estes discípulos me amam? (Cf. Mc 14.29; Lc 22.33; Jo 13.37). Pode ser que aquilo que parece ser uma ambiguidade na verdade pretenda ser uma implicação de consagração completa. O Mestre queria deixar clara uma exclusão geral de tudo o que pudesse interferir no amor de Pedro pelo seu Senhor. E abundantemente verdadeiro que o amor cristão por Jesus deve ser exclusivo, e é a única atitude em que nunca houve um excesso conhecido. Em última análise, “a pergunta se refere somente a uma coisa, e essa é o *amor* de Pedro por Jesus... se ele *ama*, já é suficiente. Esta é a única condição essencial para o serviço e o ministério apostólico”.⁶¹ A segunda pergunta colocada aqui é debatida depois (17). Qual é a diferença significativa, se houver, no uso de palavras diferentes (*agapao* e *phileo*) significando amor?

E instrutivo observar que Pedro, mesmo na sua primeira resposta, estava desejoso de submeter toda a sua intenção ao escrutínio do seu Senhor — **tu sabes**. “Com a lembrança da sua negação, Pedro não pode apelar para a sua própria história, mas pode apelar para a compreensão do seu Mestre”,⁶² Sem nenhuma indicação direta de qualquer aceitação ou rejeição da resposta de Pedro, Jesus disse: **Apascenta [boske] os meus cordeiros [arnia] (15).**

Uma segunda vez Jesus fez a mesma pergunta, somente omitindo o comparativo **mais do que estes**, e usando sinônimos na tarefa, **Apascenta [poimaine, tomar conta] as minhas ovelhas [probatia] (16).** Jesus coloca a pergunta pela terceira vez. A maioria dos comentaristas concorda que as três perguntas quase idênticas foram feitas porque Pedro tinha negado o Senhor, quase da mesma maneira, três vezes (18.17,25-26). As barreiras erigidas pelas negações pessoais ao Senhor não são destruídas rapidamente. Enquanto se aquecia junto ao fogo feito pelos inimigos de Jesus, Pedro o negou três vezes. Agora, junto ao fogo acendido pelo seu Senhor, que o ama, Pedro deve afirmar o seu amor três vezes.

A terceira pergunta e a terceira resposta assumem uma forma ligeiramente diferente. **Simão, filho de Jonas, amas-me [phileis]!** Com esta terceira pergunta, Pedro entristeceu-se (“magoou-se profundamente”, Phillips) e disse: **Senhor, tu sabes [oidas] tudo; tu sabes [iginoskeis] que eu te amo [philo] (17).** Não era apenas uma questão de intuição divina, de conhecimento absoluto (*oidas*) sobre Pedro; o conhecimento de Jesus também se baseava no relacionamento pessoal (*iginoskeis*) vivido com ele. Uma vez mais, o Senhor disse: **Apascenta [boske] as minhas ovelhas [probatia].**

A maioria dos comentaristas modernos afirma que os dois verbos gregos que significam “amar” (*agapao* e *phileo*) são usados como sinônimos por João não somente aqui, mas também em outras partes do seu Evangelho.⁶³ No entanto, Westcott argumenta que a alternância no uso das palavras⁶⁴ tem o seu significado. Ele comenta: “Então, *Pedro entristeceu-se* não somente porque a pergunta foi feita mais uma vez, mas porque nesta *terceira vez* a frase foi mudada...

como para suscitar uma dúvida se ele realmente poderia afirmar corretamente aquele amor modificado que ele tinha professado”.⁶⁵

Nesta segunda parte do episódio na praia do mar da Galiléia, duas coisas se destacam claramente. A primeira é que o amor, o amor puro, é a única base adequada para o serviço — **apascenta as minhas ovelhas** (cf. 13.8-9, 34). A segunda é que aqueles que recebem a responsabilidade pela tarefa (20.21) têm um mandamento dado por Deus, de serem pastores do rebanho, o que significa, basicamente, alimentar e cuidar das ovelhas.

Jesus tinha alguma coisa a mais a dizer a Pedro. **Quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias: mas, quando já fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde tu não queiras** (18). Era chegado o momento final da irresponsabilidade moral para Pedro. Hoskyns diz:

“A liberdade irresponsável e impetuosa da juventude agora chegou ao fim. Ele não mais pode agir como tinha acabado de agir, quando se vestiu e deixou os peixes no meio da pescaria e nadou sozinho até à praia”.⁶⁶ As palavras **estenderás as mãos** eram “uma predição inequívoca do martírio na cruz”.⁶⁷ Certamente João entendeu assim.

Jesus disse isso significando com que morte havia ele de glorificar a Deus (19). Segundo Westcott, “a crucificação de Pedro em Roma é confirmada por Tertuliano e por autores posteriores. Orígenes afirmou, adicionalmente, que ele foi crucificado de cabeça para baixo, atendendo ao seu próprio pedido”.⁶⁸ Antes da crucificação de Jesus, Pedro tinha valentemente afirmado a sua vontade de morrer pelo seu Senhor, mas Jesus tinha declarado a incapacidade de Pedro em segui-lo, e tinha predito as suas negações (13.36-38). Agora o teste tinha sido o do amor — um teste em três partes (cf. 13.34-35).

Aparentemente, a capacidade de seguir Jesus “por todo o caminho” é determinada não somente pela vontade ou disposição de alguém, mas muito mais pela qualidade do amor desse alguém — o amor perfeito. Por isso, agora Jesus diz a Pedro: **Segue-me** (19). O fato de que esta ordem está no presente no texto grego indica uma ação que será contínua, habitual, costumeira. Não haverá mais negações.

3. *Jesus e João* (21.20-23)

Tendo recebido a ordem, e disposto a seguir Jesus, Pedro, voltando-se, **viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava** (20).

Podemos interpretar essa palavra — seguia — de duas maneiras.

João estava andando com Jesus e Pedro na praia. Mas isso parece improvável, pois não há nenhuma indicação de que estivessem indo a algum lugar. Mais provável, em vista do que acabara de acontecer (18-19), é que Pedro soubesse que João era espiritualmente perspicaz (cf. 20.8; 21.7), e aquele que no sentido mais elevado e verdadeiro estava seguindo Jesus.

Em vista do fato de que seguir Jesus significaria, para Pedro, a morte pela crucificação (18), a curiosidade natural o dominou. Ele perguntou: **Senhor, e deste que será?** (21). Jesus respondeu: “Se a minha vontade *thelo* é que ele fique *menein* até que eu venha, o que você tem com isso, Pedro? Você deve me seguir” (22, Phillips). Sofrer o martírio como um seguidor de Jesus era o destino de Pedro. Mas a glória de um homem não é o martírio. É a realização da vontade de Deus — **Se eu quero que ele fique** (23). Assim, não é uma questão de como um seguidor morre, mas sim de como ele vive, de como ele cumpre a vontade de Deus.

G. A Conclusão, 21.24-25

A conclusão do Evangelho de João é uma confirmação da autoria —**Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu** (24); também é uma confirmação da veracidade dos registros — **sabemos que o seu testemunho é verdadeiro** (24). A primeira afirmação, segundo os estudiosos conservadores, se refere a João. O nós sabemos que a segunda afirmação se refere às testemunhas da comunidade cristã. Quimby afirma: “Sobre a verdade do seu livro, estávamos tão certos quanto o nascer do sol... vinte séculos de experiência cristã substanciaram o seu testemunho. Vinte séculos de vida cristã, o *único* lugar onde a verdade do Evangelho pode ser provada, confirmaram isso”.⁶⁹

A afirmação da conclusão é o que Hoskyns chama de “uma expressão muito apropriada de insuficiência literária”.⁷⁰ Como é verdadeira a afirmação de que a Palavra Viva jamais pode ser expressa em palavras escritas! Neste sentido, **nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem** (25).

Notas

INTRODUÇÃO

¹B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John* (Londres: John Murray, 1908), pp. 5-25.

Tb., p. 34.

³Lidell e Scott, *Greek-English Lexicon* (Abridged, vigésima quinta edição; Chicago: Follett Publishing Company, 1927), p. 633.

⁴*The Challenge of New Testament Ethics* (Londres: Macmillan and Co., 1950), p. 271.

⁵C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel* (Cambridge: The University Press, 1954), p. 144.

^a*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: The University of Chicago Press, 1952), p. 341.

SEÇÃO I

¹Richard Francis Weymouth, revisado por James Alexander Robertson, *The New Testament in Modern Speech* (5. ed.; Boston: Pilgrim Press, 1943), p. 212.

²*Op. cit.*, p. 2.

³C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 330.

Tb., p. 269.

⁵O tempo verbal aoristo em grego define um ato como único e simples, sem qualquer referência a ser contínuo ou repetitivo. Logo, aqui, a incapacidade do mal vencer o bem é definitiva, final e absoluta.

⁶J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, ed. A. H. McNeile ("The International Critical Commentary"; Edinburgo: T. & T. Clark, 1928), I, 11.

⁷C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 159.

⁸A palavra *judeu* aparece 66 vezes neste Evangelho, ao passo que, nos Sinóticos, consta apenas quinze vezes. A recusa dos judeus a crer em Jesus e a rejeição que demonstraram em relação a Ele são as principais idéias contidas no Evangelho de João.

⁹Westcott, *op. cit.*, p. 9.

¹⁰*Op. cit.*, p. 10.

"Bernard, *op. cit.*, p. 19.

¹²Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, ed. Francis Noel Davey (Londres: Faber and Faber Limited, 1947), p. 85.

¹³*Op. cit.*, p. 11.

¹⁴A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Broadman Press, 1930), V, 12.

¹⁵C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 186.

"Westcott, *op. cit.*, p. 12

¹⁷Bernard, *op. cit.*, p. 24.

SEÇÃO II

¹Os levitas eram os responsáveis pelo ensino da lei (2 Cr 35.3; Ne 8.7-9). Os levitas não são mencionados nos Sinóticos, exceto em Lucas 10.32 (e no NT, somente em At 4.36).

²George Ernest Wright e Floyd Vivian Filson, *The Westminster Historical Atlas of the Bible* (Filadélfia: The Westminster Press, 1946), p. 85.

³Hoskyns, *op. cit.*, p. 176.

“Bernard, *op. cit.*, p. 47.

⁵Hoskyns, *op. cit.*, p. 177.

⁶Westcott, *op. cit.*, p. 21.

⁷Hoskyns, *op. cit.*, p. 169.

⁸Bernard, *op. cit.*, p. 52.

⁹Westcott, *op. cit.*, p. 24.

“Hoskyns, *op. cit.*, p. 179.

^UA leitura do melhor texto grego permitiria a Pedro ser o sujeito do verbo “achar”, o que na opinião de alguns tornaria a seqüência muito mais interessante: André acha e traz Pedro; Pedro acha Filipe; e Filipe acha Natanael. Todos eles eram galileus e amigos.

¹²Bernard, *op. cit.*, p. 62.

SEÇÃO III

¹Richard Chenevix Trench, *The Miracles of Our Lord* (Nova York: D. Appleton and Company, 1873), p. 105.

²O local tradicional é Kefr Kenna, 6,5 quilômetros ao nordeste de Nazaré, a caminho de Cafarnaum. Mas a maioria dos estudiosos da atualidade prefere Khirbet Qana, 15 quilômetros ao norte de Nazaré. O nome significa “lugar das canas”.

³G. H. C. Macgregor, *The Gospel of John*, “The Moffatt New Testament Commentary” (Nova York: Harper and Brothers Publisher, n.d.), p. 51.

“Macgregor, *loc. cit.*

⁵*Op. cit.*, p. 102.

⁶Westcott, *op. cit.*, p. 39.

⁷Arthur John Gossip, “The Gospel According to St. John” (Exposição), *The Interpreteis Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al*, VIII (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952), 497.

⁸*Ibid.*, p. 499.

⁹Westcott, *op. cit.*, p. 41.

“Carí F. H. Henry, “John”, *The Biblical Expositor*, editor consultor, Carl F. H. Henry (Filadélfia: A. J. Holman Company, 1960), III, 163.

^uWestcott, *op. cit.*, p. 45.

¹²Bernard, *op. cit.*, p. 101. ^{ls}*Op. cit.*, p. 48.

"Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 76.

^w*Ibid.*, p. 52.

¹¹ *Op. cit.*, p. 110.

¹⁸Westcott, *op. cit.*, p. 53. ^{ia}*Ibid.*, p. 55.

“Nicholas Berdyaev, *Freedom and the Spirit* (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1935), p. 324. ²¹Bernard, *op. cit.*, p. 127.

²²Macgregor, *op. cit.*, p. 89. ^m*Op. cit.*, p. 120.

²⁴Westcott, *op. cit.*, p. 61.

²⁵Gossip, *op. cit.*, p. 517.

²⁶*Ibid.*, p. 519.

²⁷Dodd, *op. cit.*, p. 311.

²⁸Westcott, *op. cit.*, p. 69.

²⁹R. H. Strachan, *The Fourth Gospel* (3 ed.: Londres: Student Christian Movement Press Ltd., 1941), p. 151.

³⁰Westcott, *ibid.*

³¹Macgregor, *op. cit.*, p. 102.

³²Westcott, *op. cit.*, pp. 72-73.

³³Strachan, *op. cit.*, p. 157.

³⁴Macgregor, *op. cit.*, p. 103.

³⁵Strack e Billerbeck, *Kommentar zum NT aus Talmud und Midrasch*, II, 438.

³⁶Dodd, *op. cit.*, p. 316.

³⁷Lightfoot, *op. cit.*, p. 126.

³⁸*Ibid.*

³⁹*Op. cit.*, p. 77.

⁴⁰*Op. cit.*, p. 136.

⁴¹Westcott, *op. cit.*, p. 78.

⁴²Lightfoot, *op. cit.*, p. 138.

⁴³Macgregor, *op. cit.*, pp. 167-68.

⁴⁴Westcott, *op. cit.*, p. 82.

⁴⁵Wilbert F. Howard, "The Gospel According to St. John" (Introdução e Exegese), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, VIII (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952), 542.

⁴⁸Westcott, *op. cit.*, p. 83.

⁴⁷Lightfoot, *op. cit.*, p. 140.

⁴⁸Westcott, *op. cit.*, p. 84. ^{if>}*Ibid.*, p. 81, 84.

⁵⁰C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 256.

⁵¹*Ibid.*

⁵²Macgregor, *op. cit.*, p. 178.

“Westcott, *op. cit.*, p. 87.

⁵⁴Strachan, *op. cit.*, p. 172.

⁶⁵Westcott, *op. cit.*, p. 89.

^m*Ibid.*, p. 90.

⁵⁷Macgregor, *op. cit.*, p. 127.

“Westcott, *op. cit.*, p. 96.

⁵⁹Lightfoot, *op. cit.*, p. 157.

“Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 178.

⁶¹Strachan, *op. cit.*, p. 179.

⁶²Westcott, *op. cit.*, p. 100.

⁶³Macgregor, *op. cit.*, p. 138.

“Bernard, *op. cit.*, p. 193.

⁶⁵Sem dúvida, o leitor observou a intrigante similaridade de estilo e de estrutura entre este diálogo e o anterior, entre Jesus e a mulher samaritana, no capítulo 4.

^{G6}A palavra traduzida aqui como Senhor é *kyrie*, a mesma palavra que é assim traduzida em 4.15. Neste contexto parece que, em inglês, a forma mais polida, “sir” (meu senhor) seria uma boa tradução porque estas pessoas não reconhecem Jesus como o Senhor. Isto indicaria que o pedido “dá-nos sempre desse pão” seria uma resposta cínica e não um pedido sincero.

⁶¹*Op. cit.*, p. 102.

⁶⁸*Op. cit.*, pp. 569-70.

⁶⁹A palavra traduzida como “pode” em 6.52 é *dynatai*, que significa “ter a habilidade ou poder para fazer algo”.

⁷⁰Westcott, *op. cit.*, p. 109.

⁷¹Dodd, *op. cit.*, p. 336.

⁷²Flávio Josefo, *Antiquities of the Jews*, trad. por William Whiston (Filadélfia: David McKay), p. 253.

⁷³Adam Clarke, *The New Testament with a Commentary and Critical Notes* (Nova York: Abingdon Press, n.d.), I, 567.

⁷⁴Westcott, *op. cit.*, p. 116. Para uma discussão mais ampla, veja as notas sobre Mt 13.55 (BBC, VI, 139-40).

⁷⁵T. S. Eliot, *Murder in the Cathedral* (Nova York: Harcourt, Brace, c. 1935), p. 44.

⁷⁶Westcott, *op. cit.*, p. 117.

¹⁷*Op. cit.*, p. 312.

⁷⁸Clarke, *op. cit.*, p. 569.

⁷⁹Uma obra, *hen ergon*, se refere não tanto à obra como uma entre muitas, mas sim ao fato de que a cura do homem enfermo (cf. 5), embora fosse uma transgressão à lei do sábado, era um cumprimento da missão de Jesus como aquele que fora enviado pelo Pai (cf. 4.34; 9.4; 10.25; 17.4).

⁸¹Dodd, *op. cit.*, p. 258.

⁸²Westcott, *op. cit.*, p. 120. ⁸*Tbid.*, p. 121.

⁸⁴Bernard, *op. cit.*, p. 275.

"Lightfoot, *op. cit.*, p. 180. ^m*Ibid.*

⁸⁷O Sinédrio era composto por três grupos principais: os principais dos sacerdotes (ex-sumos sacerdotes e provavelmente os seus filhos), os anciãos e os escribas (na maioria, fariseus). Os principais sacerdotes eram os saduceus. Talvez os anciãos pertencessem aos dois grupos.

⁸⁸Hoskyns, *op. cit.*, p. 319.

⁸⁹Bernard, *op. cit.*, p. 279.

"Lightfoot, *op. cit.*, p. 181.

⁹¹Hoskyns, *op. cit.*, p. 310.

⁹²Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943), pp. 157-60.

⁹*Tbid.*, pp. 149-50.

⁹⁴Lightfoot, *op. cit.*, p. 185.

⁹⁵J. H. Bernard, *A Criticai and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, ed. A. H. McNeile ("The International Criticai Commentary", Edinburgh: T. & T. Clark, 1928), II, 717.

⁹⁶*Ibid.*, p. 716.

⁹⁷Bernard, *op. cit.*, p. 717.

"Ibid., p. 718.

"Lightfoot, *op. cit.*, pp. 347-48.

""Hoskyns, *op. cit.*, p. 570.

¹⁰¹Lightfoot, *op. cit.*, p. 348. *imOp. cit.*, p. 204.

¹⁰³Hoskyns, *op. cit.*, p. 331. *mOp. cit.*, p. 142.

[^]*Ibid.*, p. 130.

"Hoskyns, *op. cit.*, p. 334.

¹⁰⁷Bernard, *op. cit.*, p. 302.

¹⁰⁸Westcott, *op. cit.*, p. 132.

¹⁰⁹Bernard, *op. cit.*, p. 304.

¹¹⁰Westcott (*op. cit.*, p. 134) dá esta explicação para o problema da correlação entre 34 e 35. "A transição do pensamento da escravidão do pecado para a liberdade por meio do Filho está resumida... assim existe uma mudança dupla no pensamento, (1) da escravidão do pecado [34] para a idéia da escravidão [35], e (2) da idéia da filiação (contrastada com a idéia da escravidão) para o Filho".

^mStrachan, *op. cit.*, p. 212.

^{U2}Westcott, *op. cit.*, p. 135. Neste versículo, a evidência dos manuscritos para "vistes" e "ouvistes" está praticamente equilibrada.

¹¹³O debate aqui é sobre o relacionamento dos judeus com Abraão, o pai da nação de Israel, e não com Moisés, que lhes deu a lei.

¹¹⁴Westcott, *op. cit.*, p. 136.

¹¹⁶Bernard, *op. cit.*, p. 313.

¹¹⁶Westcott, *op. cit.*, p. 138. ^w*Ibid.*

^{U8}Strachan, *op. cit.*, p. 215. ¹¹⁹*Op. cit.*, p. 217.

¹²⁰Hoskyns, *op. cit.*, p. 352.

¹²¹Westcott, *op. cit.*, p. 143.

¹²²Hoskyns, *op. cit.*, p. 353.

¹²³ A frase “aquele que me enviou” é mencionada 26 vezes por Jesus, e outras 18 vezes em expressões sinônimas.

¹²⁴Hoskyns, *op. cit.*, p. 153.

¹²⁶Strachan, *op. cit.*, p. 218.

¹²⁶Macgregor, *op. cit.*, p. 226.

¹²⁷Hoskyns, *op. cit.*, p. 354.

¹²⁸Westcott, *op. cit.*, p. 145.

¹²⁹Hoskyns, *op. cit.*, p. 352.

¹³⁰Wilbert F. Howard, *op. cit.*, p. 617.

¹³¹Dodd, *op. cit.*, p. 359.

¹³²Westcott, *op. cit.*, p. 149. ^m*Ibid.*

¹³⁴Hoskyns, *op. cit.*, p. 359. ^{im}*Op. cit.*, p. 137.

¹³⁶Westcott, *op. cit.*, p. 152.

¹³⁷Hoskyns, *op. cit.*, p. 372.

¹³⁸A *Testament of Devotion* (Nova York: Harper and Brothers, 1941), p. 44.

¹³⁹Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 634.

¹⁴⁰Hoskyns, *op. cit.*, pp. 368-69.

¹⁴¹A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 180.

¹⁴²Westcott, *op. cit.*, p. 155.

¹⁴³Bernard, *op. cit.*, p. 363.

¹⁴⁴“Um certo problema na compreensão do v. 16 foi causado pela tradução, na Vulgata, da palavra grega, que significa **rebanho**, como a palavra latina que significa **aprisco**” (Hoskyns, *op. cit.*, p. 379).

¹⁴⁵Robertson, *op. cit.*, p. 181.

¹⁴⁶Hoskyns, *op. cit.*, p. 379.

^{U7}*Ibid.*

¹⁴⁸A expressão “está fora de si” significa literalmente “estar fora do próprio juízo” (Amdt e Gingrich, *op. cit.*, p. 487).

¹⁴⁹Bernard, *op. cit.*, p. 342.

“William Barclay, *The Gospel of John*, II (2 ed.; “The Daily Study Bible”; Filadélfia: Westminster Press, 1956), 80-81.

¹⁵¹Lightfoot, *op. cit.*, p. 212.

TM*Ibid.*

^{im}*Op. cit.*, pp. 386-87.

¹⁸⁴Quanto ao significado da vida eterna, veja a Introdução, seção 4, “Vida”. ^m*Op. cit.*, p. 158.

¹⁶⁶Hoskyns, *op. cit.*, p. 389.

¹⁵⁷*Op. cit.*, p. 159. ^m*Op. cit.*, p. 87.

¹⁵⁹Hoskyns, *op. cit.*, p. 391.

¹⁶⁰A palavra aqui traduzida como “santificou” é uma forma do termo grego **hagiazō**, que significa “separar para uso sagrado”, “consagrar”, “tornar santo”. Aplicada a Jesus, a palavra significa “consagrar”, “separar” (cf. 17.19). Aqui, no aoristo, ela mostra a característica atemporal do sacrifício eterno.

^m*Op. cit.*, p. 369.

¹⁶²Lightfoot, *op. cit.*, p. 211.

^{1,s}Uma forma curta de Eleazar, significando o homem cuja *ajuda é Deus* (ou o homem *a quem Deus ajuda*).

^{1S4}Hoskyns, *op. cit.*, p. 399.

¹⁶⁵Westcott, *op. cit.*, p. 165.

¹⁶⁶Hoskyns, *op. cit.*, p. 399.

“Barclay, *op. cit.*, p. 94.

¹⁶⁸Westcott, *op. cit.*, p. 165.

¹⁶⁹O dia judeu era dividido em 12 horas iguais, do nascer ao pôr-do-sol. Assim, a duração de uma hora podia variar de acordo com a estação do ano.

^{rm}*Op. cit.*, p. 420. ^mBernard, *op. cit.*, p. 378.

¹⁷²O uso do tempo aoristo do verbo traduzido como está morto indica que naquela hora Lázaro já havia morrido.

¹⁷³Strachan, *op. cit.*, p. 234.

¹⁷ⁱ*Op. cit.*, p. 167.

¹⁷⁶Westcott, *op. cit.*, p. 168.

¹⁷Hoskyns, *op. cit.*, p. 402.

¹⁷⁸Deve-se observar que a palavra “vida” não aparece do papiro Chester-Beatty do século III, embora seja incluída em outras fontes, e seja totalmente corroborada pelos ensinamentos de Jesus em outras partes deste Evangelho.

¹⁷⁹Bernard, *op. cit.*, p. 387.

¹⁸⁰*Op. cit.*, p. 365.

¹⁸¹Westcott, *op. cit.*, p. 168.

¹⁸²O verbo é *pepisteuka*; está no tempo perfeito e significa literalmente: “Eu acreditei, e

ainda tenho fé”. O tempo perfeito descreve um estado presente resultante de uma ação passada.

¹⁸³Strachan, *op. cit.*, p. 237.

¹⁸⁴Strachan *op. cit.*, p. 403.

¹⁸⁵Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 254.

¹⁸⁶Hoskyns, *op. cit.*, pp. 403ss.

¹⁸⁷Esta expressão pode ser traduzida como “Jesus irrompeu em lágrimas” (Moffatt).

¹⁸⁸Barclay, *op. cit.*, p. 115.

¹⁸⁹Bemard, *op. cit.*, p. 396.

¹⁹⁰Hoskyns, *op. cit.*, p. 406.

¹⁹¹Westcott, *op. cit.*, p. 173.

¹⁹²Dodd, *op. cit.*, p. 367.

im *Op. cit.*, p. 173.

¹⁹⁴Comparável a “deixem que ele vá para casa”.

¹⁹⁵O Sinédrio era a corte e o conselho mais elevado dos judeus. Era composto por 71 membros (tanto saduceus quanto fariseus) e presidido pelo sumo sacerdote. Foi abolido com a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

¹⁹⁶A função de sumo sacerdote era uma função vitalícia. Mas sob a lei romana, os homens mantinham esse posto por períodos variados, de acordo com o capricho da autoridade imperial.

¹⁹⁷Bernard, *op. cit.*, p. 404.

¹⁹⁸A região do deserto a nordeste de Jerusalém.

¹⁹⁹Macgregor, *op. cit.*, p. 257.

²⁰⁰A festa ocorreu no anoitecer, depois do final do sábado (Westcott, *op. cit.*, p. 176).

W1 *ibid.*

²⁰²Cenas similares estão registradas em Mc 14.3-9 e Lc 7.36-50. Para uma excelente discussão sobre as semelhanças e diferenças, veja a abrangente obra de Bernard, *op. cit.*, pp. 409-14. Existem fortes evidências de que João estava bem familiarizado com o relato de Marcos.

²⁰³De acordo com a estimativa de Judas, o valor era de trezentos denários (5). Um denário, uma moeda de prata romana, equivale a cerca de 18 centavos de dólar americano, sendo o pagamento por um dia de trabalho de um trabalhador comum; assim, o presente de Maria era equivalente a cerca de um ano de salário (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 178).

²⁰⁵Bernard rejeita qualquer interpretação alegórica desta frase (*op. cit.*, p. 418; cf. Mc 14.9). A afirmação reflete a “impressão pessoal de João naquela época” (Westcott, *op. cit.*, p. 177).

^{we}*Op. cit.*, p. 177.

^{w7}*Ibid.*

^m*Op. cit.*, p. 416. Plummer (*op. cit.*, p. 252) auxilia com a sugestão: “As palavras são pronunciadas sob o ponto de vista do passado, quando o ato de Maria ainda era apenas um objetivo”.

²⁰⁹Barclay, *op. cit.*, pp. 130-31.

²¹⁰Os relatos Sinóticos da entrada em Jerusalém são encontrados em Mt 21.4-9; Mc 11.7-10; Lc 19.35-38.

^{2U}Bernard, *op. cit.*, p. 423.

²¹²Hoskyns, *op. cit.*, p. 420.

²¹³Westcott, *op. cit.*, p. 179.

²¹⁴Estes mesmos versículos foram cantados pelo povo que deu as boas-vindas a Simão Macabeu, “depois que ele conquistou Acra e a arrebatou do domínio sírio, mais de cem anos antes” (Barclay, *op. cit.*, p. 136).

²¹⁶Macgregor, *op. cit.*, p. 263.

^{zl6}Westcott, *op. cit.*, p. 179.

²¹⁷Bernard, *op. cit.*, p. 430. “Para tais prosélitos, o Átrio dos Gentios no distrito do Templo era apropriado” (*ibid.*) (Ver o quadro A)

²¹⁸Macgregor, *op. cit.*, p. 264.

²¹⁹Lightfoot *op. cit.*, p. 240.

²²⁰Barclay, *op. cit.*, p. 142.

²²¹*Ibid.*

²²²Hoskyns, *op. cit.*, p. 424.

²²³A *psyche* aqui significa a vida física dos sentidos.

²²⁴A palavra traduzida aqui como “guarda-la-á” significa “vigiar, tomar conta, defender” (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 876).

²²⁵*Op. cit.*, p. 434.

²²⁶Howard, IB, VIII, 663.

²²⁷*Op. cit.*, pp. 143-45.

²²⁸Não há uma cena do Getsêmani como aquela que João registrou. Entretanto, estes versículos (27-31) transmitem grande parte do mesmo tema, e alguns dos detalhes encontrados nos relatos dos Sinóticos (cf. Mt 26.39; Mc 14.35-36; Lc 22.42). Não está claro por que João decidiu colocar estas palavras aqui.

²²⁹Muitas versões modernas assumem esta última frase como sendo uma pergunta. No entanto, tanto a estrutura da frase quanto a comparação com os relatos Sinóticos parecem indicar que esta é uma oração, e não uma pergunta.

²³⁰Westcott, *op. cit.*, p. 182.

²³¹Macgregor, *op. cit.*, p. 266.

²³³Bernard, *op. cit.*, p. 441.

²³⁴Veja outras referências ao “príncipe deste mundo”: Mt 4.8-9; Lc 4.6; 2 Co 4.4; Ef 2.2; 6.12.

^m*Op. cit.*, p. 425.

²³⁶A palavra traduzida como “levantado” significa “elevar” — como a serpente na haste (3.14) e Jesus na cruz (32-33) e, também, em um sentido figurado, “exaltar” (At 5.31). “Para João, este ‘levantar’ não deve ser separado da sua ‘exaltação’ no céu, uma vez que a exaltação celestial pressupõe a terrena” (Amdt e Gingrich, *op. cit.*, p. 858).

²³¹ *Op. cit.*, p. 183.

²³⁸Bemard, *op. cit.*, p. 444.

²³⁹Compare este texto com a linguagem de 9.4-5; 11.9-10 e 12.46-48.

²⁴⁰Hoskyns, *op. cit.*, p. 428.

²⁴¹*Ibid.*, p. 429. Algumas vezes, nas Escrituras, os resultados são expressos na linguagem que usaríamos para indicar objetivos.

²⁴²Barclay, *op. cit.*, p. 155.

²⁴³O verbo “vir” está no tempo perfeito no texto em grego, e retrata um estado presente como um resultado de uma ação passada. Isto é, Jesus *é* “a luz do mundo”.

²⁴⁴O verbo “vir” está no tempo aoristo no texto grego, e aqui representa a encarnação, de uma única vez, final, completa.

²⁴⁵*Op. cit.*, p. 431.

²⁴⁶Vejá a seção sobre a “Vida”, na Introdução.

SEÇÃO IV

¹Bernard faz uma tentativa de harmonizar os Sinóticos e os relatos de João referentes à Última Ceia (*op. cit.*, pp. 456-58). Veja também Ralph Earle, “The Gospel According to Matthew”, *Beacon Bible Commentary*; Kansas City: Beacon Hill Press, 1964), pp. 233-35.

²Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 228.

³*Op. cit.*, p. 274.

⁴*Op. cit.*, p. 436.

⁵Macgregor, *op. cit.*, p. 274.

⁶Strachan, *op. cit.*, p. 265.

⁷Hoskyns, *op. cit.*, p. 437. Ele também cita um Midrash sobre Gn 21.14. “Abraão a dispensou [Agar] com uma carta de divórcio e tomou um pano e o cingiu em torno de seus lombos, para que os homens soubessem que ela era uma escrava”.

⁸Os dois verbos traduzidos como “sabes... saberás” são palavras diferentes no grego. O primeiro é um conhecimento “absoluto e completo”, enquanto o segundo é “o conhecimento que é adquirido pela experiência gradual” (Westcott, *op. cit.*, p. 191).

⁹*Op. cit.*, p. 438.

¹⁰*Ibid.*

¹¹Foi Pedro que, após o Pentecostes, testemunhou que a purificação desfrutada na ocasião chegou ao seu coração (At 15.8-9). E assim ele o soube, por experiência, depois (7).

¹² A frase “senão os pés” não aparece em alguns escritos antigos que são aceitos como autoridades. Alguns comentadores (Macgregor, Westcott) omitem a frase; Hoskyns prefere a leitura mais curta.

¹³A palavra traduzida como “limpos” é *katharos* (cf. catharsis), e é usada em relação à pureza espiritual (15.3).

¹⁴*Op. cit.*, p. 439.

¹⁵*Op. cit.*, p. 463.

¹⁶*Op. cit.*, p. 277.

¹⁷Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 851.

¹⁸*Op. cit.*, p. 440.

¹⁹*Op. cit.*, p. 467.

²⁰A conjunção que é a tradução do termo *hina*, que é aqui usado elipticamente, e seu significado final *fi.e.*, sua indicação de propósito) estão perdidos. Arndt e Gingrich (*op. cit.*, p. 378) dizem: “Com muita frequência o significado final é grandemente enfraquecido, ou desaparece totalmente”. Eles também notam (p. 379) que, às vezes, *hina*, com o subjuntivo, é usado para um imperativo (cf. Phillips, “Mas deixai que esta Escritura se cumpra”).

²¹*Op. cit.*, p. 166.

²²*Op. cit.*, p. 131.

²³Bernard, *op. cit.*, p. 471.

^u*Op. cit.*, p. 194.

²⁵*Op. cit.*, p. 169.

²⁶*Op. cit.*, p. 177.

²⁷Barclay, *op. cit.*, p. 171.

^{lii}*Op. cit.*, I, xx.

²⁹*Op. cit.*, p. 286.

“Westcott observa que esta é uma indicação de que Judas partiu por seu próprio livre-arbítrio (*op. cit.*, p. 196).

“Barclay, *op. cit.*, pp. 171-73.

³²Hoskyns, *op. cit.*, p. 450.

^{3S}Bernard, *op. cit.*, II, 526.

³⁴A palavra ocorre sete vezes neste Evangelho e dezoito vezes em 1 João.

³⁵*Op. cit.*, p. 284.

“Adam Clarke, *op. cit.*, p. 620.

³⁷As palavras “dinamite”, “dinâmico”, etc., são derivadas desta palavra.

“Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 206.

³⁹Cf. 7.34; 13.33, 36-37; 14.17; 15.4-5; 16.12.

⁴⁰A KJV traduz a primeira frase como um indicativo... “vós creiais”. No entanto, a maioria dos comentadores concorda, com base no contexto, em que o imperativo é a melhor tradução.

⁴¹A palavra grega traduzida como “moradas” é *mone*, e significa *{lugar de) habitação, sala, moradia* (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 529).

ⁱ²*Op. cit.*, p. 200.

⁴³*Op. cit.*, p. 533.

⁴⁴Hoskyns, *op. cit.*, pp. 452-53.

⁴⁵Macgregor, *op. cit.*, p. 305.

⁴⁶Este é um bom exemplo do “presente profético”, que pode bem ser traduzido como futuro (cf. RSV, NEB, NASB).

⁴⁷Westcott, *op. cit.*, p. 201.

⁴⁸Hoskyns, *op. cit.*, p. 454.

⁴⁹Veja os comentários sobre 4.26; 6.20, 35.

⁵⁰*ibid.*, p. 455.

^m*The Imitation of Christ*, tradução revisada (Nova York: Grosset e Dunlap, s.d.), p. 253.

⁵²Robertson, *op. cit.*, p. 250.

“Bernard, *op. cit.*, p. 539.

^M*Ibid.*, p. 541. ^{hT}*Ibid.*, p. 542.

⁵⁶O verbo grego para “enviar” em 17.18 é *apostello*, e significa “enviar com uma missão”.

⁶⁷Algumas autoridades traduzem o v. 14 como: “Se me pedirdes alguma coisa...”, com base no pronome grego *me* que aparece em alguns manuscritos.

⁵⁸*Op. cit.*, p. 193.

⁵⁹*Op. cit.*, p. 251.

^{eo}*Op. cit.*, p. 623.

^{ei}*Op. cit.*, p. 204.

⁶²A tradução literal é “guardareis” — futuro simples do indicativo — e está bastante de acordo com o sentido da passagem como um todo.

⁶³Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 623.

“Uma discussão excelente e exaustiva da origem, usos e traduções da palavra pode ser encontrada em Hoskyns, *op. cit.*, pp. 465-70. Veja também Bernard, *op. cit.*, pp. 496-98.

“Bernard, *op. cit.*, p. 499.

⁶⁶Macgregor, *op. cit.*, p. 309.

⁶A palavra grega traduzida como “órfãos” é **orphanos**, que significa literalmente, **desprovido de pais** (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 586).

⁶⁸Westcott, *op. cit.*, p. 206.

⁶⁹Hoskyns, *op. cit.*, p. 460.

⁷⁰Westcott, *op. cit.*, p. 207.

⁷¹A palavra grega para “manifestarei” é **emphanizo**. Ela significa literalmente **revelar**. Em um sentido figurado, refere-se àquilo que transpira dentro da alma de alguém (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 257).

⁷²Westcott, *op. cit.*, p. 207.

⁷⁴Westcott, *op. cit.*, p. 208.

⁷⁵*Op. cit.*, p. 460.

TM*Ibid.*

"Esta expressão aparece sete vezes nos últimos discursos (15.11; 16.1,4,6,25,33).

⁷⁸A palavra grega traduzida como “Espírito” é **pneuma**, de onde vem a palavra “pneumático”, que significa **vento, fôlego, e espírito**. A versão KJV em inglês apresenta conotações atuais que deixam algo a desejar em relação a um título para a bendita Terceira Pessoa da Trindade.

⁷⁹Hoskyns, *op. cit.*, p. 461.

^m*Op. cit.*, p. 199.

^{sí}*Ibid.*

⁸²Hoskyns, *op. cit.*, p. 461.

^{S3}*Op. cit.*, p. 185.

⁸⁴Veja Westcott, *op. cit.*, pp. 213-16, para uma excelente revisão das opiniões dos primeiros escritores representativos.

^m*Op. cit.*, p. 555; cf. Mc 13.32; Fp 2.6; 1 Co 15.27.

“Bernard, *op. cit.*, p. 556.

⁸⁷Macgregor, *op. cit.*, p. 313.

^{ss}*Op. cit.*, p. 210.

⁸⁹Bernard, *op. cit.*, p. 478.

"Deve-se notar que alguns tomam a expressão “Levantai-vos, vamo-nos daqui” (14.31) como antecipatória. De acordo com esta opinião, Jesus continuou a falar, concluiu o seu discurso, e pronunciou a grande oração sumo sacerdotal (cap. 17) enquanto o grupo ainda permanecia no cenáculo.

⁹¹Há um jogo de palavras gregas nestas duas frases do v. 2. A palavra para “tirar” é *airei*, e “limpar” é *kathairei*. A segunda significa literalmente *deixar limpo*; por exemplo, uma sala varrida, ou *podar* removendo um ramo desnecessário (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 387).

“Hoskyns, *op. cit.*, p. 475.

[^]*Op.cit.*, p. 217.

⁹⁴ *Op. cit.*, p. 287.

"Bernard, *op. cit.*, p. 480.

⁹⁶*Op. cit.*, p. 475.

⁹⁷Bernard, *op. cit.*, p. 481.

⁹⁸A palavra *grega* aqui traduzida como “sem” é *choris*, e significa “longe de” ou “separado

de”.

⁹⁹Cf. 13.33, 36-37; 14.17; 15.4-5; 16.12.

““Strachan, *op. cit.*, p. 290.

^mOp. cit., p. 218.

^mIbid.

¹⁰³Alguns manuscritos possuem o verbo ***genesthe***, um imperativo expressando necessidade, o qual bem justifica a tradução acima. Um discípulo é um “aprendiz”, e é difícil conceber o aprendizado sem testes e provas. Conta-se que Inácio, quando a caminho de seu martírio, disse: “Agora estou começando a ser um discípulo” (Bernard, *op. cit.*, p. 483).

^{1M}Op. cit., p. 477.

¹⁰⁵Macgregor, *op. cit.*, p. 289. *^mOp. cit.*, p. 221.

¹⁰⁷Hoskyns, *op. cit.*, pp. 478-79.

¹⁰⁸ A palavra grega para “aborrecer”, ***miseo***, é uma palavra muito forte e significa “detestar, abominar, perseguir com ódio” (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 524).

¹⁰⁹Barclay, *op. cit.*, pp. 214-16.

¹¹⁰Hoskyns, *op. cit.*, p. 479. ^mWestcott, *op. cit.*, p. 223.

^{U2}Bernard, *op. cit.*, p. 499. *^mIbid.*

^{lu}Op. cit., p. 293.

^{U5}Hoskyns, *op. cit.*, p. 482. *^mOp. cit.*, pp. 219-20.

¹¹⁷Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 760. *^{lw}Op. cit.*, p. 225.

“Barclay, *op. cit.*, p. 221.

¹²⁰Hoskyns, *op. cit.*, p. 482. *^mIbid.*

¹²²Bernard, *op. cit.*, p. 501.

¹²³Hoskyns, *op. cit.*, p. 483. *^mOp. cit.*, p. 293.

¹²⁶A palavra “tristeza” (*lupe*) só aparece neste capítulo (20-22).

¹²⁶*Op. cit.*, p. 227.

¹²⁷*Op. cit.*, p. 504.

¹²⁸Veja o comentário sobre 14.16.

¹²⁹Bernard, *op. cit.*, p. 296.

¹³⁰Arndt e Gingrich, *op. cit.*, pp. 248-49.

¹³¹Hoskyns, *op. cit.*, p. 484.

¹³²Cf. Mt 10.19; Mc 13.11; Lc 12.11-12; 21.15.

¹³³Westcott, *op. cit.*, p. 229.

¹³⁴*Op. cit.*, p. 506.

¹³⁵Hoskyns, *op. cit.*, p. 485.

¹³⁶Westcott, *op. cit.*, p. 229.

¹³⁷Em grego, a expressão “está julgado” está no tempo verbal perfeito, descrevendo um estado que hoje existe como um resultado de uma ação passada. Satanás já está sob o julgamento de Deus.

¹³⁸Strachan, *op. cit.*, p. 298.

¹³⁹Esta palavra não aparece no texto original.

¹⁴⁰Hoskyns, *op. cit.*, p. 486. ^{ul}*Ibid.*, p. 485. ^{li2}*Ibid.*, p. 486.

¹⁴³Westcott, *op. cit.*, p. 232.

¹⁴⁴Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 360.

¹⁴⁵Bernard, *op. cit.*, p. 513. ^{u6}*Ibid.*, p. 514.

¹⁴⁷A alegria na tristeza, ilustrada pelo nascimento de uma criança, é uma figura do AT. Veja Is 26.17-20; 66.7-14; Os 13.13-15. “Esta é a imagem da ressurreição messiânica do AT” (Hoskyns, *op. cit.*, p. 488).

¹⁴⁸Westcott, *op. cit.*, p. 233.

*im*¹⁴⁹*ibid.*, p. 234.

“Veja o comentário sobre 14.14.

¹⁵¹Para um comentário sobre a palavra “provérbio” (*paroimia*), veja 10.6.

¹⁵²Westcott, *op. cit.*, p. 234.

¹⁵³Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 635.

¹⁵⁴Westcott, *op. cit.*, p. 234.

¹⁵⁵Bernard, *op. cit.*, p. 520.

¹⁵⁶Hoskyns cita uma leitura baseada no Sinaítico Siríaco — “que deveis pedir a qualquer homem” (*op. cit.*, p. 491).

¹⁵⁷Veja o comentário sobre 14.27.

¹⁵⁸Bernard, *op. cit.*, p. 524.

SEÇÃO V

¹Lightfoot, *op. cit.*, pp. 295-96.

²Westcott, *op. cit.*, p. 237.

³*Ibid.*, p. 236.

“Embora quase todos os comentaristas dividam a oração em três partes, Clarke e Westcott, divergindo dos demais com respeito ao ponto da divisão, concluem a primeira parte no versículo 5 e começam a segunda parte no versículo 6.

⁵Hoskyns, *op. cit.*, p. 495.

⁶*Ibid.*, p. 497.

⁷*Op. cit.*, p. 560.

⁸Uma expressão hebraica que significa “a humanidade, com as suas fraquezas e transitoriedades, em contraste com a majestade de Deus” (Lightfoot, *op. cit.*, p. 300).

"Strachan, *op. cit.*, p. 301.

"Hoskyns, *op. cit.*, p. 498.

^u*Ibid.*, VIII, 744.

¹²Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 817.

¹³*Ibid.*, p. 860.

"Strachan, *op. cit.*, p. 301.

¹⁵*Ibid.* p. 302.

"Com isto, não se deve interpretar que Jesus nunca orou pelos seus inimigos, mas sim que nesta ocasião Ele orou especialmente pelos seus discípulos (cf. Lc 13.34; 23.34).

"O verbo grego traduzido como rogar é *erotao* e significa basicamente pedir ou exigir. ^w*Op. cit.*, p. 569. ^{ls}*Op. cit.*, p. 500.

²⁰Bernard, *op. cit.*, p. 571.

²¹Arndt e Gingrich, *op. cit.*, pp. 8-9.

²²H. Orton Wiley, *The Epistle to the Hebrews* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1959), p. 326. ²³*Ibid.*, p. 321. ^u*Op. cit.*, p. 244.

²⁵*Op. cit.*, p. 574. ^x*Op. cit.*, p. 304.

²⁷Veja os comentários sobre 13.4-17.

²⁸Hoskyns, *op. cit.*, pp. 501-2.

²⁹O termo grego *hegiasmenoi* está em um tempo perfeito, que retrata um estado presente e continuado como resultado da ação anterior (17).

³⁰*Op. cit.*, p. 573.

³¹Westcott, *op. cit.*, p. 242.

³²C. K. Barrett (*The Gospel According to St. John* [Nova York: Macmillan Co., 1955], p. 428) diz: "... a glória de Cristo se obtém pela crucificação, e por ela é mais completamente expressa. A Igreja recebe a glória precisamente nos mesmos termos, pela unidade na fé na morte e ressurreição de Jesus, e a expressa em obediência".

³³*Op. cit.*, p. 304.

³⁴Moffatt traduz 24. “Pai, é a minha vontade que estes, que tu me deste, possam estar comigo onde eu estiver”.

³⁵*Op. cit.*, p. 579.

SEÇÃO VI

¹Cedrom significa literalmente “torrente de inverno”, indicando o fato de que é normalmente seco, e a água só flui na estação das chuvas.

²Hoskyns, *op. cit.*, p. 509.

³*Op. cit.*, p. 583.

⁴Citado por Macgregor, *op. cit.*, p. 324.

⁵Westcott, *op. cit.*, p. 252.

⁷A. Plummer (*The Gospel According to St. John* “Cambridge Greek Testament”; Cambridge University Press, 1882], p. 308) escreve: “Existe uma ironia suprimida nos detalhes deste versículo: “Todas estas forças contra uma, que não oferecia resistência; contra uma que com uma única palavra (cf. 6; Mt 26.53) poderia tê-los eliminado”.

⁸Ver o comentário sobre 4.26.

⁹*Op. cit.*, p. 253.

¹⁰*Op. cit.*, p. 375.

Op. cit., p. 509. ⁿ*ibid.*

¹³Todos os Evangelhos Sinóticos registram o episódio (Mt 26.51; Mc 14.47; Lc 22.50), mas somente João menciona os nomes Pedro e Malco. Somente Lucas menciona a cura do servo.

¹⁴Ver a Introdução, “Autoria”.

“Ver os comentários sobre o versículo L desde capítulo. Também cf. Mt 20.22; Mc 14.36; SI 75.8; Is 51.17, 22; Ez 23.31-34.

“Strachan, *op. cit.*, p. 307.

¹⁷O verbo é *deo*, que significa “atar ou amarrar”. O substantivo cognato é *doulos*, que

significa “escravo”, “servo preso” (cf. Is 53.11).

¹⁸*Op. cit.*, II, 547.

“Barclay, *op. cit.*, II, 264-65. ^m*Ibid.*, p. 265.

²¹Westcott, *op. cit.*, p. 256.

²²Hoskyns, *op. cit.*, p. 411.

²³Ver a Introdução, “Autoria”.

²⁴Howard, IB, VIII, 440.

²⁵*Op. cit.*, II, 268.

²⁶Algumas autoridades, por exemplo Macgregor e Westcott, afirmam que o sumo sacerdote mencionado no versículo 19 é Caifás. Macgregor transpõe o versículo 24 para seguir-se ao 13. No entanto, Bernard, seguindo atentamente a evidência dos manuscritos, considera que a cena até o versículo 24 acontece perante Anás.

²⁷Hoskyns, *op. cit.*, p. 513.

²⁸Barclay, *op. cit.*, II, 265.

²⁹Westcott, *op. cit.*, p. 256.

³⁰Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 635.

³¹Platão, *Diálogos*. “Apology”. 33B.

³²Bernard, *op. cit.*, p. 601.

³³*Op. cit.*, p. 265.

³⁴Lightfoot, *op. cit.*, p. 307.

³⁵*Op. cit.*, p. 257.

“Bernard, *op. cit.*, p. 605.

³⁸“Foi feita uma sugestão interessante de que isto se refere ao *gallicinium*, o sinal dado pela trombeta ou clarim, quando ocorria a troca da guarda das tropas romanas, no final do terceiro turno da noite, chamado de ‘canto do galo’, *alektorophonia*” (Howard, IB, VIII, 766).

"George A. Turner e Juluis R. Mantey, *The Gospel According to John* ("The Evangelical Commentary"; Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 360.

"Westcott, *op. cit.*, p. 258.

"*Op. cit.*, p. 606. Para uma argumentação sobre o problema da harmonização com os relatos Sinóticos, ver os comentários sobre Mt 26.17 (BBC, VI, 233-35).

ⁱ²*Op. cit.*, p. 42.

⁴³Lightfoot, *op. cit.*, p. 324.

^u*Ibid.*

⁴⁵Este versículo foi interpretado com o significado de que "os judeus não podiam infligir uma pena capital nesta ocasião especial (a Páscoa), ou da maneira particular que desejavam fazê-lo (a crucificação). Mas não há nada no contexto que justifique essa limitação de significado... As palavras devem ser tomadas como uma afirmação simples e direta de que os judeus não podiam condenar ninguém à morte sem a autoridade do governador" (Westcott, *op. cit.*, p. 266). No entanto, Strachan e Hoskyns argumentam que a extensão da competência legal dos judeus é excessivamente obscura antes de 70 d.C. Bernard diz que a crucificação é "uma forma de execução nunca empregada pelos judeus, mesmo quando tinham o poder" (*op. cit.*, p. 334). Se os judeus tivessem condenado Jesus à morte, teria sido por apedrejamento (cf. At 7.58). Mas Cristo tinha predito que morreria crucificado (12.32-33), o método romano. Assim, Jesus tinha de ser levado até o governador. Este é o objetivo dos versículos 31 a 32.

^m*Op. cit.*, p. 519.

¹⁷No contexto deste Evangelho, a entrada de Jesus no pátio pagão, na véspera da Páscoa, tem uma importância enorme. O Cordeiro Pascal não foi contaminado. Não há fronteiras de raça nem de tempo que possam deter o fluxo vermelho do seu sangue. Ele é um sacrifício universal, feito *de uma vez por todas*.

⁴⁸A ordem das palavras no texto grego, *su ei...* coloca a ênfase no pronome pessoal. Literalmente, seria "*Tu* és o Rei dos judeus?" Neste sentido, a observação de Pilatos era muito mais um menosprezo sarcástico do que uma verdadeira pergunta. E quase possível ouvir o seu riso cheio de desprezo.

⁴⁹Bernard opina que os servos (*huperetai*, 36) não eram os discípulos, mas as "legiões de anjos" mencionadas em Mt 26.53.

⁵⁰Hoskyns, *op. cit.*, pp. 520-21.

"Westcott, *op. cit.*, p. 261.

⁵²G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (3 ed.; Edinburgh: T.

& T. Clark, 1937), p. 14.

⁵³A menção a este costume só é encontrada nos Evangelhos (cf. Mt 27.15; Mc 15.6; Lc 23.17).

“Westcott, *op. cit.*, p. 262.

⁵⁵Westcott, *op. cit.*, p. 267.

“Macgregor, *op. cit.*, p. 338. Cf. Is 53.5.

“Strachan, *op. cit.*, p. 315.

⁵⁹Bernard, *op. cit.*, p. 616.

^w*Op. cit.*, p. 339.

⁶¹*Ibid.*

^{e2}*Op. cit.*, p. 523.

⁶³Os judeus haviam anteriormente acusado Jesus de blasfêmia (ver 10.33, 36).

⁶⁴Lightfoot, *op. cit.*, p. 325.

⁶⁵*Op. cit.*, p. 270. Em grego, o uso do artigo enfatiza a identidade individual. Se o artigo não é empregado, a ênfase está no tipo ou qualidade — neste caso, a divindade.

“Strachan, *op. cit.*, p. 316.

⁶⁷*Op. cit.*, p. 340.

⁶⁸Westcott, *op. cit.*, p. 270.

⁶⁹Pilatos enviou Jesus a Herodes para um interrogatório quando soube do ministério de Jesus na Galiléia. Somente Lucas registra esta audiência perante Herodes.

TM*Op. cit.*, p. 619.

⁷¹Abbott-Smith, *op. cit.*, pp. 161-62.

⁷²Westcott, *op. cit.*, p. 270.

ⁿ*Op. cit.*, p. 619.

^u*Op. cit.*, p. 316.

⁷⁵Westcott, *op. cit.*, pp. 271-72.

ⁿ*Op. cit.*, p. 341.

⁷⁷A tradução de Weymouth aqui se baseia no tempo imperfeito do verbo, que aparece em alguns manuscritos.

⁷⁸Strachan, *op. cit.*, p. 316.

⁷³Bernard assume uma posição contrária, justificando que o título não era conhecido antes do imperador romano Vespasiano, 69-79 d.C.

⁸⁰A **bema** era uma plataforma elevada, algumas vezes temporária, outras vezes permanente, onde se administrava oficialmente a justiça. Esta provavelmente era uma **bema** temporária, erigida apressadamente no exterior do Pretório, onde toda a multidão poderia ouvir o pronunciamento do julgamento.

^{sl}*Op. cit.*, p. 342.

^w*Op. cit.*, p. 622.

⁸³Hoskyns, *op. cit.*, p. 525.

st*Op. cit.*, p. 317.

⁸⁵Na verdade, a expressão **o levaram** não aparece nas melhores leituras textuais.

SEÇÃO VII

⁴A localização exata do Gólgota não é conhecida, mas geralmente se assume que era uma colina com contorno semelhante a uma caveira, fora da cidade, embora próxima (ver o mapa 2). “As execuções não eram permitidas dentro dos limites dos muros da cidade” (Bernard, *op. cit.*, p. 626). Entretanto, não se tem certeza da posição dos muros da cidade nos tempos de Jesus (ver os comentários sobre Mt 27.33 em BBC, VI, 246-47).

²Macgregor, *op. cit.*, p. 344.

³Citado por Barclay, *op. cit.*, p. 291.

Hoskyns, *op. cit.*, p. 528.

⁵Bernard, *op. cit.*, p. 627.

⁶Somente João observa que Pilatos escreveu o título.

⁷Macgregor, *op. cit.*, p. 345.

⁸Hoskyns, *op. cit.*, p. 528. *^sIbid.*

“Bernard, *op. cit.*, pp. 628-29. *^uOp. cit.*, p. 529. *^{ia}Barclay, op. cit.*, p. 295.

¹³Stuert-Kennedy, “The Gambler”, *Christ in Poetry*; uma antologia, ed. por Thomas Curtis e Hazel Davis Clark (Nova York: Association Press, © Copyright 1952), p. 120.

“Isto indicaria que Jesus e João, o discípulo amado, eram primos (cf. Mt 27.56; Mc 15.40).

¹⁵Strachan, *op. cit.*, p. 319.

¹⁶O verbo grego usual para cumprir é *pleroo*, como por exemplo em 19.24, que significa “tornar inteiro, completo”. Mas aqui o verbo *teleioo* traz consigo a idéia de “tornar completo, no sentido de um objetivo determinado”.

¹⁷*Op. cit.*, p. 277. *^{ia}Hoskyns, op. cit.*, p. 531.

“Bernard, *op. cit.*, p. 638. *^wOp. cit.*, p. 330.

²¹*Op. cit.*, p. 640. *^{li}Op. cit.*, p. 531.

²³Macgregor, *op. cit.*, p. 349.

²⁴Bernard, *op. cit.*, p. 638.

²⁵Macgregor, *ibid.*

²⁶Este era, na verdade, um “sábado duplo”, pois o dia seguinte, que começava no pôr-do-sol, era a Páscoa. João o descreve como “um grande dia”.

²⁷“A *logche* era uma lança comprida e fina, não tão pesada quanto hyssos” (Bernard, *op. cit.*, p. 645).

²⁸Este versículo, juntamente com 1 Jo 5.6-8, provocou muitos comentários e muitas teorias. Para excelentes resumos, veja Westcott, *op. cit.*, pp. 284-86, e Macgregor, *op. cit.*, pp. 644-48.

²⁹*Op. cit.*, p. 533.

³⁰*Op. cit.*, p. 279.

³¹Macgregor, *op. cit.*, p. 352.

“Arimatéia se localizava cerca de 21 quilômetros a leste-nordeste de Lida, ou cerca de 96 quilômetros de Jerusalém.

³³Cerca de 32 quilos, na escala avoirdupois.

³⁴Macgregor, *op. cit.*, p. 353.

¹Westcott, *op. cit.*, p. 287.

SEÇÃO VIII

²Bernard afirma que Maria Madalena é a Maria de Betânia (*op. cit.*, p. 657). Mas isto é muito improvável.

³Para a descrição de um sepulcro palestino normal, veja os comentários sobre 11.38.

⁴0 uso do plural “nós não sabemos” indica que outras mulheres tinham vindo com ela (cf. Mt 28.1; Mc 16.1; Lc 23.56). Maria fala por todas.

⁵Barclay, *op. cit.*, p. 309.

⁶Segundo Bernard, esta palavra, na Septuaginta “sempre significa ‘espiar’ através de uma porta ou janela” (*op. cit.*, p. 659).

⁷*Op. cit.*, p. 356. ⁸*Ibid.*

⁹Bernard, *op. cit.*, p. 661.

“Hoskyns, *op. cit.*, p. 540. ⁿ*Ibid.*

¹²Westcott, *op. cit.*, p. 290.

¹³Hoskyns, *op. cit.*, p. 542. ^u*Op. cit.*, pp. 312-13.

^{1B}*Op. cit.*, pp. 792-93.

“Macgregor, *op. cit.*, p. 358.

¹⁷Westcott, *op. cit.*, p. 292.

¹⁸*Op. cit.*, p. 542.

^w*Ibid.* Macgregor, Westcott, Bernard opinam que a palavra “Raboni” é praticamente equivalente a *Rabi* (cf. Mc 10.51).

²⁰Macgregor, *op. cit.*, p. 359.

²¹*Op. cit.*, pp. 542-43.

²²*Op. cit.*, p. 359.

²³Strachan, *op. cit.*, p. 326.

^M*Ibid.*, p. 328.

²⁵Bernard, *op. cit.*, p. 672.

²⁶Lightfoot, *op. cit.*, p. 335.

²¹ *Op. cit.*, p. 329.

²⁸E somente em Lc 24.39-40 que os pés marcados pelos pregos são mencionados. Alguns entendem que os diferentes relatos da crucificação não fornecem os detalhes sobre a maneira como ela se deu, *i.e.*, se Jesus foi amarrado por meio de tiras de couro ou se foi pregado à cruz. Porém os ferimentos indicados aqui e no texto de Lucas indicam claramente que ele foi pregado.

²⁹Bernard, *op. cit.*, p. 676.

³⁰*Op. cit.*, p. 298. Esta observação feita por Westcott está baseada em um abrangente estudo do uso que João faz dos dois verbos.

³¹Hoskyns fornece um bom resumo de diferentes opiniões (*op. cit.*, pp. 546-47). ^m*Ibid.*

³³Daniel Steele, *The Gospel of the Comforter* (Boston e Chicago: The Christian Witness Company, 1904), p. 155.

³⁴*Op. cit.*, p. 315.

³⁵*Op. cit.*, p. 329.

“Barclay, *op. cit.*, p. 321.

³⁷Macgregor, *op. cit.*, p. 362.

³⁸*Ibid.*, p. 363.

³⁹*Op. cit.*, p. 297. ^m*Op. cit.*, p. 550.

⁴¹*Op. cit.*, p. 229.

⁴²João é o único autor dos Evangelhos que usa este nome para o mar da Galiléia (cf. 6.1).

⁴³Bernard, *op. cit.*, p. 693.

⁴⁴Somente aqui o nome Zebedeu é mencionado no texto de João.

⁴⁵*Op. cit.*, p. 300.

⁴⁶A palavra **logo** não aparece no texto grego.

⁴⁷ A palavra aqui é **ploion**, que é usada para descrever “grandes barcos para viagens no mar”, ou um “**barco** como os pequenos pesqueiros no lago de Genesaré” (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 679).

ⁿ*Op. cit.*, p. 695. ⁱ*Op. cit.*, p. 300.

⁵⁰A ordem das palavras dessa pergunta no texto em grego indica que Jesus esperava uma resposta negativa.

^{3l}*Op. cit.*, p. 697.

⁵¹*Op. cit.*, pp. 480-504.

“Bernard, *op. cit.*, p. 698. ^u*Ibid.*

⁵⁵O verbo aqui é **diezosato**, que “significa que Pedro amarrou a roupa com o seu cinturão

antes de ir até a praia nas águas rasas” (*ibid.*).

“Westcott, *op. cit.*, pp. 306-7. Existem muitas outras teorias engenhosas, porém improváveis.
⁵⁷Hoskyns, *op. cit.* 554.

”Tbid., 556.

“Strachan, *op. cit.*, p. 336.

⁶⁰A palavra *aristao* pode significar “tomar o café da manhã” e também “jantar”.

⁶¹Bernard, *op. cit.*, pp. 701-2.

⁶²Macgregor, *op. cit.*, p. 373.

⁶⁴Assume-se que *phileo* significa “o sentimento do amor natural”, e *agapao* é a “palavra sublime” (*op. cit.*, p. 303). Charles B. Williams destaca a diferença básica entre os dois verbos na sua tradução do versículo 16. “Jesus porém lhe disse, pela segunda vez, ‘Simão, filho de João, és verdadeiramente dedicado a mim?’ Simão disse a Jesus, ‘Sim Senhor, tu sabes que te amo ternamente’” (veja também Weymouth).

”Tbid. .

“Op. *cit.*, pp. 556-57.

”Bernard, *op. cit.*, p. 709.

⁶⁸Op. *cit.*, p. 304. ^{ss}Op. *cit.*, p. 203. ^mOp. *cit.*, p. 561.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Barclay, William. *The Gospel of John*. Vol. II. Segunda Edição. “The Daily Study Bible” Philadelphia: Westminster Press, 1956.

Barrett, C. K. *The Gospel According to St. John*. New York: Macmillan Co., 1995.

Bernard, J. H. *A Criticai and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*. Editado por A. H. McNeile. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928.

Clarke, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. Vol. I. New York: Abingdon Press, s.d.

Dodd, C. H. *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: The University Press,

1954.

Gossip, Arthur John. "The Gospel According to St. John" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VIII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

Henry, Carl F. H. "John". *The Biblical Expositor*. Editado por Carl F. H. Henry, Vol. III. Philadelphia: A. J. Holman Company, 1960.

Hoskyns, Edwyn Clement. *The Fourth Gospel*. Editado por Francis Noel Davey. London: Faber and Faber, Limited, 1947.

Howard, W. F. "The Gospel According to St. John" (Introduction and Exegesis). The Interpreter's Bible. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VIII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

Lightfoot, R. H. *St. John's Gospel, A Commentary*. Editado por C. F. Evans. Oxford: At the Clarendon Press, 1957.

Macgregor, G. H. C. *The Gospel of John*. "The Moffatt New Testament Commentary". New York: Harper and Brothers Publishers, s.d.

Plummer, A. *The Gospel According to St. John*. "Cambridge Greek Testament". Editado por J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1882.

Quimby, Chester Warren. *John, The Universal Gospel*. New York: The Macmillan Company, 1947.

Robertson, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Vol. V. Nashville: Broadman Press, 1930.

Strachan, R. H. *The Fourth Gospel*. Terceira Edição. London: Student Christian Movement Press, 1941.

Strack, H. L. & Billerbeck, Paul. *Kommentar zum N. T. aus Talmud und Midrasch*. Vol. II. Munich: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung 1956.

Turner, George A. & Mantey, Julius R. *The Gospel According to John*. "The Evangelical Commentary". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.

Westcott, B. F. *The Gospel According to St. John*. London: John Murray, 1908.

II. OUTROS LIVROS

Abbott-Smith, G. A *Manual Greek Lexicon of the New Testament*. Terceira Edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1937.

Arndt, William F. & Gingrich, F. Wilbur. A ***Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature***. Chicago: University of Chicago Press, 1952.

Earle, Ralph. "The Gospel According to Matthew". ***Beacon Bible Commentary***. Editado por A. F. Harper, *et al.* Kansas City: Beacon Hill Press, 1964.

Edersheim, Alfred. ***The Life and Times of Jesus the Messiah***. Vol. II. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943.

Eliot, Thomas Stearns. ***Murder in the Cathedral***. London: Faber and Faber, Ltd., 1935.

Headlam, Arthur C. ***The Life and Teaching of Jesus the Christ***. New York: Oxford University Press, 1923.

Howard, W. F. ***Christianity According to St. John***. Philadelphia: The Westminster Press, 1946.

Josephus, Flavius. ***Antiquities of the Jews***. Traduzido por Wilham Whiston. Philadelphia: David McKay, s.d.

Kelly, Thomas R. A ***Testament of Devotion***. New York: Harper and Brothers, 1941.

Kempis, Thomas A. ***The Imitation of Christ***. Tradução Revisada. New York: Grosset e Dunlap, s.d.

Liddell and Scott. ***Greek-English Lexicon***. Edição Resumida. Vigésima-quinta Edição. Chicago: Follett Publishing Company, 1927.

Marshall, L. H. ***The Challenge of New Testament Ethics***. London: Macmillan and Co., 1950.

Plato. ***The Dialogues of Platô***. Vol. I. Traduzido por B. Jowett. New York: Random House, 1937.

Steele, Daniel. ***The Gospel of the Comforter***. Boston and Chicago: The Christian Witness Company, 1904.

Studdert-Kennedy, G. A. "The Gambler". ***Christ in Poetry: An Anthology***. Editado por Thomas Curtis Clark e Hazel Davis Clark. New York: Association Press, 1952.

Trench, Richard Chenevix. ***The Miracles of Our Lord***. New York: D. Appleton and Company, 1873.

_. ***Synonyms of the New Testament***. New York: Redfield, 1857.

Weymouth, Richard Francis. ***The New Testament in Modern Speech***. Revisado por James Alexander Robertson. Quinta Edição. Boston: The Pilgrim Press, 1943.

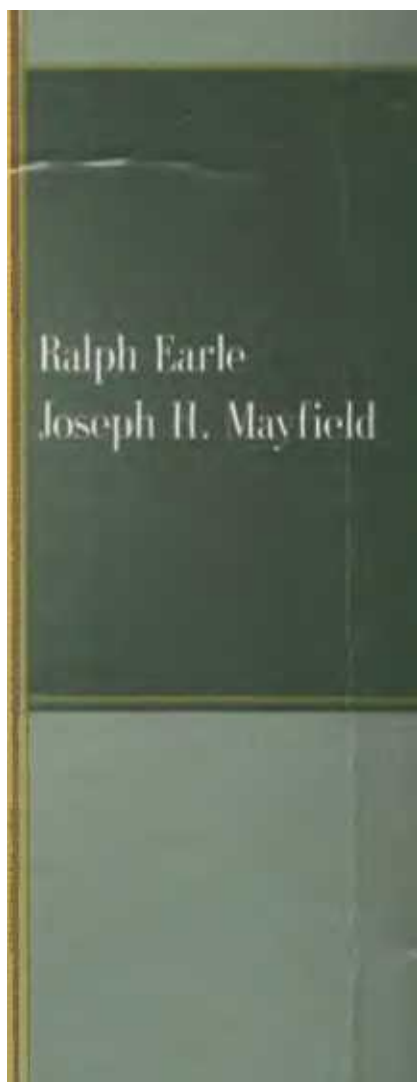
Wiley, H. Orton. ***The Epistle to the Hebrews***. Kansas City: Beacon Hill Press, 1959.

Wright, George Ernest & Filson, Floyd Vivian. *The Westminster Historical Atlas of the Bible*. Philadelphia: The Westminster Press, 1946.

0 Comentário Bíblico Beacon traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.



COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON



Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de

grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

